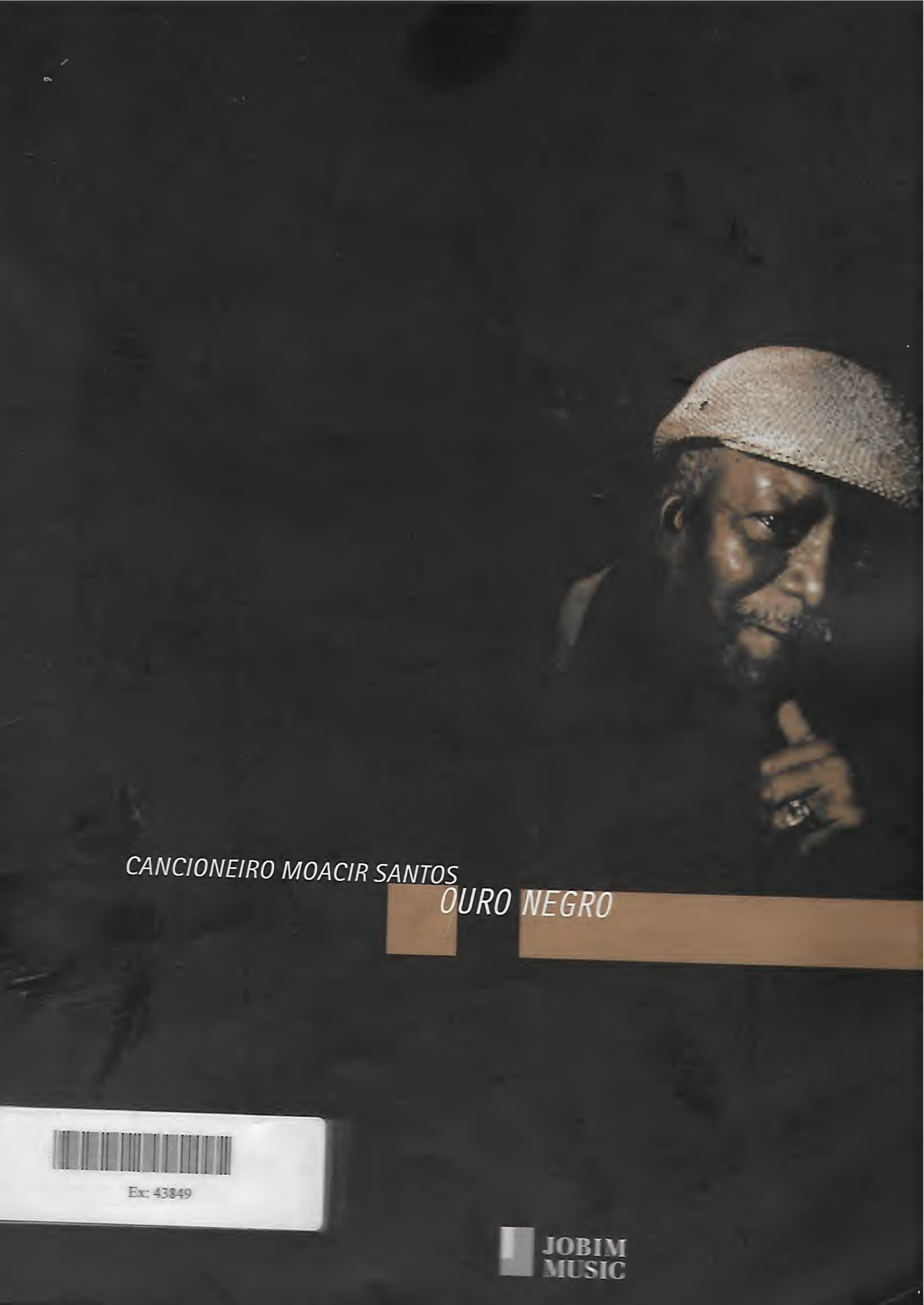


CANCIONEIRO MOACIR SANTOS

OURO NEGRO

Ex: 43849

JOBIM MUSIC

concepção conception
Mario Adnet
Zé Nogueira

coordenação geral general coordination
Mariza Adnet

coordenação musical e adaptação dos arranjos
music coordination and arrangements adaptation
Mario Adnet

diagramação das partituras e revisão musical
music scores layout and music revision
Ricardo Gilly

texto text
Hugo Sukman

projeto gráfico design
Elianne Canetti Jobim
Renata Ratto

versão inglês english translation
Rosana Ferrão

revisão de texto proofreading
Joana Adnet
Mariano Marovatto
Rosana Ferrão
Sol Mendonça

pesquisa iconográfica iconographic research
Antônio Venâncio

fotografias p/b e capa b/w photographs and cover
Jeferson Melo

fotografias cor color photographs
Guto Costa

scan e tratamento de imagens
scan and image processing
João Alvernaz
Renata Ratto

produção editorial editorial production
Inês Adnet
Joana Adnet
Luciana Palhares
Sol Mendonça

produção gráfica production
José Flávio Chaves | Central de Produção

agradecimentos acknowledgments
Ricardo Leite e Rafael Ayres / Pós Imagem Design
Marcus Gasparian
Cleonice e Moacir Santos Filho
Severina de Lima Neto Braga
Roberto de Carvalho
Paulo Albuquerque
Eduardo Varela

Jobim Music
Rua Jardim Botânico 674 sala 601
Jardim Botânico 22461 000
Rio de Janeiro RJ Brasil
T 55 21 2512 8946 / 55 21 2512 8224
F 55 21 2239 6583
contato@jobimmusic.com
www.jobimmusic.com.br

Adnet Música
T 55 21 2512 5943
contato@marioadnet.com
www.marioadnet.com

Zenog
zenog@mac.com

AQUISIÇÃO
☒ Compra Duas Cidades
☐ Doação NF 2354
☐ Outros 20.07.06
Preço R$ 49,00 Data 27/07/06

78-05 S236
C222-mo
e.4.

097

copyright © Moacir Santos 2005

Ouro negro: cancioneiro Moacir Santos / [concepção Mario Adnet, Zé Nogueira; coordenação geral Mariza Adnet; concepção musical e adaptação dos arranjos Mario Adnet; texto de apresentação Mario Adnet; texto Hugo Sukman; versão para o inglês Rosana Ferrão; Design Elianne Jobim, Renata Ratto]. – Rio de Janeiro: Jobim Music, 2005
176p.: il., música – (Cancioneiro Moacir Santos)

Texto em português e inglês
ISBN 85-88757-13-3

1. Santos, Moacir, 1926-. 2. Música para orquestra. 3. Música popular – Brasil – Textos. 4. Partituras. 2. Musica – Brasil – Partituras. I. Santos, Moacir, 1926-. II. Adnet, Mario, 1957-. III. Nogueira, Zé, 1955-. IV. Adnet, Mariza. V. Série.
05-2713

CDD 785.066
CDU 785.11
011370

ADNET MVSICA [ZENOG]

SUMÁRIO CONTENTS

APRESENTAÇÃO PRESENTATION 7

CRONOLOGIA CHRONOLOGY 8

OURO NEGRO BLACK GOLD Hugo Sukman 15 | 29

PARTITURAS MUSIC SCORES

Coisa nº5 Nanã 36

Suk-cha 41

Coisa nº6 45

Coisa nº8 Navegação *Make mine blue* 49

Amphibious 54

Mãe Iracema 58

Coisa nº1 64

Sou eu *Luanne* 68

Bluishmen 72

Kathy 78

Kamba 82

Coisa nº9 86

Orfeu *Quiet carnival* 88

Amalgamation 95

Coisa nº7 *Evocative* 101

Coisa nº2 105

Lamento astral *Astral whine* 113

Maracatu, nação do amor *April child* 120

Coisa nº4 124

Coisa nº10 128

Jequié 132

Odudúa *What's my name* 136

Coisa nº3 142

Anon 147

Quermesse 151

De repente, estou feliz *Haply happy* 154

Maracatucutê 158

Bodas de prata dourada 167

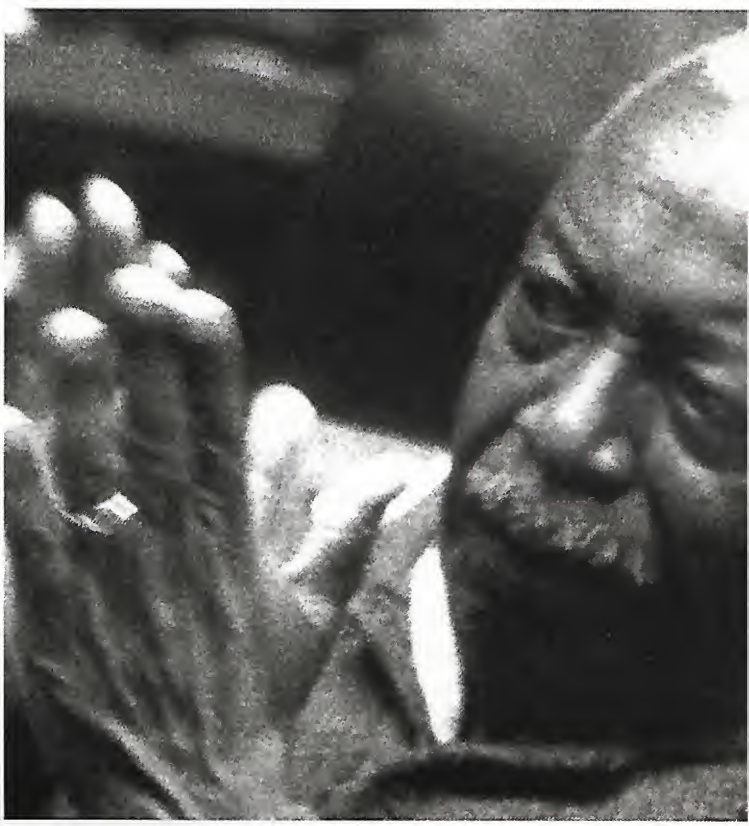
ÍNDICE POR ORDEM ALFABÉTICA 175

INDEX IN ALPHABETIC ORDER

A PROPOSTA DESTE SONGBOOK É MOSTRAR A MÚSICA DE MOACIR SANTOS DA MANEIRA MAIS CLARA POSSÍVEL PARA QUE POSSA SER TOCADA POR DIVERSAS FORMAÇÕES DE CONJUNTO. NÃO HÁ A PRETENSÃO E NEM A PREOCUPAÇÃO DE SER UM LIVRO ESPECÍFICO PARA PIANO OU OUTRO INSTRUMENTO. ZÉ NOGUEIRA E EU ESCOLHEMOS ESTE FORMATO, COM PAUTA DE PIANO (ACOMPANHAMENTO) E INSTRUMENTO MELÓDICO, POR SER MAIS ADEQUADO À REDUÇÃO DOS ARRANJOS, PARA QUE AS MELODIAS E OS CONTRAPONTOS APAREÇAM COM A MESMA INTENSIDADE E AS COMPOSIÇÕES POSSAM SER COMPREENDIDAS COMO UM TODO.

THE MUSICAL PROPOSAL OF THIS SONGBOOK IS TO SHOW MOACIR SANTOS' MUSIC IN THE CLEAREST POSSIBLE WAY, SO THAT IT CAN BE PLAYED BY DIFFERENT MUSICAL SETTINGS. IT DOES NOT HAVE THE PRETENSION OR THE CONCERN OF BEING A BOOK MADE SPECIFICALLY FOR THE PIANO OR ANY OTHER INSTRUMENT. WE CHOSE THIS FORMAT, WITH THE PIANO STAFF (ACCOMPANIMENT) AND MELODIC INSTRUMENT, BECAUSE IT IS MORE ADEQUATE TO THE REDUCTION OF THE ARRANGEMENTS AND SO THAT THE MELODIES AND COUNTERPOINTS ARE SHOWN WITH THE SAME INTENSITY AND THE COMPOSITIONS CAN BE UNDERSTOOD AS A WHOLE.

MARIO ADNET



CRONOLOGIA CHRONOLOGY

1926	Nasce, em Pernambuco, em 26 de julho.	*Born in the state of Pernambuco, Brazil, on July 26th.*
1943	Participa no programa Vitrine da PRA-8 de Recife, Pernambuco, tocando saxofone-alto.	*Takes part in the program of Rádio PRA-8 in Recife, Pernambuco, playing alto saxophone.*
1944	Em julho, ingressa na banda da polícia militar de João Pessoa, Paraíba, como sax-tenorista.	*In July, he joins the military police band in João Pessoa, state of Paraíba, as a tenor sax player.*
1945	Em dezembro, desliga-se da banda da polícia militar como sargento músico de primeira classe e, em seguida, ingressa na PRI-4 Rádio Tabajara (J. Pessoa, Paraíba) como sax-tenorista, solista, daquela jazz-band – atua também como clarinetista do conjunto regional daquela emissora.	*In December, he quits the military police band as a first-class sergeant musician and, soon afterwards, joins the PRI-4 Rádio Tabajara (in João Pessoa, Paraíba) as a tenor sax player, soloist of the jazz-band. He also plays the clarinet for the regional group of that radio station.*
1947	Casa-se com Cleonice, em 15 de setembro. É nomeado maestro diretor musical da PRI-4 Rádio Tabajara.	*Marries Cleonice on September 15th.* *He is appointed musical director/conductor for PRI-4 Rádio Tabajara.*
1948	Muda-se para o Rio de Janeiro. Ingressa na Rádio Nacional do Rio de Janeiro como sax-tenorista, solista, da jazz-band do maestro Chiquinho e sua orquestra; também participa de todos os programas de envolvimento orquestral da emissora.	*Moves to Rio de Janeiro.* *Joins Rádio Nacional of Rio de Janeiro as a tenor sax player, soloist for the jazz band of conductor Chiquinho and his orchestra. Also participates in all programs of the radio station, which involved orchestras.*
1949	Nasce Moacir Santos Filho. Começa a estudar simultanemante a fim de se tornar um maestro completo: Harmonia, Contraponto, Fuga e Composição; tendo tido como professores os mais renomados da época, tais como: Paulo Silva, José Siqueira, Virgínia Fiusa, Cláudio Santoro, João Batista Siqueira, Nilton Pádua, Guerra Peixe, e alguns mais, sem deixar de citar H.J. Koellreutter do qual se tornou seu assistente.	*Moacir Santos Filho, his son, is born.* *Starts to study simultaneously in order to become a complete musical conductor: Harmony, Counterpoint, Fugue and Composition, being taught by the most renowned teachers at the time: Paulo Silva, José Siqueira, Virginia Fiusa, Claudio Santoro, João Batista Siqueira, Nilton Pádua, Guerra Peixe, and some others, as well as H.J.Koellreutter, with whom he worked as an assistant.*

1951

É nomeado um dos maestros arranjadores e regentes das orquestras da PRE-8, Rádio Nacional.

He is appointed one of the conductors/arrangers of the orchestras at PRE-8, Rádio Nacional.

1952

Participa do Terceiro Curso Internacional de Férias da Pro-Arte, em Petrópolis, onde estuda particularmente com o compositor e professor Ernest Krenek.

Participates in the Third International Summer Course at Pro-Arte, in Petropolis, state of Rio de Janeiro, where he would have private lessons with the teacher and composer Ernest Krenek.

1954

É contratado como maestro diretor musical da TV Record (Canal 7) de São Paulo, por dois anos.

Hired as the conductor and musical director by Record TV station (Channel 7) in São Paulo, for two years.

1956

Retorna às atividades na Rádio Nacional do Rio de Janeiro e prossegue também arranjando e conduzindo orquestras para gravadoras; musicando e dirigindo orquestras de teatros de revistas, TV, filmes cinematográficos etc.

Returns to his activities at Rádio Nacional of Rio de Janeiro and continues to arrange and conduct orchestras for record companies, directing and writing for orchestras in theaters, TV, films etc.

1960

Recebe o diploma de músico do ano conferido pelo Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado da Guanabara (Rio de Janeiro) juntamente com a União dos Músicos do Brasil, por sua destacada atuação.

Receives the award of "musician of the year", given by the Professional Musicians' Syndicate of Rio de Janeiro and the Musicians Union of Brazil, due to his outstanding performance.

1962

É gravado o *Samba da bênção* onde aparece a célebre frase de Vinícius de Moraes na qual pede a bênção ao maestro.
Durante toda a década de 1960, Moacir atuou como professor e teve como alunos entre outros: Nelson Gonçalves, Baden Powell, Pery Ribeiro, Carlos José, Nara Leão, as integrantes do Quarteto em Cy, Dori Caymmi, Carlos Lyra, Quartera (do grupo Os Cariocas), Luiz Claudio de Castro, Paulo Moura, Edmundo Maciel, Sérgio Mendes, Roberto Menescal, Darcy da Cruz, Mauricio Einhorn, Oscar Castro Neves, Geraldo Vespar, Chiquito Braga, Elias do Pandeiro, Marçal, Bola Sete, Dom Um Romão, João Donato, Airto Moreira, Flora Purin, Raul de Souza e Chico Batera.

"Samba da bênção" , in which Vinicius de Moraes wrote his famous line asking for conductor Moacir Santos' blessing, is recorded.
During the whole decade of 1960, Moacir worked as a teacher and had, among others, students such as Nelson Gonçalves, Baden Powell, Pery Ribeiro, Carlos José, Nara Leão, the members of Quarteto em Cy, Dori Caymmi, Carlos Lyra, Quartera (from the group Os Cariocas), Luiz Claudio de Castro, Paulo Moura, Edmundo Maciel, Sérgio Mendes, Roberto Menescal, Darcy da Cruz, Mauricio Einhorn, Oscar Castro Neves, Geraldo Vespar, Chiquito Braga, Elias do Pandeiro, Marçal, Bola Sete, Dom Um Romão, João Donato, Airto Moreira, Flora Purin, Raul de Souza and Chico Batera.

1963

Por indicação de João Gilberto compõe música para o filme *Seara vermelha*, de Rui Aversa, baseado no livro homônimo de Jorge Amado.

Recommended by João Gilberto, he writes the soundtrack for the film Seara vermelha, *by Rui Aversa, based on the homonymous book by Jorge Amado.*

1964

Compõe música para o filme *O santo módico*, uma co-produção franco-brasileira, de Sacha Gordine, dirigido por Robert Mazoyer.

Writes the musical score for the film O santo módico, *a French-Brazilian co-production by Sacha Gordine, directed by Robert Mazoyer.*

1965

Ainda no Rio de Janeiro compõe trilha de seu primeiro filme americano, *Amor no Pacifico,* cujo grande êxito, reconhecido pelo Palácio do Itamaraty, na Guanabara, concorre para sua visita aos Estados Unidos por ocasião da Avant-Prémière daquele filme.

Still in Rio de Janeiro, he writes his first musical score for an American film, Amor no Pacífico *(Love in the Pacific). Its success, recognized by the Itamaraty (Brazilian Foreign Office), takes him to the pre-opening of the film in the USA.*

Compõe música para os filmes *O Ganga-Zumba*, de Carlos Diegues, *Os fuzis*, de Ruy Guerra, e *O beijo*, de Flávio Tambellini.
É gravado o LP *Coisas* para o selo Forma, de Wadih Gebara e Roberto Quartin.

Writes music for the films O Ganga-Zumba, *by Carlos Diegues,* Os fuzis, *by Ruy Guerra and* O beijo, *by Flávio Tambellini.*
The album Coisas *is recorded for Forma, the label owned by Wadih Gebara and Roberto Quartin.*

1966 É nomeado membro da ASCAP (American Society of Composers Authors and Publishers).

Appointed member of ASCAP (American Society of Composers Authors and Publishers).

1967 Espontaneamente, se desliga da Rádio Nacional para fixar sua residência permanente nos EUA, alegando serem os contratos musicais bem melhores do que no Brasil.

Spontaneously, leaves Rádio Nacional to live permanently in the United States, claiming that the musical contracts were much better there than in Brazil.

1968 Participa da equipe de Henry Mancini de música para filmes.

Joins Henry Mancini's teamwork of writing songs for movies.

1970 Participa da equipe de criação musical de Lalo Schifrin na série para TV *Missão Impossível*.

Participant with Lalo Schifrin's group in the creation of the musical score for the TV series Mission: Impossible.

1972 Lança seu primeiro álbum nos EUA: *The Maestro* (Blue Note/United Artists), o qual é escolhido para concorrer ao Grammy Award.

Releases his first album in the US: The Maestro *(Blue Note/United Artists), which gets nominated for the Grammy Awards.*

1974 Lança seu segundo álbum: *Saudade* (Blue Note / United Artists).

Releases his second album in the US: Saudade *(Blue Note/United Artists).*

1975 Lança seu terceiro álbum: *Carnival of the Spirits* (Blue Note / United Artists).

Releases his third album in the US: Carnival of the Spirits *(Blue Note/United Artists).*

1977 Torna-se membro da MTAC (Music Teachers Association of California).

Becomes a member of the Music Teachers Association of California (MTAC).

1979 Lança seu quarto álbum: *Opus 3 Nº1* (Discovery Records).

Releases his fourth album in the US: Opus 3 nº1 *(Discovery Records).*

1985 Recebe, no Rio de Janeiro, a honra de ser escolhido junto com o maestro Radamés Gnattali para abrir o primeiro festival de jazz no Brasil denominado Free Jazz Festival.

In Rio de Janeiro, Moacir has the honor, together with conductor Radamés Gnattali, to perform in the opening of the first jazz festival in Brazil (the "Free Jazz Festival").

1986 Em João Pessoa, recebe o diploma da Ordem dos Músicos do Brasil, Conselho Regional da Paraíba.

In the city of João Pessoa, a diploma of the Brazilian Musicians Association is awarded to Moacir by the Regional Council of that Association in the state of Paraíba.

1994 Participa como professor do curso Festival de Inverno, em Campos do Jordão, São Paulo.
Recebe o diploma da Academia Pernambucana de Musica (APM), datado aos 14 de agosto.

Participates, as a professor, in the "Winter Festival" course, in Campos do Jordão, São Paulo.
On August 14th, a diploma awarded by the Academy of Music of the State of Pernambuco honors him.

1996

É homenageado em Tribute To Moacir Santos pelo Brazilian Summer Festival, no Teatro Ford, em Los Angeles, U.S.A.
Em 12 de junho, recebe a Comenda de grau de Oficial da Ordem de Rio Branco do Presidente da República do Brasil, Grão-Mestre daquela Ordem, outorgada por Decreto de 26 de abril de 1996 em cuja cerimônia no Consulado Brasileiro de Los Angeles.

The Brazilian Summer Festival, at the Ford Theater, in Los Angeles, pays special homage to him with the "Tribute to Moacir Santos".
On June 12th, in a ceremonial performed at the Brazilian Consulate in Los Angeles, he is invested with the insignia of Officer of the "Order of Rio Branco" granted to him by the president of Brazil, Great Master of that Order, through a decree dated on the 26th of April.

1999

É homenageado com um concerto no Memorial da América Latina em São Paulo, liderado pelo músico Guilherme Vergueiro.

Homage was paid to him with a concert led by Guilherme Vergueiro at the Latin America Memorial in São Paulo.

2001

Volta ao Brasil para acompanhar as gravações de *Ouro negro*, projeto dos músicos Mario Adnet e Zé Nogueira, que inicia um processo de reconhecimento no Brasil e no exterior ao trabalho do maestro.

Moacir comes to Brazil to follow the recording of Ouro negro, *a project of the musicians Mario Adnet and Zé Nogueira, which starts an acknowledging process of Moacir's work, inside Brazil and in foreign countries.*

2003

Recebe o prêmio Multicultural Estadão, do jornal *O Estado de São Paulo*, pelo conjunto da obra.

The prize "Multicultural Estadão", sponsored by the newspaper O Estado de São Paulo, *is awarded to Moacir in recognition of the whole of his work.*

2005

Volta mais uma vez ao Brasil para acompanhar as gravações do novo CD *Choros & Alegria*, também produzido por Mario Adnet e Zé Nogueira e participa da filmagem do DVD *Ouro negro*.

Back again to Brazil, to follow the recording of the new CD Choros & Alegrias, *also produced by Mario Adnet and Zé Nogueira, and to participate in the DVD* Ouro negro.

Quando eu fujo da minha vaidade, sinto o meu orgulho agachadinho, tão escondidinho fingindo que não existe. Rio 23/2/66

When I run away from my vanity, I feel my pride crouching, so disguised, pretending it doesn't exist. Rio 23/02/66

"BLUISH MEN"

by Moacir Santos

HUGO SUKMAN

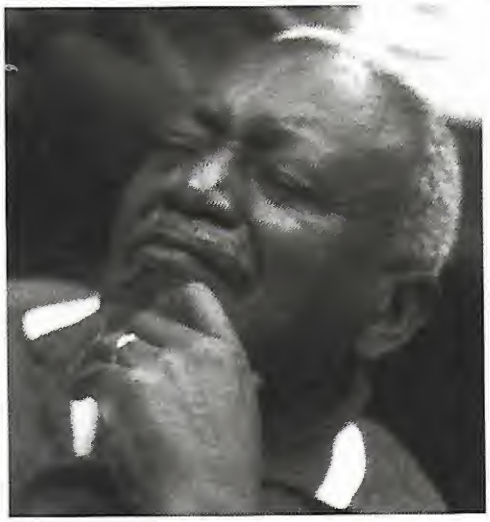
QUANDO Vinicius de Moraes proferiu os famosos versos "À bênção, maestro Moacir Santos/Que não és um só/És tantos, tantos como o meu Brasil de todos os santos", corria o ano de 1962 e aparentemente o poeta estava errado.

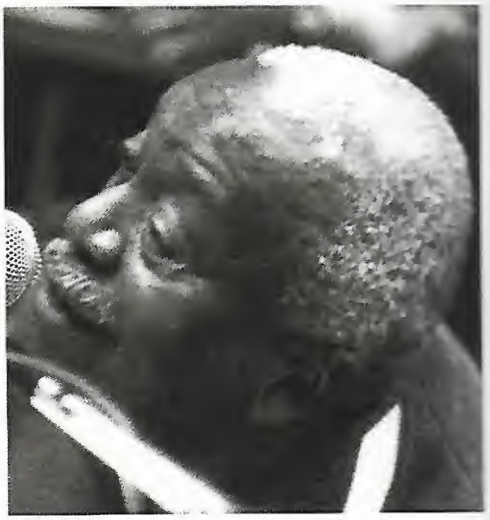
Ou, naquele clima fraternal do *Samba da bênção*, sendo generoso com o amigo com quem escrevera um punhado de sambas, como o soberbo "Se você disser que sim". O maestro fazia, naquele momento e com a classe habitual, os arranjos do que seria o tão querido LP *Elizeth interpreta Vinicius*. Era a voz de Elizeth Cardoso dando vida aos primeiros sambas de Vinicius com Baden Powell, à rara parceria com Vadico ("Sempre a esperar"), ao samba (que ainda não era a valsa rearranjada e reinventada por Tom Jobim, muitos anos depois) "Pela luz dos olhos teus" e as densas canções (raras na obra do maestro) do próprio Moacir e de Vinicius como "Lembre-se", "Triste de quem" e a brincadeira instrumental que o Poetinha havia escrito em forma de pito, "Menino travesso".

Moacir Santos, para a maior parte das pessoas que liam seu nome nos créditos dos discos ou ouviam seu nome dito pelos locutores da Rádio Nacional, naquele ano de 1962, ele não era tantos, era apenas um só. Um bom maestro como tantos no Brasil de tantos santos, Iyrios panicalis, leos perachis, radamés gnatallis, lindolfos gayas, carlos monteiros de souzas...

Estaria o respeitado poeta e diplomata Vinicius exagerando ao atribuir o dom da pluralidade ao maestro, só maestro? Talvez, com a antevisão dos poetas, Vinicius já tivesse observado (e certamente ouvido) que o amigo Moacir estaria destinado a ser o músico dos músicos do Brasil, o professor de toda uma geração, de João Donato e Baden Powell, de Dori Caymmi e Oscar Castro Neves, de Paulo Moura e Sérgio Mendes, um sem-número de grandes músicos que, pelos conhecimentos passados por Moacir, ajudariam a compor uma fornada de músicos sem precedentes no mundo.

Será que Vinicius já via o mesmo mito que as gerações posteriores de músicos reverenciariam como sua principal influência, mesmo com o mestre lá longe, nos Estados Unidos? Já via o futuro autor das "Coisas", seguramente a série de músicas mais influente





da moderna música brasileira, que só viriam à luz três anos depois? Já via os cultuados *The Maestro*, *Saudade*, *Carnival of the spirits*, discos que faria nos Estados Unidos e que seriam recebidos como aula e deleite por músicos e ouvintes do mundo todo?

Tudo bem que, para ajudar na antevisão de Vinicius, dois anos antes, em 1960, os colegas maestros e músicos da Rádio Nacional, a nata da música brasileira de então, elegeram Moacir como o "músico do ano" da emissora, prêmio que era distribuído no programa "Gente que brilha" pelo Sindicato dos Músicos. A premiação de Moacir foi anunciada por um texto que lembrava que "de modesto menino pobre do estado de Pernambuco, sua terra natal, chegou com esforço, dedicação e talento a ser um dos mais brilhantes maestros da grande equipe de músicos da Rádio Nacional...".

Sim, ao contrário dos músicos e dos maestros que o elegeram, criados entre partituras e orquestras nas melhores salas de concerto do Brasil e do mundo, Moacir nasceu literalmente no meio do sertão. No dia 26 de julho de 1926 em lugar incerto do interior de Pernambuco, entre Serra Talhada, Bom Nome e Belmonte, enquanto Lampião e seus cabras fugiam dos macacos da polícia.

Somente aos dois anos de idade de Moacir que sua mãe, Julita, fixou-se com os cinco filhos (Moacir era o penúltimo) em Flores do Pajeú, cidade que se orgulha até hoje de ser o berço do grande maestro e compositor de fama internacional. E que, de certa forma, acabou virando.

É que antes que Moacir completasse três anos, morria sua mãe. Corina, sua madrinha, acaba o adotando. Mas ela também adoece e é obrigada a mudar-se para o Recife em busca de tratamento, deixando Moacir com uma família de amigos, em Pajeú. Enquanto a madrinha se tratava, Moacir aprendia a catar nos quintais do sertão, tabocas, pequenos pedaços de bambu, com os quais fazia sozinho suas primeiras flautas – o misterioso engenho sem mestre que só os predestinados, os muito vocacionados inexplicavelmente, vivenciam.

Menino mal andando e já trauteando com talento evidente sua flauta de bambu, seus pífanos pelo sertão, pela primeira vez Moacir virou músico dos músicos. Luiz Dantas, da jazz-band da cidade, deu-lhe um violão. Aluísio Vanderlei, um flautim. Zacarias, o trompetista da banda, deu-lhe lições de trompete. Ao ouvi-lo no trompete, o maestro Paixão, do Recife, ficou espantado com o garoto de tão pouca idade que já tocava tanto.

– O que fará quando ele estiver mais crescido? – antecipou o maestro, de outra forma, a idéia dos versos de Vinicius.

E o maestro Paixão deu-lhe um clarinete de presente. Alguém apresentou-lhe o saxofone. Era tanta música na cidade durante a infância de Moacir, e tanta admiração dos músicos e do público local, que ele não quis nem pensar em se mudar para o Recife quando, já bem de saúde, a madrinha Corina mandou buscar o afilhado.

Aos 14 anos, amuado com a falta de perspectivas na pequena Pajeú e inflado pelo desejo de abrir seus horizontes humanos e musicais, Moacir fugiu de casa. De cidade em cidade, onde chegava era o mesmo espanto, o frangote tocando qualquer instrumento de sopro como gente grande, como ninguém tocava naqueles sertões.

Ao chegar a Alagoa de Baixo (hoje Sertânia), Moacir passava fome. Não disse a ninguém que queria um prato de comida. Mas perguntou, como sempre, pela banda da cidade. Lá, tocou um clarinete, espantou a todos os músicos da banda, e não só ganhou o então tão sonhado prato de comida, mas também a proteção do fazendeiro e chefe político da cidade. Onde chegava, o menino era levado logo a conhecer o prefeito, tal o espanto que causava, primeiro no meio musical, depois entre toda a população que nunca vira ninguém - ainda mais um menino - tocar daquela maneira.

Noutro feito, em Arcoverde reencontrou o mestre Paixão, que o acolheu e o levou para o Recife. Lá, diante do mar que via pela primeira vez e espantado pela beleza e velocidade da primeira metrópole que conhecia, foi trabalhar numa banda, naturalmente.

– Que instrumento você toca? – perguntou o maestro.

– Qualquer um – respondeu Moacir, desavisado.

Deram-lhe um saxofone tão velho que, ao limpá-lo, um rato saiu lá de dentro.

Entre idas e vindas pelo sertão e pelo litoral, muita aventura e muita música depois, Moacir chegou a Salvador. E foi tocar, a convite de um amigo trompetista, na orquestra do Cassino Tabariz. Logo no primeiro ensaio, o bam-bam-bam do sertão, o prodígio do Pajeú, o fenômeno de todos os instrumentos, fez a orquestra parar duas vezes. Estava nervoso, era a primeira vez que ele enfrentava uma orquestra onde todos eram peritos em partituras, em leitura musical.

SEMPRE PROCUREI PELO EXTERIOR A FELICIDADE EM VÃO; AGORA, QUASE EXAUSTO, NO MEU INTERIOR ESPERO QUE A FELICIDADE ME PROCURE. RIO 26/2/66

I HAVE ALWAYS LOOKED IN VAIN FOR HAPPINESS OUTSIDE OF MYSELF; NOW, ALMOST EXHAUSTED, I HOPE THAT HAPPINESS LOOKS FOR ME INSIDE. RIO 26/02/66

E Moacir chorou como a (quase) criança que ainda era. Mas enquanto chorava prometeu que seria exímio naquilo. Foi aí que o futuro maestro percebeu que não bastava só o absurdo talento inato. Era preciso estudar.

Foi com a experiência de conhecer quase todos os instrumentos (para não dizer que ele tocava TODOS os instrumentos), de ser um saxofonista sem par, ter aprendido a ler e escrever música como poucos, de descobrir que estudar é tão importante quanto o talento, de ter vivido em vinte anos aventuras para uma vida inteira, que Moacir recusou uma vaga de acordeonista numa orquestra do interior e resolveu ir de navio para o Rio de Janeiro em 1947, ao lado da mulher Cleonice, e sob o prestigiado protesto dos músicos de Salvador que o queriam lá.

Logo, guiado por um amigo tenorista que tocava na Orquestra Tabajara, Moacir arrumou emprego num *dancing* e estabeleceu-se com a mulher numa casinha do subúrbio do Engenho Novo, ganhando o dobro do que ganhava no Nordeste.

Mas o maestro queria mais. E com uma carta de recomendação de políticos nordestinos que sabiam da sua fama, conseguiu uma vaga na Rádio Nacional. Entrou, como se dizia na época, pela janela.

– Eita, estou na Rádio Nacional! – exclamou em voz baixa, para si mesmo de forma bem sertaneja, na hora em que ouvia a confirmação de que seria músico de uma das prestigiosas orquestras da emissora. Mas sabia que não era um indicado qualquer. Tanto que, dias depois indagado por um diretor sobre as qualidades do novo saxofonista que veio do Norte, o maestro Chiquinho aplicou um teste no rapaz.

– Foi um teste para nós. Botamos a música. Botamos a música para o rapaz e ele tocou tudo. Entretanto, ele botou uma música para nós e não tocamos – disse Chiquinho, sem saber que estava ali aprendendo a mesma lição que tudo quanto é maestro do nordeste já havia aprendido de algum modo.

Em 1949, enquanto trabalhava na Rádio Nacional como instrumentista, Moacir resolveu que iria estudar música a fundo pelos próximos cinco anos. Queria se tornar um músico completo, um maestro. Estudou com todo mundo que podia: os compositores Claudio Santoro e Guerra-Peixe, o maestro austríaco Hans Joachim Koellreutter e Ernst Krenek (com quem chegou até aos limites do dodecafonismo) e, não em cinco mas em dois anos, seria promovido na própria Rádio Nacional ao cardo de maestro.

Foi no então novo programa "Quando os maestros se encontram" que Moacir apresentou suas duas primeiras orquestrações, uma para "Na baixa do sapateiro" de Ary Barroso, e a outra para um concerto para trompa escrito por ele mesmo. Em 1951, aos 25 anos, era maestro efetivo da Rádio Nacional.

É assim, já quase depois de 15 anos vividos no Rio – onde fez música para tudo teatro, rádio, TV, disco, cinema – que voltamos à frase de Vinicius, proferida no "Samba da bênção", quando Moacir não era aparentemente tantos, apenas mais um dos grandes maestros brasileiros. Mas que o poeta percebia: "Não és um só, és tantos".

Como amigo e parceiro de Moacir, Vinicius conhecia sua história de vida: de tantos não de um só. Sabia que, além de brilhante saxofonista, compositor, arranjador e

regente, no múltiplo Moacir ainda cabia o não menos importante título de professor. Só para ficar num exemplo tão caro a Vinicius e tão importante para a música brasileira, foi nas aulas de Moacir, nos exercícios que ele dava, nos desafios que ele instigava, que Baden Powell compôs os primeiros afrosambas.
Mas ali, naquele 1962, só Vinicius e o pessoal mais ligado à música sabiam que Moacir Santos era tantos. Faltava ainda ao mundo conhecer sua grande música.

E foi três anos depois, com o samba-jazz e a bossa nova já tendo levado a música brasileira a níveis estratosféricos, que pela vanguardista gravadora Forma (especializada justamente nos dois gêneros) sairia finalmente o LP *Coisas* de Moacir Santos, seu primeiro grande trabalho de fato autoral. São dez temas, chamados "Coisas" e numerados de um a dez, que em sua beleza e complexidade resumem mais de trinta anos de vivência musical e espiritual – só podiam ganhar nome tão simples.

– Sempre tive vontade de produzir música e catalogá-la de forma erudita, como Opus 1, Opus 2. Quando Baden Powell veio estudar comigo e me convidou a participar no seu disco com o baterista americano Jimmy Pratt, o engenheiro de gravação me perguntou o nome da música que gravávamos e eu respondi: "Ah, é uma 'Coisa'". Foi quando surgiu a idéia de numerá-las assim – conta Moacir sobre sua obra mais famosa. Uma espécie de atualização da música instrumental brasileira pelos procedimentos musicais mais modernos dos anos 1960 – um enegrecimento da forma brasileira de compor e arranjar música moderna.

Moacir virou, naquele miolo de anos 60, símbolo da moderna música brasileira e, por isso, foi cooptado pelo Cinema Novo. Fez trilhas sonoras para diversos filmes do movimento, como *O beijo* (de Flávio Tambellini), *Os fuzis* (de Ruy Guerra) e *Ganga-zumba*, (de Cacá Diegues) cujo tema principal é o "Coisas nº. 5", que com letra de Mario Telles se tornaria um dos maiores *standards* brasileiros de todos os tempos, "Nanã".

Mas foi ao fazer a música do filme americano *Love in the Pacific*, no qual escreveu para uma orquestra de 65 músicos, que a perspectiva de se mudar para os Estados Unidos tornou-se concreta.

Pelo sucesso do filme, ganhou do Itamaraty uma passagem para conhecer os Estados Unidos e de lá não voltou mais, primeiro vivendo em Newark, perto de Nova York e, depois, buscando um clima mais próximo do Rio, Los Angeles, onde vive até hoje.

Lá, além de dar aulas regularmente, fez uma série de discos – gravados pelo prestigioso selo de jazz Blue Note – que chegaram ao Brasil para influenciar toda uma geração de músicos, arranjadores e compositores que não viram Moacir trabalhar no nosso país.

O compositor Mario Adnet e o saxofonista Zé Nogueira são dois desses mais abnegados seguidores de Moacir. Ambos, bem como toda uma geração de músicos, formaram-se ouvindo o maestro e, pela distância física e espiritual (houve uma época que sua música e ele eram esquecidos por aqui, o que aumentava ainda mais a distância), consideravam-no quase como alguém de outro planeta ou de outro tempo, seguramente.

HÁ PESSOAS QUE, PELA SUA BONDADE E DIGNIDADE, ESTIMULAM A NÓS SERMOS UM POUCO MELHOR DO QUE SOMOS;... OBSERVEMOS!... RIO 21/3/66

THERE ARE PEOPLE WHO, DUE TO THEIR KINDNESS AND DIGNITY, STIMULATE US BEING A LITTLE BETTER THAN WE ARE... LET'S OBSERVE CAREFULLY... RIO 21/03/66

Moacir e Cleonice, sua esposa.

Moacir entre Zé Nogueira e Mario Adnet e, abaixo, as mãos dos três ao piano

Gilberto Gil, em estúdio, cantando "Maracatu, nação do amor"

Muiza Adnet, momentos antes de gravar "Bodas de prata dourada"

Joyce e João Donato gravando com Moacir "De repente, estou feliz"

Moacir ao piano

No estúdio, Moacir com Ed Motta, Djavan, João Bosco e Milton Nascimento

Os discos americanos de Moacir eram raros no Brasil e mesmo o nativo *Coisas* só era conseguido em sebos e, como raridade, eram caríssimos. Querendo estudar mais a fundo a música de Moacir, Adnet e Zé Nogueira tiveram a idéia do projeto que redundaria no CD duplo *Ouro negro*, patrocinado pela Petrobras e gravado em 2001, no Rio de Janeiro.

O projeto era simples: regravar a música de Moacir, de *Coisas* em diante, com músicos brasileiros contemporâneos, fãs do maestro. Mas, devido à sina de retirante, mania de viajante que se muda deixando coisas pelo caminho, justamente as partituras originais dos grandiosos arranjos de suas "Coisas" sumiram quando a gravadora Forma foi vendida para a Phillips. Adnet e Nogueira, de ouvido, cuidadosamente reescreveram todas a partes das dez "Coisas" originais, que foram regravadas no disco *Ouro negro* e agora são pela primeira vez publicadas neste *songbook*. Presente nas gravações no Rio de Janeiro, Moacir participou da reconstrução de suas partituras perdidas, ajustando algumas notas.

Além de *Coisas* – que, posteriormente e por causa do *Ouro negro*, foram finalmente relançadas pelo selo MP,B e distribuídas pela gravadora Universal (herdeira da Phillips, dona da Forma) – o CD duplo e este songbook contém outras 16 músicas de Moacir lançadas em seus discos americanos: músicas do mítico *The Maestro* (Blue Note, 1972), de *Saudade* (Blue Note, 1974) e de *Carnival of Spirits* (Blue Note, 1975). Além de músicas inéditas como "Bodas de prata dourada" e "Amalgamation".

Para o disco, e como mais uma homenagem da música brasileira a Moacir, o compositor Nei Lopes, tão identificado com o principal traço da música de Moacir, que é a negritude, escreveu novas letras em português para algumas músicas e que foram interpretadas por estrelas da música popular brasileira. Assim, Milton Nascimento cantou "Navegação" (sobre a música "Coisas nº. 8"), Djavan, o samba "Sou eu" ("Luanne" do *The Maestro*), Ed Motta, "Orfeu" (sobre o *Quiet carnival*, do *Carnival of Spirits*), Gilberto Gil, o "Maracatu, nação do amor" (de "April Child", um dos maiores sucessos de Moacir, do LP *The Maestro*) e João Bosco, o "Oduduá" (sobre "What's my name", do *Saudade*). Joyce e João Donato cantam "De repente, estou feliz" e Muiza Adnet, com participação vocal de Moacir, interpreta "Bodas de prata dourada", ambas raras letras escritas pelo próprio maestro.

Mas os dois discos, como a maior parte da obra de Moacir, são fundamentalmente instrumentais. E a intenção de Adnet e Nogueira, agora plenamente realizada com a publicação deste songbook, não era mostrar somente as composições de Moacir como sua fantástica linguagem de orquestrador (sobretudo para instrumentos de sopros).

Moacir, no palco com Djavan, em dois momentos

Muiza Adnet cantando sozinha e com Moacir

"Oduduá" na voz de João Bosco

Ed Motta interpretando "Orfeu"

Zé Nogueira tratou mais da produção. Adnet, dos arranjos. O objetivo era reproduzir e trazer para a cultura musical contemporânea o "som" de Moacir. Para isso, montaram uma típica *big band* à Moacir Santos, a formação que o maestro inventou para gravar o *Coisas*, em 1964. Além de reconstruir a orquestra típica de Moacir, deram a chance de toda uma nova geração de fãs e pupilos do maestro de tocarem sua obra que tanto os influenciou.

Assim, entraram em estúdio em março de 2001: os saxes de Zé Nogueira, Nailor Proveta, Marcelo Martins e Teco Cardoso; os trombones de Vittor Santos e Gilberto Oliveira; o trompete de Jessé Sadoc; o clarone de Paulo Sérgio Santos; a flauta de Andrea Ernst Dias; a trompa de Phillip Doyle; os pianos de Cristóvão Bastos e Marcos Nimrichter; o violão de Mario Adnet; a guitarra de Ricardo Silveira; os baixos acústicos de Zeca Assumpção e Jorge Helder e o elétrico de Bororó; a bateria de Jurim Moreira; a percussão de Marçal, além dos cantores já mencionados. O clima de emoção, com a presença do próprio Moacir Santos no estúdio, marcou a gravação.

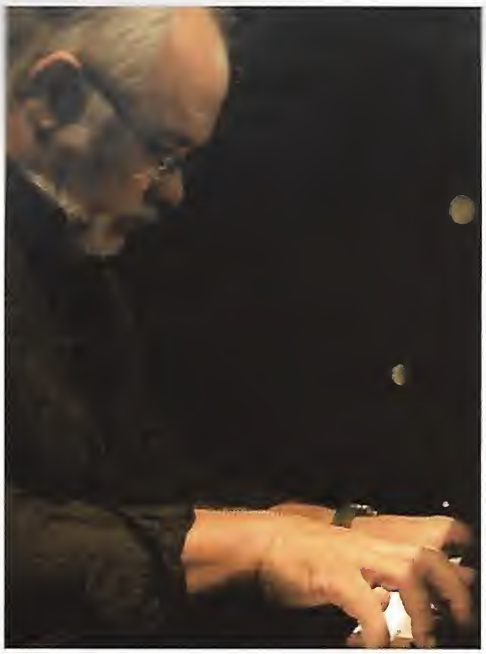
E continuou, no concerto de lançamento no Teatro João Caetano, no Rio, em maio de 2001, com a presença emocionada dos músicos. No tributo prestado a ele no Free Jazz Festival daquele ano, no Rio e em São Paulo. Nos prêmios que o disco ganhou mundo afora, dos novos fãs que conquistou para a música de Moacir, como o trompetista Wynton Marsalis, que ganhou o disco de uma amiga e passou a considerar o maestro brasileiro um dos maiores compositores da história do jazz, situando-o em algum lugar entre Thelonius Monk e Duke Ellington...

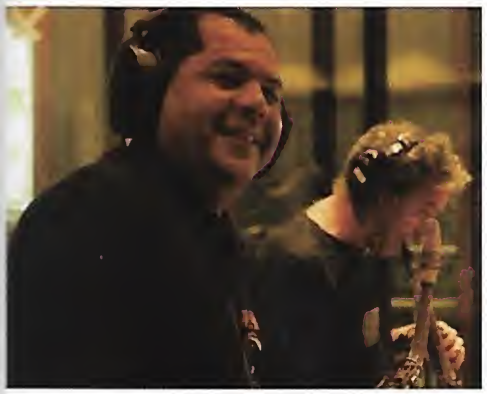
O fato é que, ao final da audição/leitura de *Ouro negro* não dá para dizer, como no início deste texto, que Vinicius de Moraes estava errado. Ele só viu antes e nos contou, como é próprio dos poetas, que aquele sertanejo negro e pobre era um dos maiores músicos e criadores do mundo. É tantos...

Phillip Doyle, Jessé Sadock, Vittor Santos, Antonio Henrique Seixas, Andréa Ernest Dias, Zé Nogueira, Marcelo Martins, Idriss Boudrioua e Teco Cardoso

Marcos Nimrichter, Zeca Assumpção, Mario Adnet e Ricardo Silveira

STAY





Ao lado: Marcos Nimrichter | Jurim Moreira | Ricardo Silveira | Mario Adnet | Zeca Assumpção | Todos os músicos com Moacir

Acima: Zé Nogueira | Cristóvão Bastos | Marcelo Martins | Idriss Boudrioua | Armando Marçal | Andréa Ernest Dias | Vittor Santos | Teco Cardoso | Jessé Sadoc | Phillip Doyle | Nailor Proveta | Antônio Henrique Bocão | Jorge Helder

OURO NEGRO ENGLISH VERSION

In 1962, Vinicius de Moraes said the famous lines: "Bless you, maestro Moacir Santos/You are not just one/You are so many, as many as my Brazil of all saints". Apparently the poet was wrong, or (like in that fraternal spirit of "Samba da bênção") he was being generous with his friend, with whom he had written many sambas, like the magnificent "Se você disser que sim".

At the time, the conductor was writing, with his usual classy style, the arrangements for the much loved album Elizeth interpreta Vinicius, *in which Elizeth's voice brought to life the first sambas written by Vinicius and Baden Powell, his rare partnership with Vadico ("Sempre a esperar"), the samba "Pela luz dos olhos teus" (many years later rearranged and reinvented by Tom Jobim as a waltz) and Moacir's dense songs (seldom found in his work) with lyrics by Vinicius like "Lembre-se", "Triste de quem" and "Menino travesso", the light-hearted instrumental which the poet wrote as if he was "reprimanding" someone.*

Moacir Santos, to the majority of people who read his name on record sleeves or heard it being mentioned by the DJs of Rádio Nacional, in that same 1962, was not "that many". He was only one. A good conductor, like many others in the "Brazil of all saints": lyrios panicalis, leos perachis, radamés gnatallis, lindolfos gayas, carlos monteiros de souzas...

Would the respected poet and diplomat be exaggerating when he attributed the gift of multifaceted talent to the conductor? Maybe, with the vision that poets have, Vinicius could have noticed (and certainly heard) that his friend Moacir was destined to be the musicians' musician in Brazil and the teacher of a whole generation: of João Donato and Baden Powell, of Dori Caymmi and Oscar Castro Neves, of Paulo Moura and Sérgio Mendes... countless great musicians who, through the knowledge imparted by Moacir, would help form a crop of musicians without precedent in the world.

Could it be that Vinicius was already envisaging the same myth that later generations would revere as their main influence, even if the master was living far away, in the USA? Did he envisage that Moacir would write"Coisas", surely the most influential series of Brazilian modern music, only three years later? Did he envisage the greatly acclaimed albums The Maestro, Saudade, Carnival of the spirits, *recorded in the States and received as a lesson and a delight by musicians and listeners all around the world?*

In truth, Vinicius' "visions" were aided by the fact that Moacir had been voted, two years earlier (in 1960), "Musician of the Year" of Rádio Nacional, by his fellow conductors and musicians at the radio station, who were the "cream" of Brazilian musicians at the time. This award was given by the Musicians Syndicate during the program Gente que brilha *(which means "People Who Shine"). Moacir's name was announced during a speech, which reminded people that "being a modest poor boy in the state of Pernambuco, where he was born, he had become, with effort, dedication and talent, one of the most brilliant conductors of Rádio Nacional's great musicians team..."*

Unlike the musicians and conductors who elected him, who had grown up surrounded by orchestras and sheet music in the best concert halls in Brazil and the world, Moacir was born literally in the remote backwoods. That was in July 26, 1926 (Lampião? and his mates were still running away from the police), somewhere in the interior of Pernambuco, between Serra Talhada, Bom Nome and Belmonte.

It was only when Moacir was two years old that his mother Julita settled with her five children (Moacir was the second youngest) in a town, Flores do Pajeú, which, until today, carries the pride of being the homeland to the great, internationally famous composer and conductor. In a way, the town ended up becoming his "birthplace".

Before he was three, his mother died and his godmother Corina adopted him. But she also fell ill and was forced to move to Recife in search of treatment, leaving Moacir with a family of friends in Pajeú. While his godmother was away being treated, Moacir started to collect "tabocas" in the dry backyards. They were small pieces of bamboo, out of which he made, all by himself, his first flutes. A self-taught skill, that only the predestined and the extremely gifted experience with no rational explanation.

At a tender age, but already playing his bamboo flute with obvious talent across the backlands, Moacir became the musicians' musician for the first time: Luiz Dantas, member of the local jazz band, gave him a guitar. Aluisio Vanderlei gave him a piccolo. *Zacarias, the trumpet player of the band, gave him trumpet lessons. When the conductor Paixão, from Recife, heard Moacir playing the trumpet, he was amazed to see such a young boy playing so well.*

What will he be capable of, when he grows up? – asked the conductor, anticipating, in a different way, the same words of Vinicius de Moraes.

Conductor Paixão gave him a clarinet and someone else introduced him to the saxophone. There was so much music in Moacir's childhood town, and so much admiration from local musicians and local public that he didn't even want to consider moving to Recife when his godmother Corina, who was already fully recovered, sent for him.

?- Lampião was a famous bandit in the Northeast.

At 14, bored by the lack of perspectives in small Pajeú and driven by the desire to widen his human and musical horizons, Moacir ran away from home. From town to town, wherever he arrived, he caused astonishment: the spring chicken playing any wind instrument like a grown-up, like nobody did around those backwoods.

When he arrived at Alagoa de Baixo (which is now Sertânia), Moacir was starving. He did not tell anyone that he wanted some food. Instead, he asked, as he always used to, where he could find the local band. When he met them, he played some clarinet, caused astonishment among all the musicians in the band and got not only the food that he dreamt about, but also the protection of the farmer and local political leader.

Wherever he arrived, he used to be taken to meet the mayor, as he created such a sensation, firstly in the musical scene and then among the whole population of the town, who had never seen anyone – never mind a boy – play so well.

On another occasion, arriving at Arcoverde, he met "master" Paixão again, who took him in and then took him to Recife. There, on the seafront for the first time, amazed by the beauty and speed of the first big city he had ever been to, he started, naturally, working with a band.

What instrument do you play? – asked the conductor.

Any instrument – replied Moacir, innocently.

They gave him a saxophone so old that a rat came out of it while he was cleaning it.

While travelling around the backlands and the coast, experiencing large doses of music and adventure, Moacir arrived in Salvador. He was invited to play with the orchestra at Cassino Tabariz by a trumpet player friend. Right in the first rehearsal, the "big shot" of the backlands, the prodigy of Pajeú, the "phenomenon" of all instruments, made the orchestra stop twice. He was nervous, as it was the first time that he faced an orchestra where everyone was an expert in sheet music, in reading music.

And Moacir cried as the (almost) child that he still was. But while he cried, he promised he would excel in that area. The future conductor realized then that even his incredible innate talent was not sufficient. He needed to study.

With the experience of knowing almost all instruments (not to mention that he actually could play ALL instruments), of being a saxophonist like no other, of having learnt to read and write music like few could, of realizing that studying is as important as talent is, of having lived, in 20 years, the experiences of a lifetime, Moacir turned down a job as an accordeon player at an orchestra in the countryside and decided to embark on a ship to Rio de Janeiro in 1947. He went with his wife Cleonice under massive and kind protests of the musicians of Salvador, who wanted him there.

Soon, taken by a tenor sax player friend who played at the Tabajara Orchestra, Moacir got a job in a club and settled with his wife in a small house in Engenho Novo, a suburb of Rio. He was earning twice as much as he did in the Northeast.

But the conductor wanted more. With a letter of recommendation written by politicians from the Northeast who knew about his fame, he got a job at Rádio Nacional. He got in, as people would say in those days, "through the back door".

- Wow! I am at Rádio Nacional! – he exclaimed quietly to himself, in a very "rural" style, when he heard the confirmation that he would be a musician for one of the highly prestigious orchestras of the radio station. He knew that he was not just another recommended musician, because a few days later, when a director asked the conductor Chiquinho about the abilities of the new saxophonist who had arrived from the North, he made Moacir take an exam.

- In the end, it was an exam for us. We played him a song. We played him this song and he played it all. However, when he played us a song, we couldn't play it – said Chiquinho, without knowing that he was learning somehow the same lesson that all the other conductors in the Northeast had already learned.

In 1949, while he worked at Rádio Nacional as a musician, Moacir decided that he was going to study music in depth for the following five years. He wanted to become a complete musician, a conductor. He studied with everyone he could: the composers Claudio Santoro and Guerra Peixe, the Austrian Hans Joachim Koellreuter and Ernst Krenek (with whom he arrived to the limits of dodecafonism) and in two years (not five) he was promoted to the position of conductor at Rádio Nacional.

It was on the new program "When conductors meet" that Moacir presented his first two orchestrations, one for "Na baixa do sapateiro", by Ary Barroso, and the other for a concert for trumpet, written by himself. In 1951, at 25, he was a permanent conductor of Rádio Nacional.

This is when, after almost 15 years of living in Rio – where he wrote music for theater, radio, TV, records, cinema – we come back to Vinicius' sentence, expressed in "Samba do avião", when Moacir was not apparently "many", but just one of the great Brazilian conductors. But the poet knew: "You are not just one, you are so many".

As Moacir's friend and partner, Vinicius knew his life story: of all of his lives, not just one. He knew that besides being a brilliant saxophonist, composer, arranger and conductor, the multiple Moacir still had the no less important title of teacher. Just to give one example, which was so dear to Vinicius and so important to Brazilian music, it was during Moacir's lessons, in the exercises he proposed and the challenges he instigated, that Baden Powell wrote the first afrosambas.

But then, in 1962, only Vinicius and the people more connected to music knew that Moacir was "many". The world was still not aware of his great music.

It was three years later, when samba-jazz and bossa nova had already taken Brazilian music to "stratospheric" levels, that the vanguard record company Forma (a specialist precisely in both genres) finally released the LP Coisas *by Moacir Santos, his great first work actually as a composer. It is ten tunes, called "Coisas" ("Things" in Portuguese), numbered from one to ten. Their beauty and complexity sum up over 30 years of musical and spiritual experience and could only be named as simply as that.*

- I had always wanted to create music and classify it in an erudite way, like Opus 1, Opus 2. *When Baden Powell came to study with me and invited me to participate on his album with the American drummer Jimmy Pratt, the recording engineer asked me the name of the song we were recording and I said: "Oh, it's a Coisa" ("Oh, it's a 'Thing' "). That was when I had the idea of numbering them like this – says Moacir about his most famous piece of work. It was a kind of update of Brazilian instrumental music, through the modern musical procedures of the '60s – giving a black flavor to the way that Brazilian music was written and arranged.*

Moacir became, in those mid-'60s, a symbol of modern Brazilian music and that is why he was brought into Cinema Novo *?. He wrote music scores for several films in this movement, such as* O beijo *(by Flavio Tambellini),* Os fuzis *(by Ruy Guerra) and* Ganga-zumba *(by Cacá Diegues). The latter had "Coisa nº5" as its main tune and, with*

lyrics by Mario Telles, it became one of the biggest Brazilian standards of all times, renamed "Nanã".

But it was whilst writing the score for the American film "Love in the pacific", a work for a 65 piece orchestra, that the possibility of moving to the United States became more realistic.

?- Cinema Novo was a movement developed in Brazil in the '60s in the attempt to create a national film culture that was specifically Brazilian in content and context. Social themes and aesthetics were prioritized.

Due to the success of the film, the Brazilian Foreign Office gave him, as a present, a ticket to visit the United States and he never came back. First he lived in Newark, near New York and, later, after searching for a similar climate to the one in Rio, he settled in Los Angeles, where he still lives today.

There, besides teaching regularly, he made many albums – recorded for the prestigious jazz label Blue Note – which arrived in Brazil to influence a whole generation of musicians, arrangers and songwriters who had not seen Moacir working in their country.

The composer Mario Adnet and the saxophonist Zé Nogueira are two of the most dedicated followers of Moacir. Both of them, along with a whole generation of musicians, were formed listening to the conductor and, because of the physical and spiritual distance (there was a time when his music and him were forgotten in Brazil, which made the distance even bigger), considered him as someone from another planet or certainly another era.

The American records of Moacir were rare in Brazil and even the native Coisas could only be found in second-hand shops. Due to their rarity, prices were really high. With the intention of studying Moacir's music even deeper, Adnet and Zé Nogueira had the idea of the project, which would result in the double CD Ouro negro, sponsored by Petrobras and recorded in 2001 in Rio de Janeiro.

The project was simple: re-record Moacir's music, from Coisas onwards, with contemporary Brazilian musicians who were fans of Moacir. However, due to his constant moving and the personality of the eternal traveler, who leaves things behind, it was precisely the original sheet music of Coisas which also disappeared when the record company Forma was sold to Phillips. Adnet and Nogueira, by ear, carefully re-wrote all the parts of the ten original "Coisas", which were re-recorded on the album Ouro negro and now are published for the first time in this songbook. Present in the recordings in Rio de Janeiro, Moacir helped to reconstruct his lost sheet music, by adjusting a few notes.

Besides Coisas, which because of Ouro negro was finally re-released later by the label MP,B and distributed by Universal Music (heir of Phillips, owner of Forma), the double CD and this songbook contain 16 other tracks by Moacir, which had been released on his American records: songs from the mythic The Maestro (Blue Note, 1972), from Saudade (Blue Note, 1974) and from Carnival of Spirits (Blue Note, 1975). New songs were included as well, as "Bodas de prata dourada" and "Amalgamation".

For the album, and also as another tribute from Brazilian music to Moacir, the composer Nei Lopes, so identified with the main characteristic of Moacir's music – its blackness – wrote new lyrics in Portuguese for some of the songs, which were interpreted by stars of Brazilian popular music. Milton Nascimento sang "Navegação" (over the song "Coisa nº8"), Djavan sang the samba "Sou Eu" ("Luanne" from The Maestro), Ed Motta sang "Orfeu" (over Quiet carnival, from Carnival of spirits), Gilberto Gil sang "Maracatu, nação do amor" (over "April child", one of Moacir's biggest success, from the album The Maestro) and João Bosco sang "Oduduá" (over "What's my name", from Saudade). Joyce and João Donato sang "De repente, estou feliz", and Muiza Adnet, with Moacir participating on vocals, sang "Bodas de prata dourada", both songs contain lyrics written by Moacir, a rare event in his career.

But the two albums, like most part of Moacir's work, are fundamentally instrumental. The intention of Adnet and Nogueira, which has now been fully realized with the publishing of this songbook, was not only to show Moacir's compositions, but also his fantastic style as an orchestra arranger (especially for wind instruments).

Nogueira was more involved in the production and Adnet in the arrangements. The aim was to recreate and bring the "sound" of Moacir to the contemporary musical culture. To do so, they put together a typical big band, à la Moacir, with the same formation that the conductor invented to record Coisas, in 1964. Besides reconstructing the typical orchestra of Moacir, they gave a whole new generation of Moacir's fans and pupils the chance to play his work, which had influenced them so much.

So, they went into AR studio, in Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, in March 2001: the saxes of Zé Nogueira, Nailor Proveta, Marcelo Martins and Teco Cardoso; the trombones of Vittor Santos and Gilberto; the trumpet of Jessé Sadoc; the bass clarinet of Paulo Sérgio Santos; the flute of Andréa Ernst Dias; the French Horn of Philip Doyle; the pianos of Cristóvão Bastos and Marcos Numrichter; the guitar of Mario Adnet; the electric guitar of Ricardo Silveira; the acoustic basses of Zeca Assumpção and Jorge Helder and the electric bass of Bororó; the drums of Jurim Moreira; the percussion of Marçal and the singers already mentioned. The emotional atmosphere, with the presence of Moacir in the studio, made its mark during the recording.

This atmosphere continued at the release concert at Teatro João Caetano, in Rio, May 2001, with the presence of the emotionally moved musicians. It carried on in the tribute given to him at the Free Jazz Festival in Rio and São Paulo that year and in the awards that the album received worldwide. It also brought new fans for Moacir's music, like the trumpet player Wynton Marsallis, who was given the album by a friend and, since, has considered the Brazilian conductor to be one of the best composers in the history of jazz, placing him somewhere between Thelonius Monk and Duke Ellington...

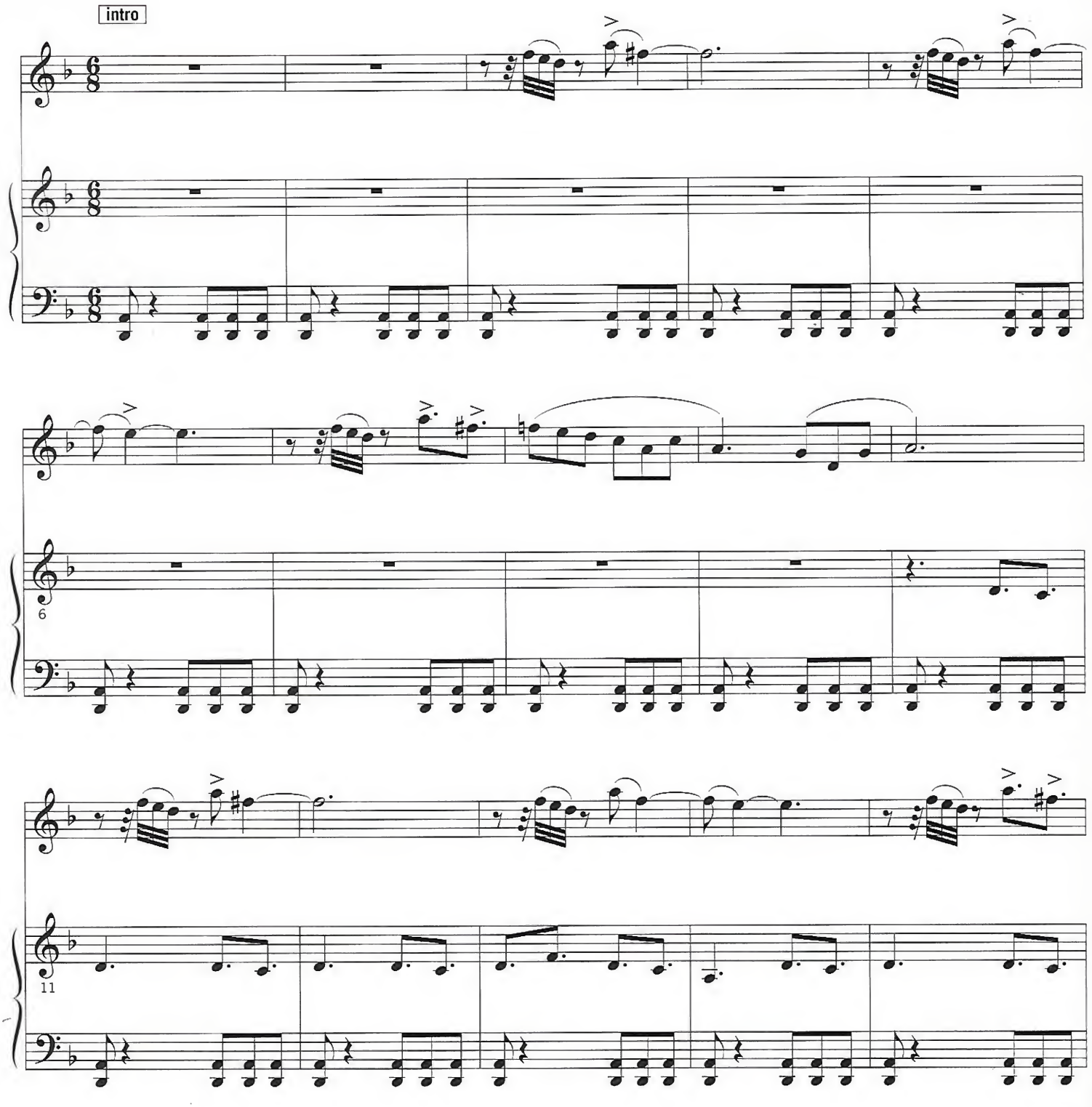
The fact is that, after the listening/reading session of Ouro negro, one cannot disagree with the words of Vinicius de Moraes, at the beginning of this text. Typical of a poet, he just saw in advance and told us that the black and poor country boy was one of the greatest musicians and creators in the world. He is "so many"...

PARTITURAS MUSIC SCORES

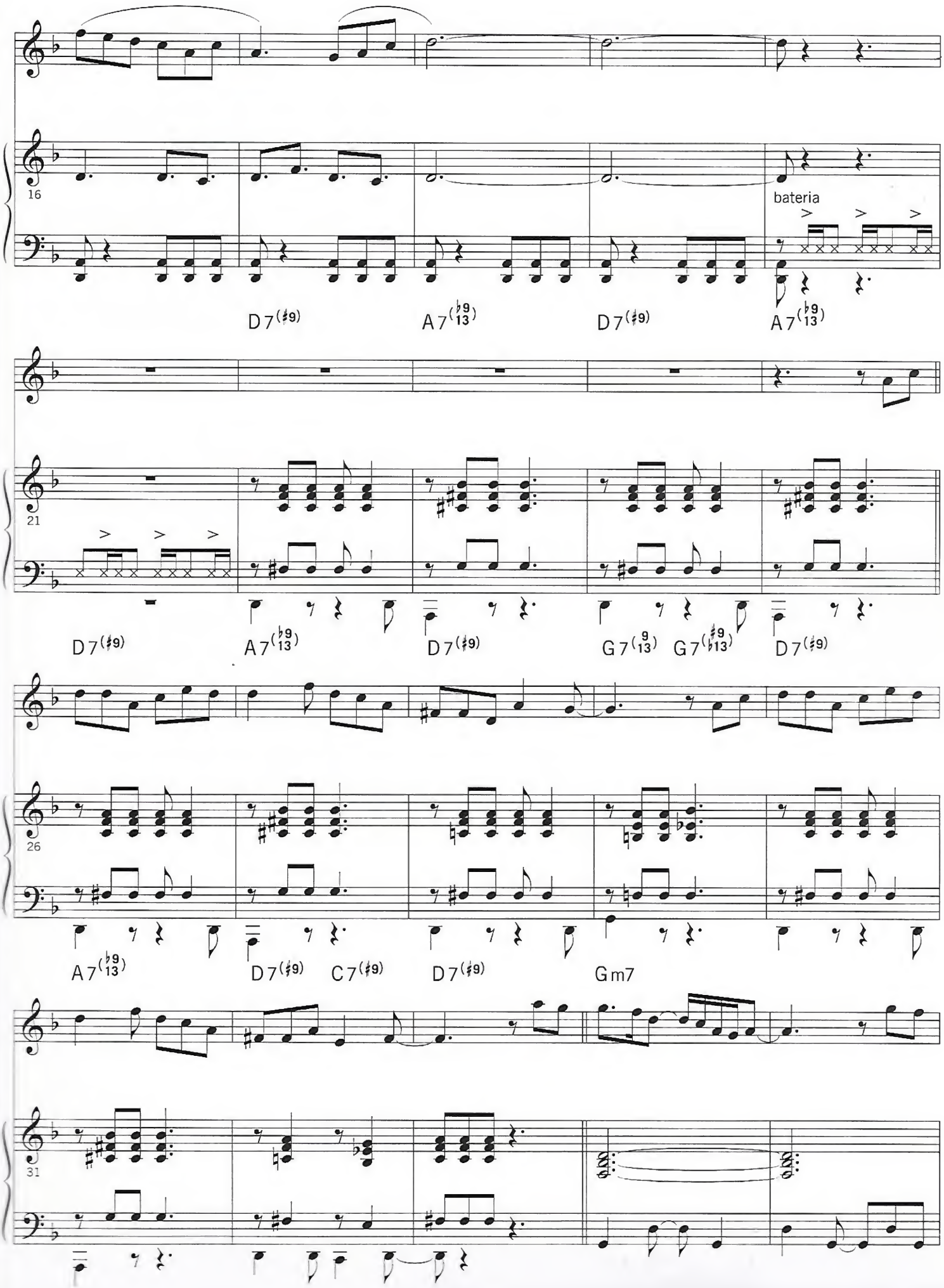
Coisa nº5 Nanã	36
Suk-cha	41
Coisa nº6	45
Coisa nº8 Navegação *Make mine blue*	49
Amphibious	54
Mãe Iracema	58
Coisa nº1	64
Sou eu *Luanne*	68
Bluishmen	72
Kathy	78
Kamba	82
Coisa nº9	86
Orfeu *Quiet carnival*	88
Amalgamation	95
Coisa nº7 *Evocative*	101
Coisa nº2	105
Lamento astral *Astral whine*	113
Maracatu, nação do amor *April child*	120
Coisa nº4	124
Coisa nº10	128
Jequié	132
Oduduá *What's my name*	136
Coisa nº3	142
Anon	147
Quermesse	151
De repente, estou feliz *Haply happy*	154
Maracatucutê	158
Bodas de prata dourada	167

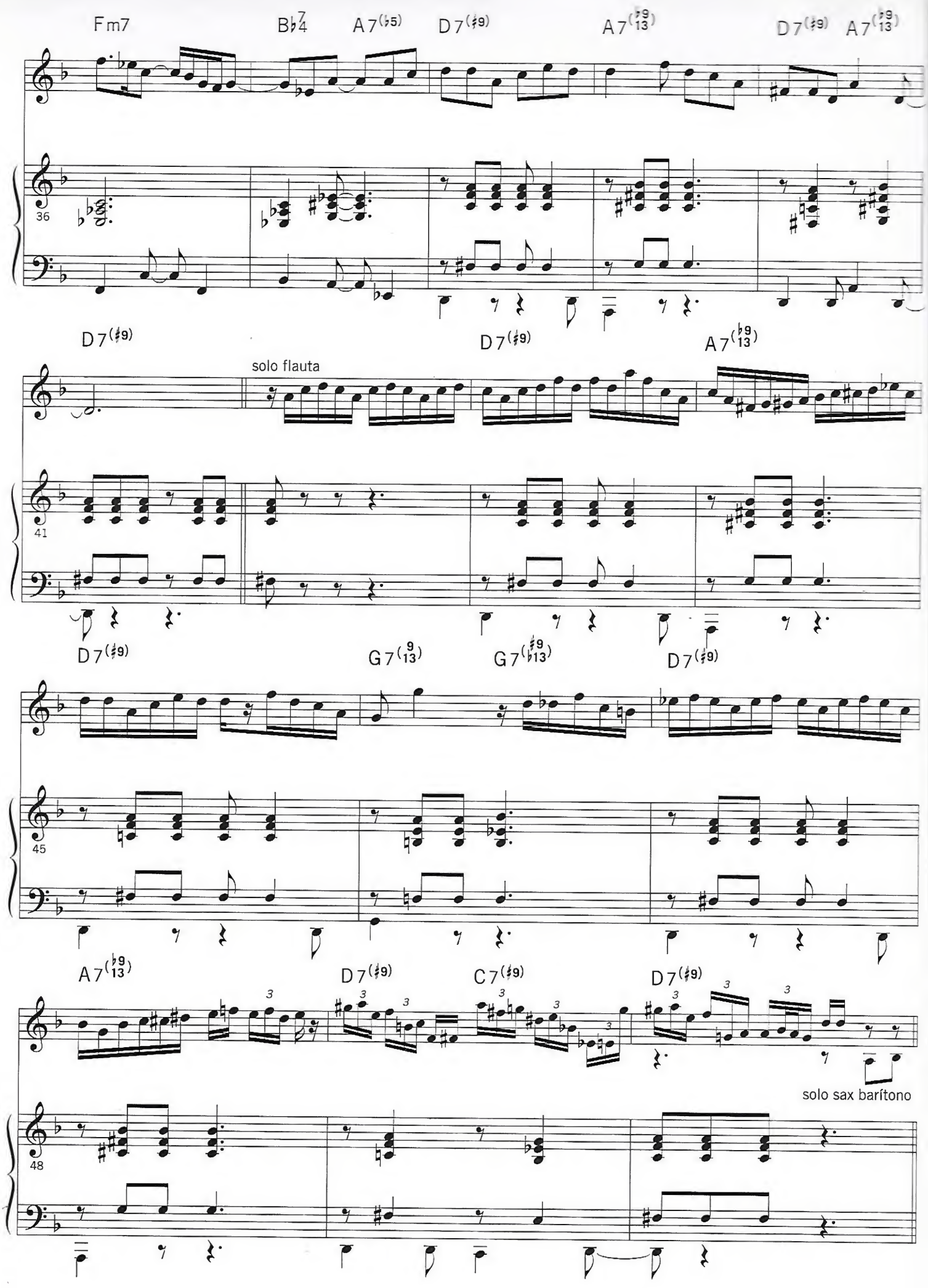
COISA Nº5 NANÃ

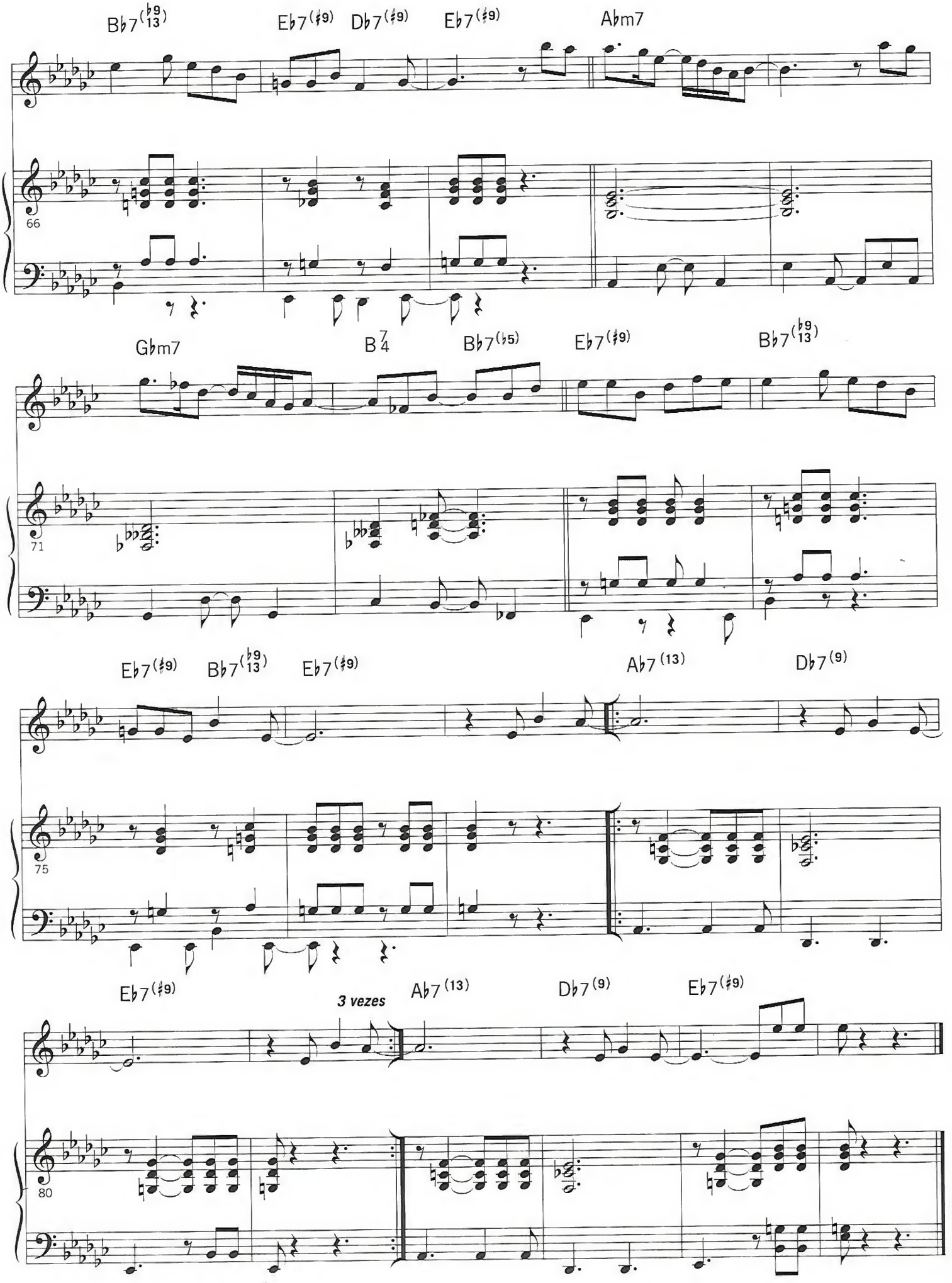
Moacir Santos | Mario Telles
adaptação Mario Adnet



copyright © 1976 Sigem

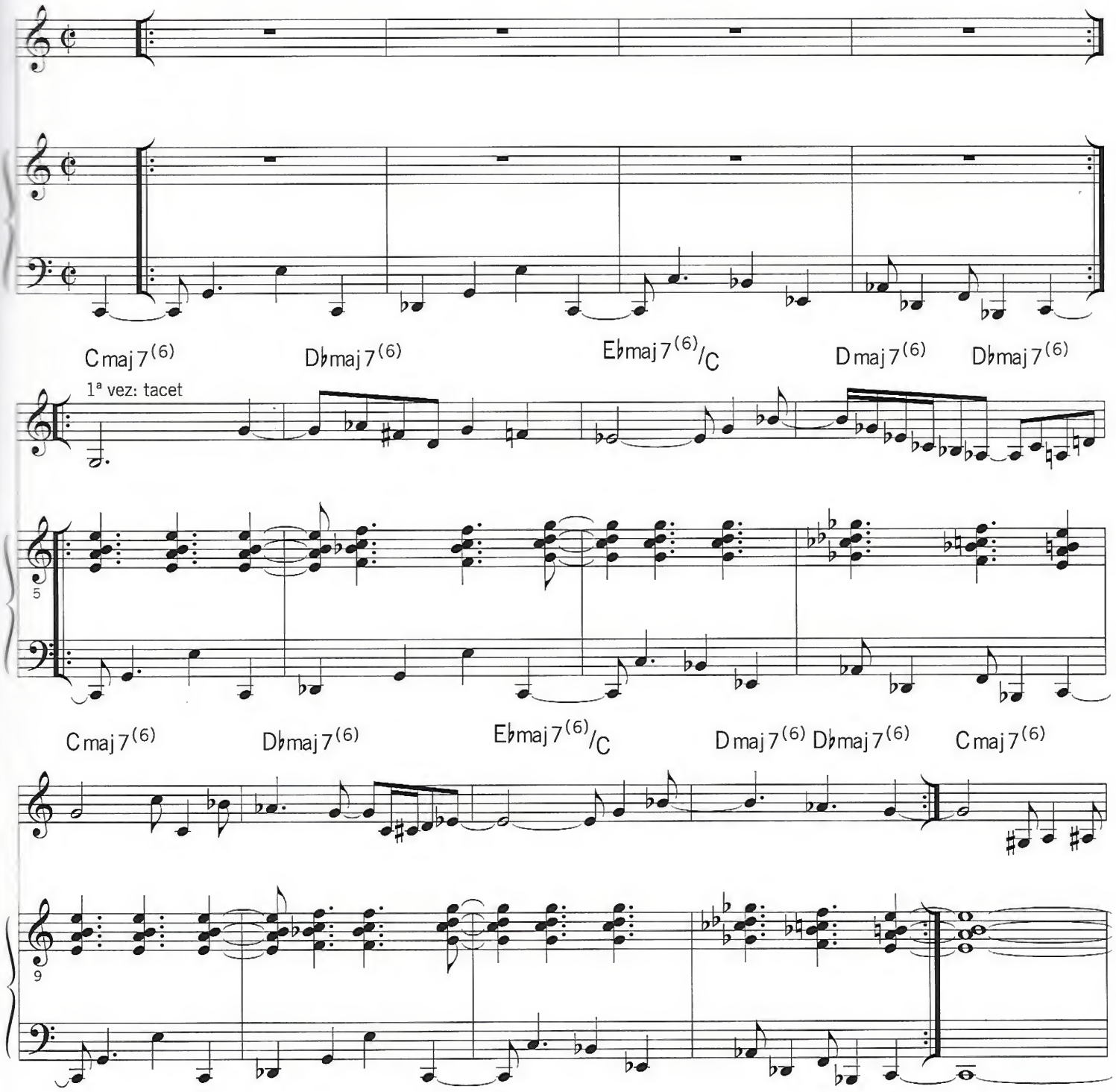

16
bateria
D7(♯9) A7(♭9 13) D7(♯9) A7(♭9 13)
21
D7(♯9) A7(♭9 13) D7(♯9) G7(9 13) G7(♯9 ♭13) D7(♯9)
26
A7(♭9 13) D7(♯9) C7(♯9) D7(♯9) Gm7
31


Fm7
B♭7 4
A7(♭5)
D7(♯9)
A7(♭9 13)
D7(♯9)
A7(♭9 13)
36
D7(♯9)
D7(♯9)
A7(♭9 13)
solo flauta
41
D7(♯9)
G7(9 13)
G7(♯9 ♭13)
D7(♯9)
45
A7(♭9 13)
D7(♯9)
C7(♯9)
D7(♯9)
solo sax barítono
48

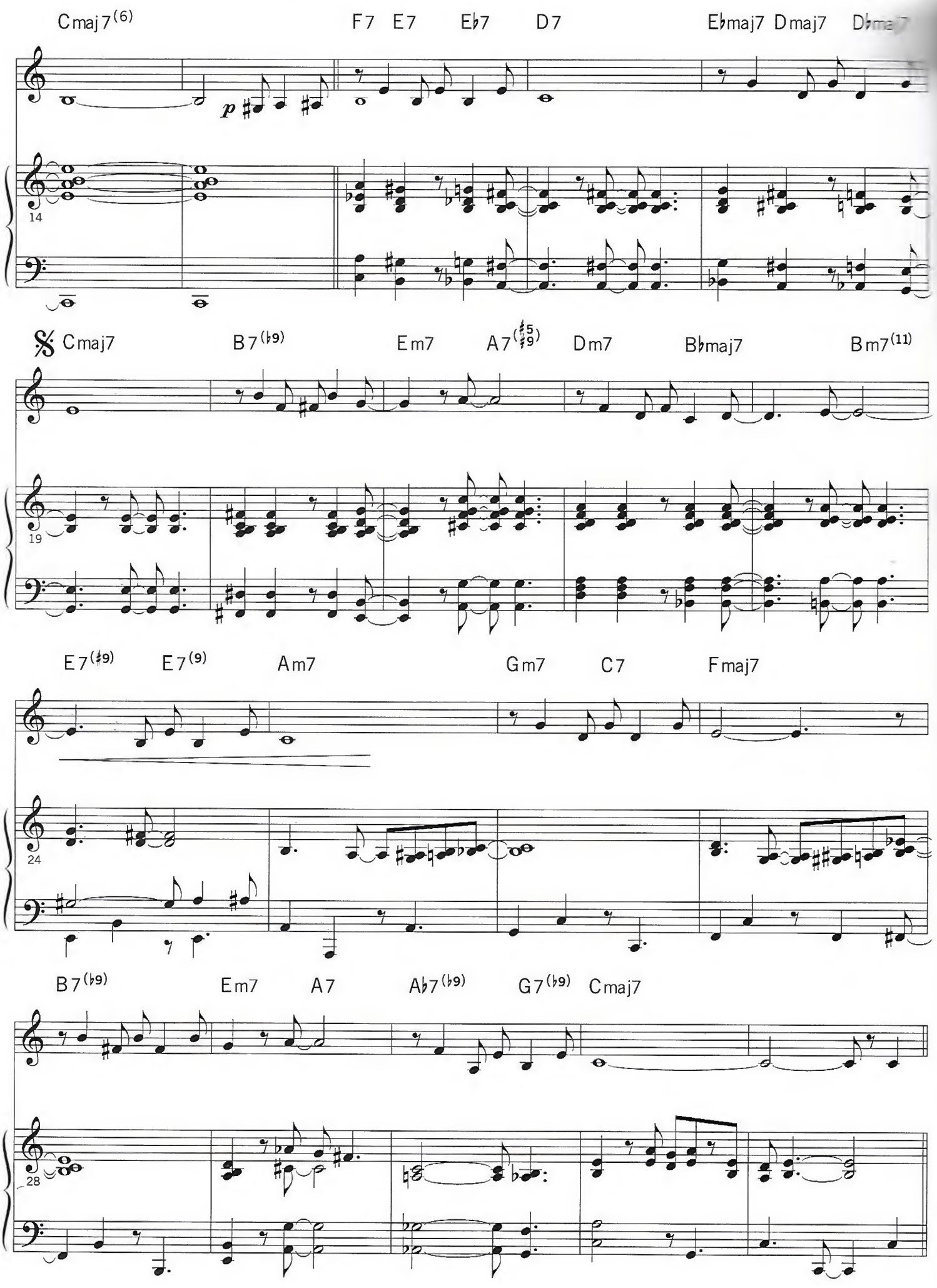

B♭7(♭9 13)
E♭7(♯9)
D♭7(♯9)
E♭7(♯9)
A♭m7
66
G♭m7
B 7/4
B♭7(♭5)
E♭7(♯9)
B♭7(♭9 13)
71
E♭7(♯9)
B♭7(♭9 13)
E♭7(♯9)
A♭7(13)
D♭7(9)
75
E♭7(♯9)
3 vezes
A♭7(13)
D♭7(9)
E♭7(♯9)
80

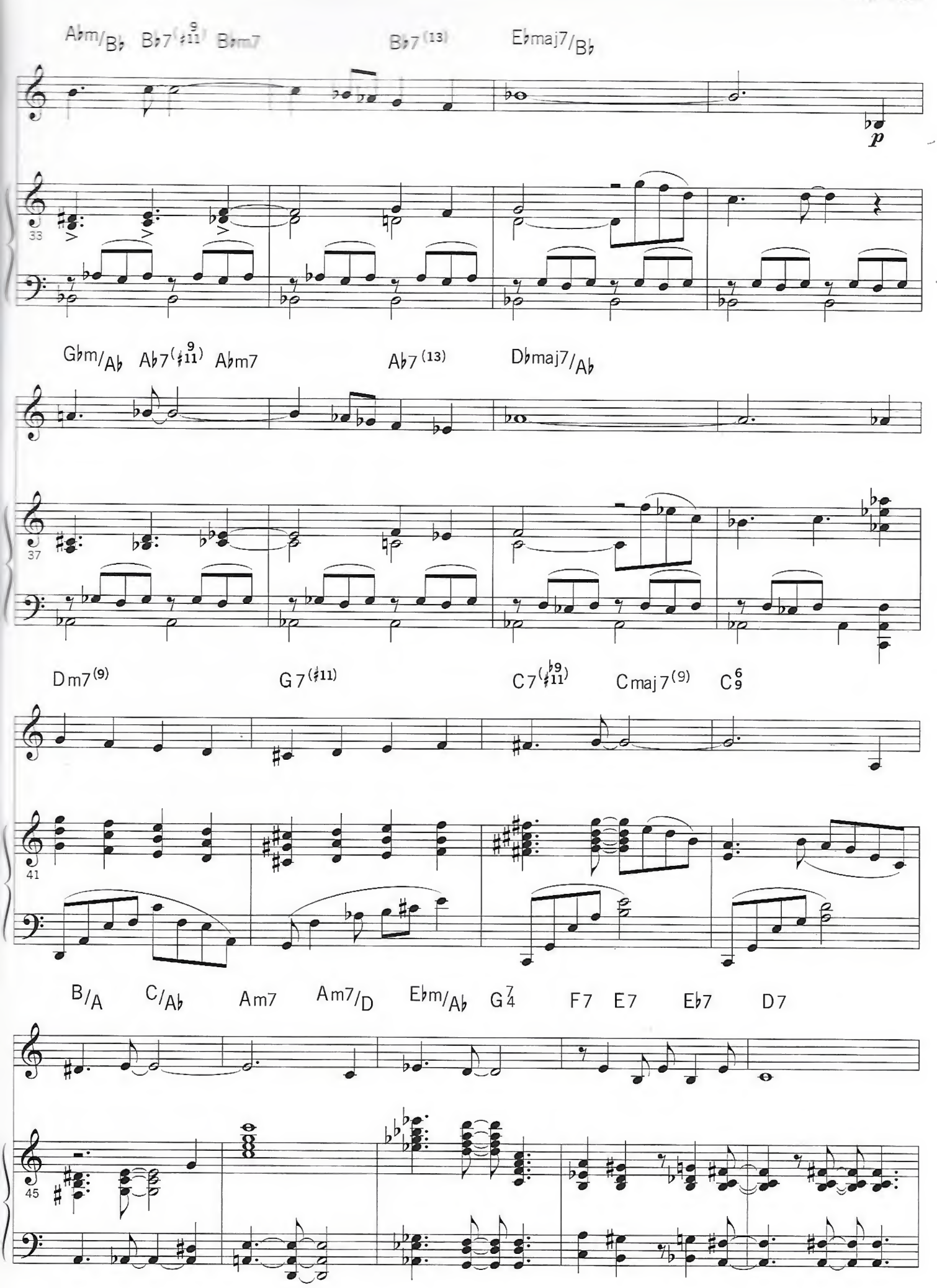
SUK-CHA

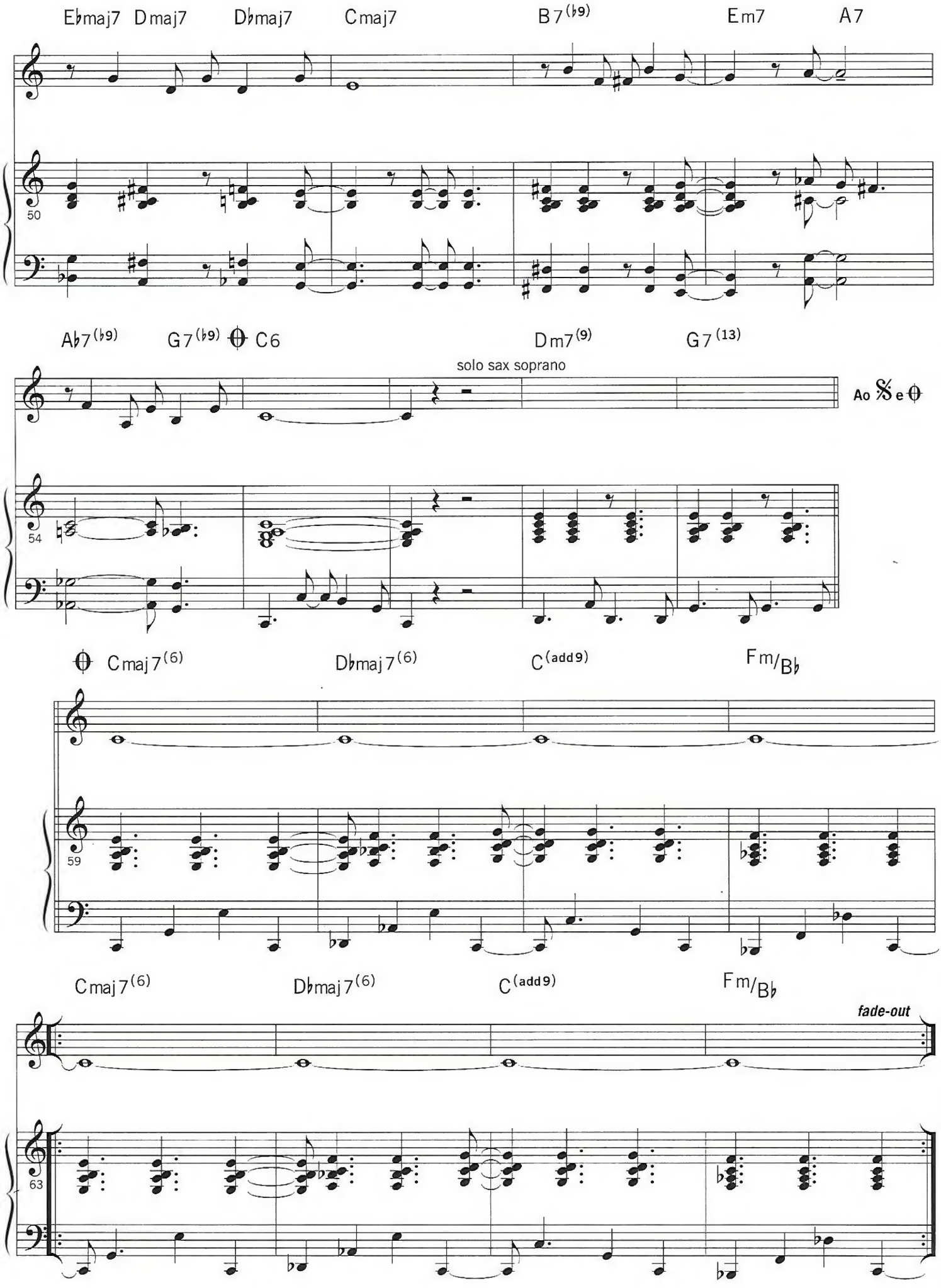
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 2001 Copyrights

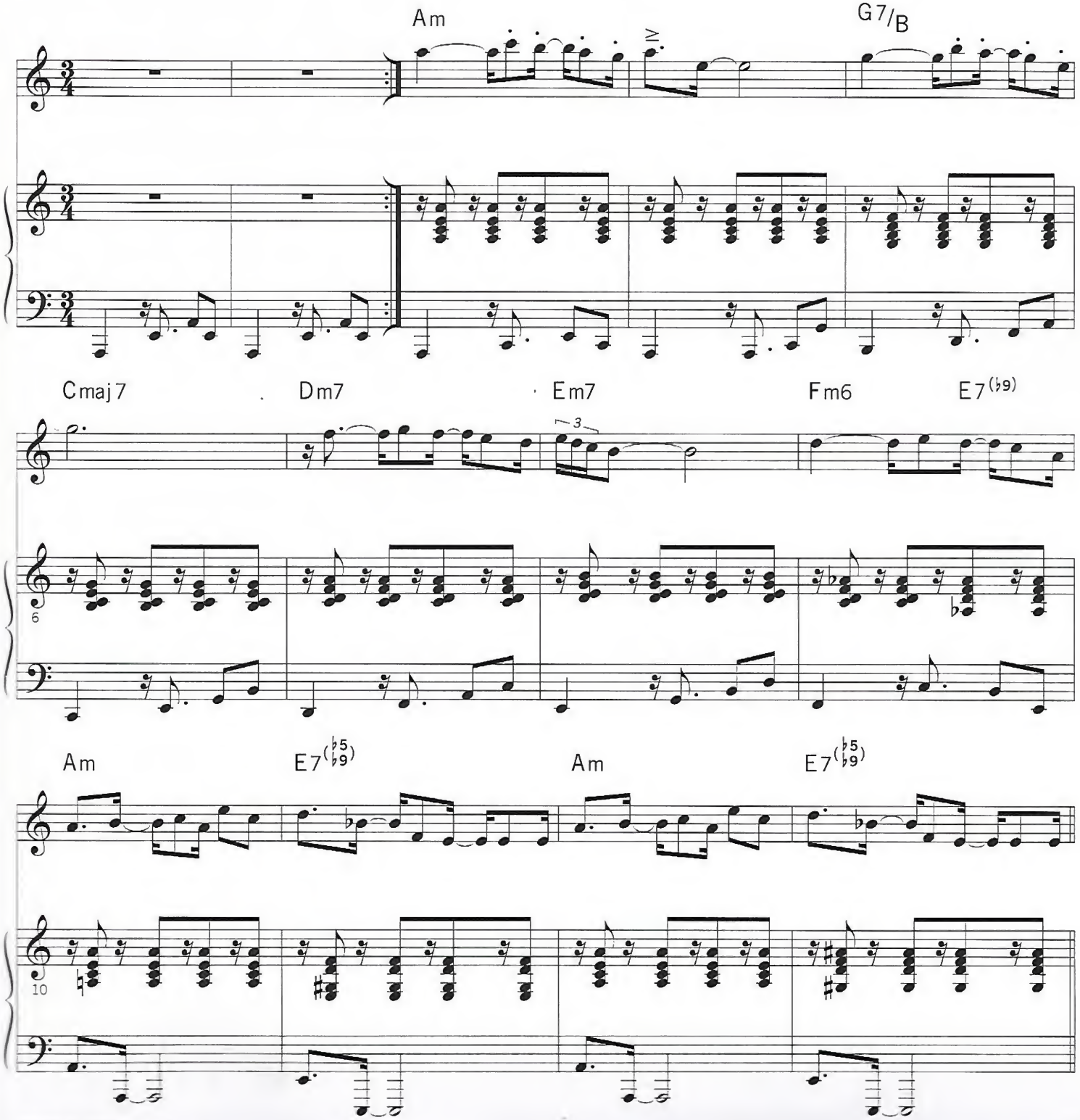

Cmaj7(6)
F7 E7 Eb7 D7
Ebmaj7 Dmaj7
14
Cmaj7
B7(b9)
Em7
A7(#5 #9)
Dm7
Bbmaj7
Bm7(11)
19
E7(#9)
E7(9)
Am7
Gm7
C7
Fmaj7
24
B7(b9)
Em7
A7
Ab7(b9)
G7(b9)
Cmaj7
28


A♭m/B♭ B♭7(♯11 9) B♭m7 B♭7(13) E♭maj7/B♭
p
33
G♭m/A♭ A♭7(♯11 9) A♭m7 A♭7(13) D♭maj7/A♭
37
Dm7(9) G7(♯11) C7(♭9 ♯11) Cmaj7(9) C6 9
41
B/A C/A♭ Am7 Am7/D E♭m/A♭ G7 4 F7 E7 E♭7 D7
45

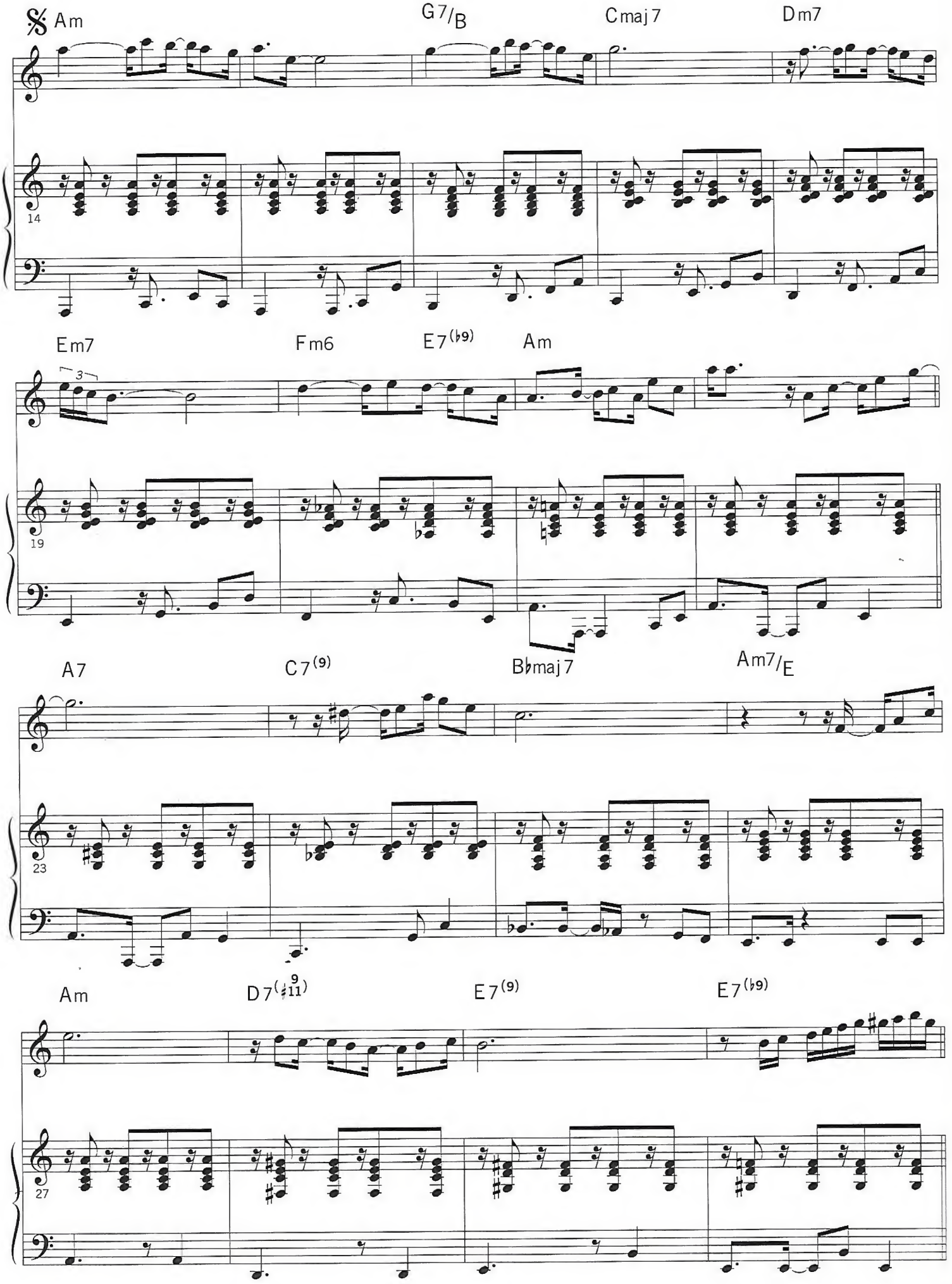

E♭maj7 Dmaj7 D♭maj7 Cmaj7 B7(♭9) Em7 A7
50
A♭7(♭9) G7(♭9) C6 Dm7(9) G7(13)
solo sax soprano
Ao 𝄋 e
54
Cmaj7(6) D♭maj7(6) C(add9) Fm/B♭
59
Cmaj7(6) D♭maj7(6) C(add9) Fm/B♭
fade-out
63

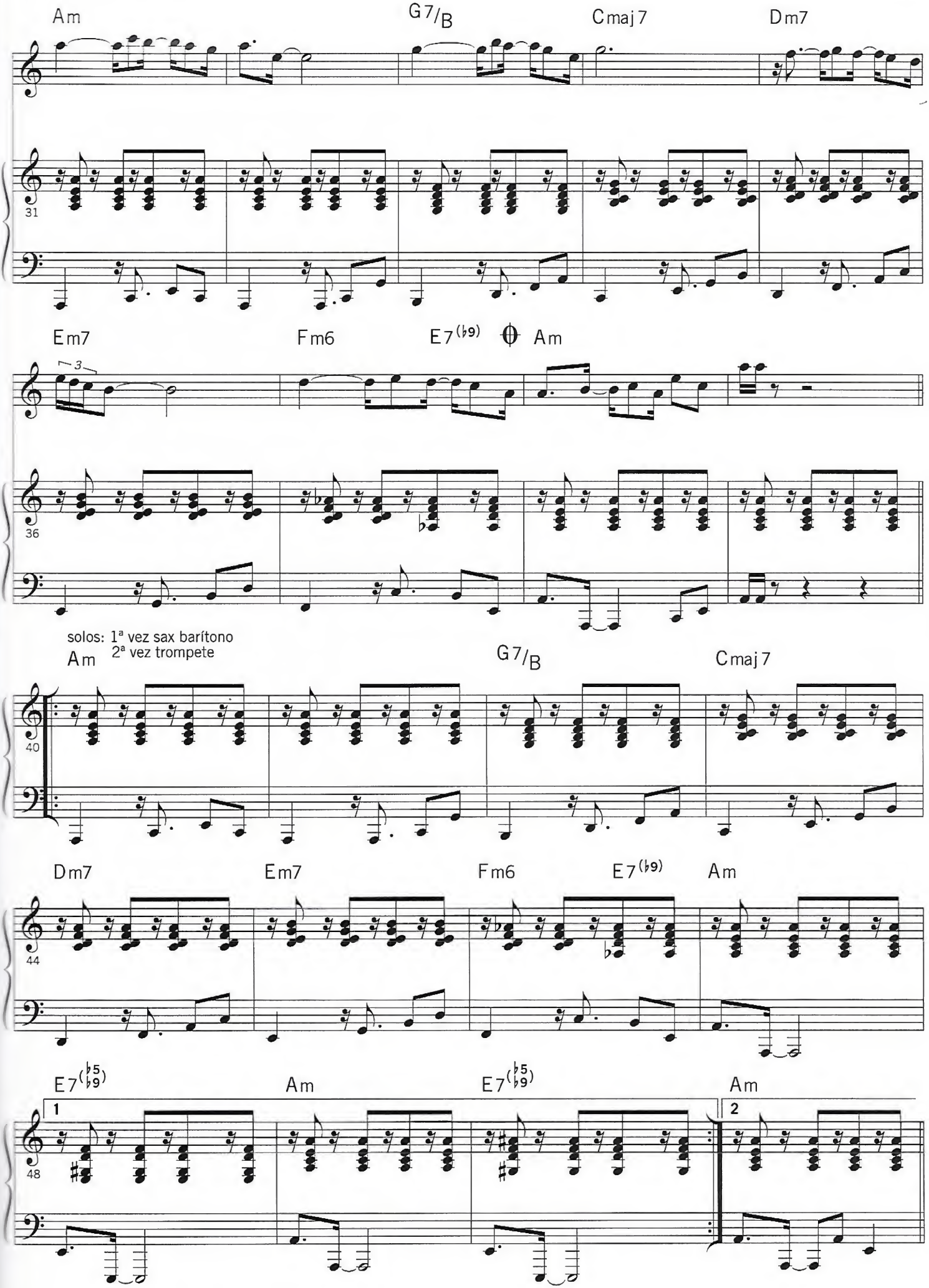
COISA Nº6

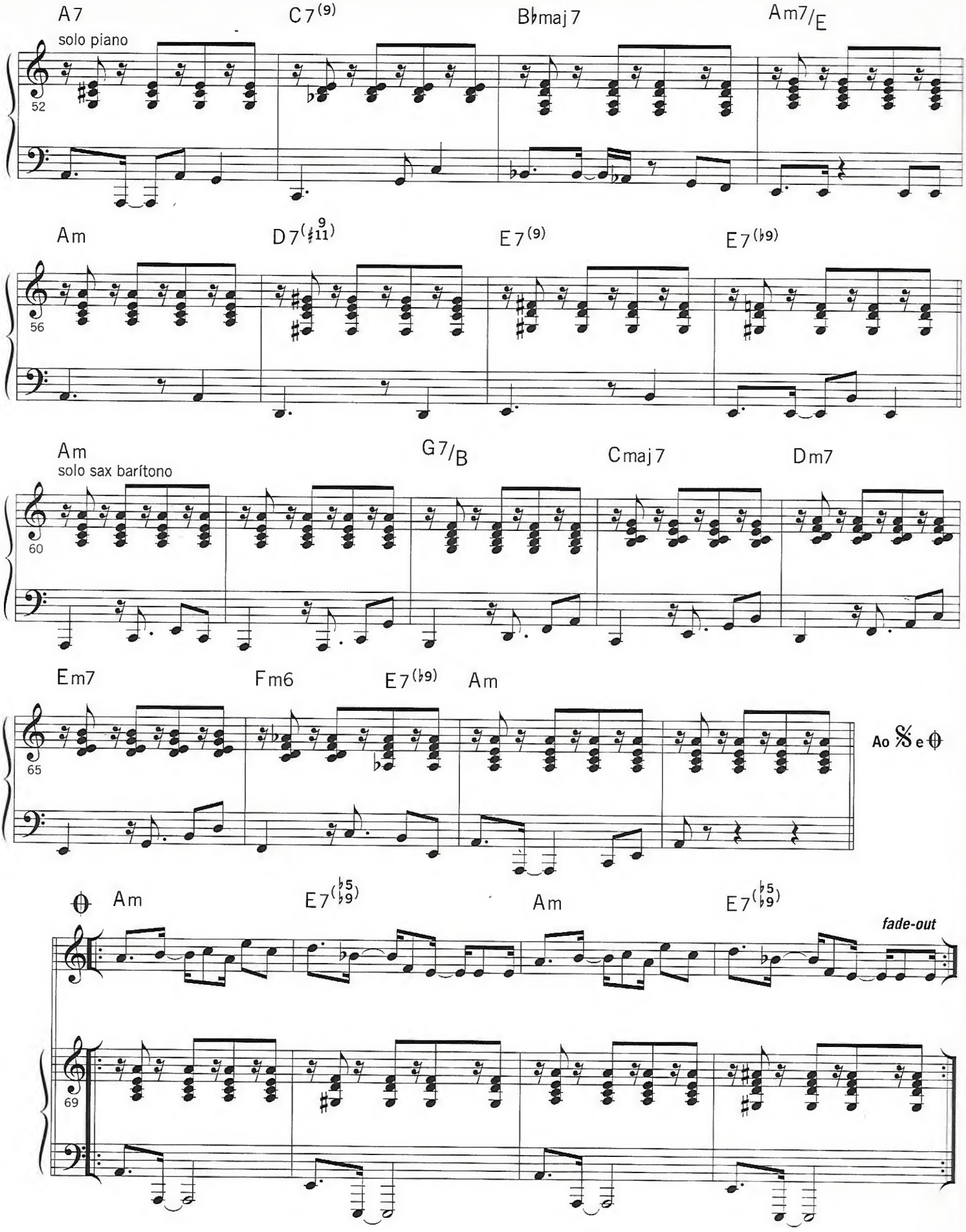
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 2000 Copyrights

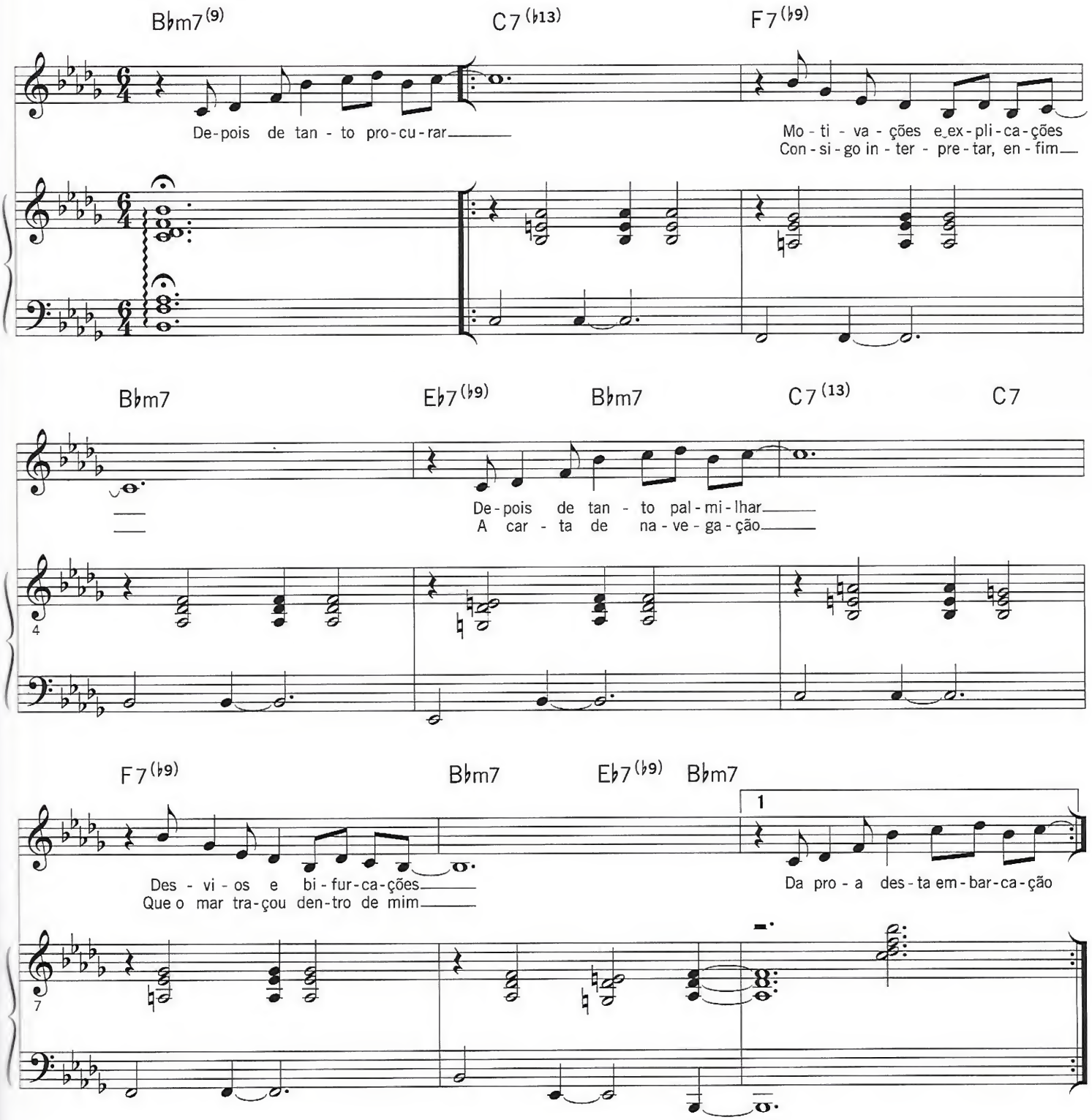

𝄋 Am
G7/B
Cmaj7
Dm7
14
Em7
Fm6
E7(♭9)
Am
3
19
A7
C7(9)
B♭maj7
Am7/E
23
Am
D7(♯9 11)
E7(9)
E7(♭9)
27


Am
G7/B
Cmaj7
Dm7
31
Em7
Fm6
E7(♭9)
Am
36
solos: 1ª vez sax barítono
2ª vez trompete
Am
G7/B
Cmaj7
40
Dm7
Em7
Fm6
E7(♭9)
Am
44
E7(♭5/♭9)
Am
E7(♭5/♭9)
Am
48
1
2

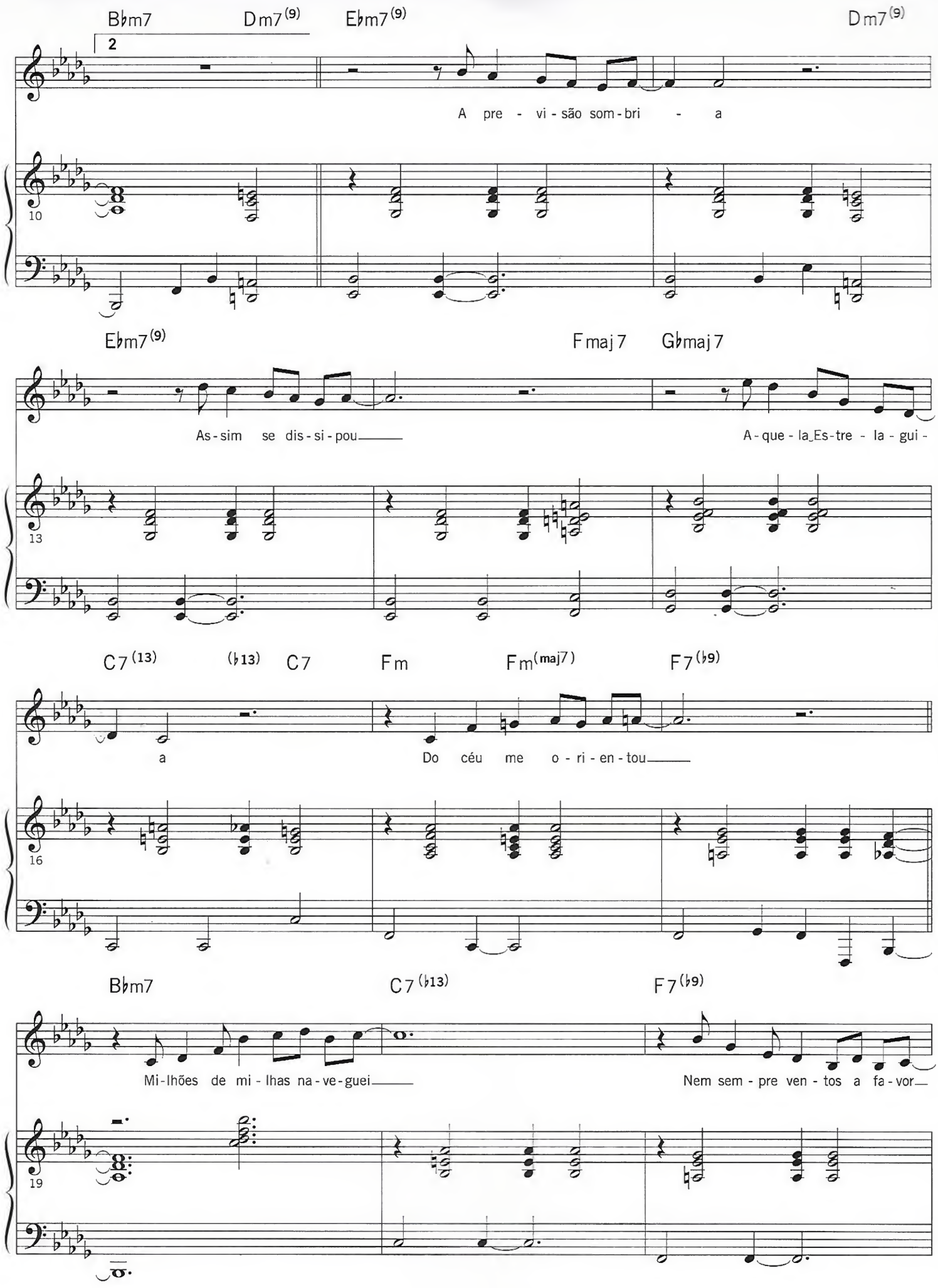

A7
C7(9)
B♭maj7
Am7/E
solo piano
52
Am
D7(♯9 11)
E7(9)
E7(♭9)
56
Am
G7/B
Cmaj7
Dm7
solo sax barítono
60
Em7
Fm6
E7(♭9)
Am
65
Ao 𝄋 e ⊖
⊖ Am
E7(♭5 ♭9)
Am
E7(♭5 ♭9)
fade-out
69

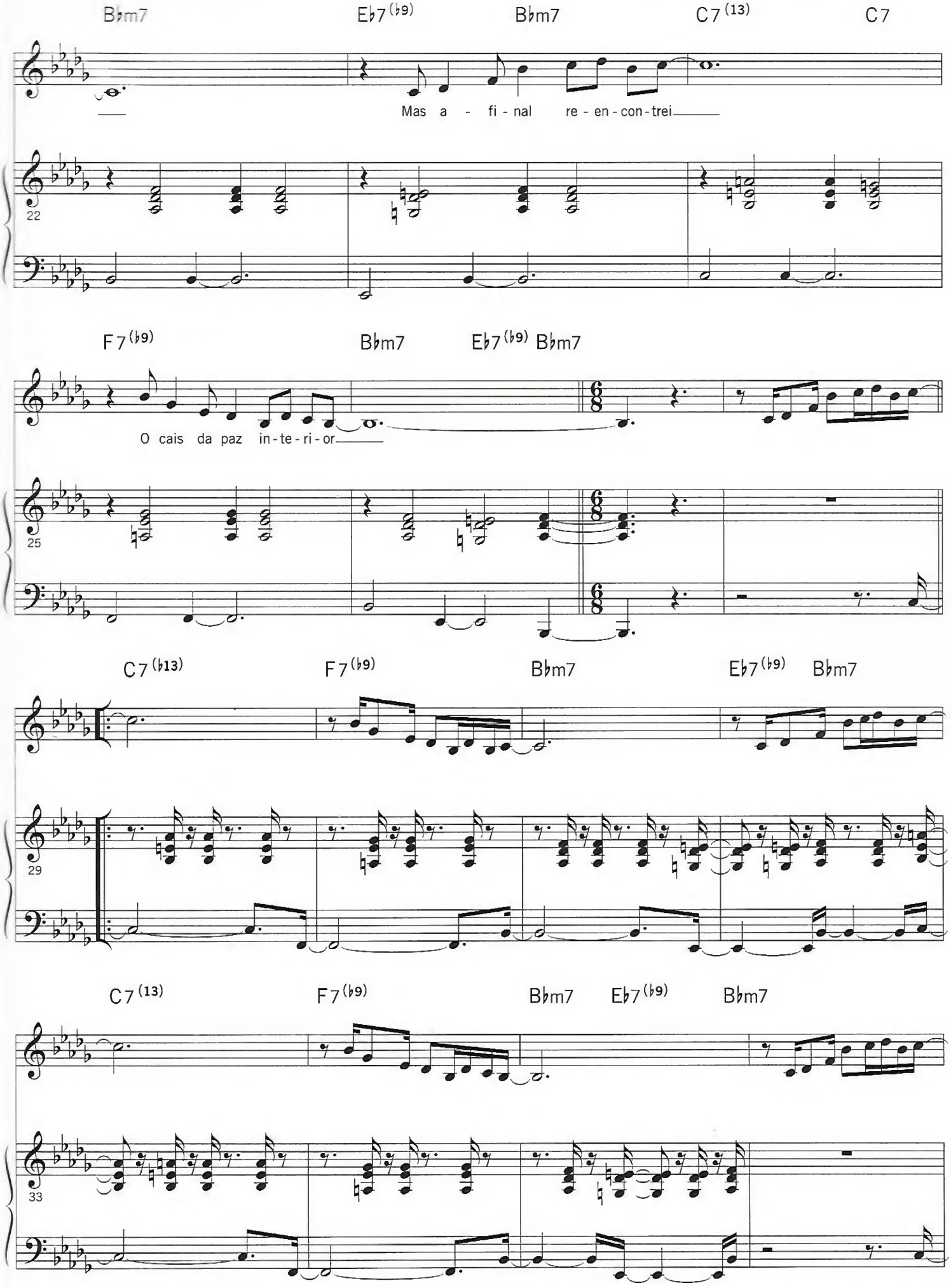
COISA Nº8 NAVEGAÇÃO MAKE MINE BLUE

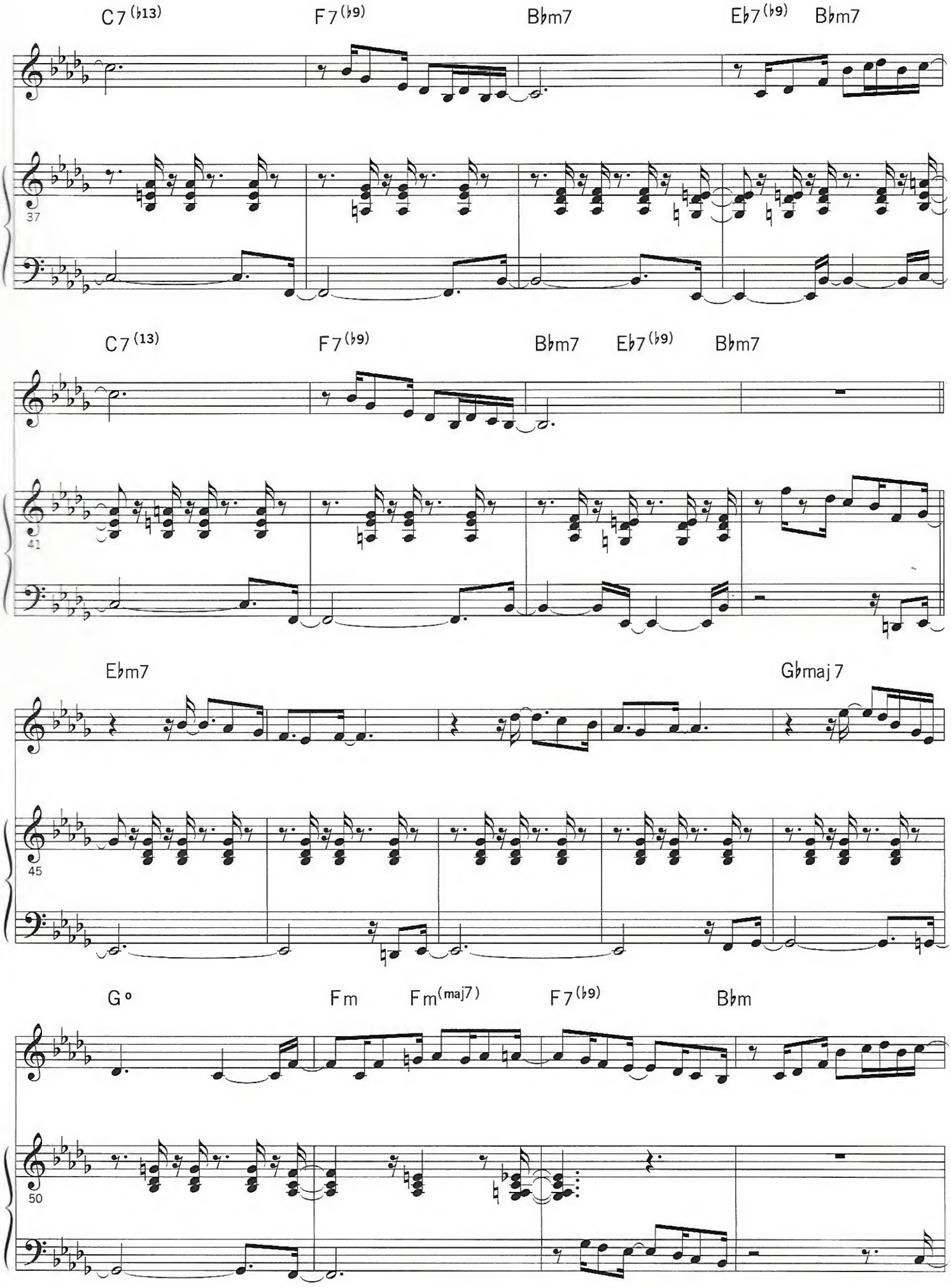
Moacir Santos | Regina Werneck | Nei Lopes
adaptação Mario Adnet



copyright © 2000 Copyrights | 2001 EMI

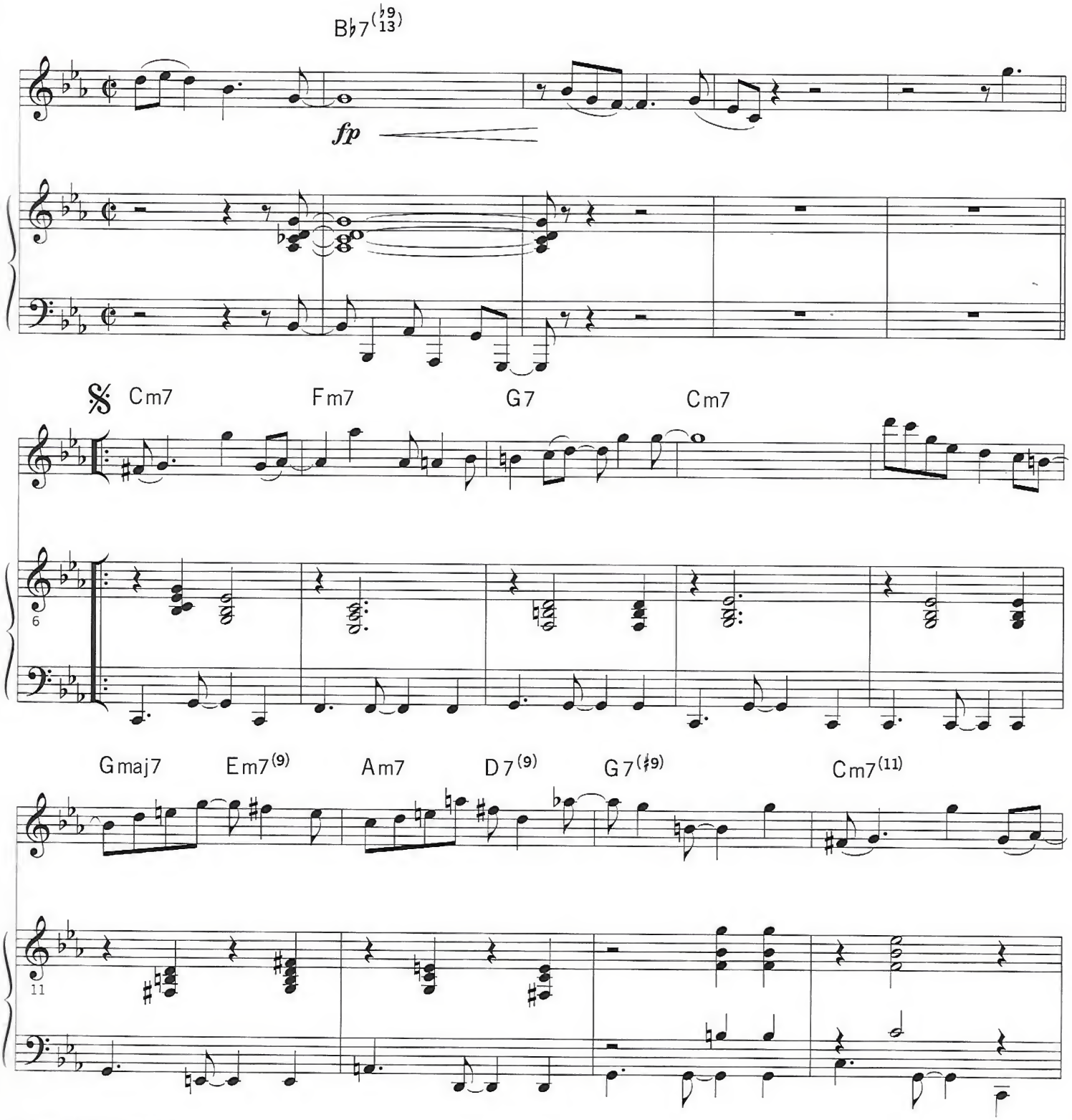

Bbm7
Dm7(9)
Ebm7(9)
Dm7(9)
2
A pre - vi - são som - bri - a
10
Ebm7(9)
Fmaj7
Gbmaj7
As - sim se dis - si - pou
A - que - la Es - tre - la - gui -
13
C7(13)
(b13)
C7
Fm
Fm(maj7)
F7(b9)
a
Do céu me o - ri - en - tou
16
Bbm7
C7(b13)
F7(b9)
Mi - lhões de mi - lhas na - ve - guei
Nem sem - pre ven - tos a fa - vor
19


Bbm7
Eb7(b9)
Bbm7
C7(13)
C7
Mas a - fi - nal re - en - con - trei
22
F7(b9)
Bbm7
Eb7(b9)
Bbm7
O cais da paz in - te - ri - or
25
C7(b13)
F7(b9)
Bbm7
Eb7(b9)
Bbm7
29
C7(13)
F7(b9)
Bbm7
Eb7(b9)
Bbm7
33

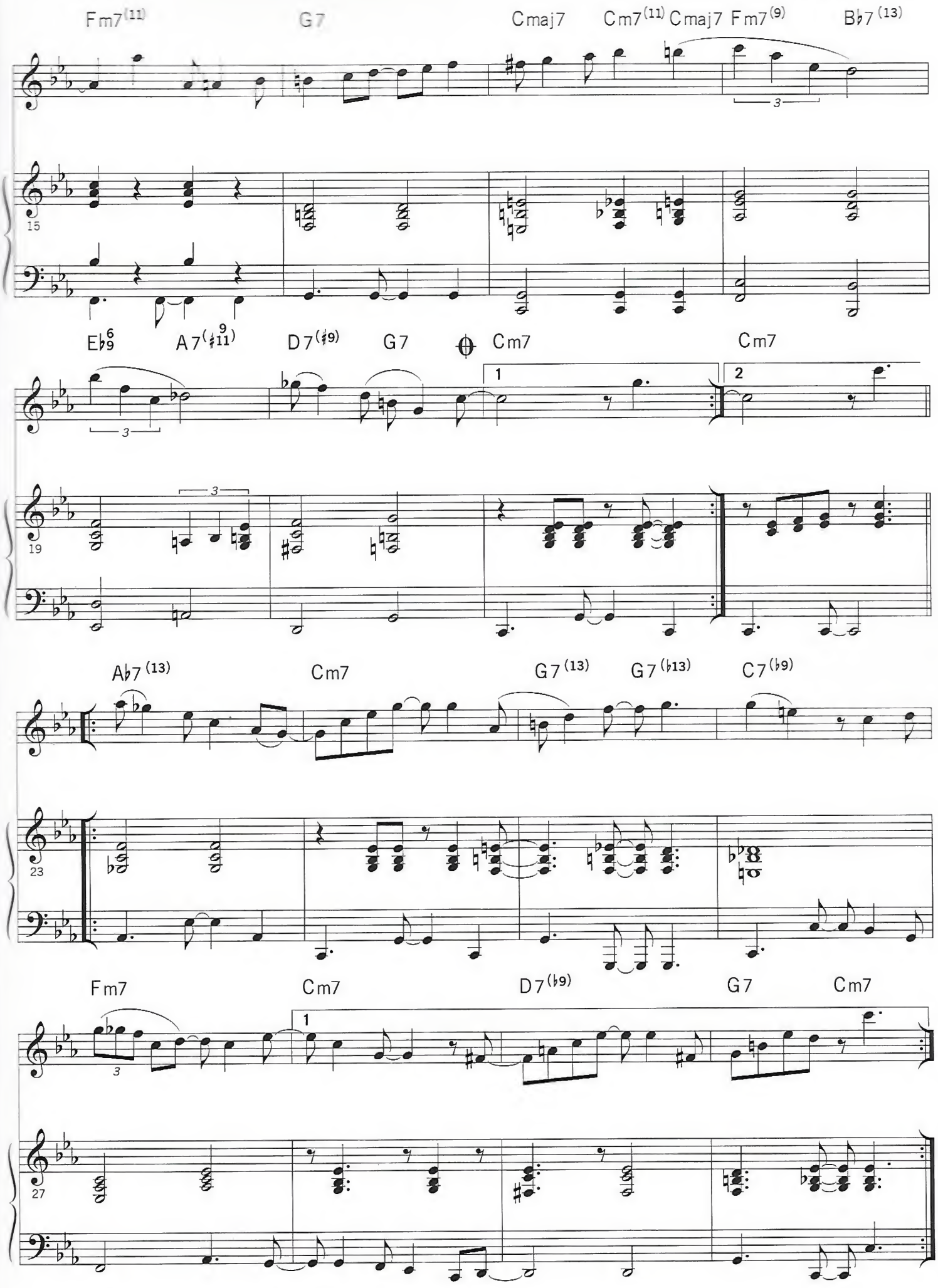

C7(♭13)
F7(♭9)
B♭m7
E♭7(♭9)
B♭m7
37
C7(13)
F7(♭9)
B♭m7
E♭7(♭9)
B♭m7
41
E♭m7
G♭maj7
45
G°
Fm
Fm(maj7)
F7(♭9)
B♭m
50

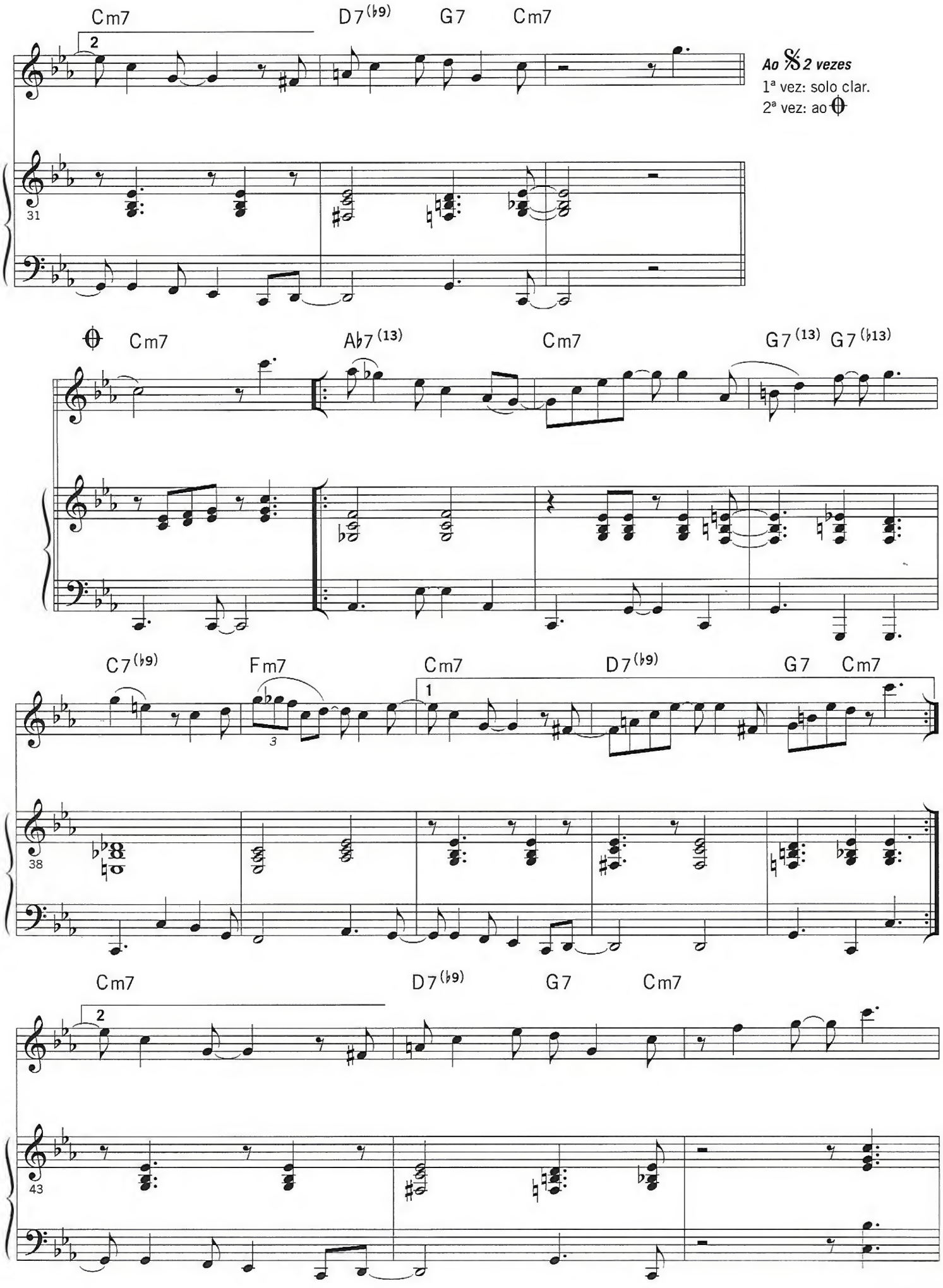
AMPHIBIOUS

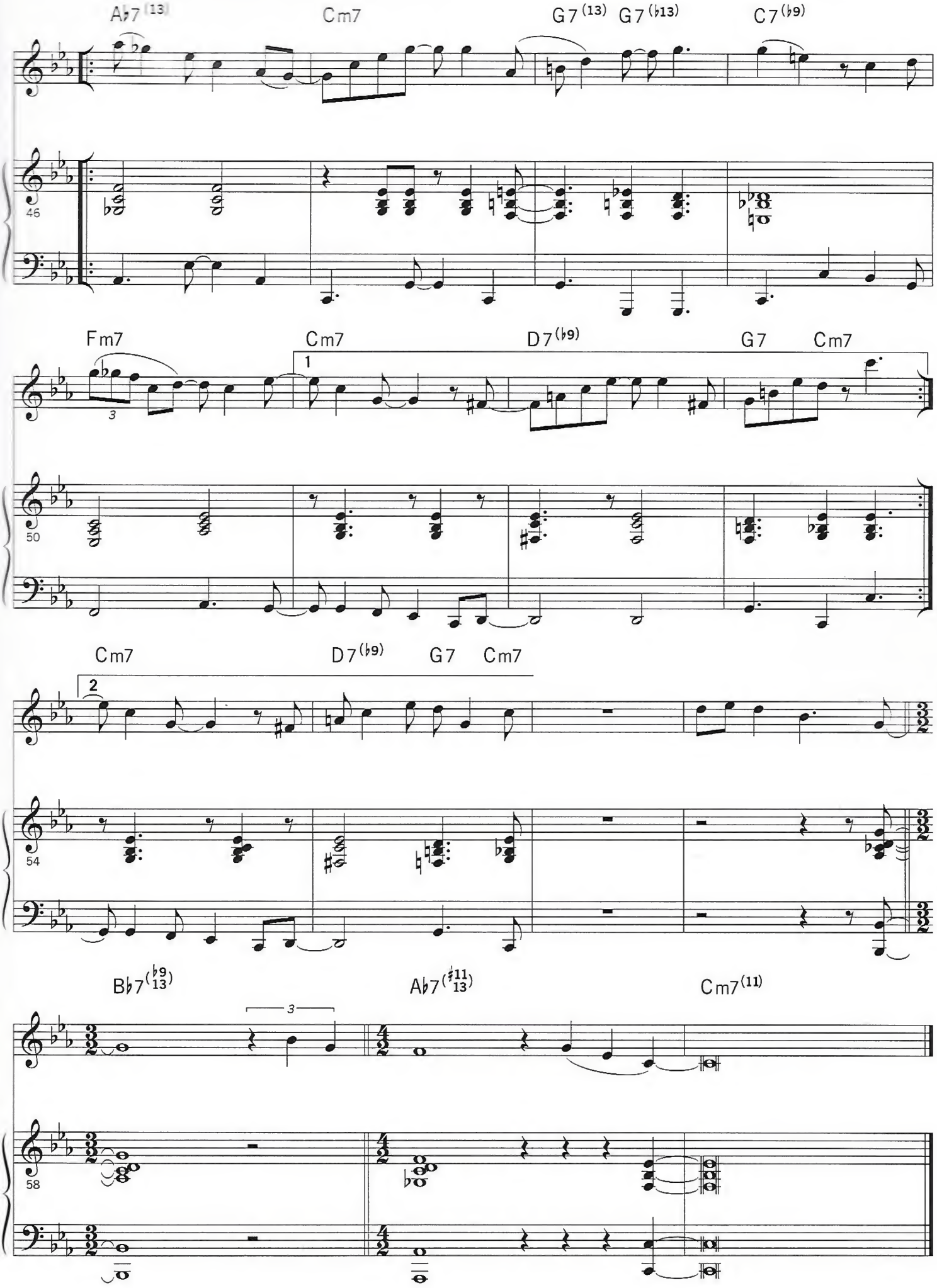
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 2001 Copyrights

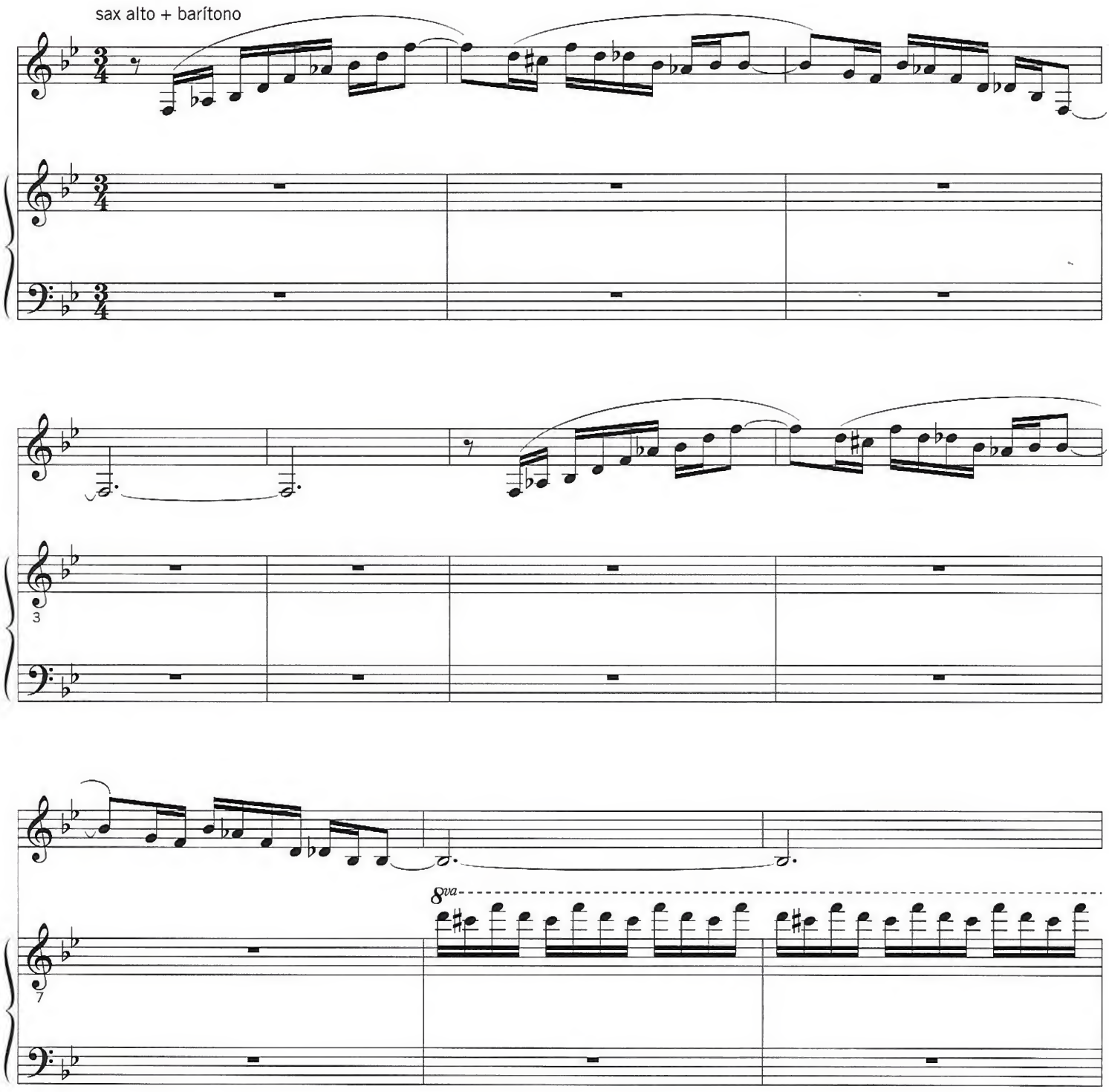

Fm7(11)
G7
Cmaj7
Cm7(11)
Cmaj7
Fm7(9)
B♭7(13)
15
E♭6/9
A7(♯9/♯11)
D7(♯9)
G7
Cm7
1
2
Cm7
19
A♭7(13)
Cm7
G7(13)
G7(♭13)
C7(♭9)
23
Fm7
Cm7
D7(♭9)
G7
Cm7
1
27


Cm7
D7(♭9)
G7
Cm7
2
Ao 𝄋 2 vezes
1ª vez: solo clar.
2ª vez: ao ⊕
31
⊕ Cm7
A♭7(13)
Cm7
G7(13)
G7(♭13)
C7(♭9)
Fm7
Cm7
D7(♭9)
G7
Cm7
1
3
38
Cm7
D7(♭9)
G7
Cm7
2
43

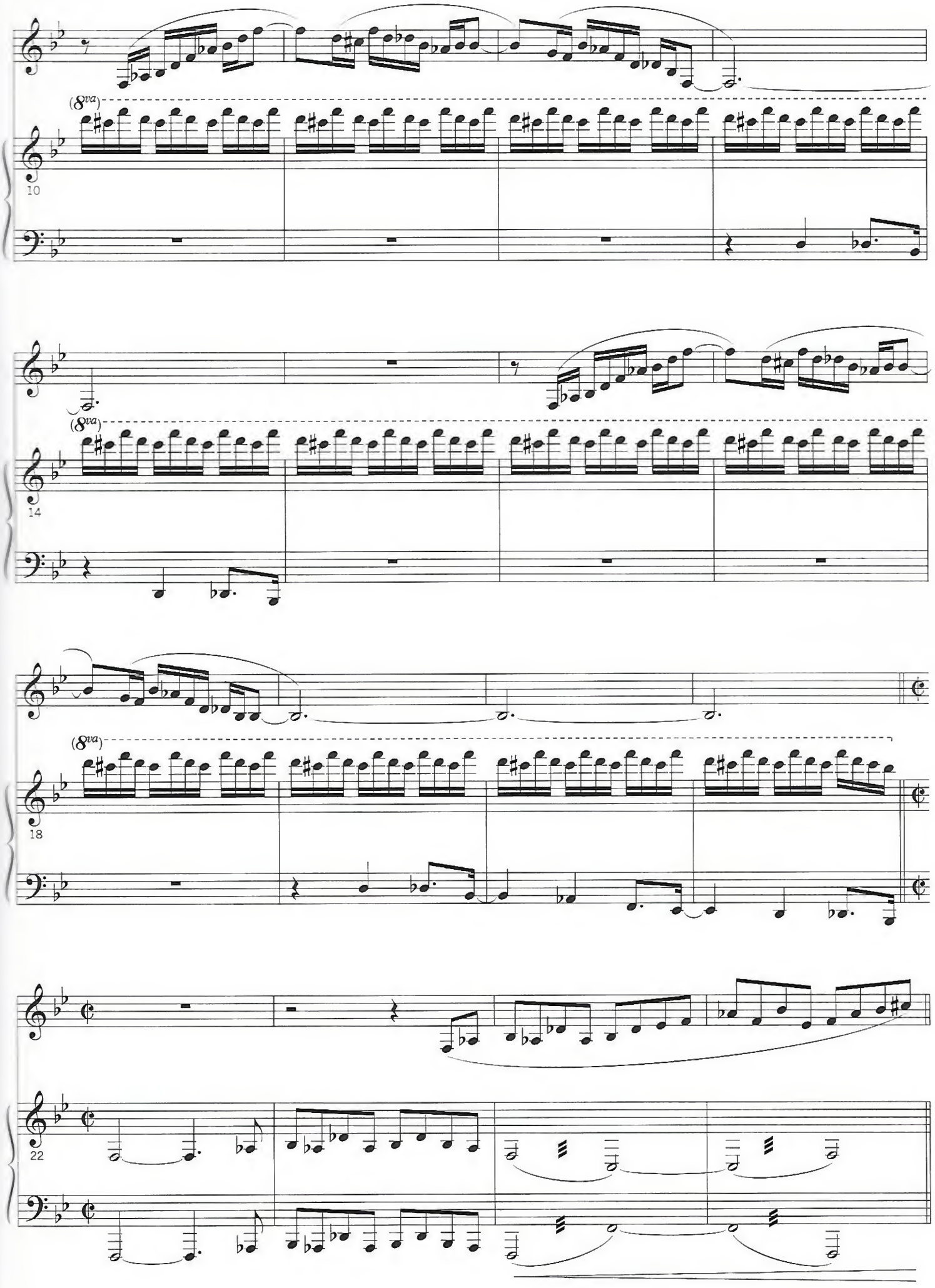

A♭7(13)
Cm7
G7(13)
G7(♭13)
C7(♭9)
46
Fm7
Cm7
D7(♭9)
G7
Cm7
1
3
50
Cm7
D7(♭9)
G7
Cm7
2
54
B♭7(♭9 13)
A♭7(♯11 13)
Cm7(11)
3
58

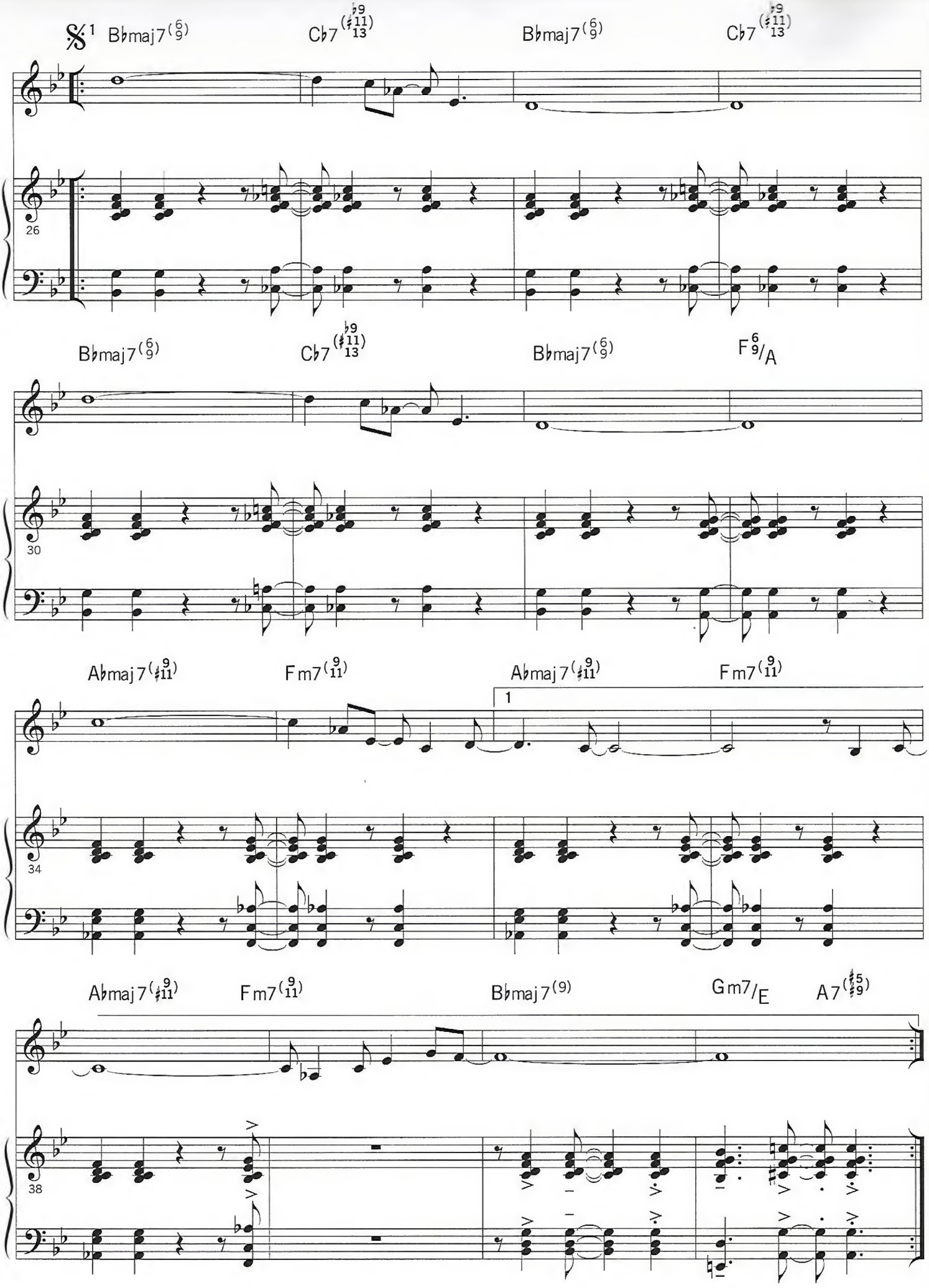
MÃE IRACEMA

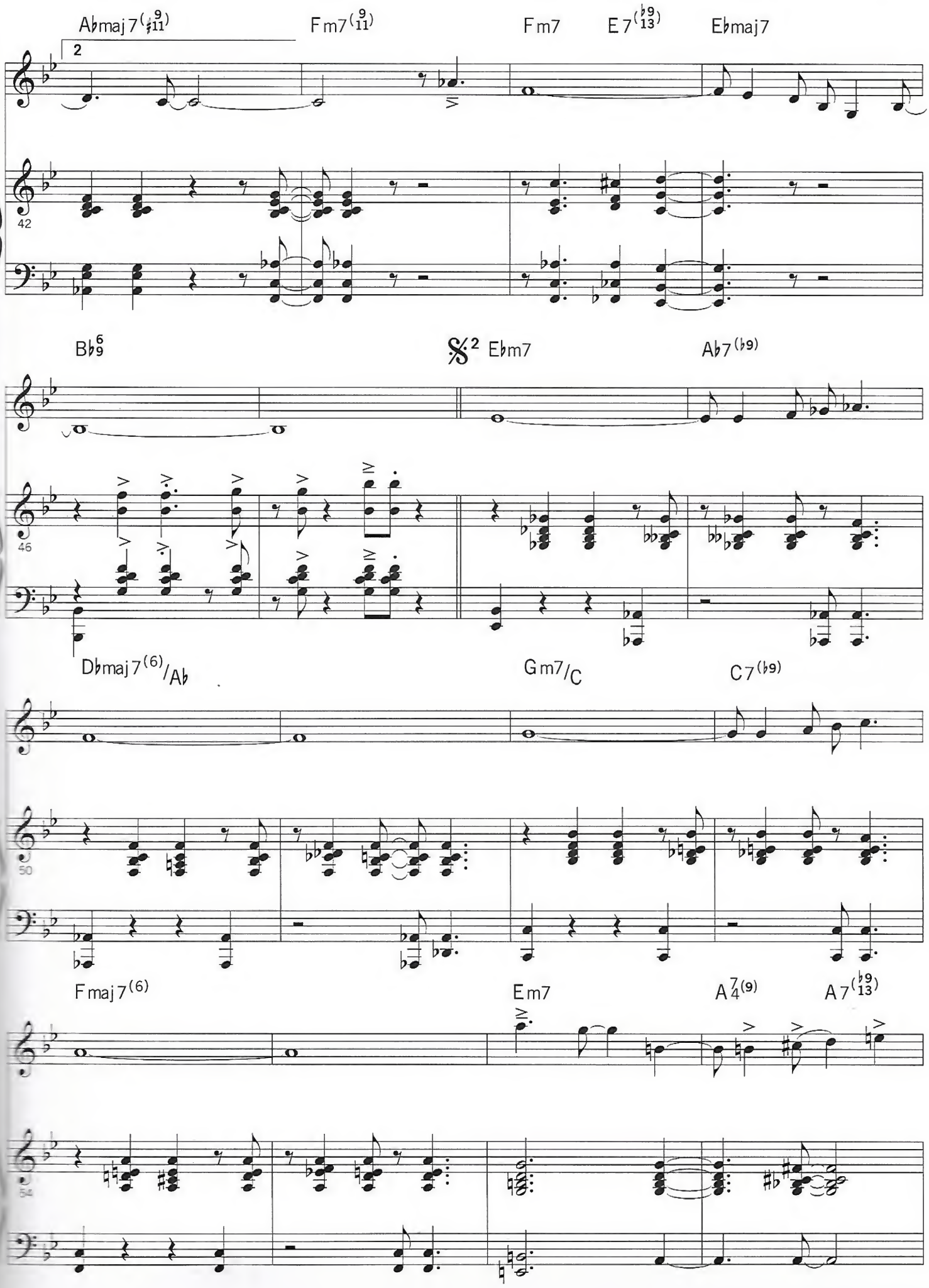
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

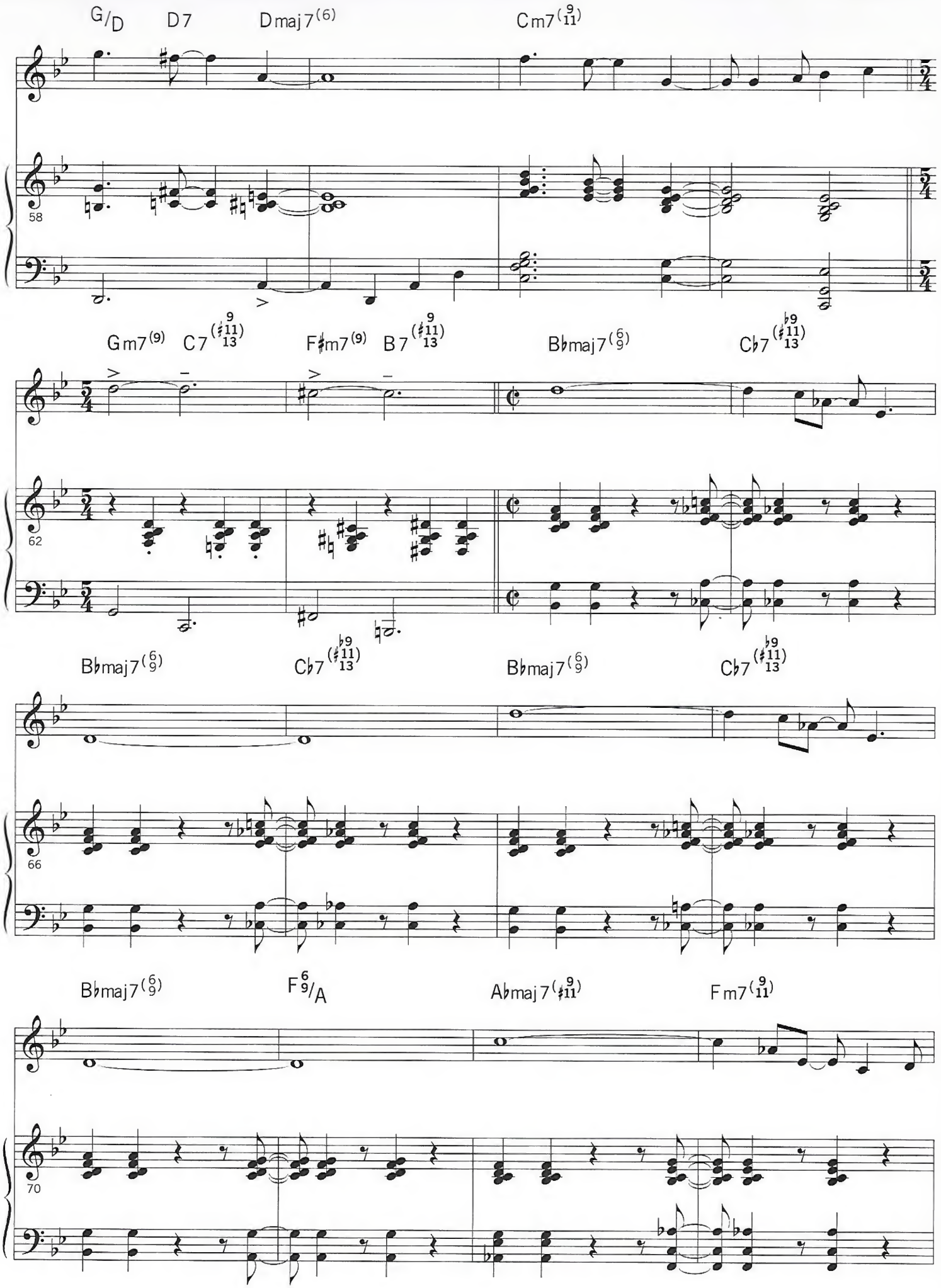


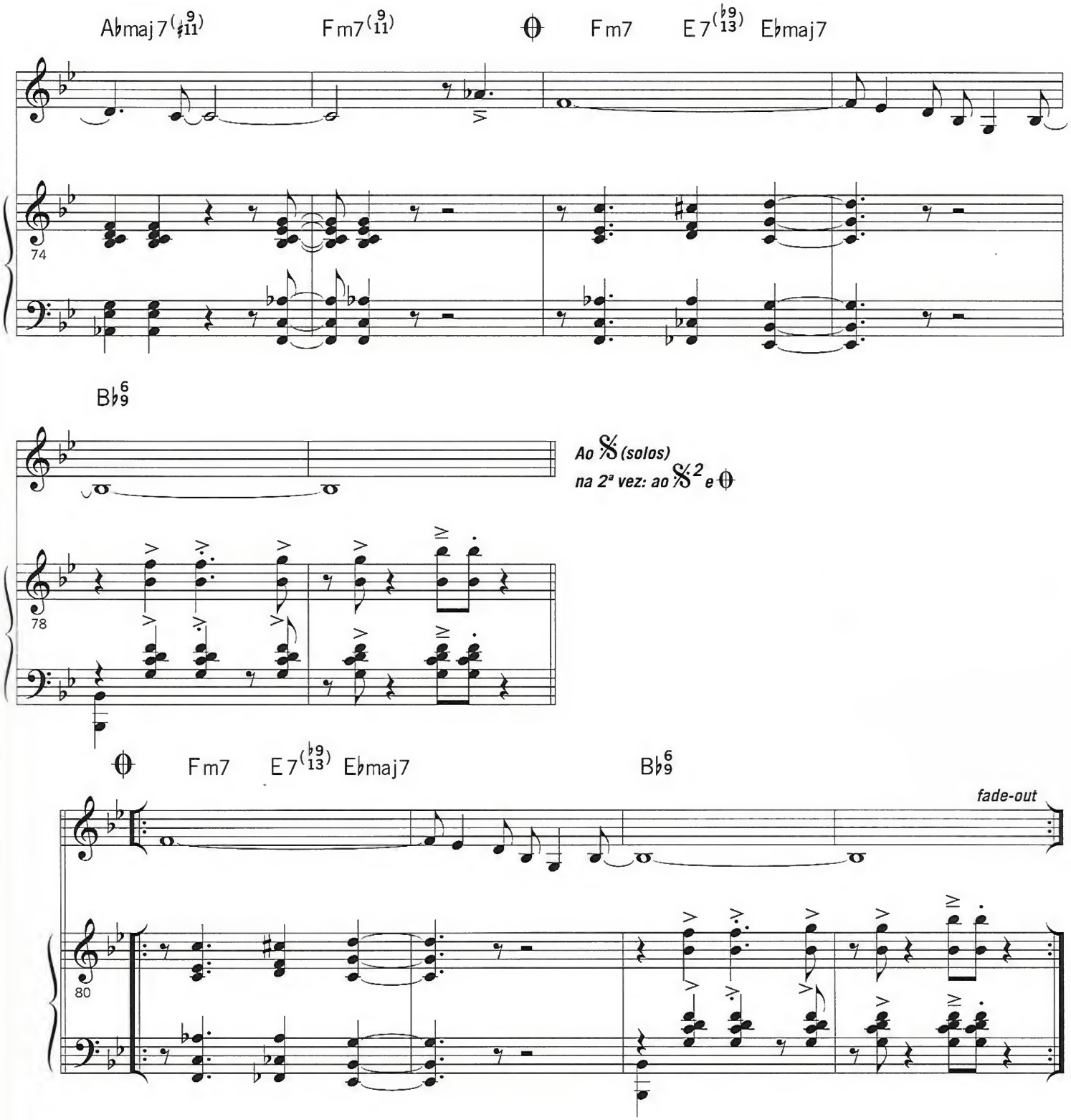
copyright © 2001 Copyrights


(8va)
10
(8va)
14
(8va)
18
22


1 B♭maj7(6/9) C♭7(♭9/♯11/13) B♭maj7(6/9) C♭7(♭9/♯11/13)
26
B♭maj7(6/9) C♭7(♭9/♯11/13) B♭maj7(6/9) F6/9/A
30
A♭maj7(9/♯11) Fm7(9/11) A♭maj7(9/♯11) Fm7(9/11)
1
34
A♭maj7(9/♯11) Fm7(9/11) B♭maj7(9) Gm7/E A7(♯5/9)
38

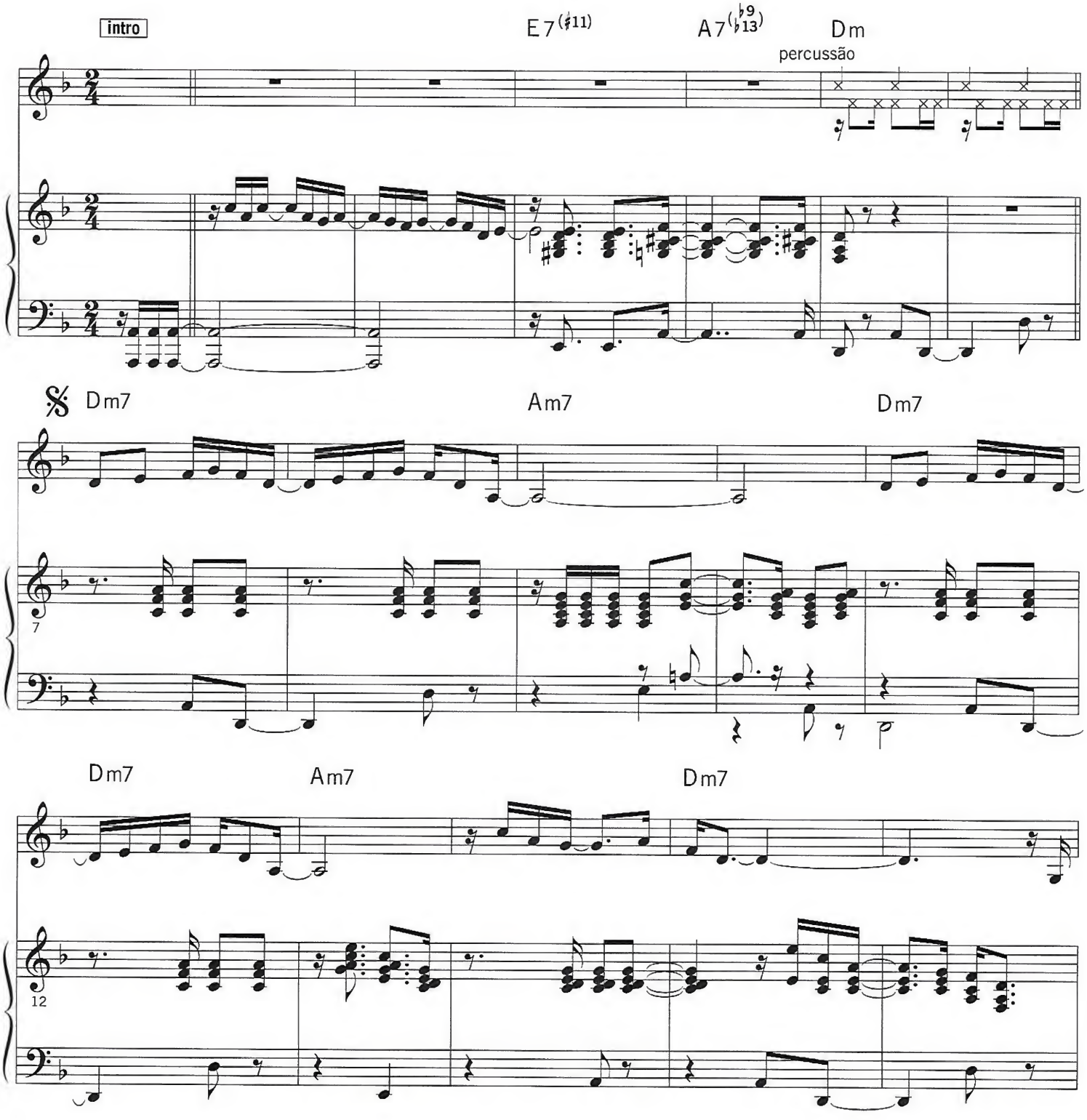

A♭maj7(♯11 9)
Fm7(11 9)
Fm7
E7(♭13 ♭9)
E♭maj7
2
42
B♭9 6
𝄋2 E♭m7
A♭7(♭9)
46
D♭maj7(6)/A♭
Gm7/C
C7(♭9)
50
Fmaj7(6)
Em7
A4 7(9)
A7(♭13 ♭9)
54


G/D
D7
Dmaj7(6)
Cm7(9 11)
58
Gm7(9)
C7(9 ♯11 13)
F♯m7(9)
B7(9 ♯11 13)
B♭maj7(6 9)
C♭7(♭9 ♯11 13)
62
B♭maj7(6 9)
C♭7(♭9 ♯11 13)
B♭maj7(6 9)
C♭7(♭9 ♯11 13)
66
B♭maj7(6 9)
F6 9/A
A♭maj7(9 ♯11)
Fm7(9 11)
70

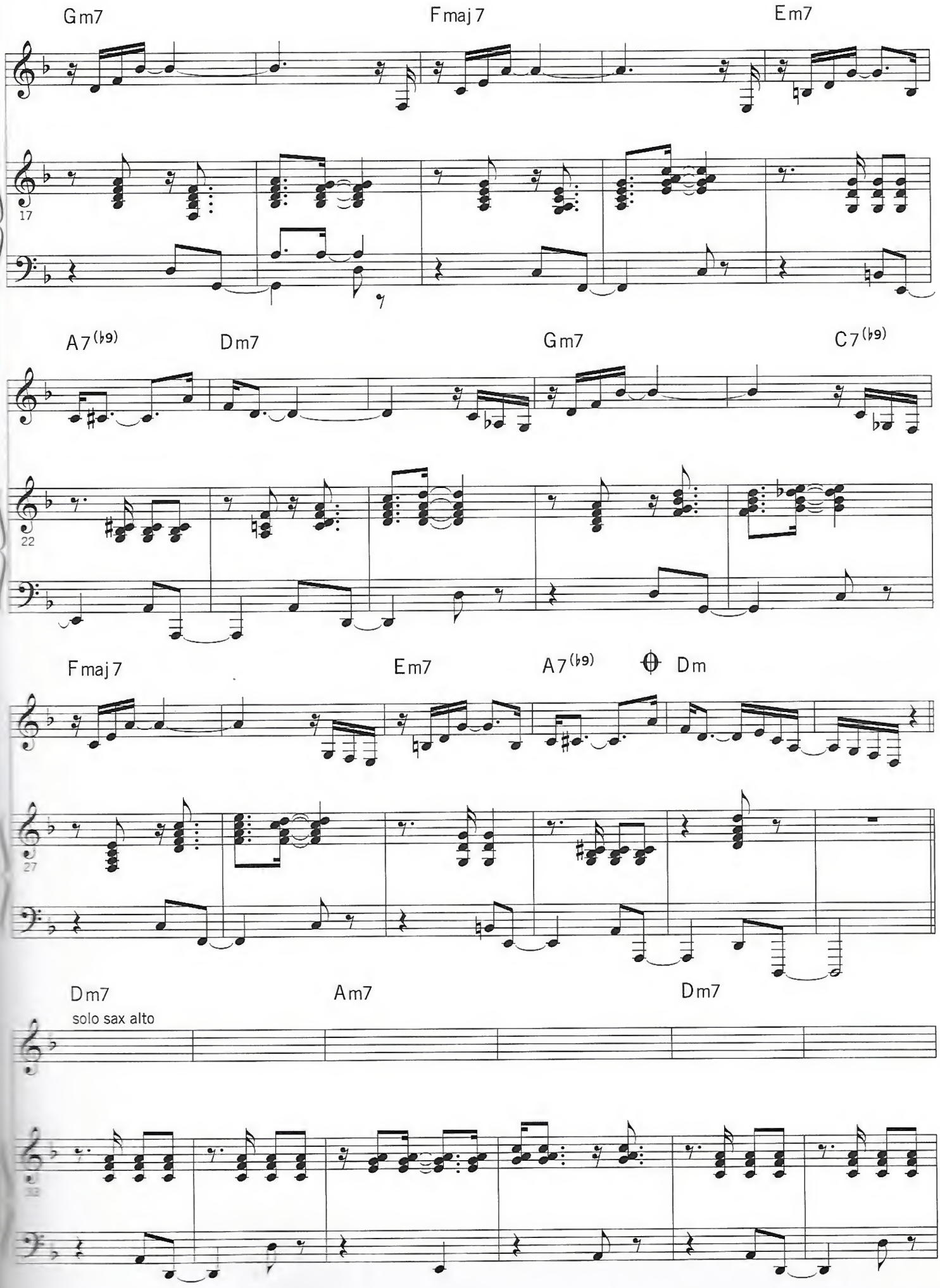

A♭maj7(♯11 9)
Fm7(11 9)
Fm7
E7(♭13 ♭9)
E♭maj7
74
B♭6 9
Ao 𝄋 (solos)
na 2ª vez: ao 𝄋2 e ⊖
78
⊖ Fm7
E7(♭13 ♭9)
E♭maj7
B♭6 9
fade-out
80

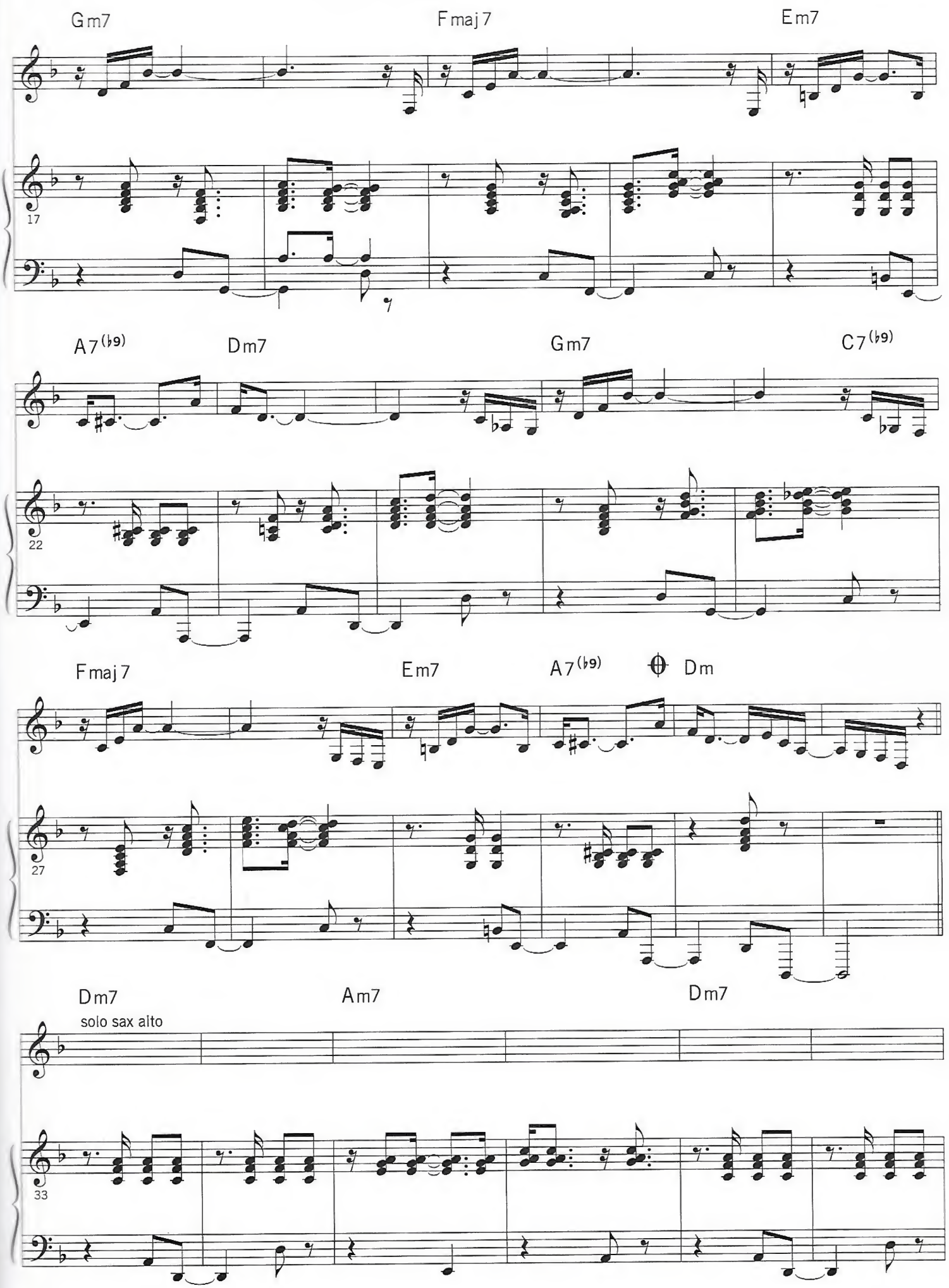
COISA Nº1

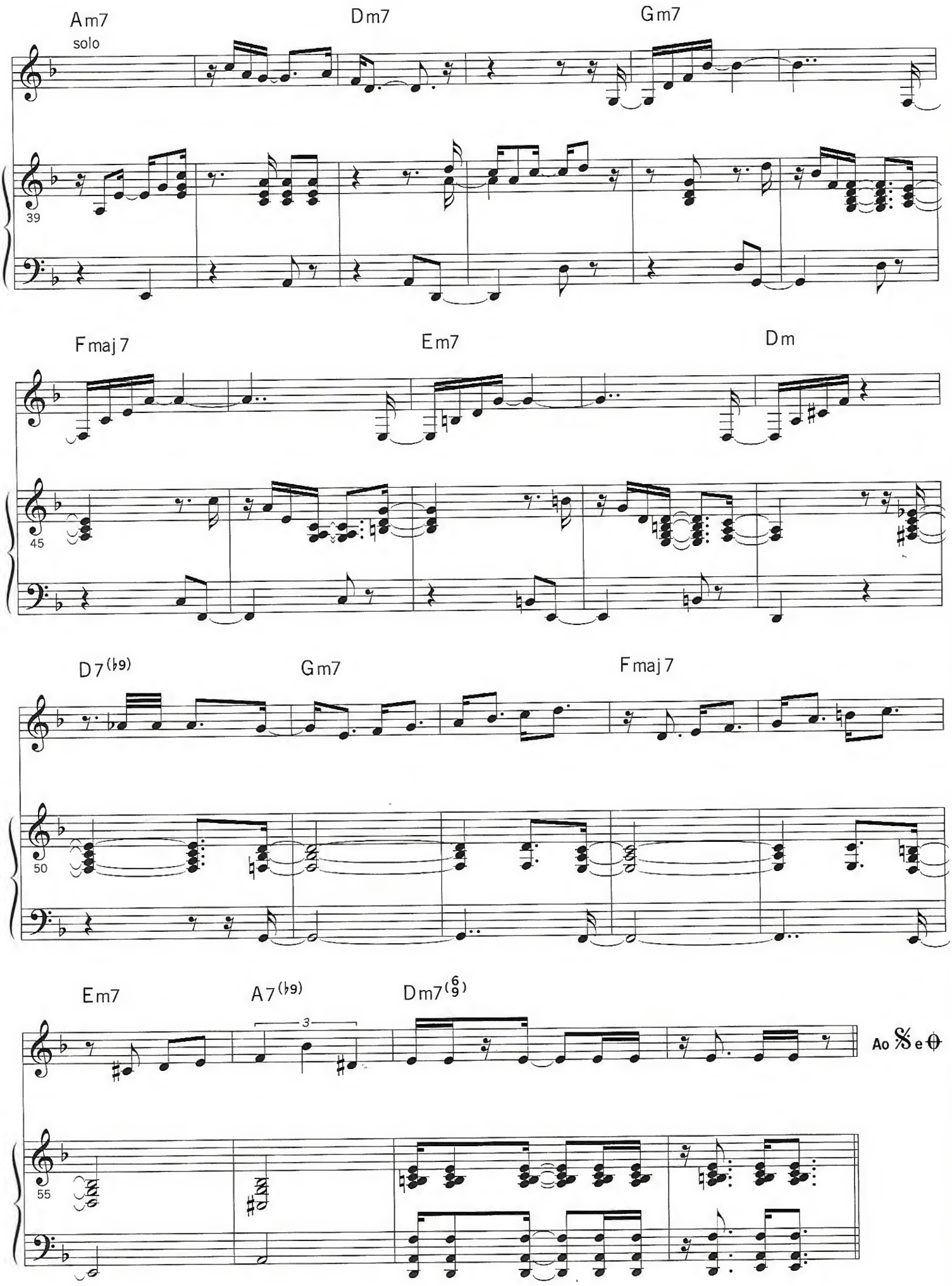
Moacir Santos I Clóvis Mello
adaptação Mario Adnet

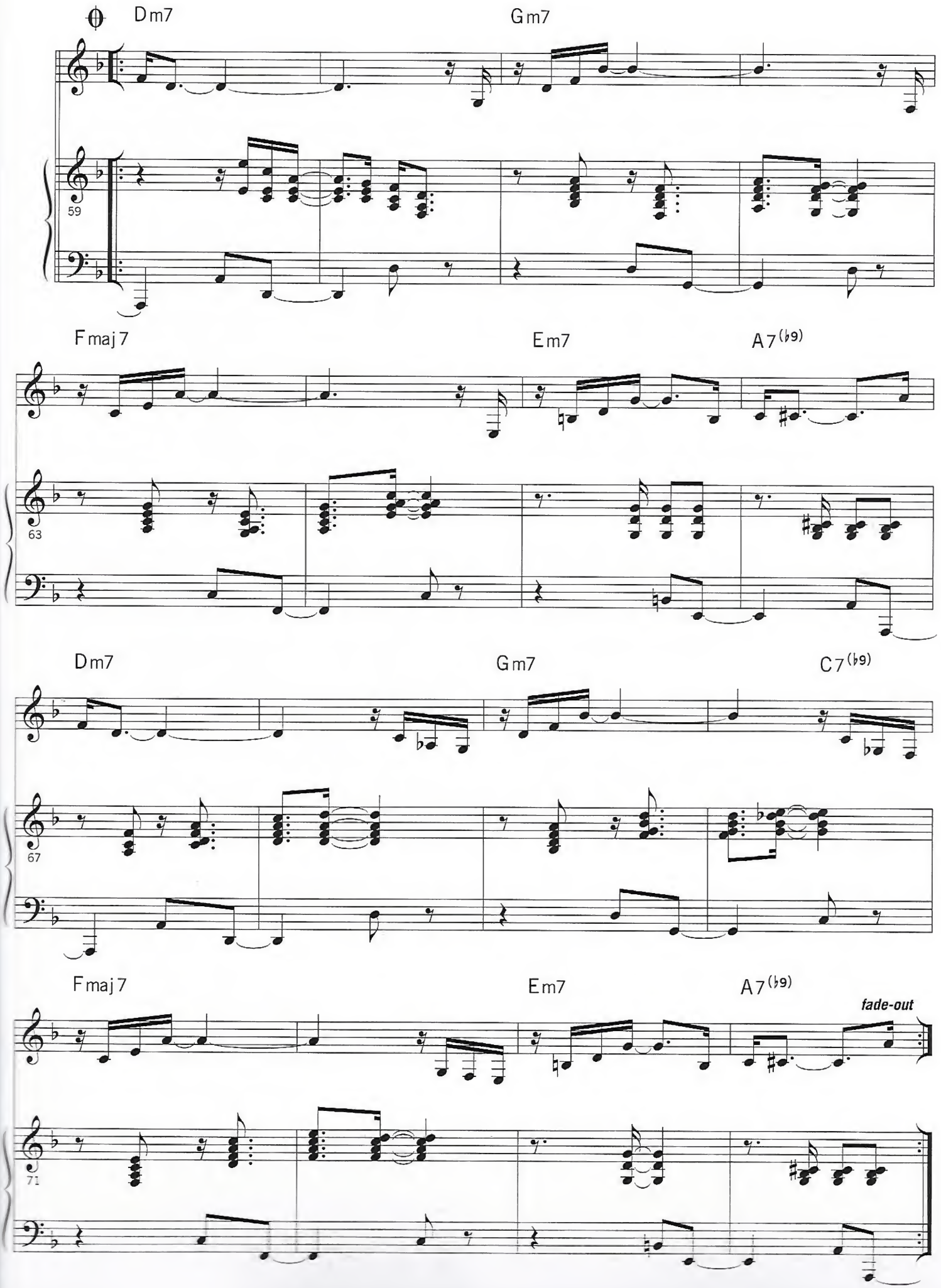


copyright © 1999 Copyrights


Gm7
Fmaj7
Em7
17
A7(♭9)
Dm7
Gm7
C7(♭9)
22
Fmaj7
Em7
A7(♭9)
Dm
27
Dm7
Am7
Dm7
solo sax alto
33

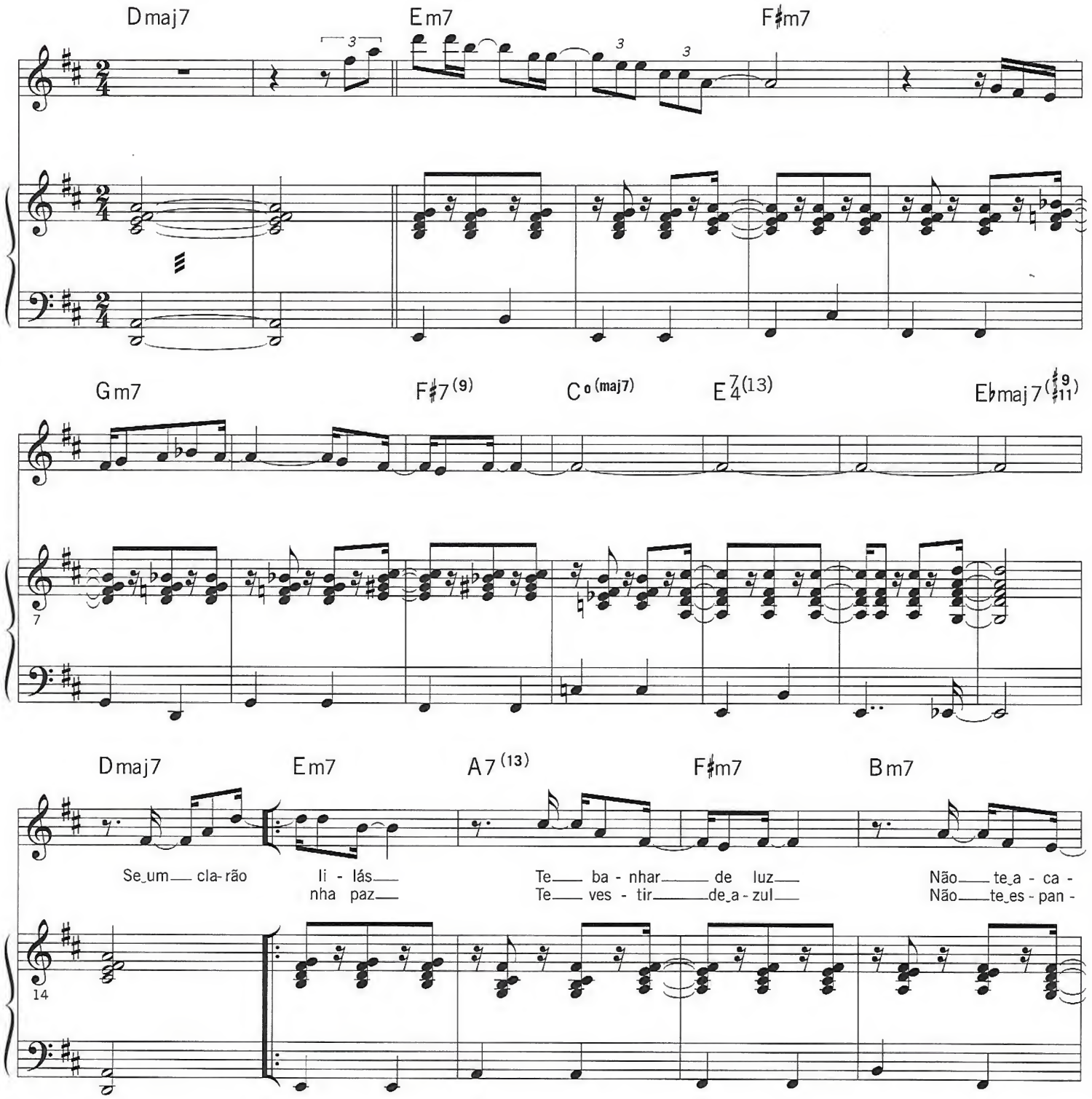

Gm7
Fmaj7
Em7
17
A7(♭9)
Dm7
Gm7
C7(♭9)
22
Fmaj7
Em7
A7(♭9)
Dm
27
Dm7
Am7
Dm7
solo sax alto
33


Am7
solo
Dm7
Gm7
39
Fmaj7
Em7
Dm
45
D7(♭9)
Gm7
Fmaj7
50
Em7
A7(♭9)
Dm7(6/9)
3
Ao 𝄋 e ⊖
55

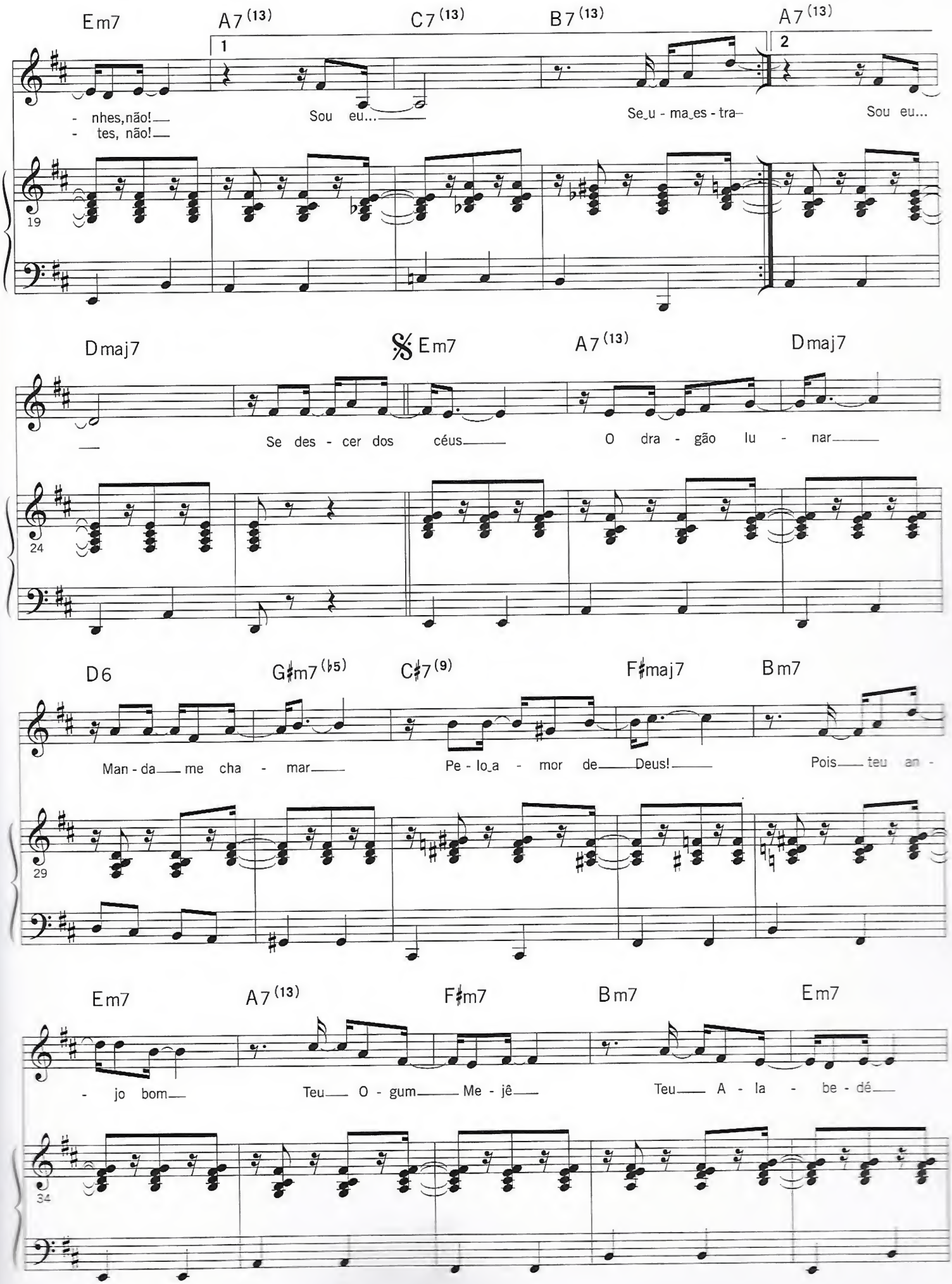

Dm7
Gm7
59
Fmaj7
Em7
A7(♭9)
63
Dm7
Gm7
C7(♭9)
67
Fmaj7
Em7
A7(♭9)
fade-out
71

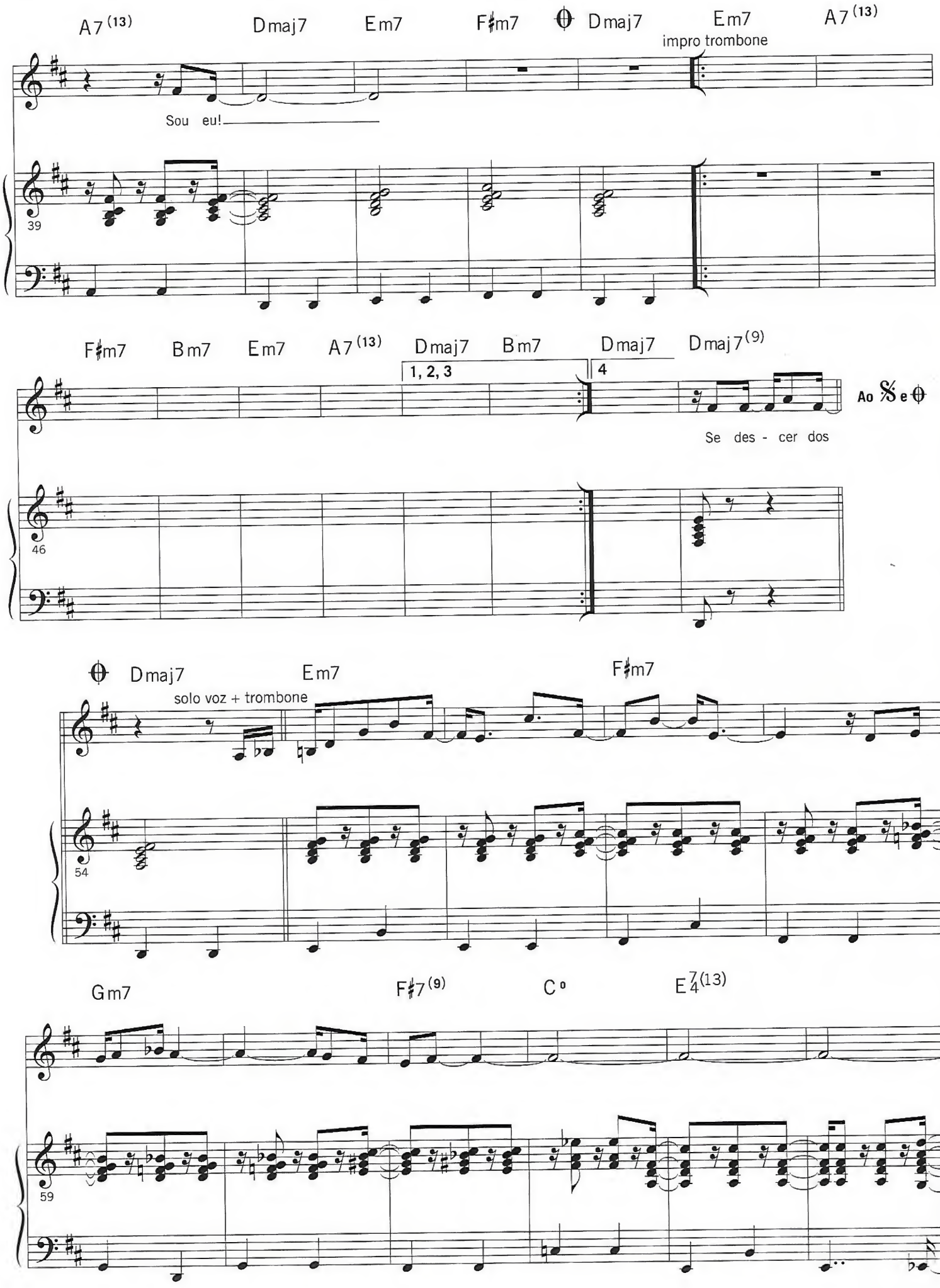
SOU EU LUANNE

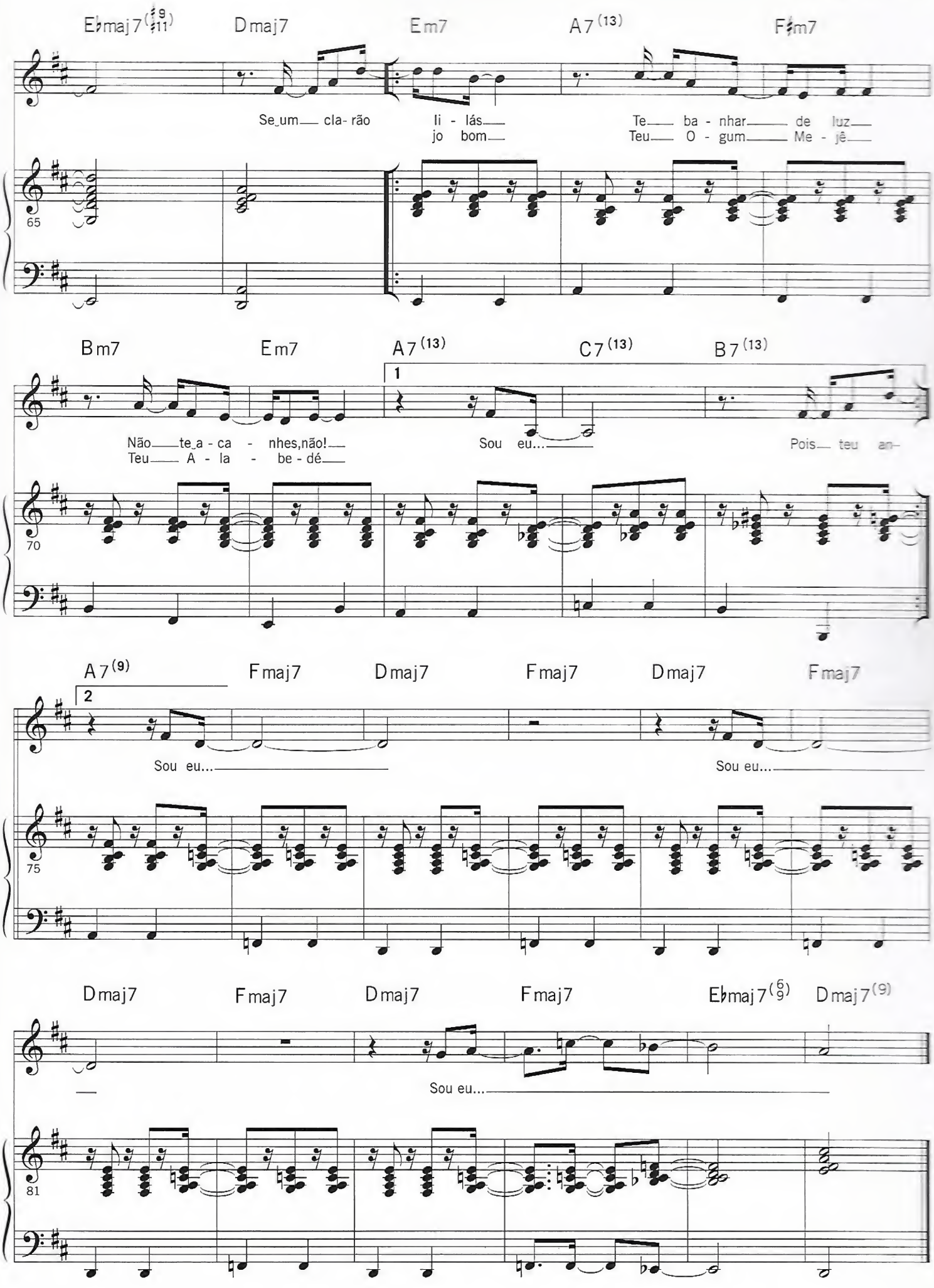
Moacir Santos I Jay Livingston I Ray Evans I Ney Lopes
adaptação Mario Adnet



copyright © 1998 Warner Chappel

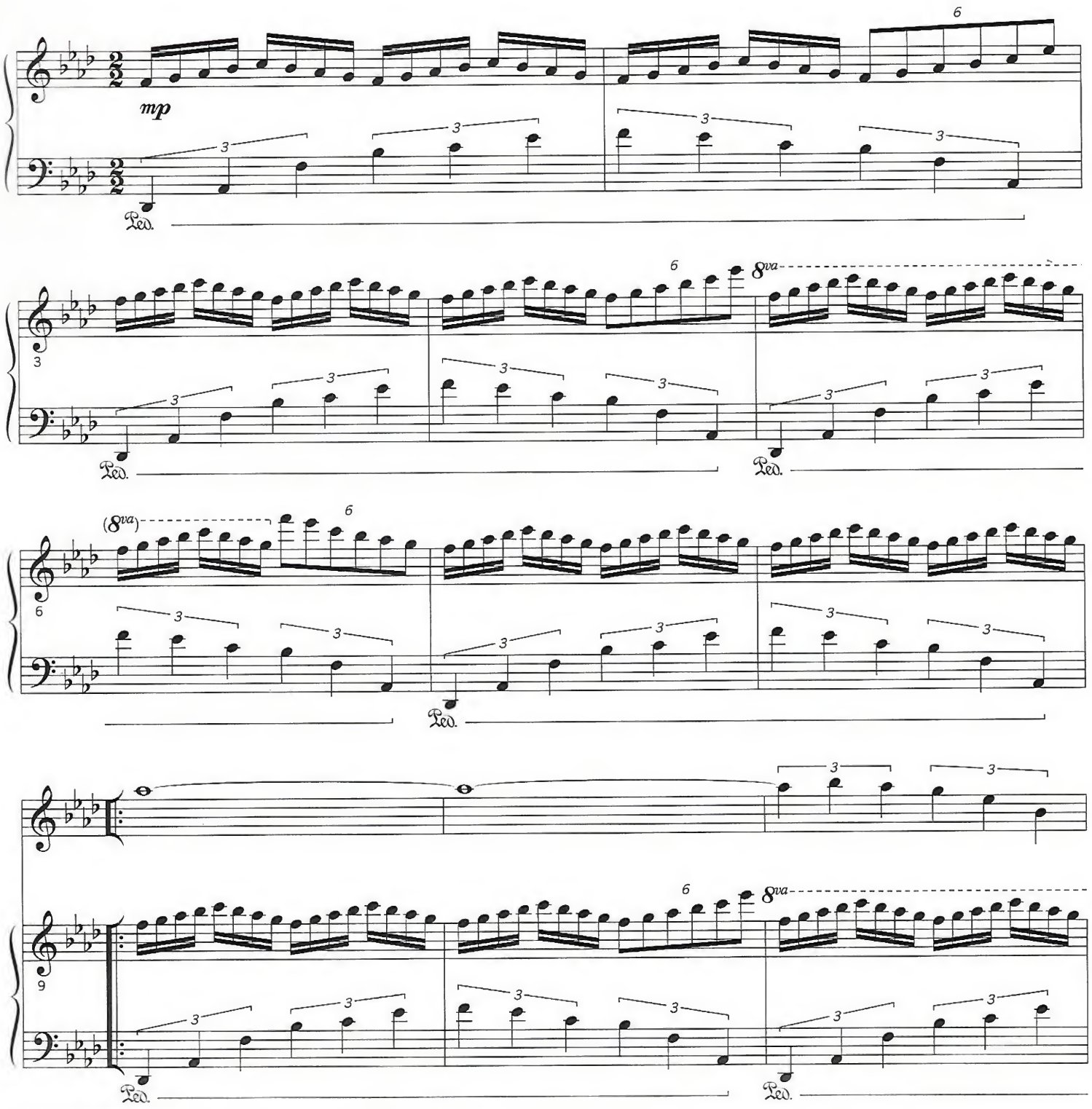

Em7
A7(13)
C7(13)
B7(13)
A7(13)
1
2
- nhes, não!
- tes, não!
Sou eu...
Se_u - ma_es - tra-
Sou eu...
19
Dmaj7
Em7
A7(13)
Dmaj7
Se des - cer dos céus
O dra - gão lu - nar
24
D6
G♯m7(♭5)
C♯7(9)
F♯maj7
Bm7
Man - da me cha - mar
Pe - lo_a - mor de Deus!
Pois teu an -
29
Em7
A7(13)
F♯m7
Bm7
Em7
- jo bom
Teu O - gum Me - jê
Teu A - la - be - dé
34


A7(13)
Dmaj7
Em7
F♯m7
Dmaj7
Em7
A7(13)
impro trombone
Sou eu!
39
F♯m7
Bm7
Em7
A7(13)
Dmaj7
Bm7
Dmaj7
Dmaj7(9)
1, 2, 3
4
Ao 𝄋 e
Se des - cer dos
46
Dmaj7
Em7
F♯m7
solo voz + trombone
54
Gm7
F♯7(9)
C°
E7/4(13)
59

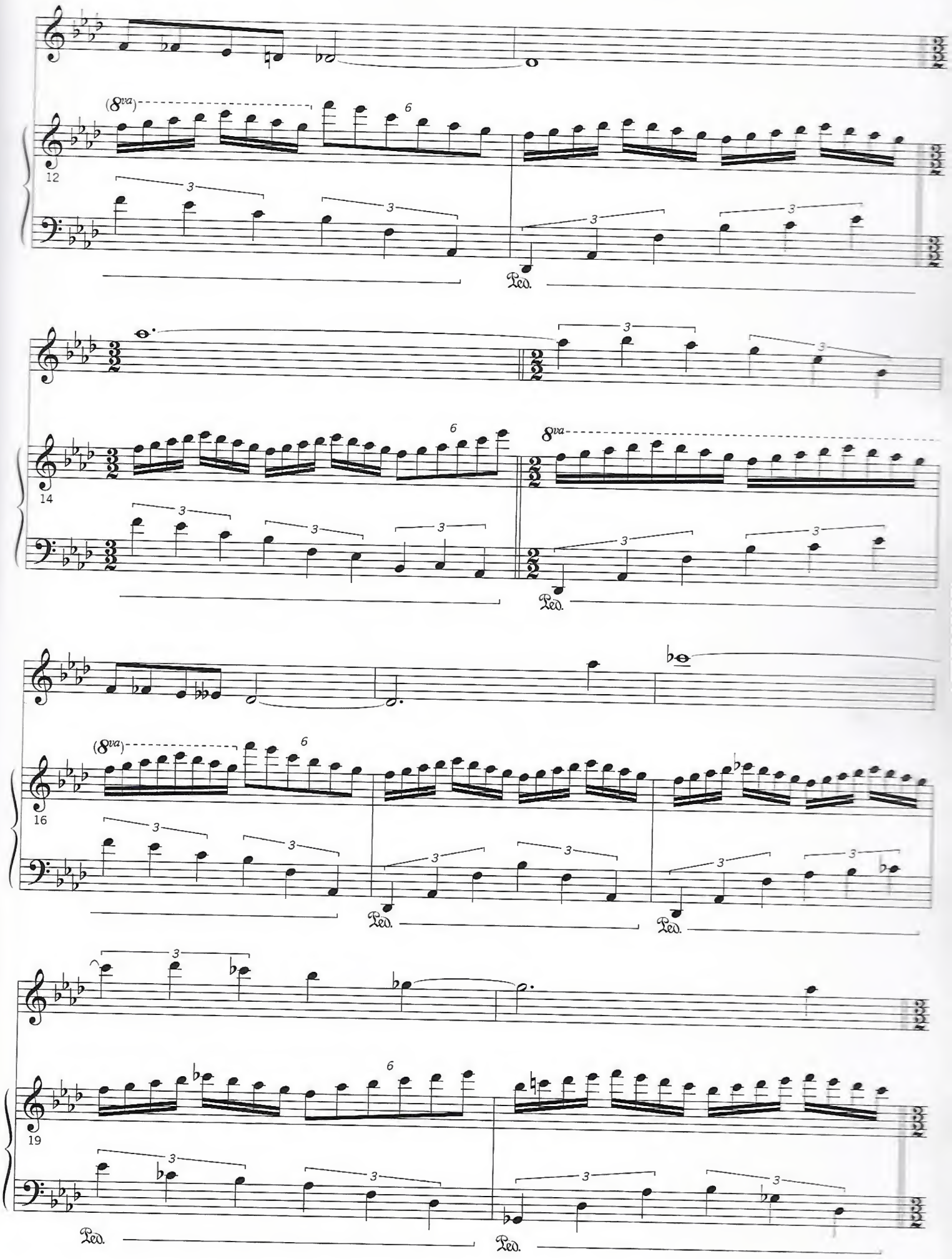

E♭maj7(♯9 ♯11)
Dmaj7
Em7
A7(13)
F♯m7
Se um clarão
Ii - lás
jo bom
Te ba - nhar de luz
Teu O - gum Me - jê
65
Bm7
Em7
A7(13)
C7(13)
B7(13)
1
Não te a - ca - nhes, não!
Teu A - la - be - dé
Sou eu...
Pois teu an-
70
A7(9)
2
Fmaj7
Dmaj7
Fmaj7
Dmaj7
Fmaj7
Sou eu...
Sou eu...
75
Dmaj7
Fmaj7
Dmaj7
Fmaj7
E♭maj7(6 9)
Dmaj7(9)
Sou eu...
81

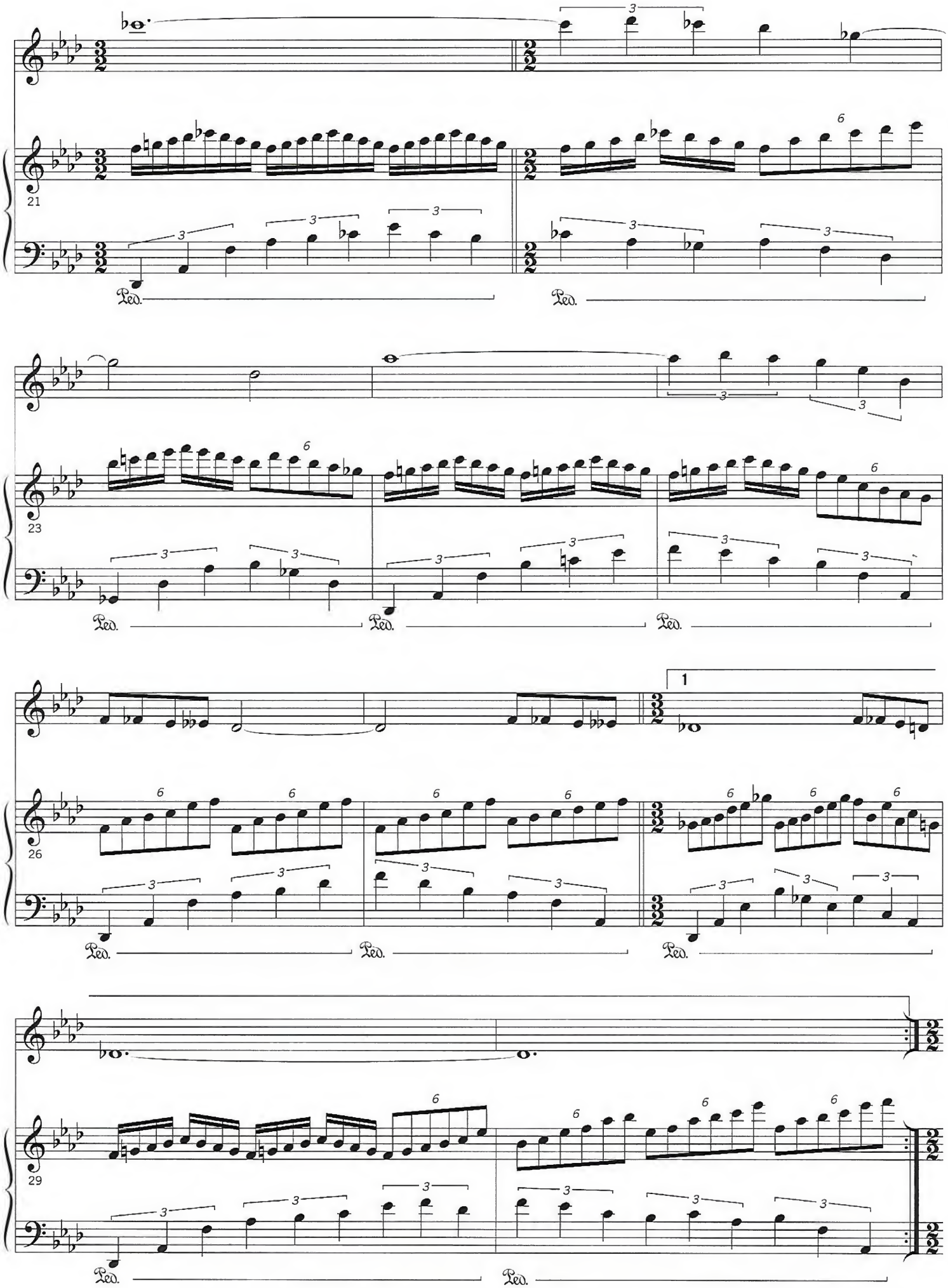
BLUISHMEN

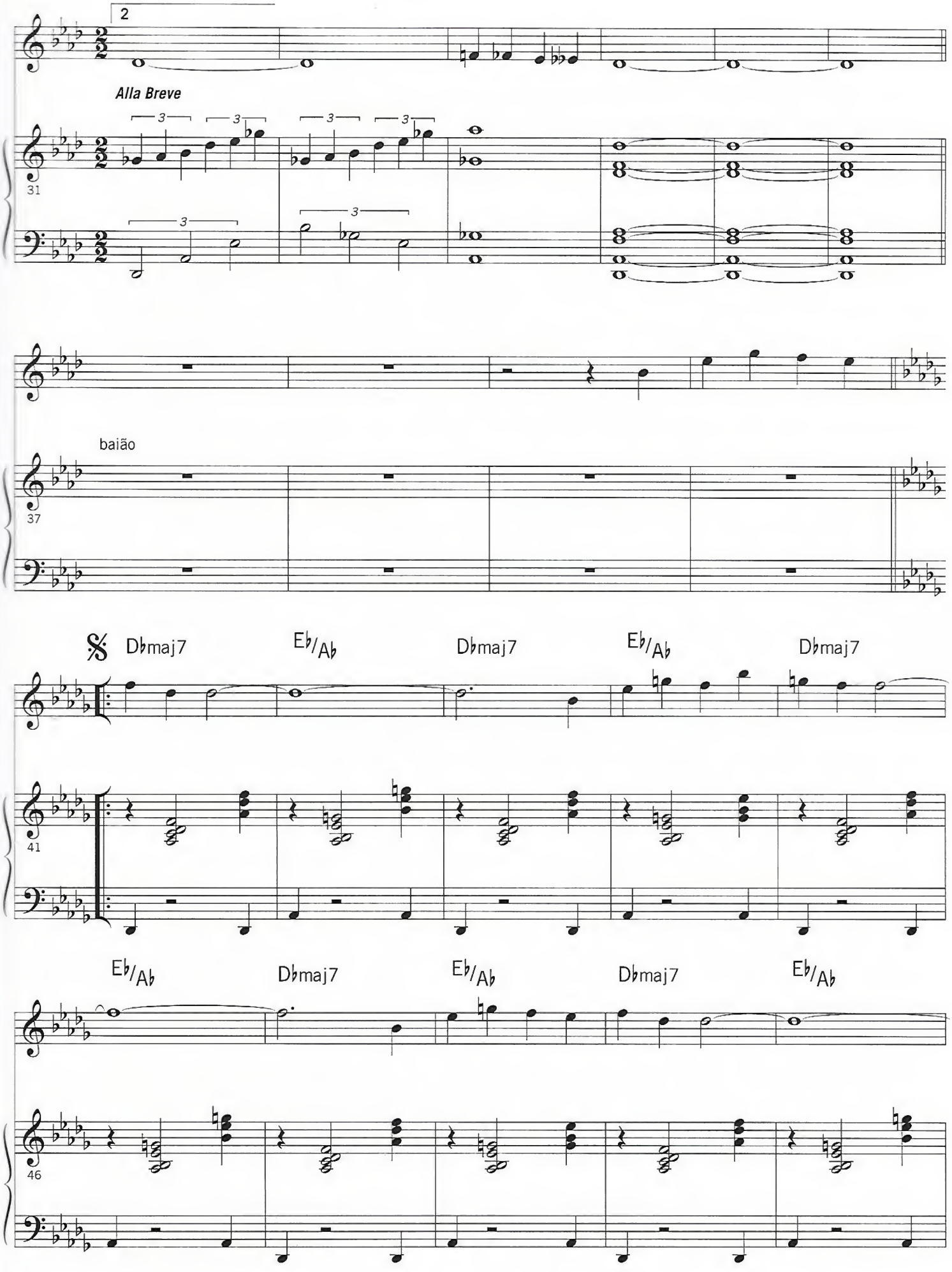
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

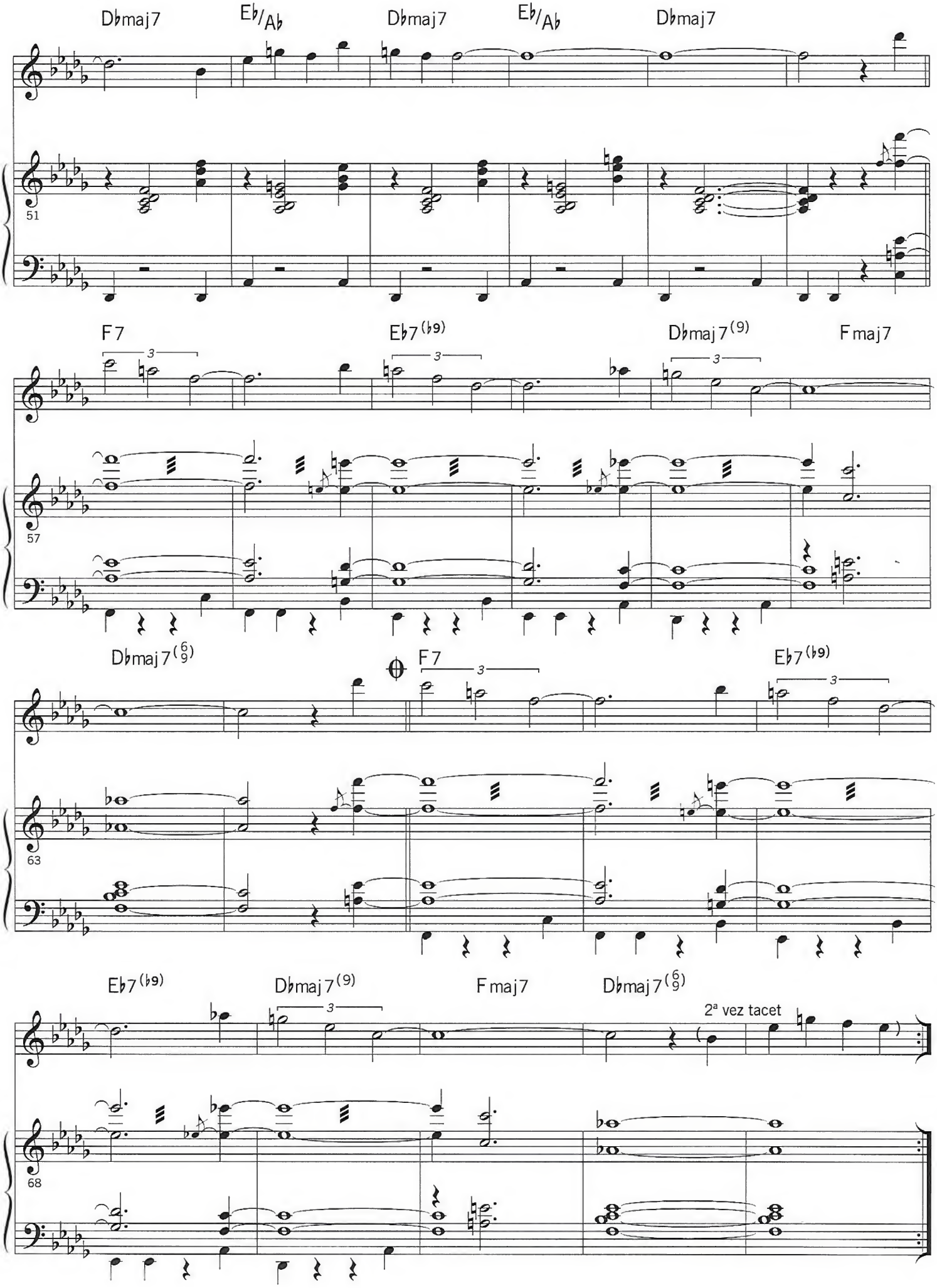


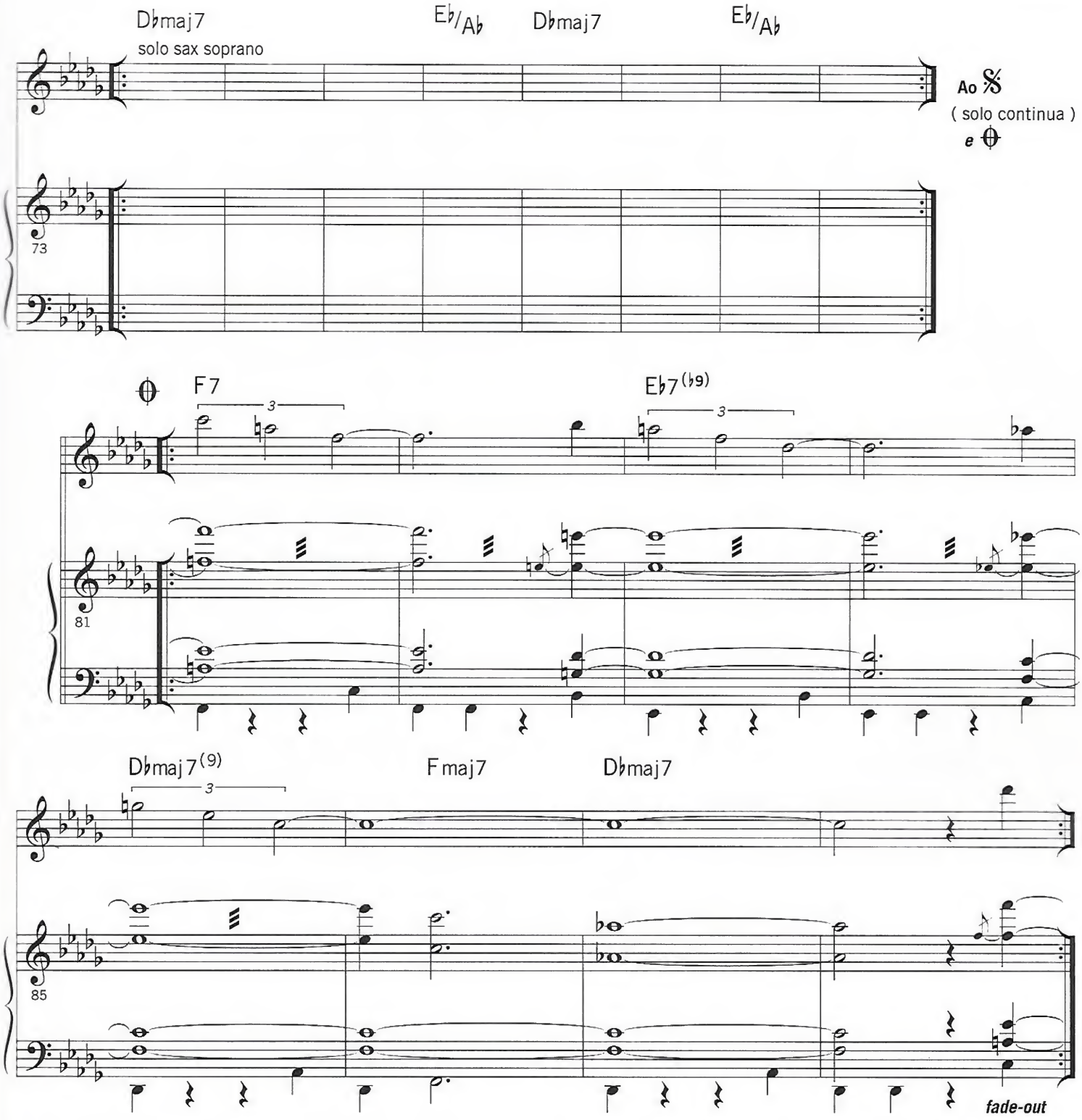
copyright © 2000 Copyrights


(8va)
12
Ped.
14
8va
Ped.
(8va)
16
Ped.
Ped.
19
Ped.
Ped.


21
Ped.
Ped.
23
Ped.
Ped.
Ped.
1
26
Ped.
Ped.
Ped.
29
Ped.
Ped.

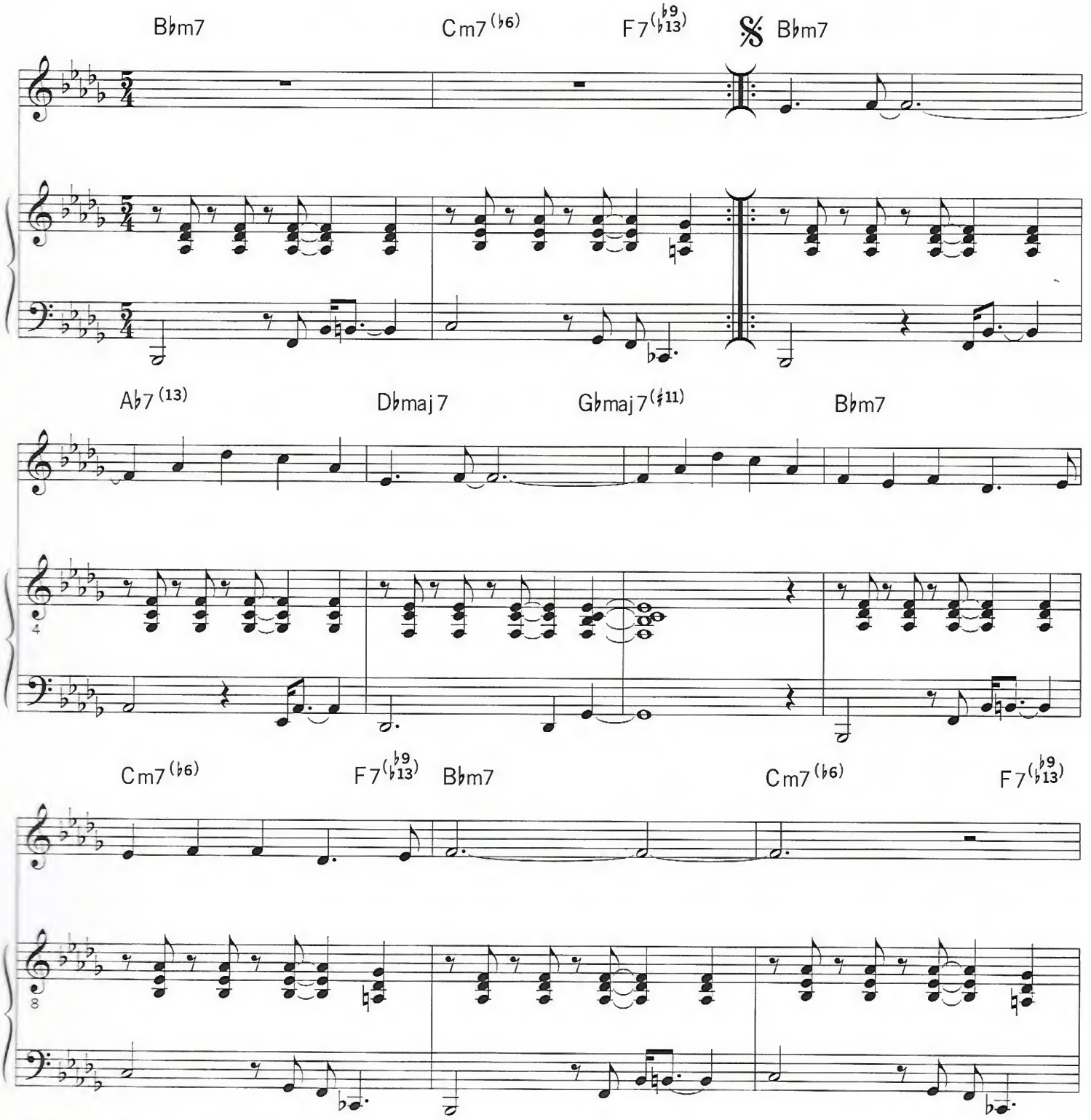

2
Alla Breve
31
baião
37
𝄋 Dbmaj7
Eb/Ab
Dbmaj7
Eb/Ab
Dbmaj7
41
Eb/Ab
Dbmaj7
Eb/Ab
Dbmaj7
Eb/Ab
46


Dbmaj7
Eb/Ab
Dbmaj7
Eb/Ab
Dbmaj7
51
F7
Eb7(b9)
Dbmaj7(9)
Fmaj7
57
Dbmaj7(6/9)
F7
Eb7(b9)
63
Eb7(b9)
Dbmaj7(9)
Fmaj7
Dbmaj7(6/9)
2ª vez tacet
68

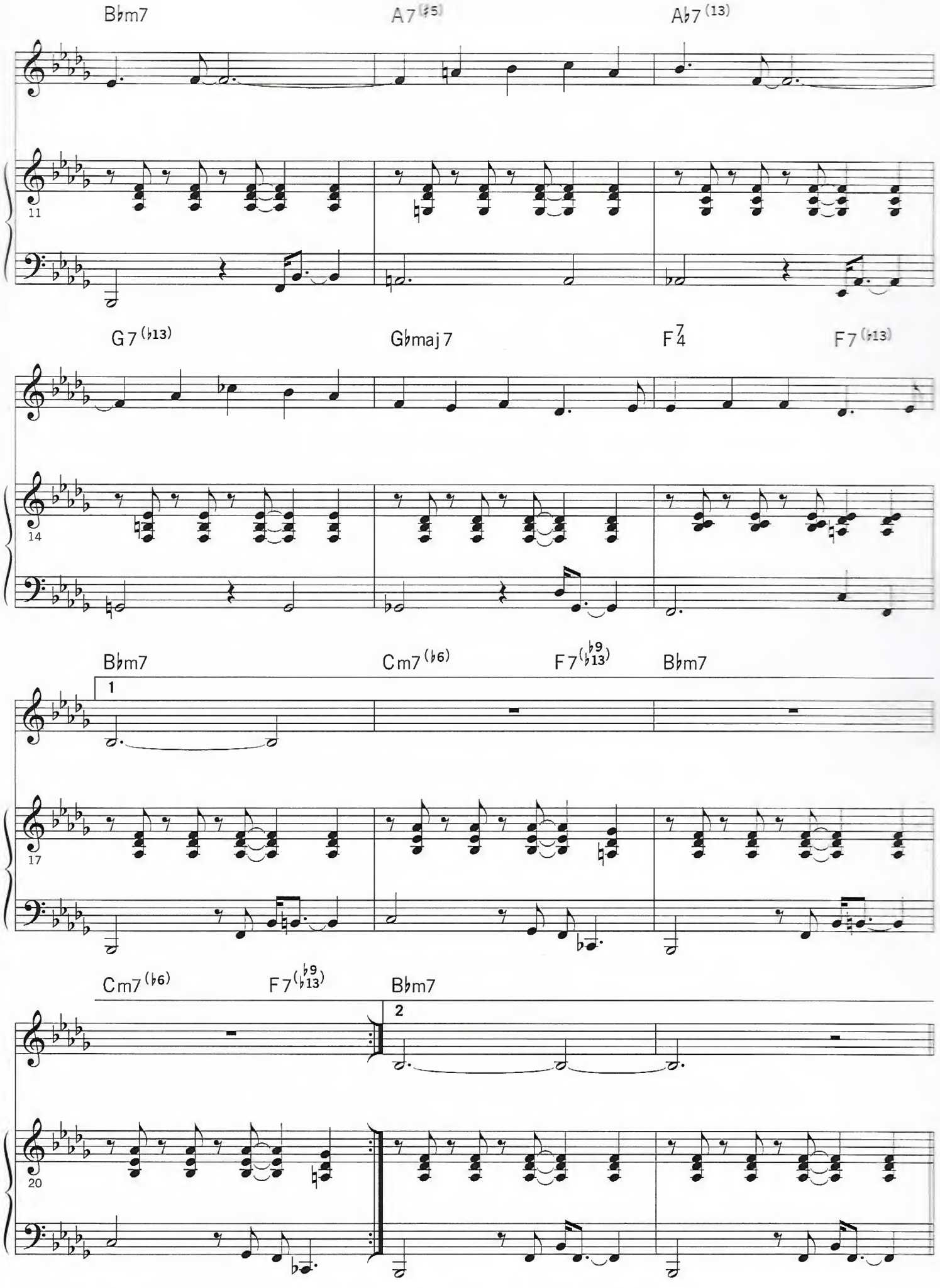

Dbmaj7
solo sax soprano
Eb/Ab
Dbmaj7
Eb/Ab
Ao 𝄋
(solo continua)
e
73
F7
Eb7(b9)
81
Dbmaj7(9)
Fmaj7
Dbmaj7
85
fade-out

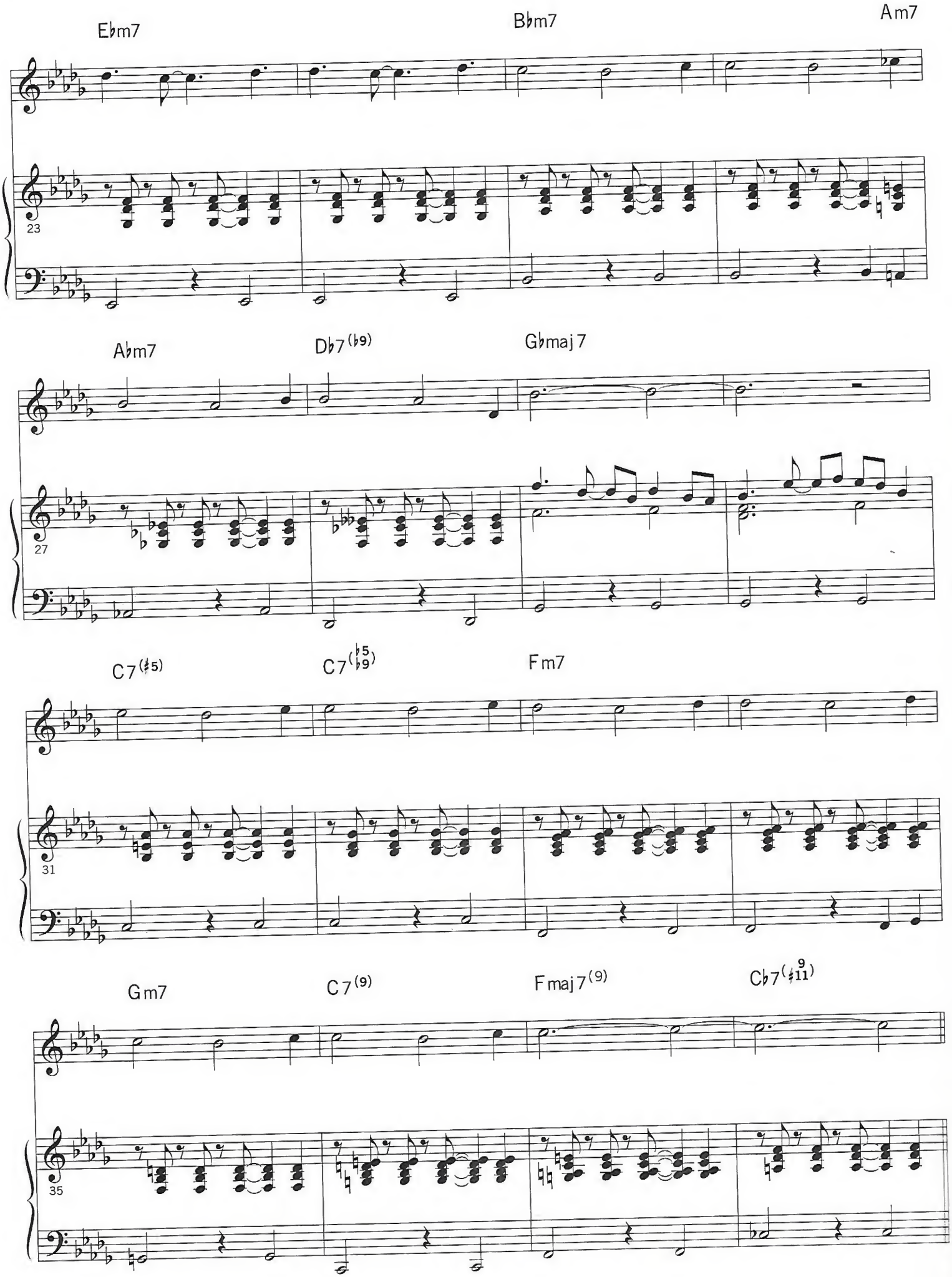
KATHY

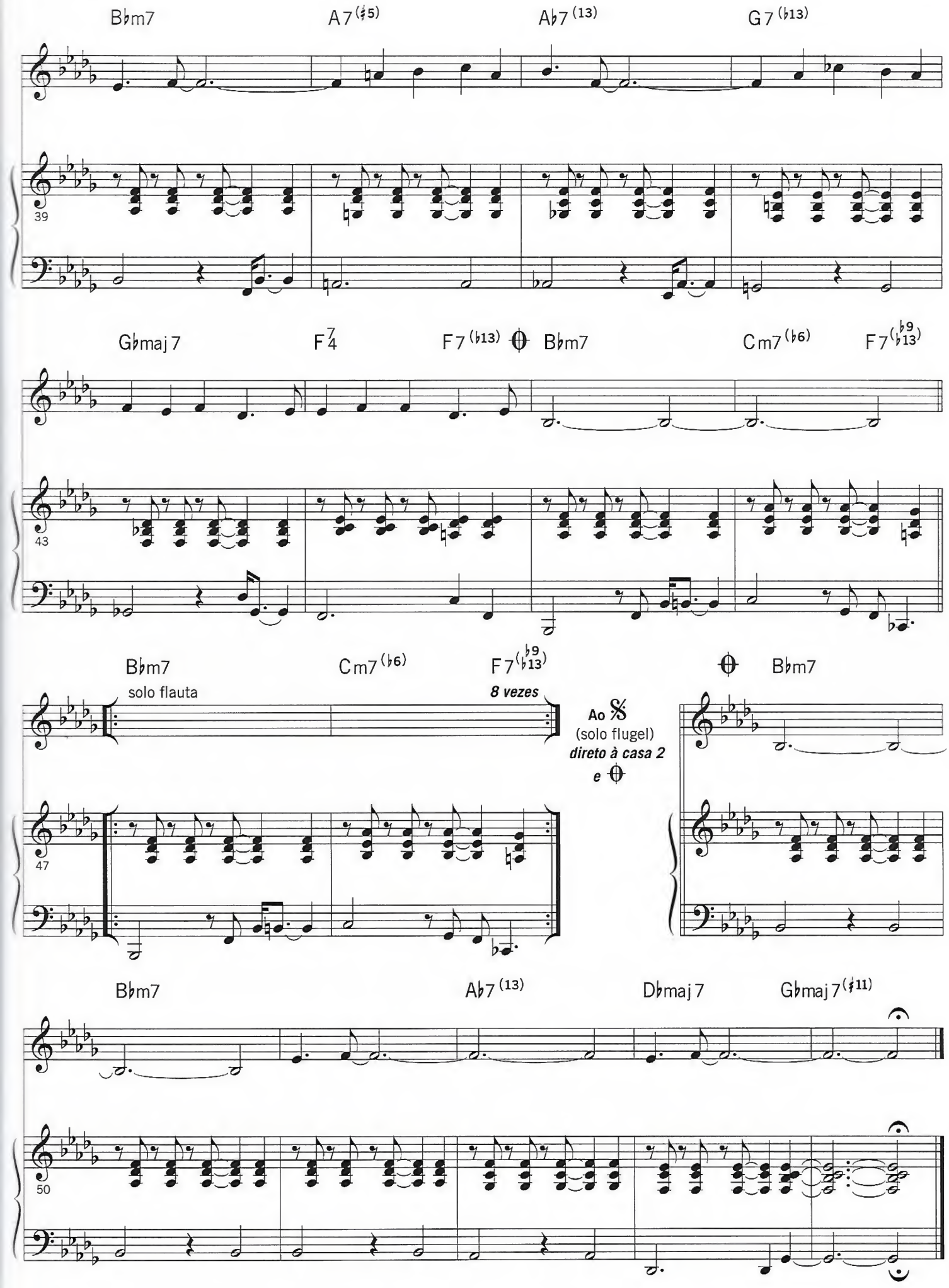
Moacir Santos | Jay Livingston | Ray Evans
adaptação Mario Adnet



copyright © 1998 Warner Chappel

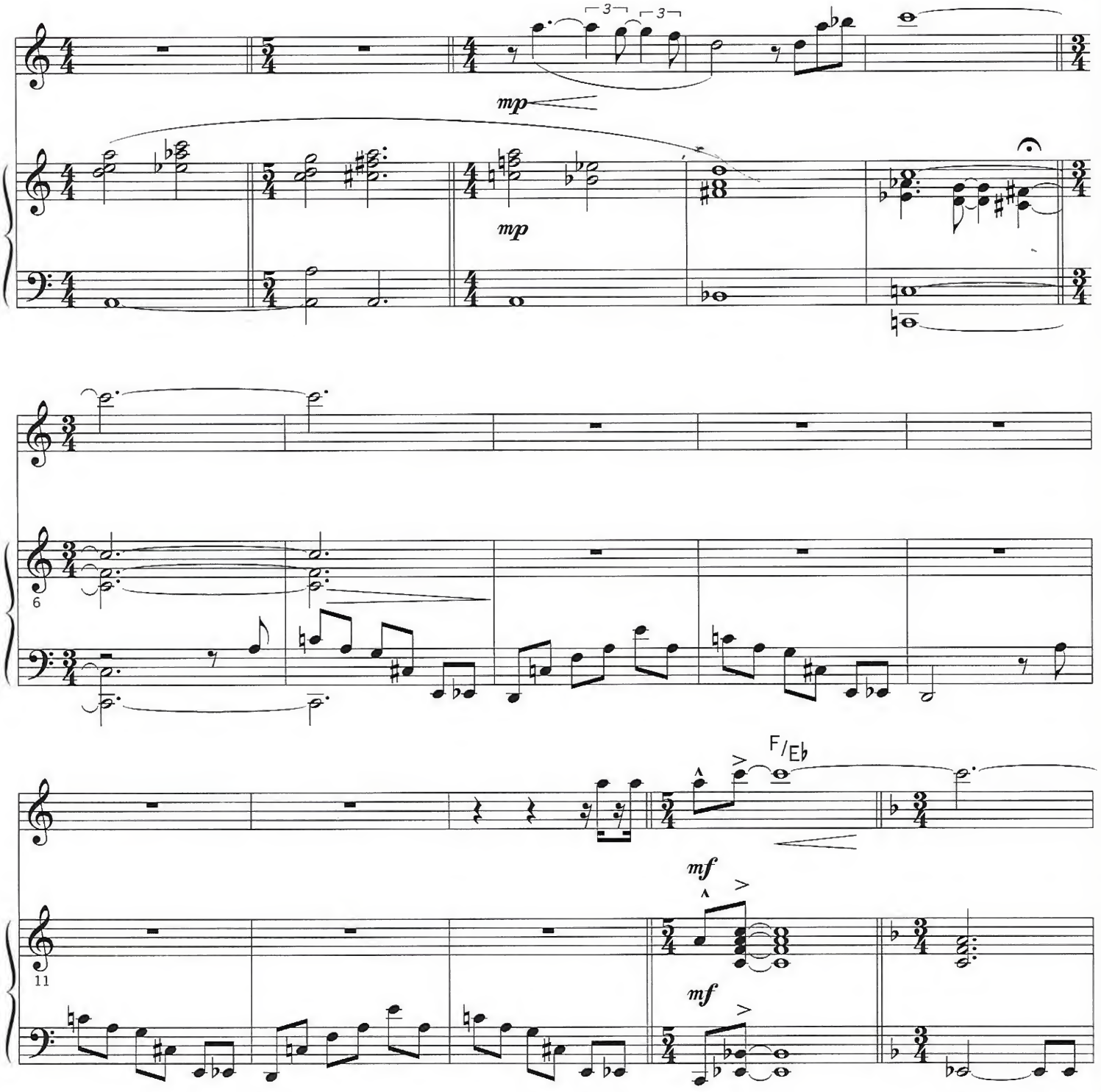

B♭m7
A7(♯5)
A♭7(13)
11
G7(♭13)
G♭maj7
F7/4
F7(♭13)
14
B♭m7
C m7(♭6)
F7(♭9 ♭13)
B♭m7
1
17
C m7(♭6)
F7(♭9 ♭13)
B♭m7
2
20


Ebm7
Bbm7
Am7
23
Abm7
Db7(b9)
Gbmaj7
27
C7(#5)
C7(b5 b9)
Fm7
31
Gm7
C7(9)
Fmaj7(9)
Cb7(9 #11)
35

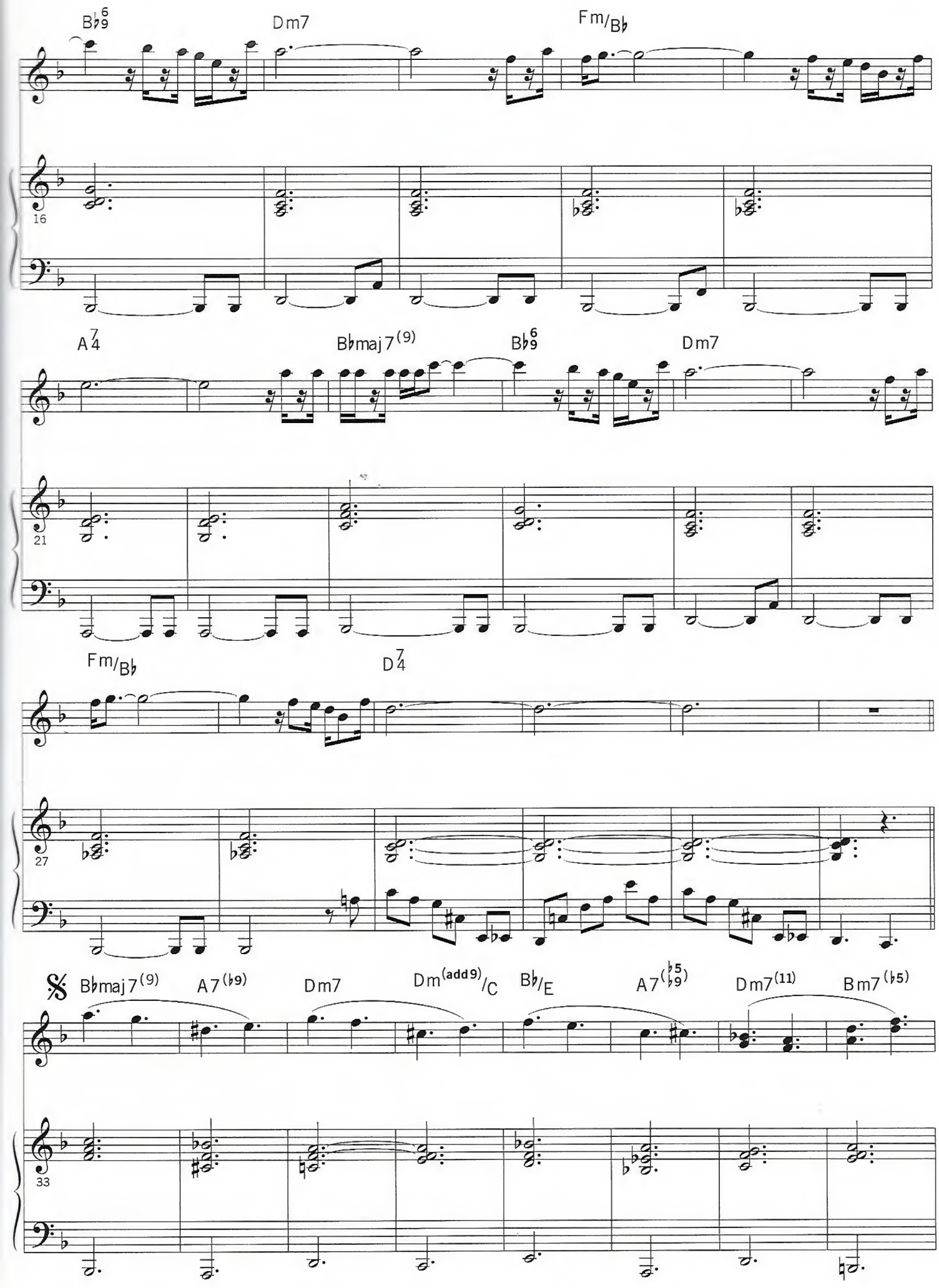

Bbm7
A7(#5)
Ab7(13)
G7(b13)
39
Gbmaj7
F7/4
F7(b13)
Bbm7
Cm7(b6)
F7(b9 b13)
43
Bbm7
solo flauta
Cm7(b6)
F7(b9 b13)
8 vezes
Ao 𝄋
(solo flugel)
direto à casa 2
e
Bbm7
47
Bbm7
Ab7(13)
Dbmaj7
Gbmaj7(#11)
50

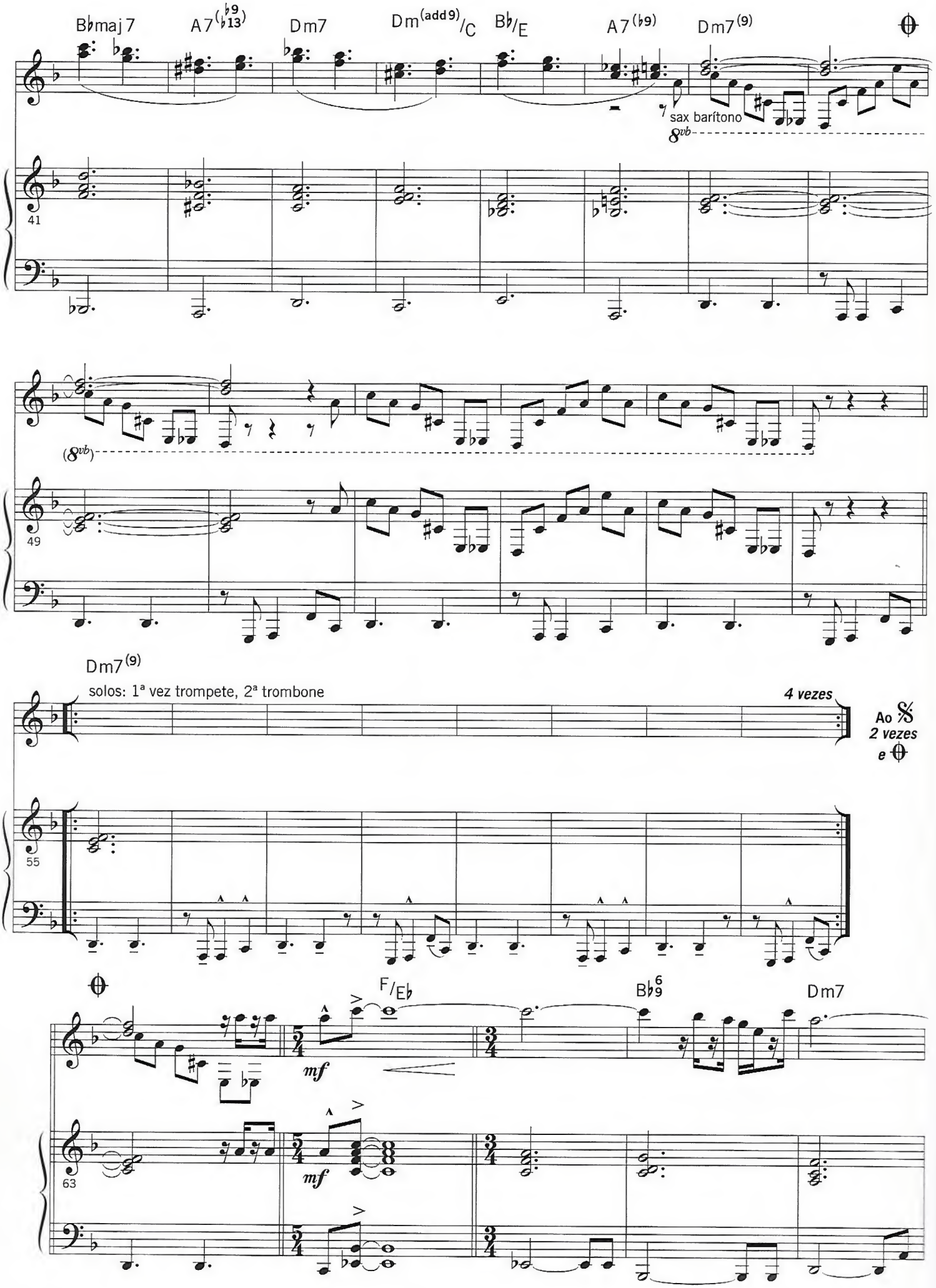
KAMBA

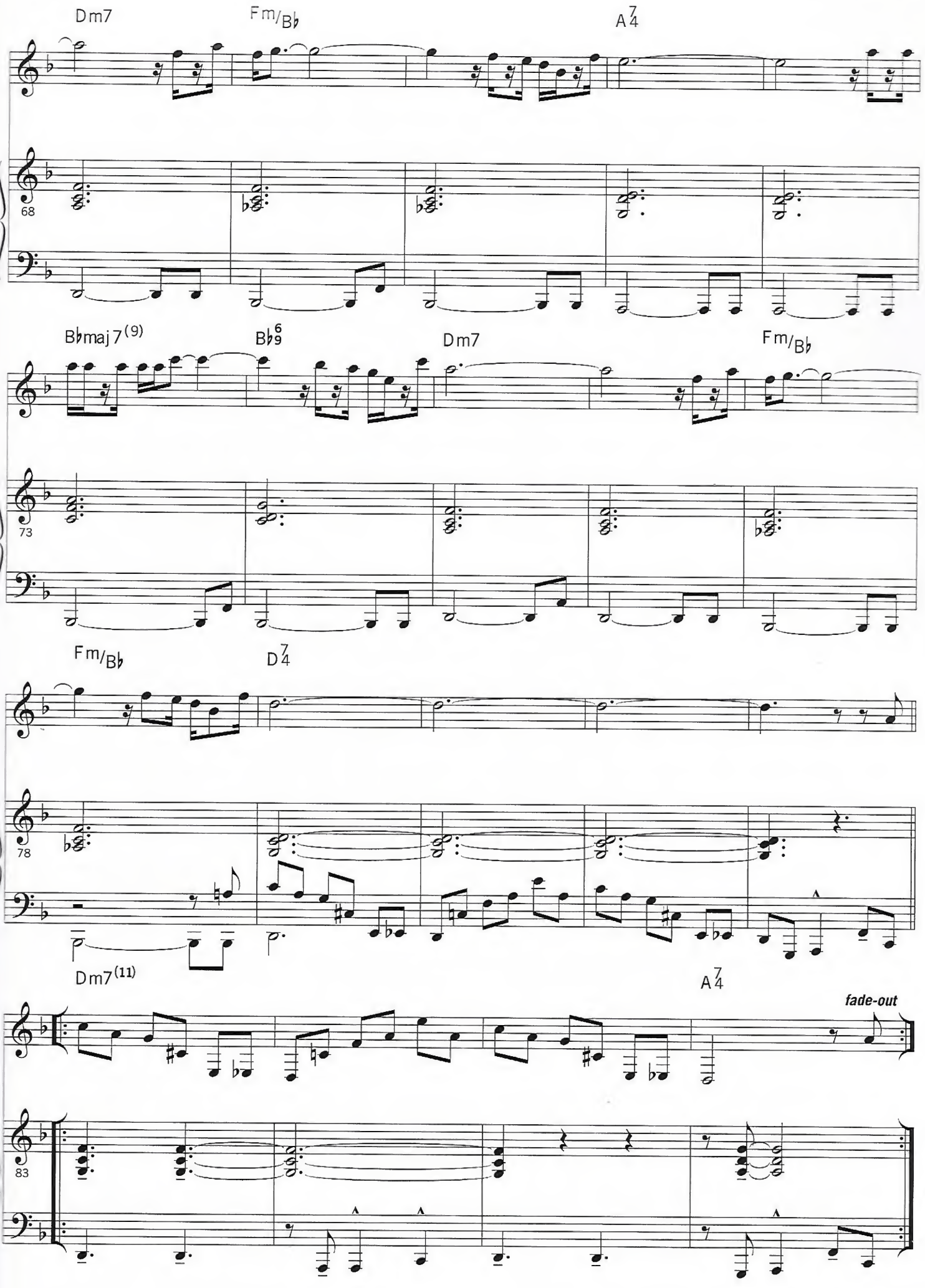
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 2001 Copyrights

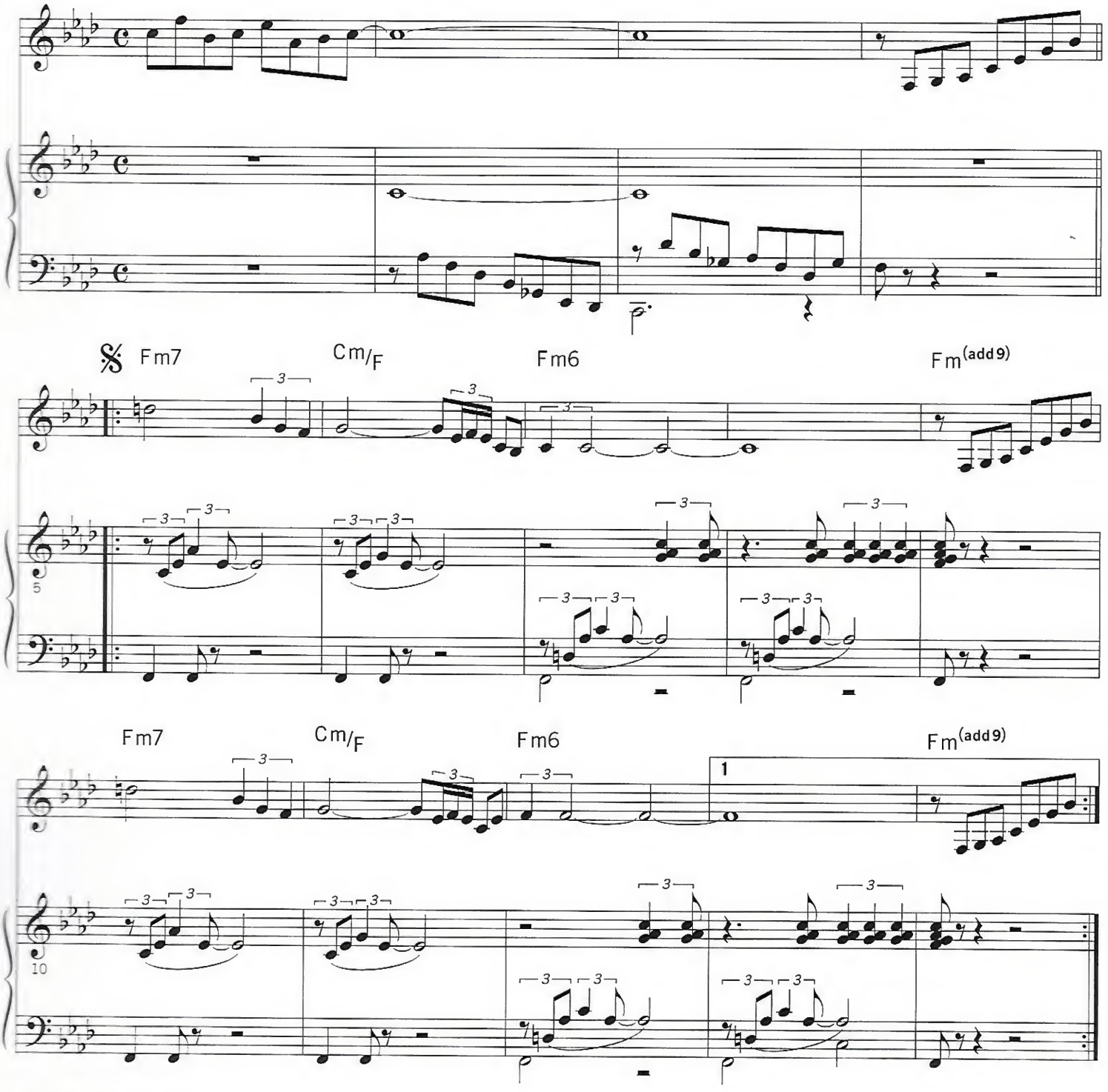

B♭6/9
Dm7
Fm/B♭
16
A7/4
B♭maj7(9)
B♭6/9
Dm7
21
Fm/B♭
D7/4
27
𝄋
B♭maj7(9)
A7(♭9)
Dm7
Dm(add9)/C
B♭/E
A7(♭5/♭9)
Dm7(11)
Bm7(♭5)
33


Bbmaj7
A7(b9 b13)
Dm7
Dm(add9)/C
Bb/E
A7(b9)
Dm7(9)
sax barítono
8vb
41
(8vb)
49
Dm7(9)
solos: 1ª vez trompete, 2ª trombone
4 vezes
Ao 𝄋
2 vezes
e
55
F/Eb
Bb9 6
Dm7
mf
63

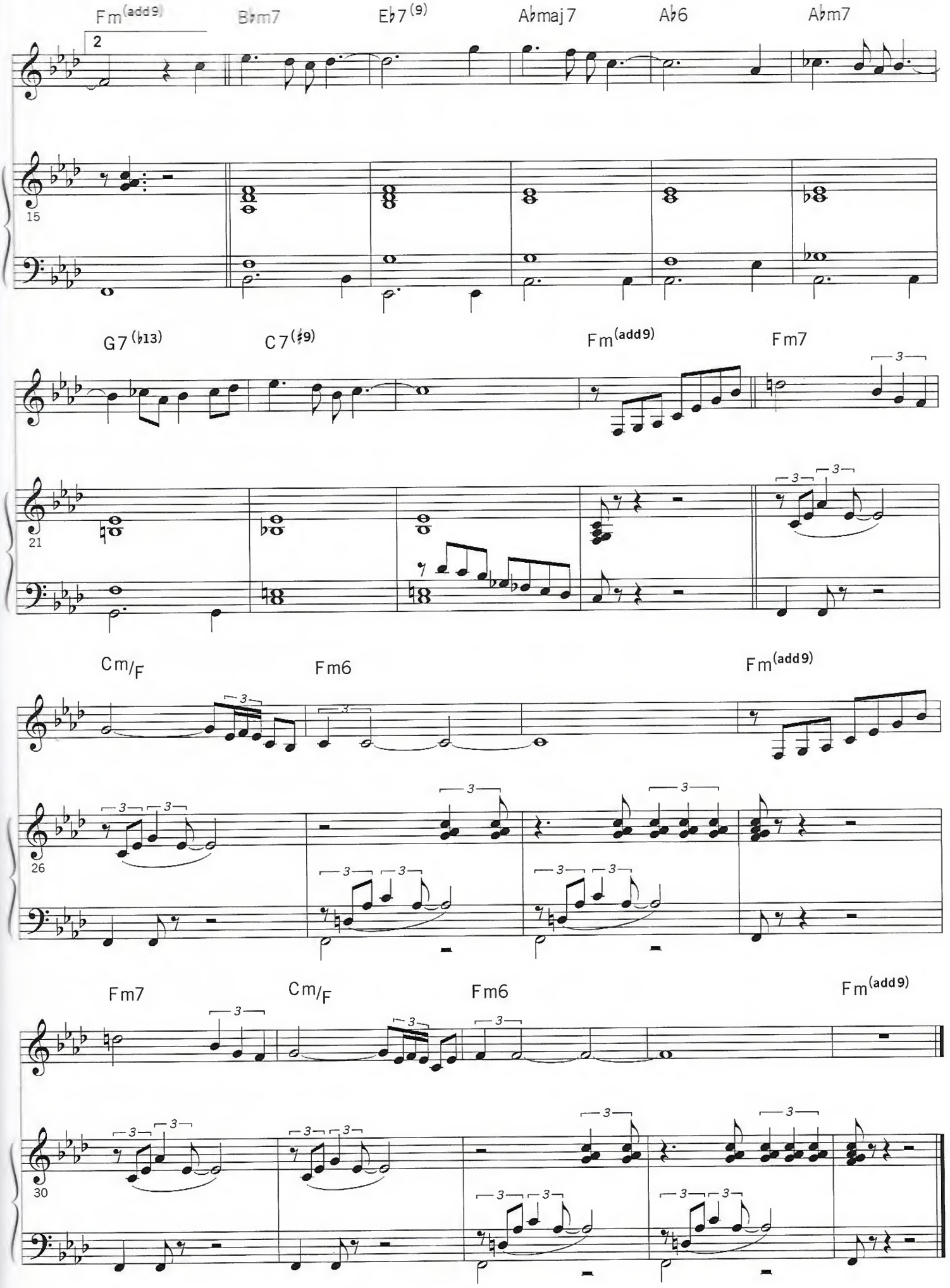

Dm7
Fm/B♭
A7 4
68
B♭maj7(9)
B♭6 9
Dm7
Fm/B♭
73
Fm/B♭
D7 4
78
Dm7(11)
A7 4
fade-out
83

COISA Nº9

Moacir Santos | Regina Werneck
adaptação Mario Adnet

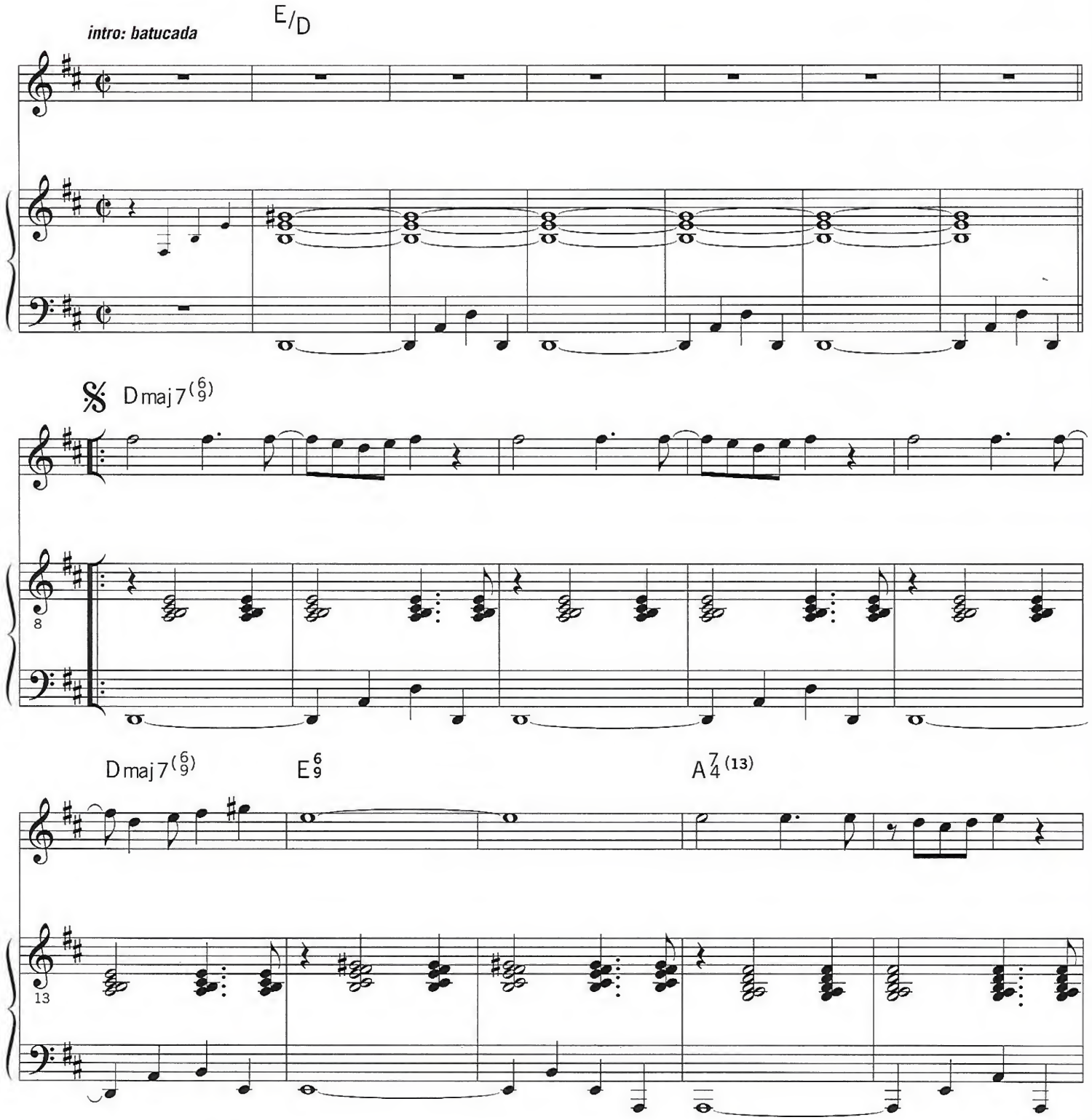


copyright © 2000 Copyrights

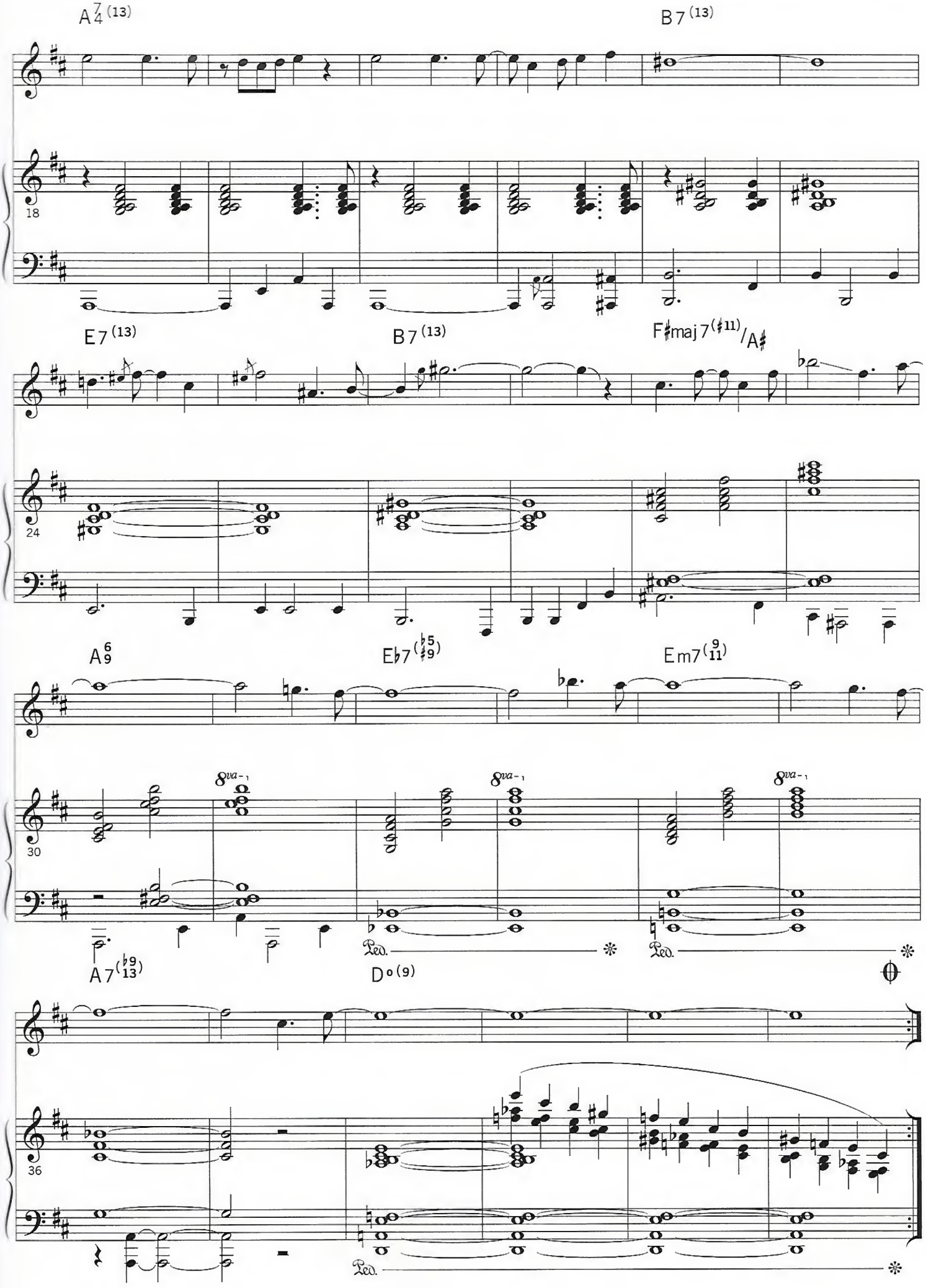

Fm(add9)
Bbm7
Eb7(9)
Abmaj7
Ab6
Abm7
2
15
G7(b13)
C7(#9)
Fm(add9)
Fm7
21
Cm/F
Fm6
Fm(add9)
26
Fm7
Cm/F
Fm6
Fm(add9)
30

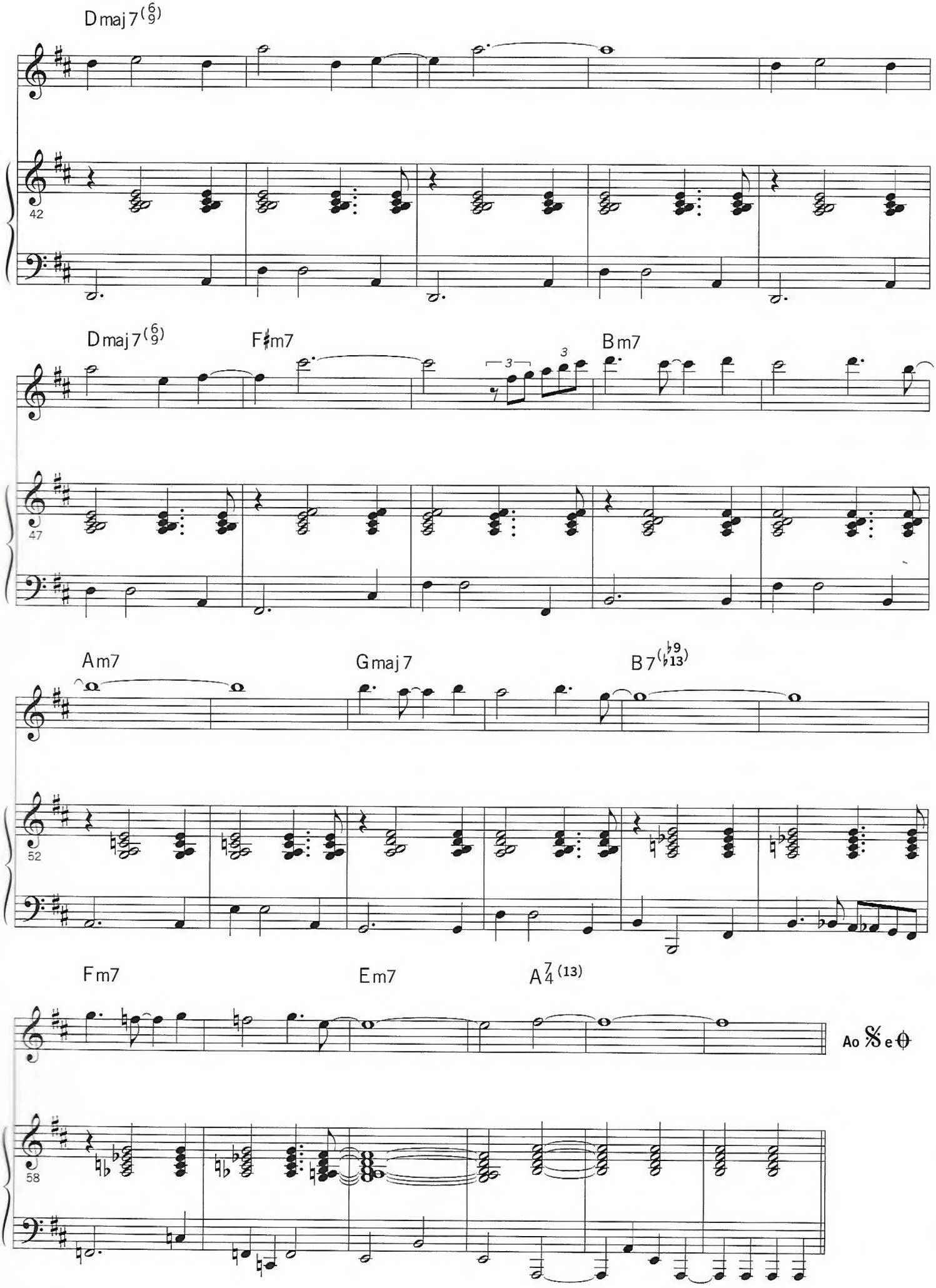
ORFEU QUIET CARNIVAL

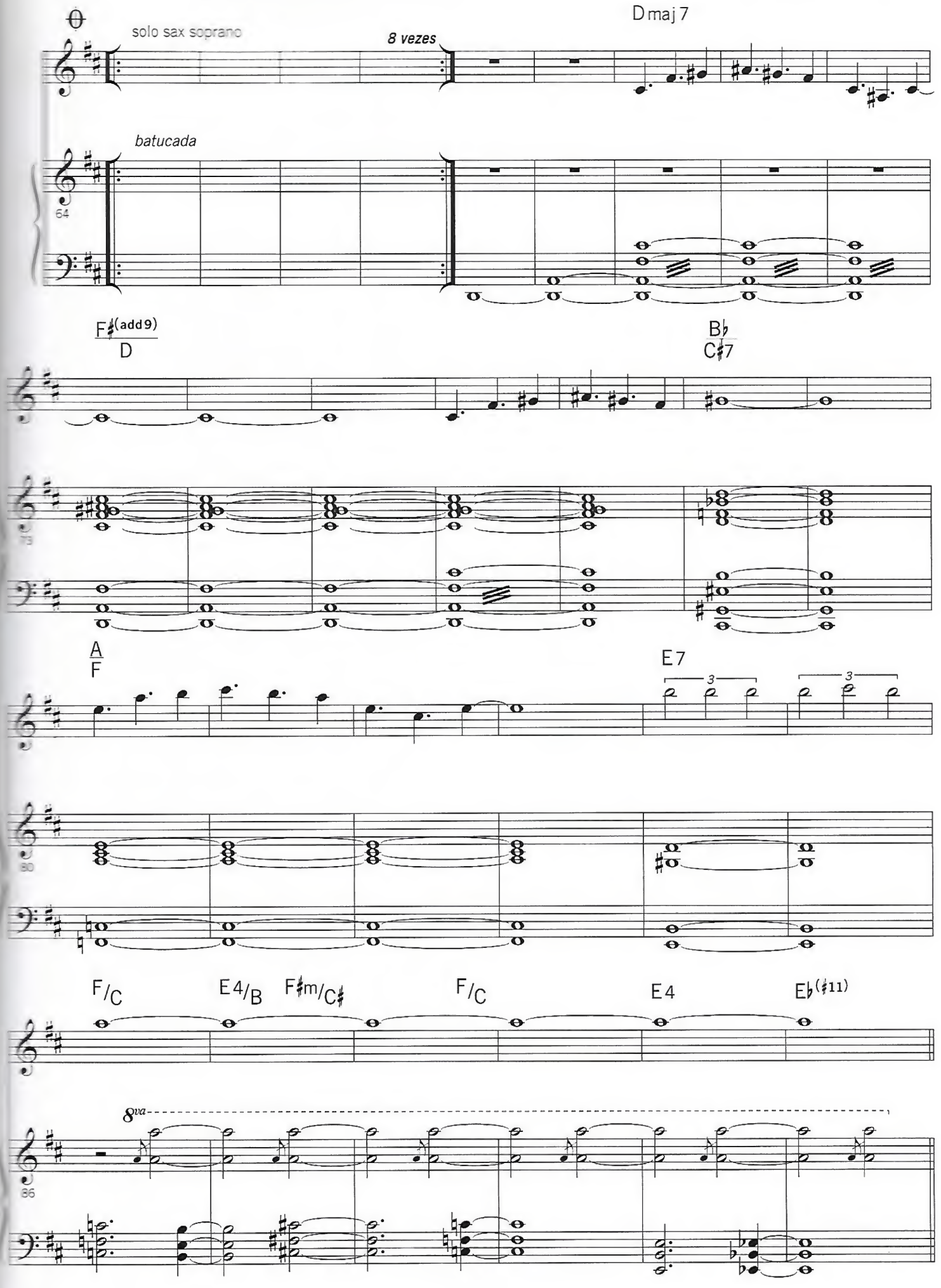
Moacir Santos | Nei Lopes
adaptação Mario Adnet

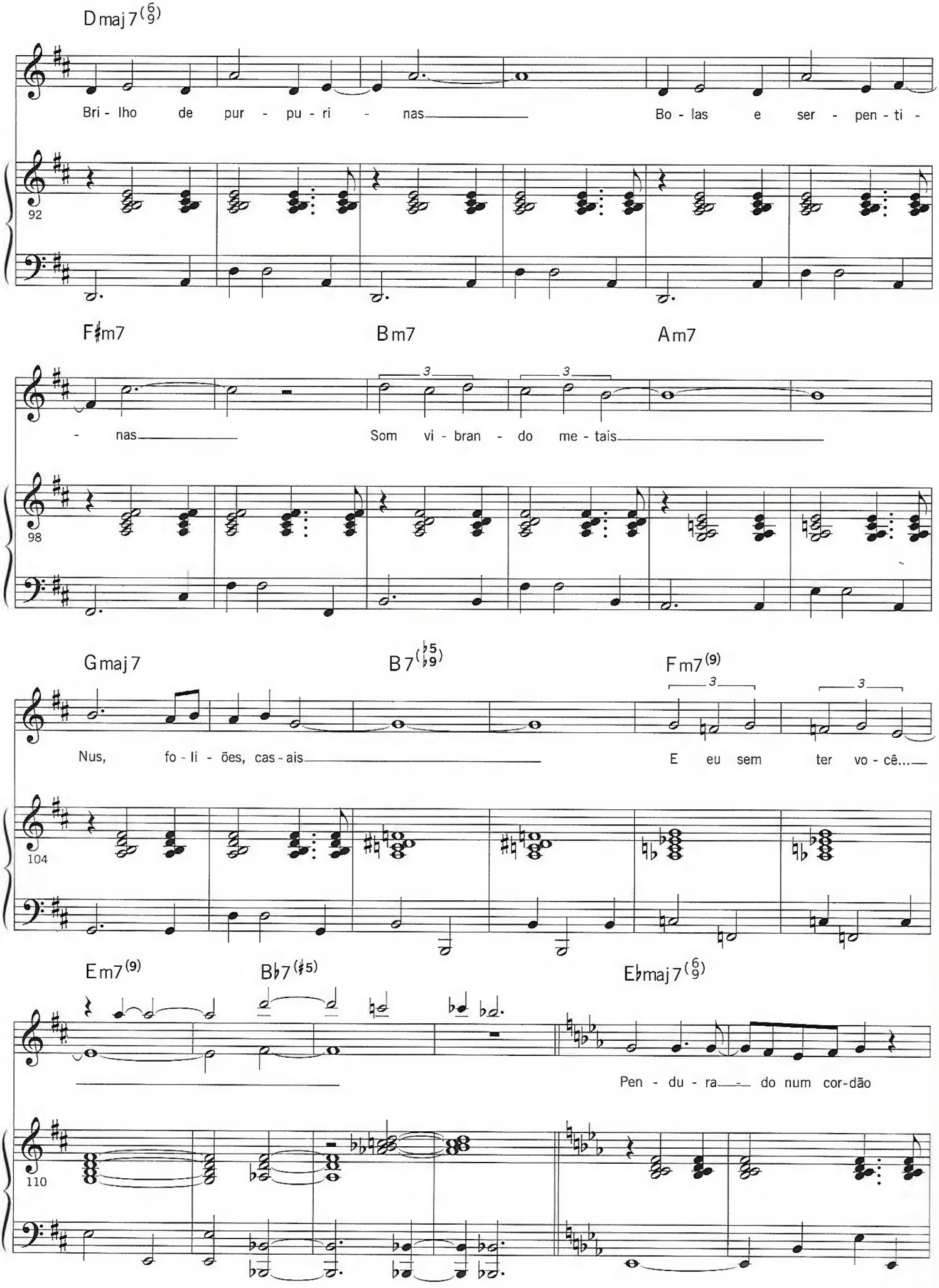


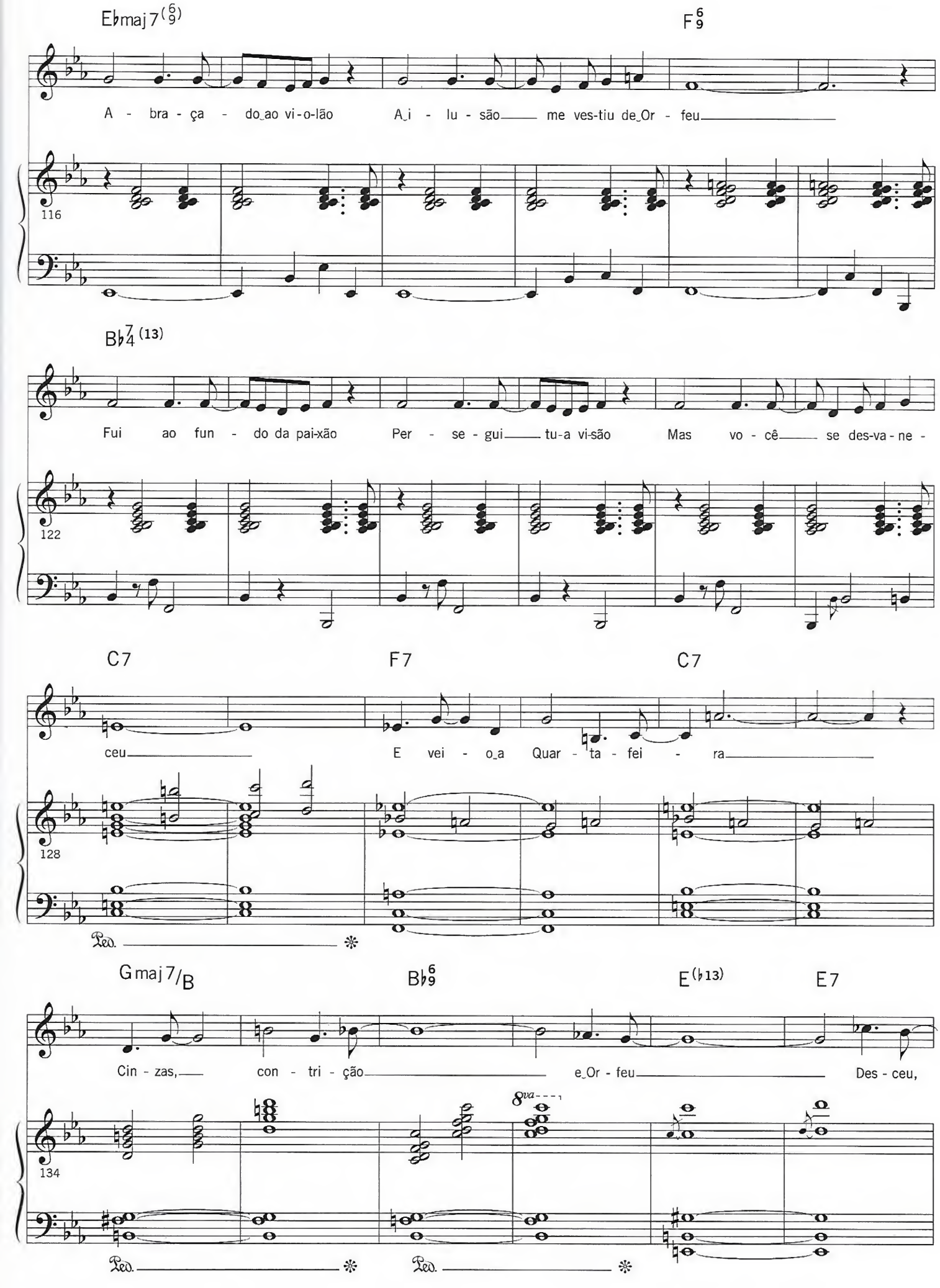
copyright © 2000 Copyrights | 2001 EMI

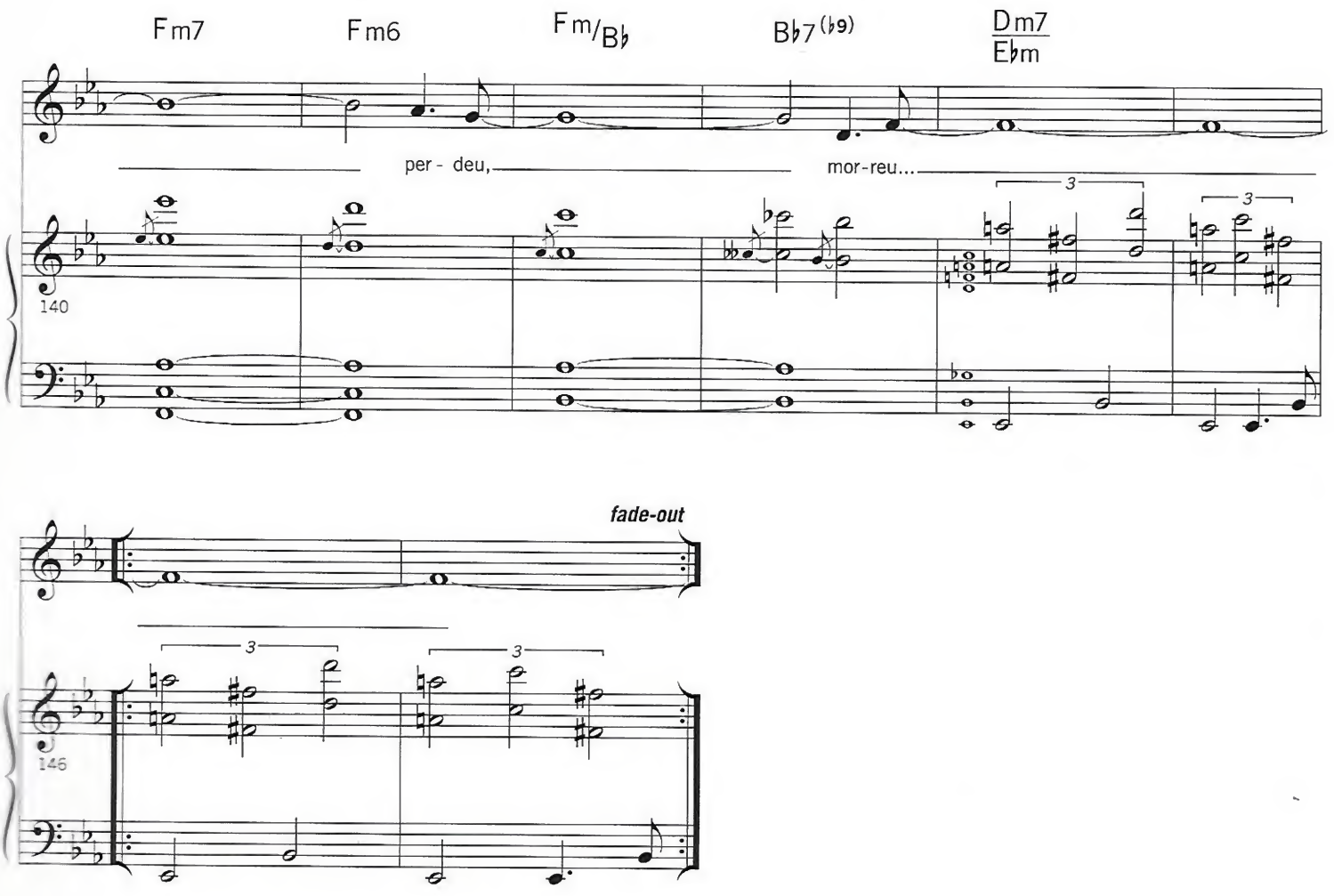

A7/4 (13)
B7 (13)
18
E7 (13)
B7 (13)
F♯maj7 (♯11)/A♯
24
A6/9
E♭7 (♭5/♯9)
Em7 (9/11)
8va
30
A7 (♭9/13)
D° (9)
Ped.
36


Dmaj7(6/9)
42
Dmaj7(6/9)
F♯m7
Bm7
47
Am7
Gmaj7
B7(♭9/♭13)
52
Fm7
Em7
A7/4(13)
Ao 𝄋 e θ
58


solo sax soprano
8 vezes
Dmaj7
batucada
64
F♯(add9)/D
B♭/C♯7
73
A/F
E7
3
3
80
F/C
E4/B
F♯m/C♯
F/C
E4
E♭(♯11)
8va
86


Dmaj7(6/9)
Bri - lho de pur - pu - ri - nas Bo - las e ser - pen - ti -
92
F♯m7
Bm7
Am7
- nas Som vi - bran - do me - tais
98
Gmaj7
B7(♭5/♭9)
Fm7(9)
Nus, fo - li - ões, cas - ais E eu sem ter vo - cê...
104
Em7(9)
B♭7(♯5)
E♭maj7(6/9)
Pen - du - ra - do num cor-dão
110

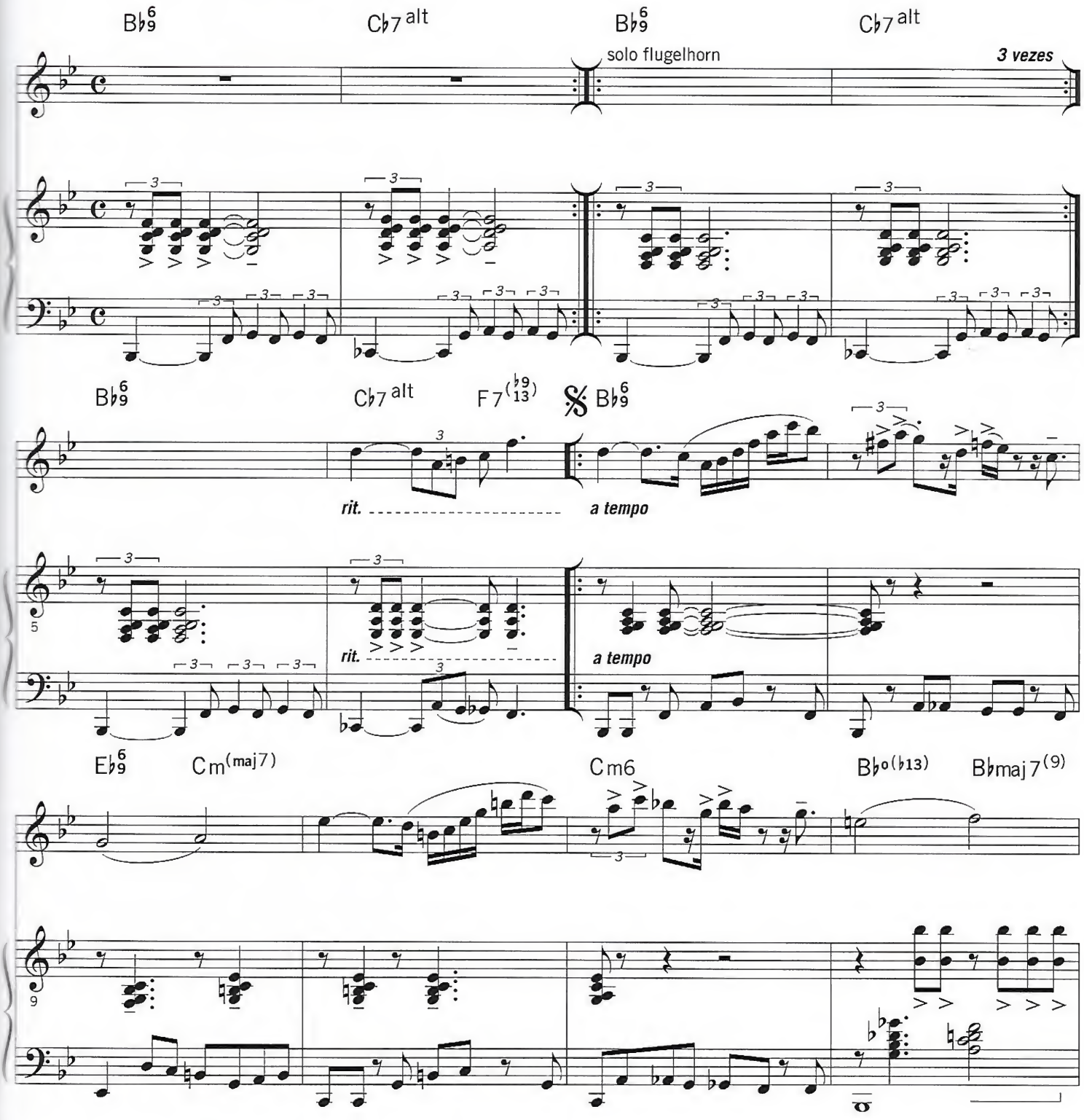

Ebmaj7(6/9)
F6/9
A - bra - ça - do ao vi-o-lão
A i - lu - são me ves-tiu de Or - feu
116
Bb7/4(13)
Fui ao fun - do da pai-xão
Per - se - gui tu-a vi-são
Mas vo - cê se des-va-ne -
122
C7
F7
C7
ceu
E vei - o a Quar - ta - fei - ra
128
Ped.
Gmaj7/B
Bb6/9
E(b13)
E7
Cin - zas, con - tri - ção
e Or - feu
Des - ceu,
8va
134
Ped.
Ped.


Fm7
Fm6
Fm/B♭
B♭7(♭9)
Dm7
E♭m
per - deu,
mor-reu...
3
3
140

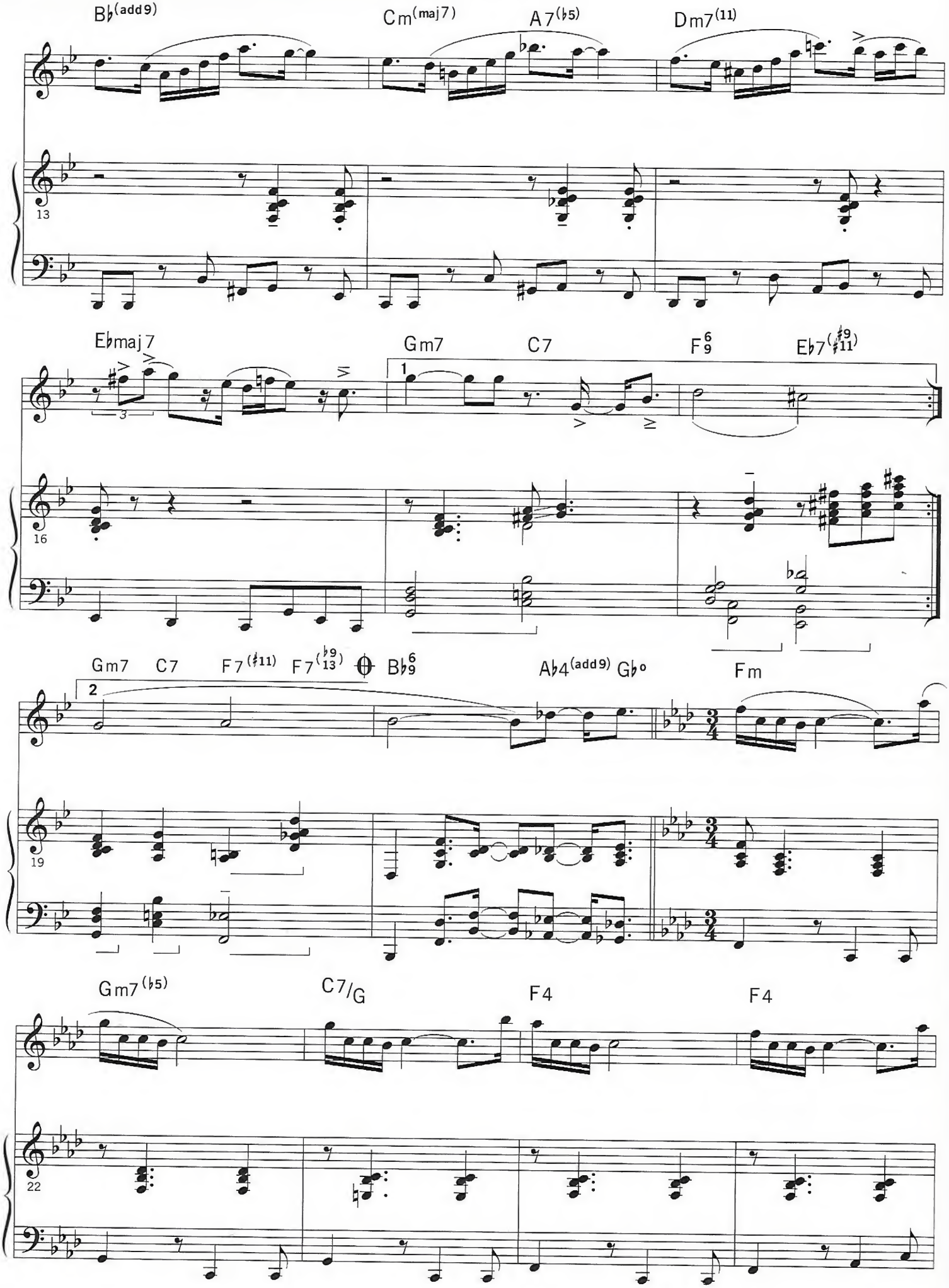
fade-out
3
3
146

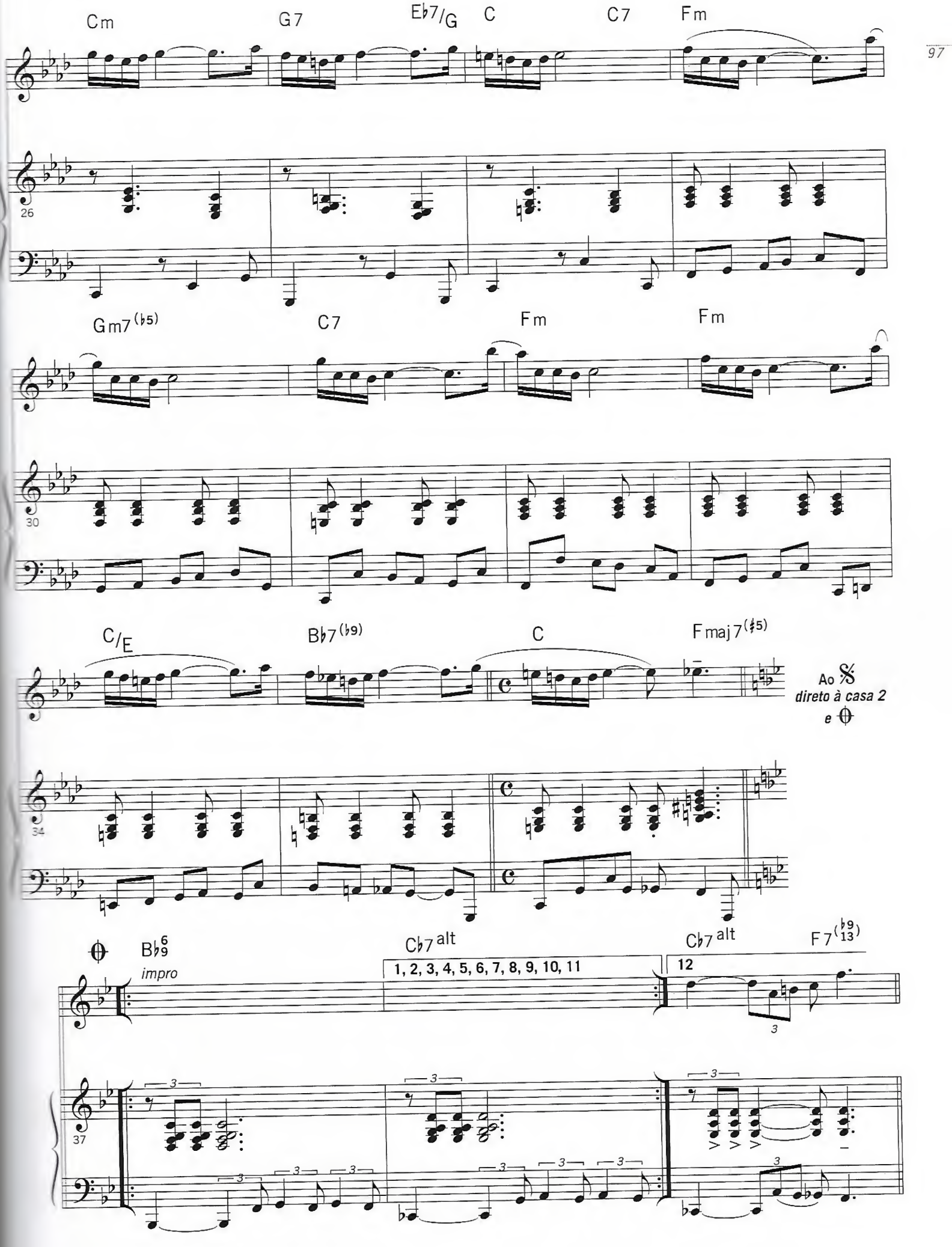
AMALGAMATION

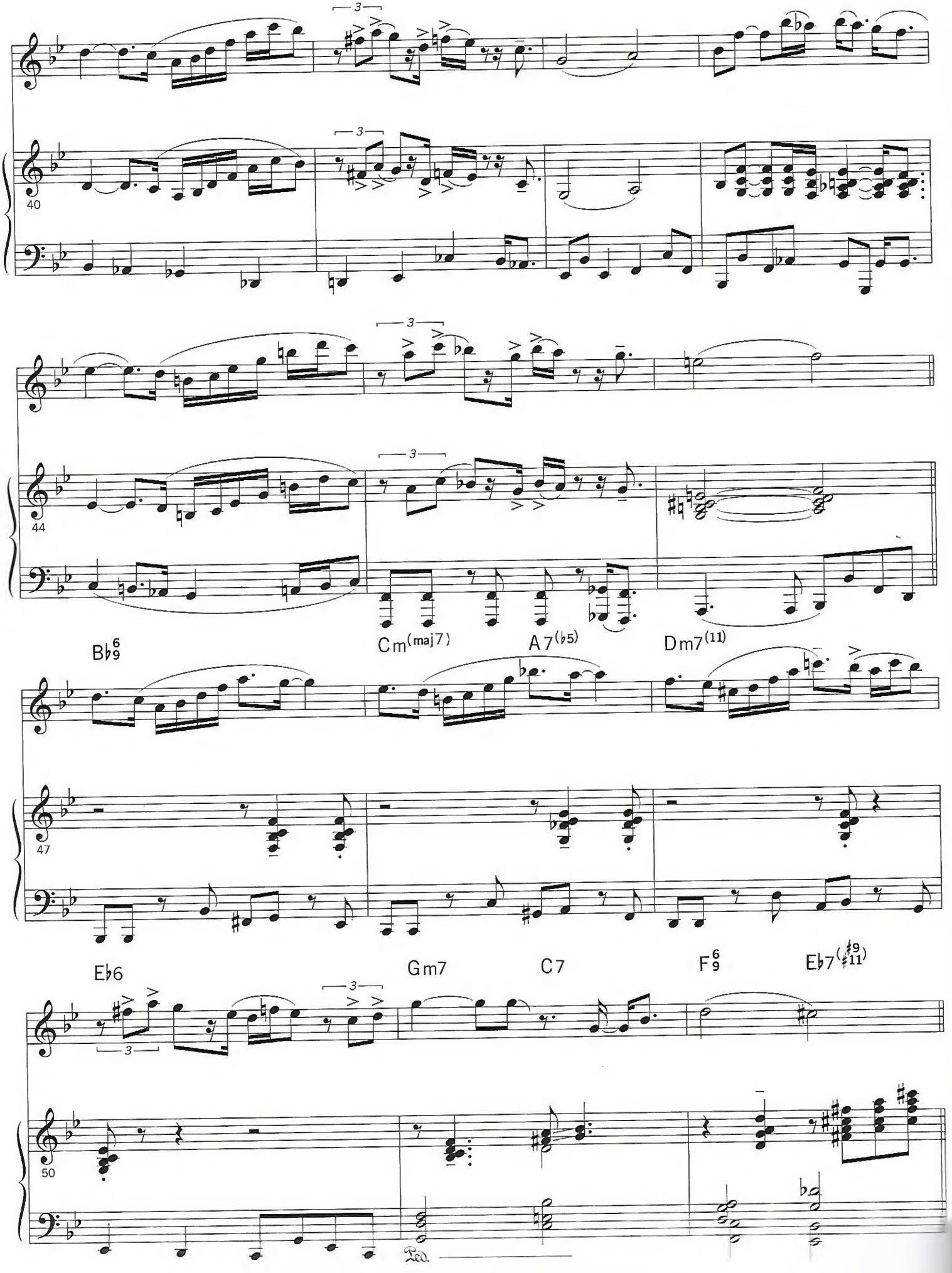
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

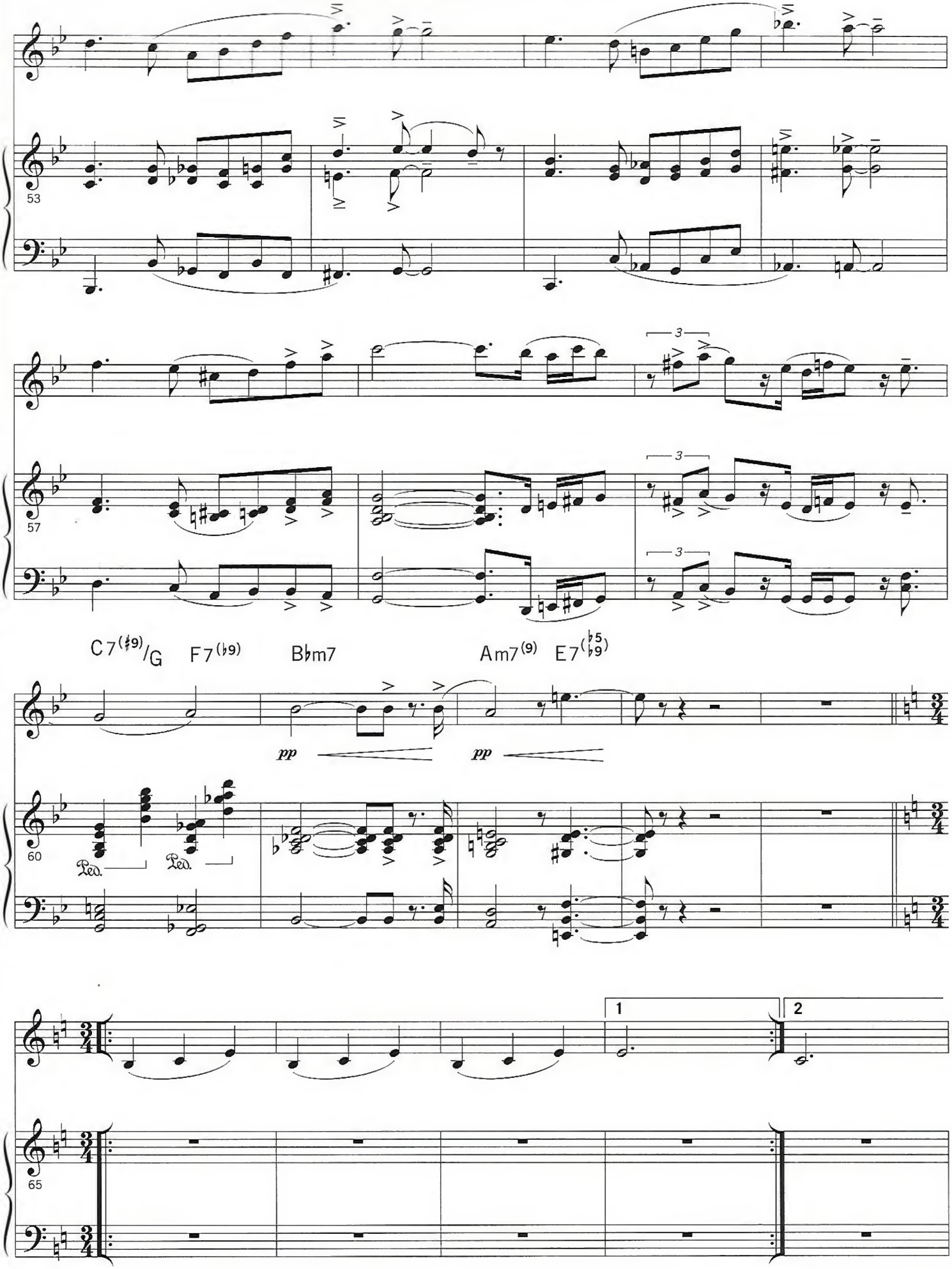


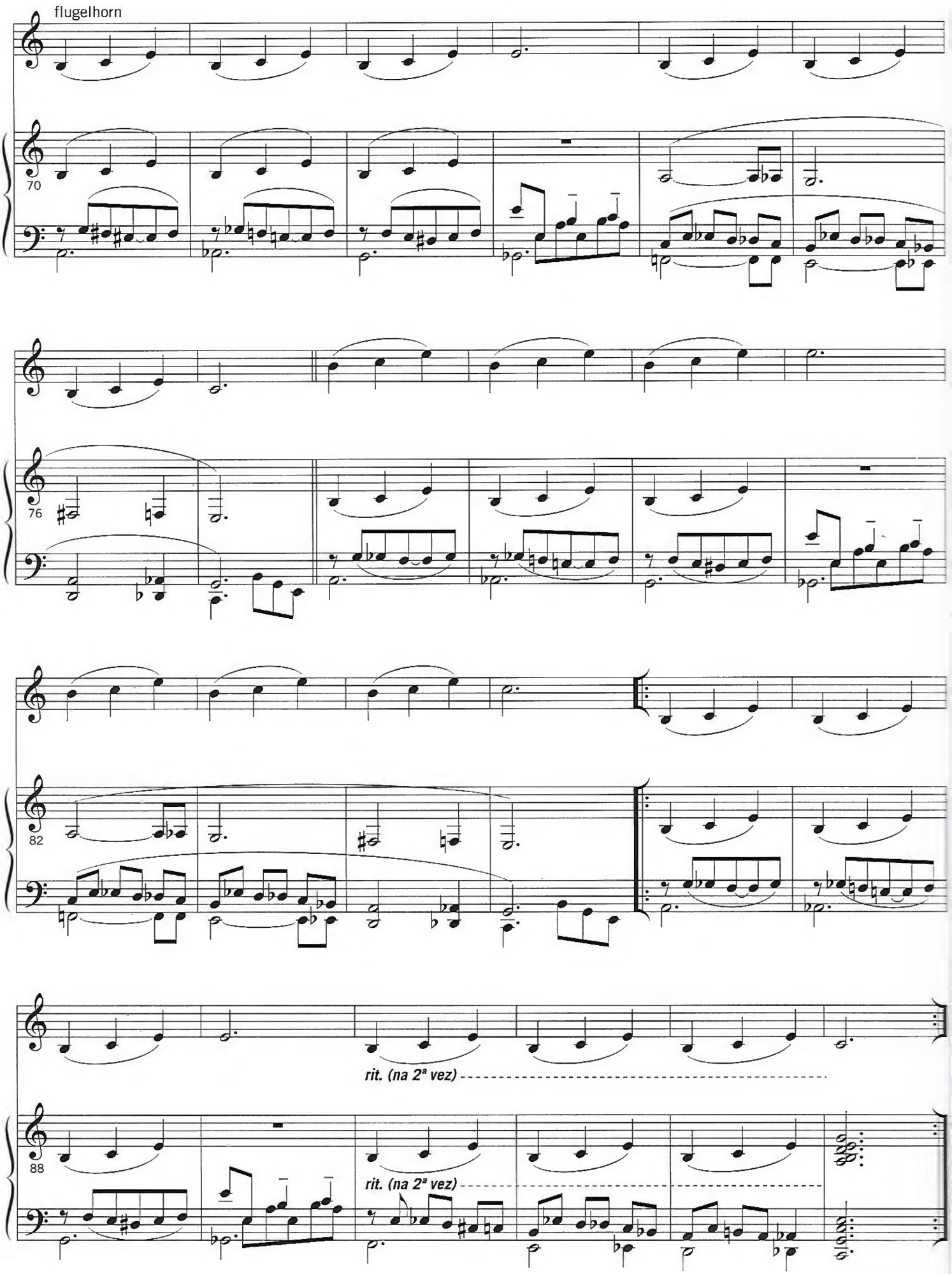
copyright © 2001 Copyrights


B♭(add9)
Cm(maj7)
A7(♭5)
Dm7(11)
13
E♭maj7
Gm7
C7
F9 6
E♭7(♯9 ♯11)
1
16
Gm7
C7
F7(♯11)
F7(♭9 13)
B♭9 6
A♭4(add9)
G♭o
Fm
2
19
Gm7(♭5)
C7/G
F4
F4
22


Cm
G7
E♭7/G
C
C7
Fm
26
Gm7(♭5)
C7
Fm
Fm
30
C/E
B♭7(♭9)
C
Fmaj7(♯5)
Ao 𝄋
direto à casa 2
e ⊕
34
⊕ B♭9 6
impro
C♭7 alt
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
C♭7 alt
12
F7(♭9 13)
37

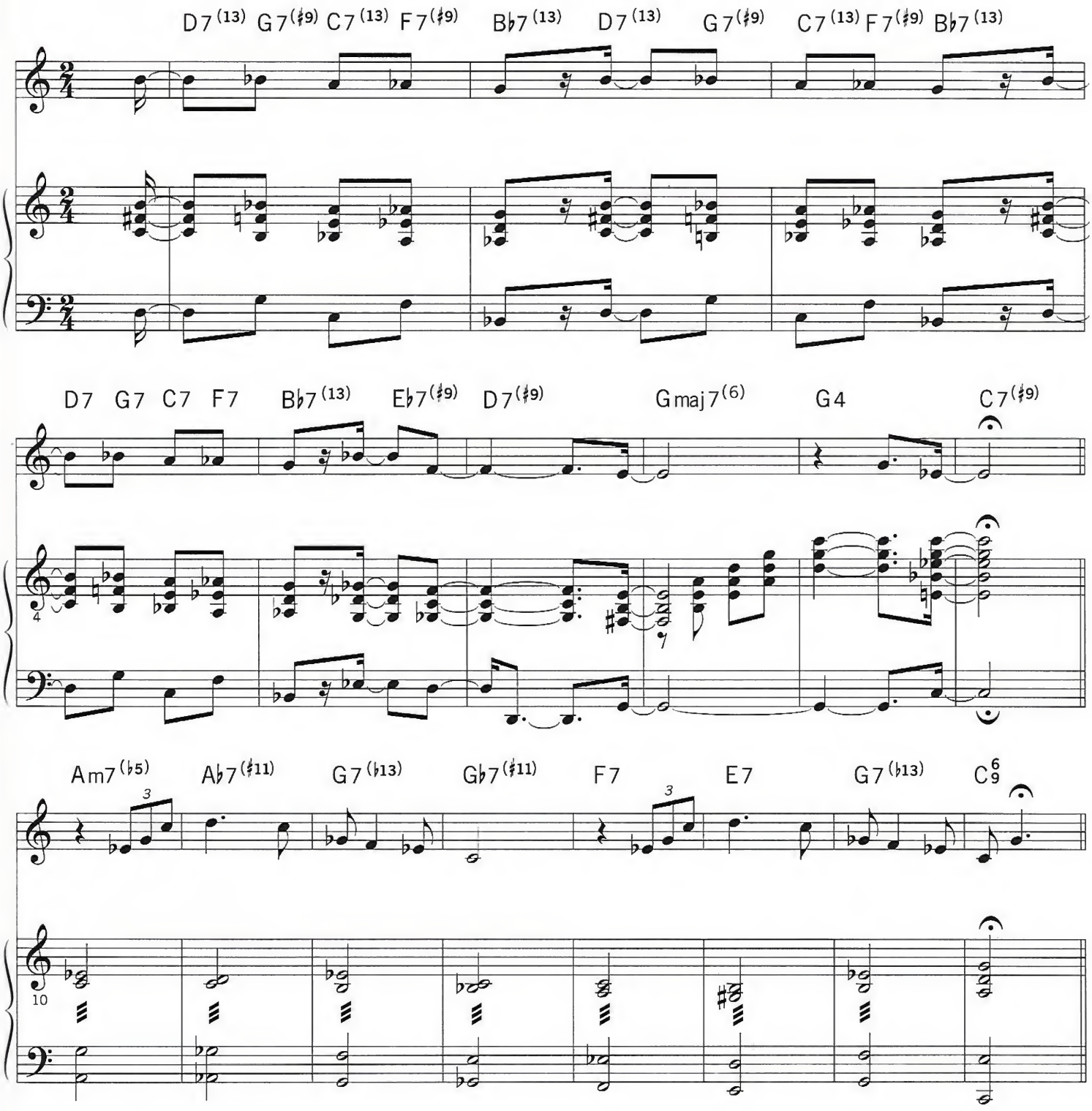

40
44
B♭6/9
Cm(maj7)
A7(♭5)
Dm7(11)
47
E♭6
Gm7
C7
F6/9
E♭7(♯9/♯11)
50
Ped.


53
57
C7(♯9)/G
F7(♭9)
B♭m7
Am7(9)
E7(♭5 ♭9)
pp
pp
60
Ped.
Ped.
1
2
65

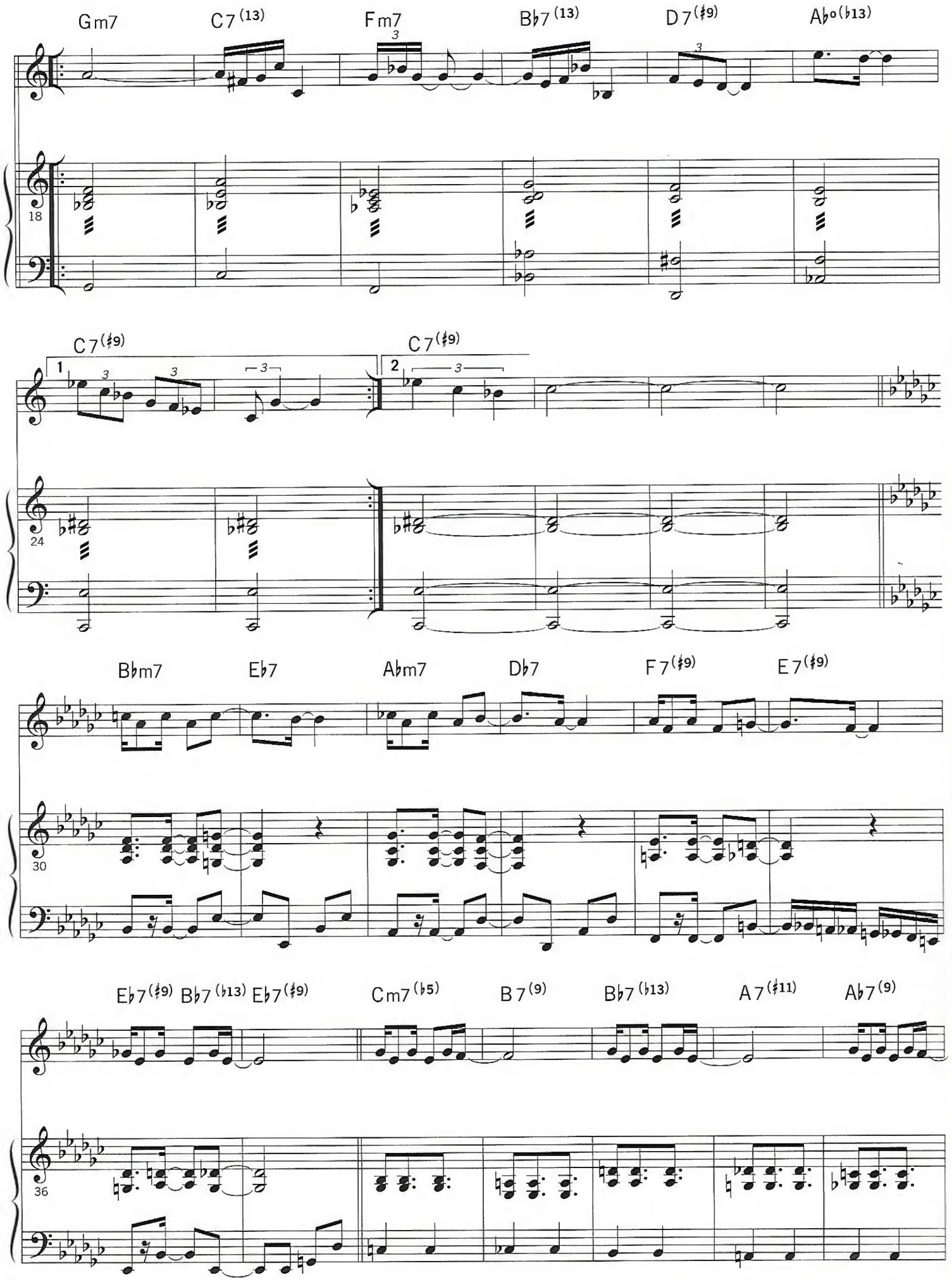

flugelhorn
70
76
82
rit. (na 2ª vez)
88
rit. (na 2ª vez)

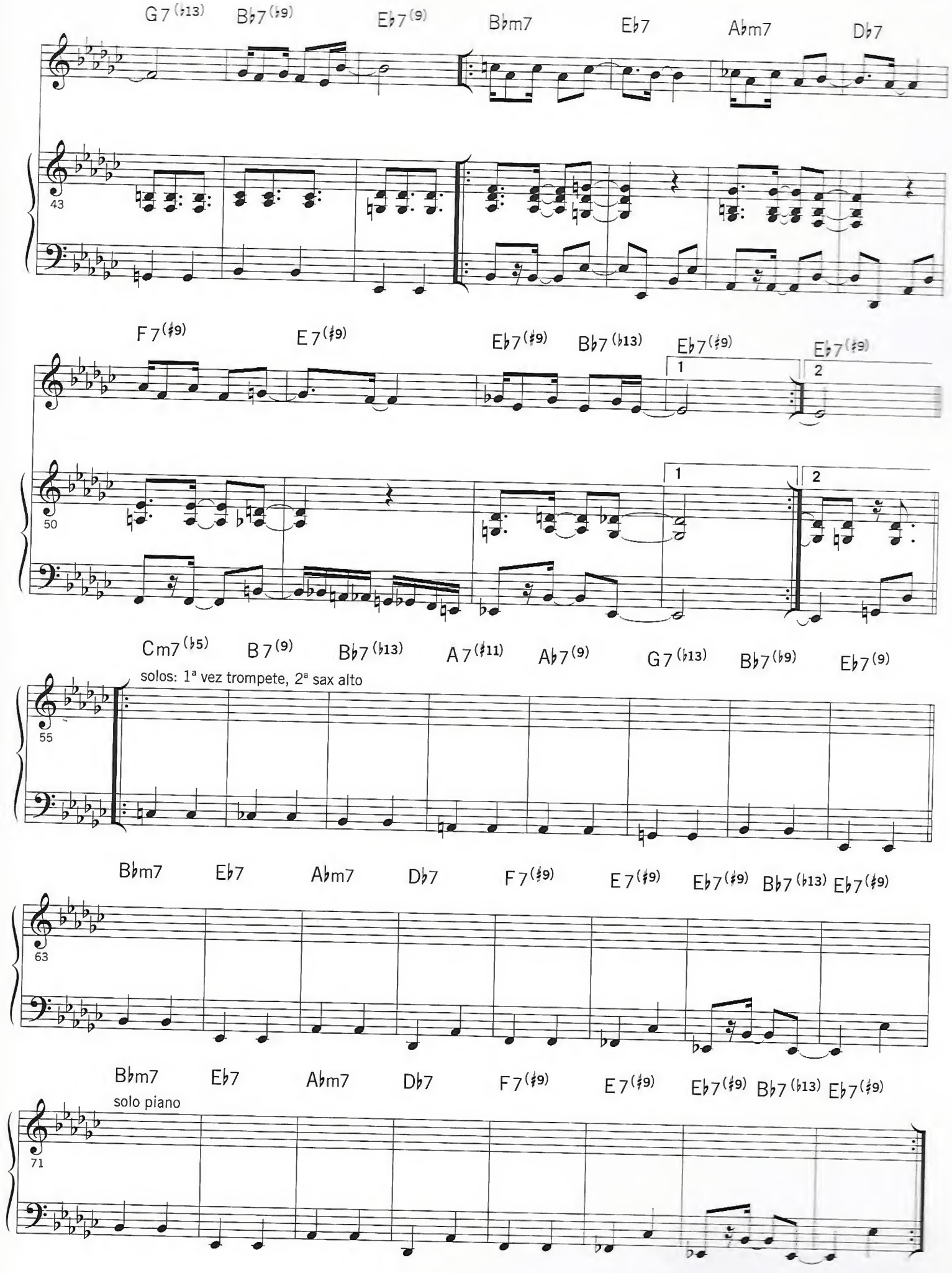
COISA Nº7 EVOCATIVE

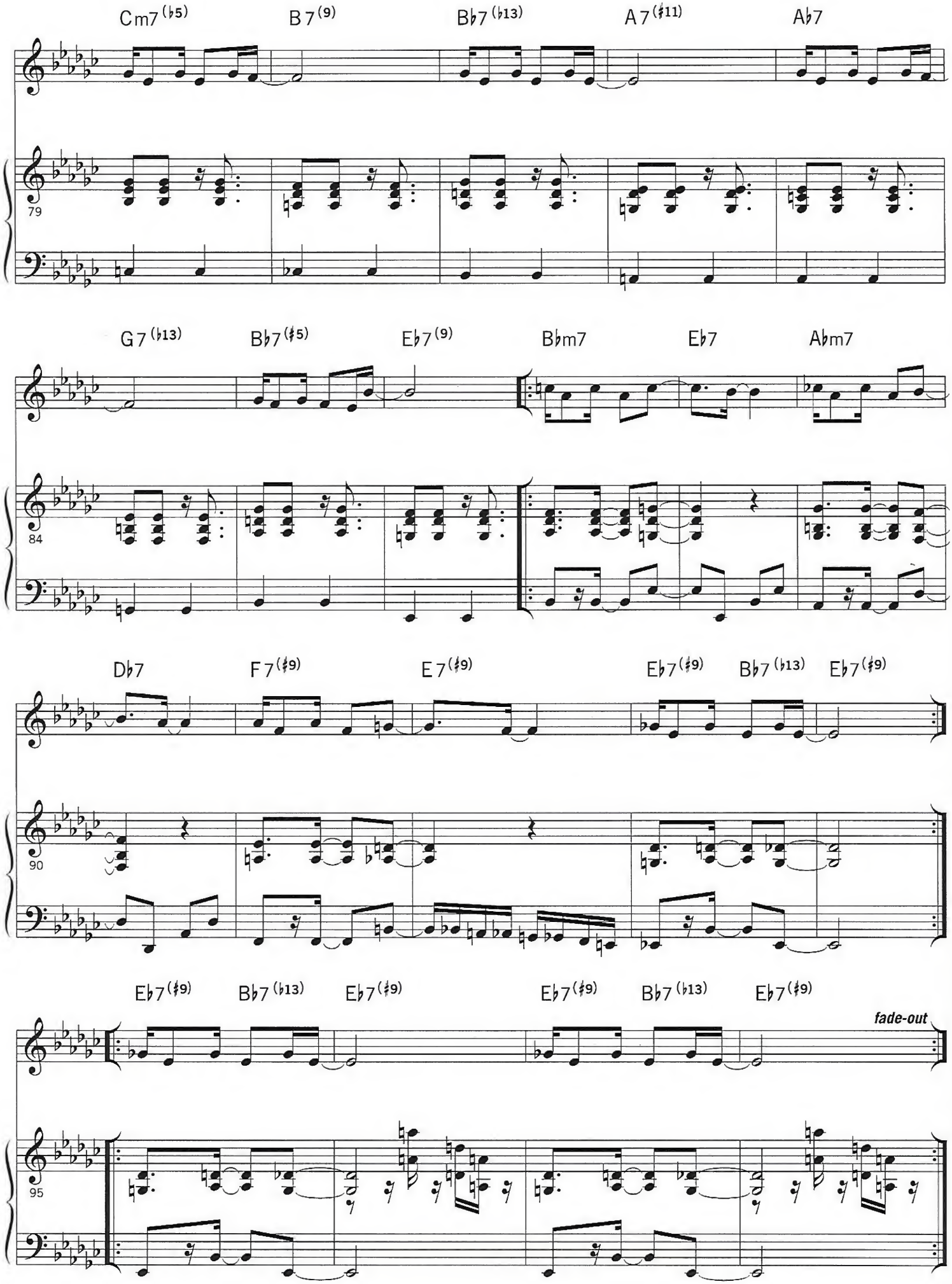
Moacir Santos I Mário Telles
adaptação Mario Adnet



copyright © Addaf

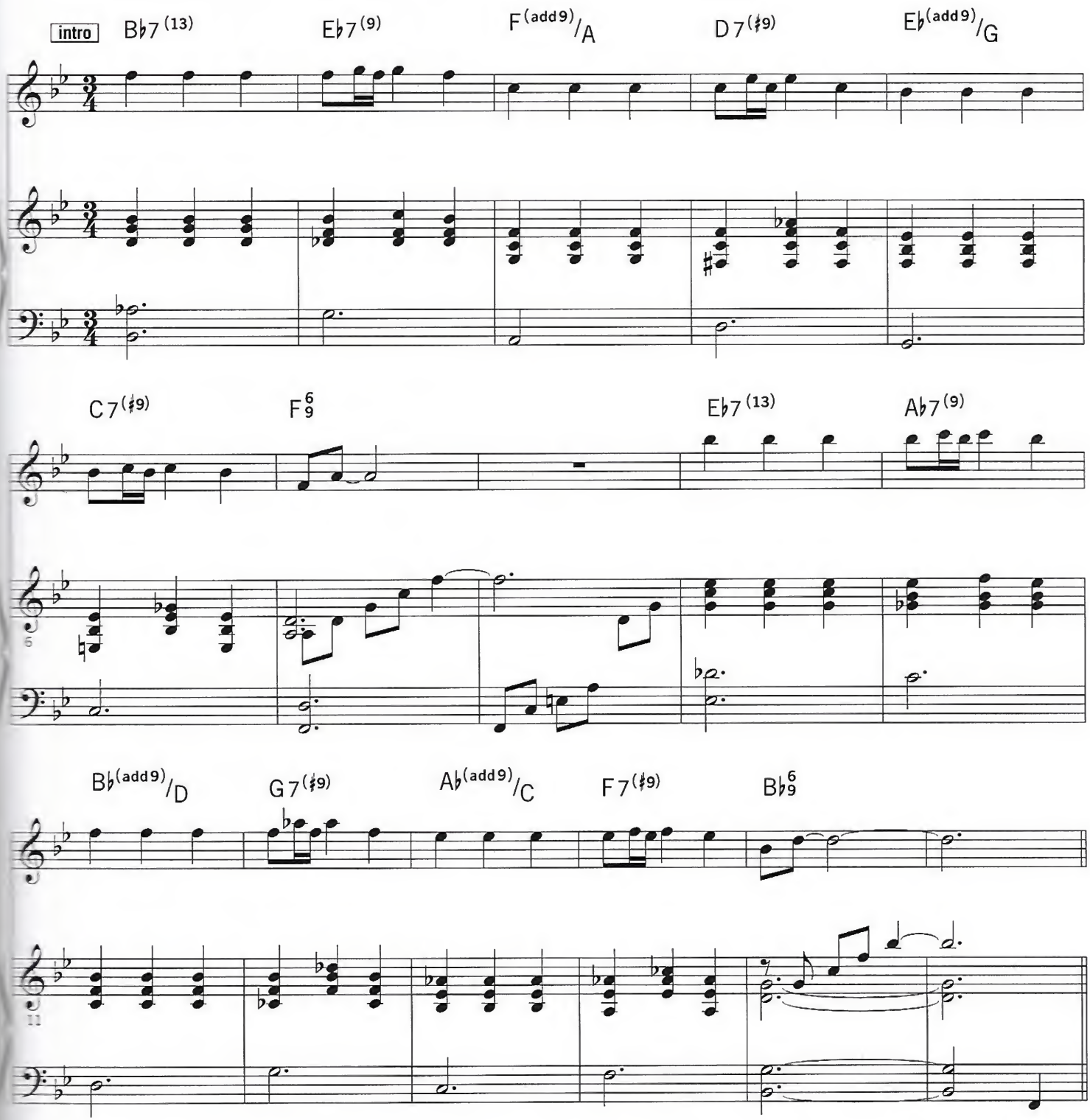

Gm7
C7(13)
Fm7
Bb7(13)
D7(#9)
Ab°(b13)
18
C7(#9)
1
C7(#9)
2
24
Bbm7
Eb7
Abm7
Db7
F7(#9)
E7(#9)
30
Eb7(#9)
Bb7(b13)
Eb7(#9)
Cm7(b5)
B7(9)
Bb7(b13)
A7(#11)
Ab7(9)
36


G7(♭13) B♭7(♭9) E♭7(9) B♭m7 E♭7 A♭m7 D♭7
43
F7(♯9) E7(♯9) E♭7(♯9) B♭7(♭13) E♭7(♯9) E♭7(♯9)
1
2
50
1
2
Cm7(♭5) B7(9) B♭7(♭13) A7(♯11) A♭7(9) G7(♭13) B♭7(♭9) E♭7(9)
solos: 1ª vez trompete, 2ª sax alto
55
B♭m7 E♭7 A♭m7 D♭7 F7(♯9) E7(♯9) E♭7(♯9) B♭7(♭13) E♭7(♯9)
63
B♭m7 E♭7 A♭m7 D♭7 F7(♯9) E7(♯9) E♭7(♯9) B♭7(♭13) E♭7(♯9)
solo piano
71

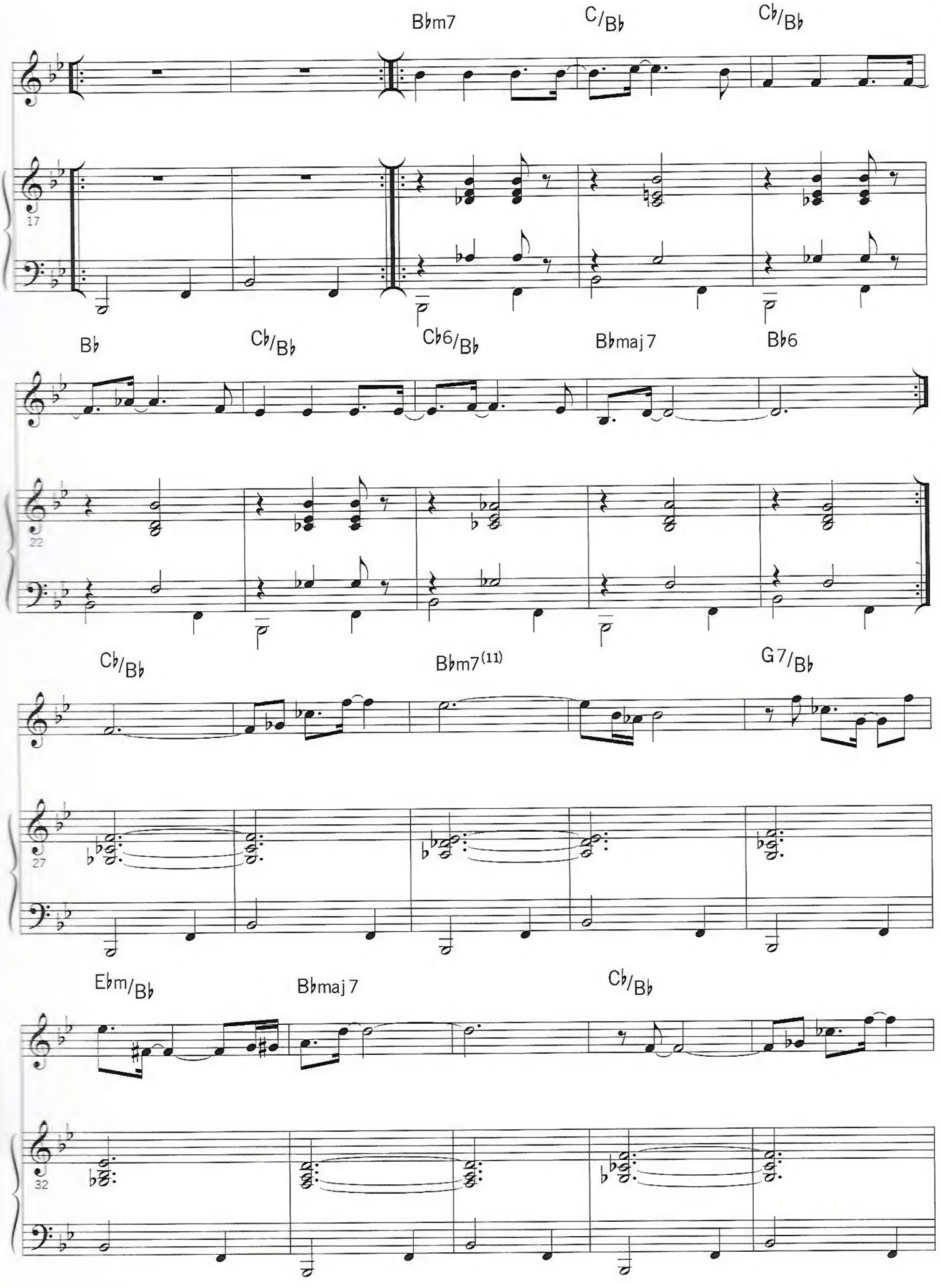

Cm7(♭5)
B7(9)
B♭7(♭13)
A7(♯11)
A♭7
79
G7(♭13)
B♭7(♯5)
E♭7(9)
B♭m7
E♭7
A♭m7
84
D♭7
F7(♯9)
E7(♯9)
E♭7(♯9)
B♭7(♭13)
E♭7(♯9)
90
E♭7(♯9)
B♭7(♭13)
E♭7(♯9)
E♭7(♯9)
B♭7(♭13)
E♭7(♯9)
fade-out
95

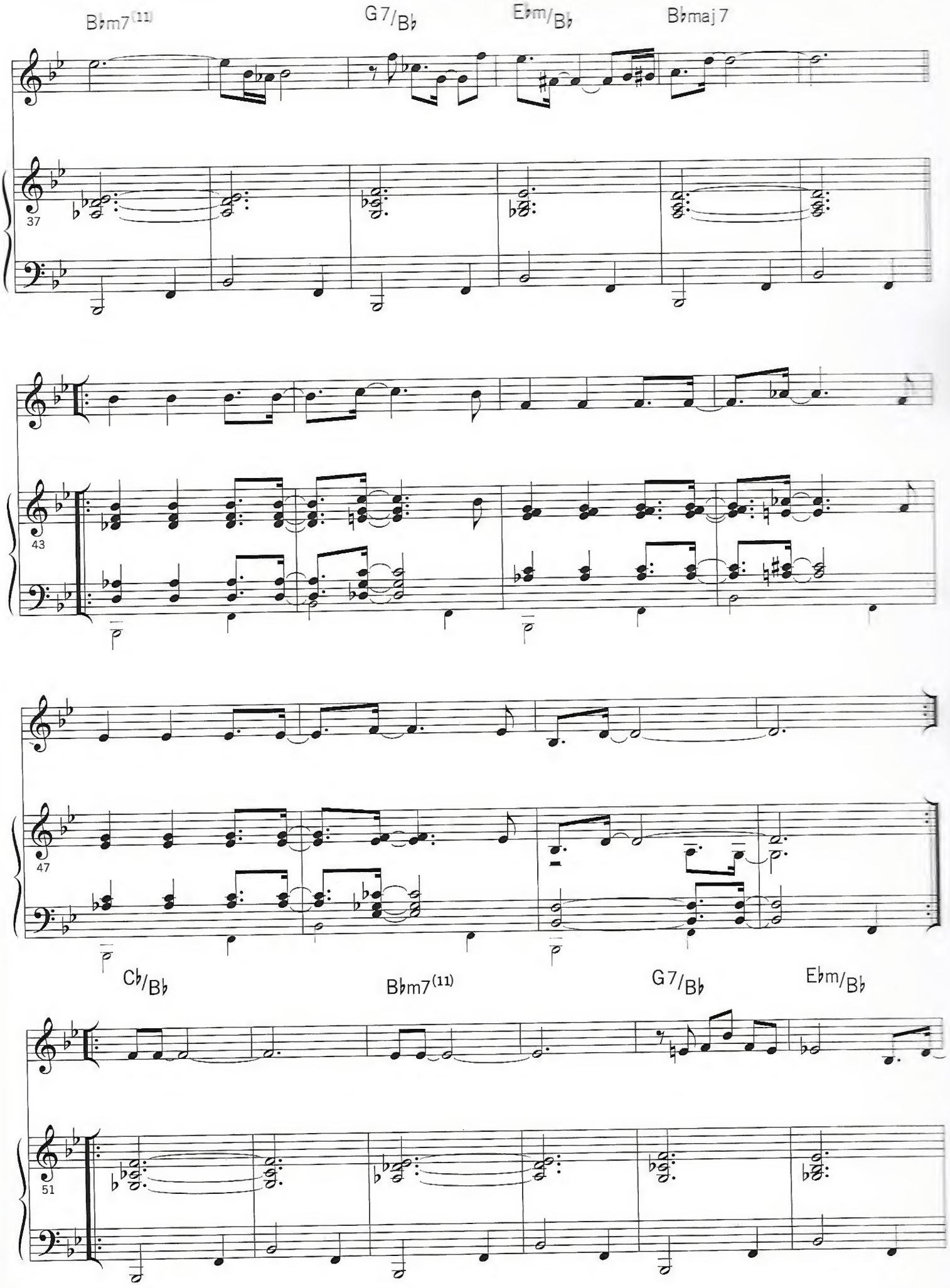
COISA Nº2

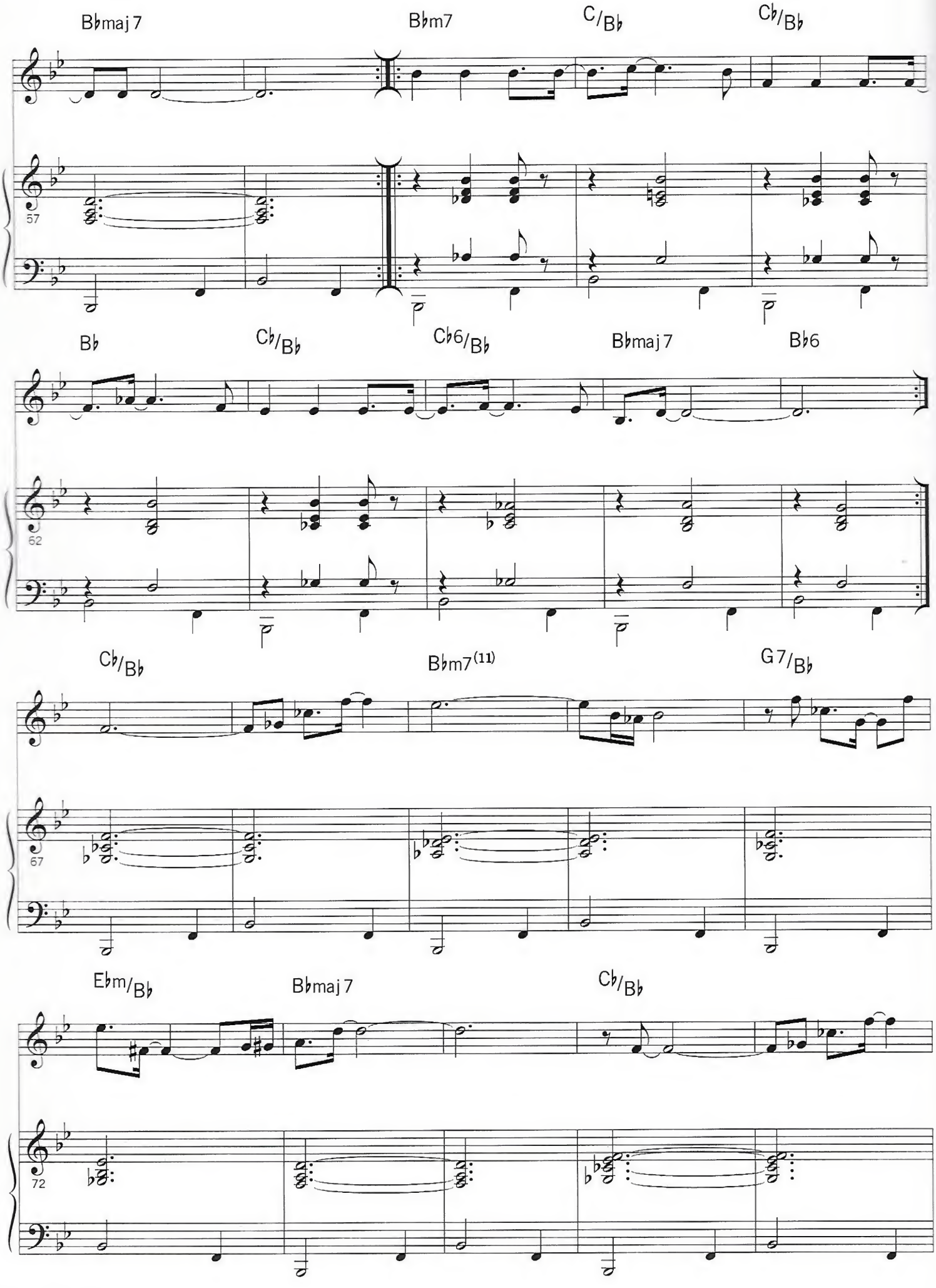
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

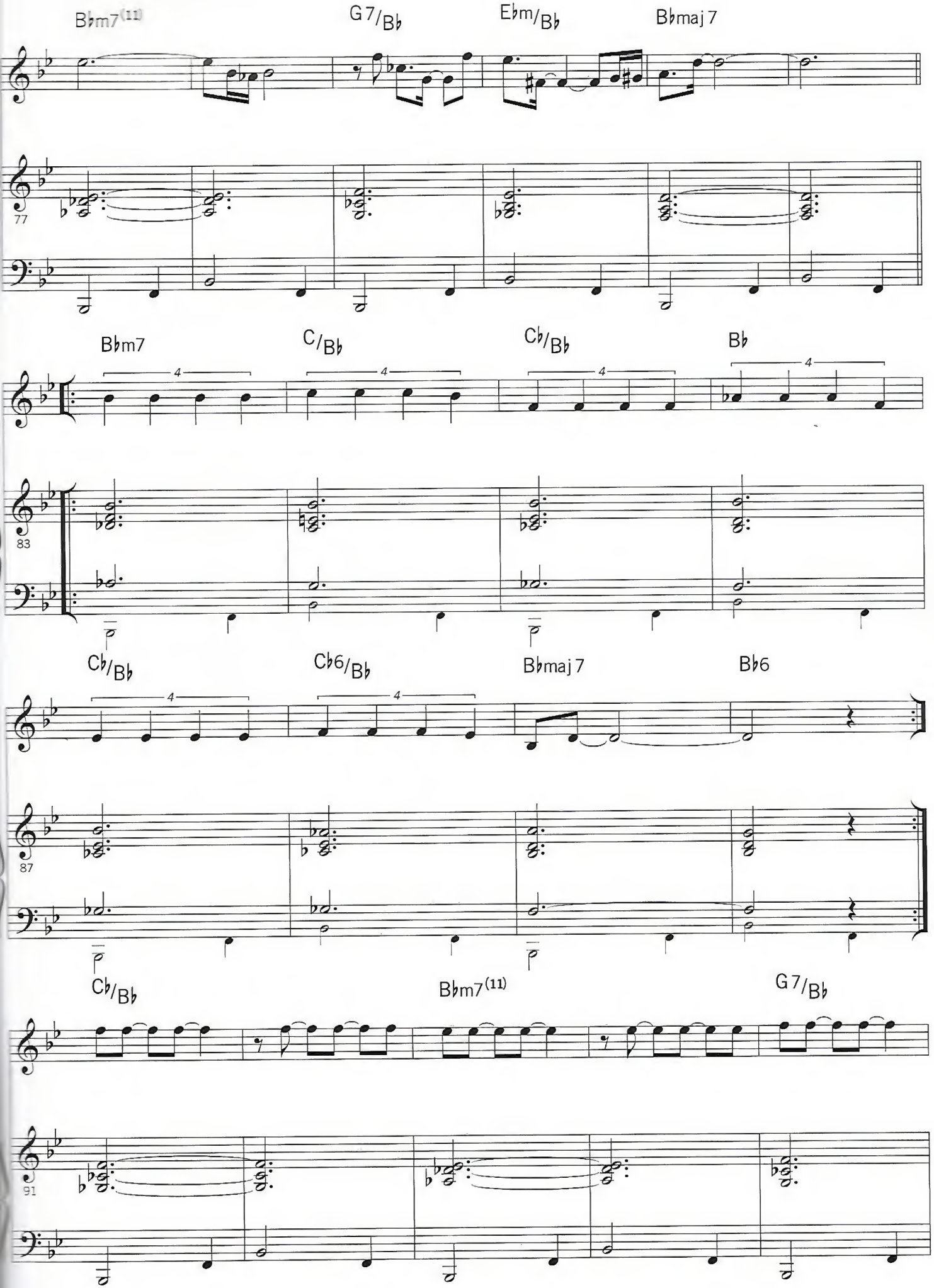


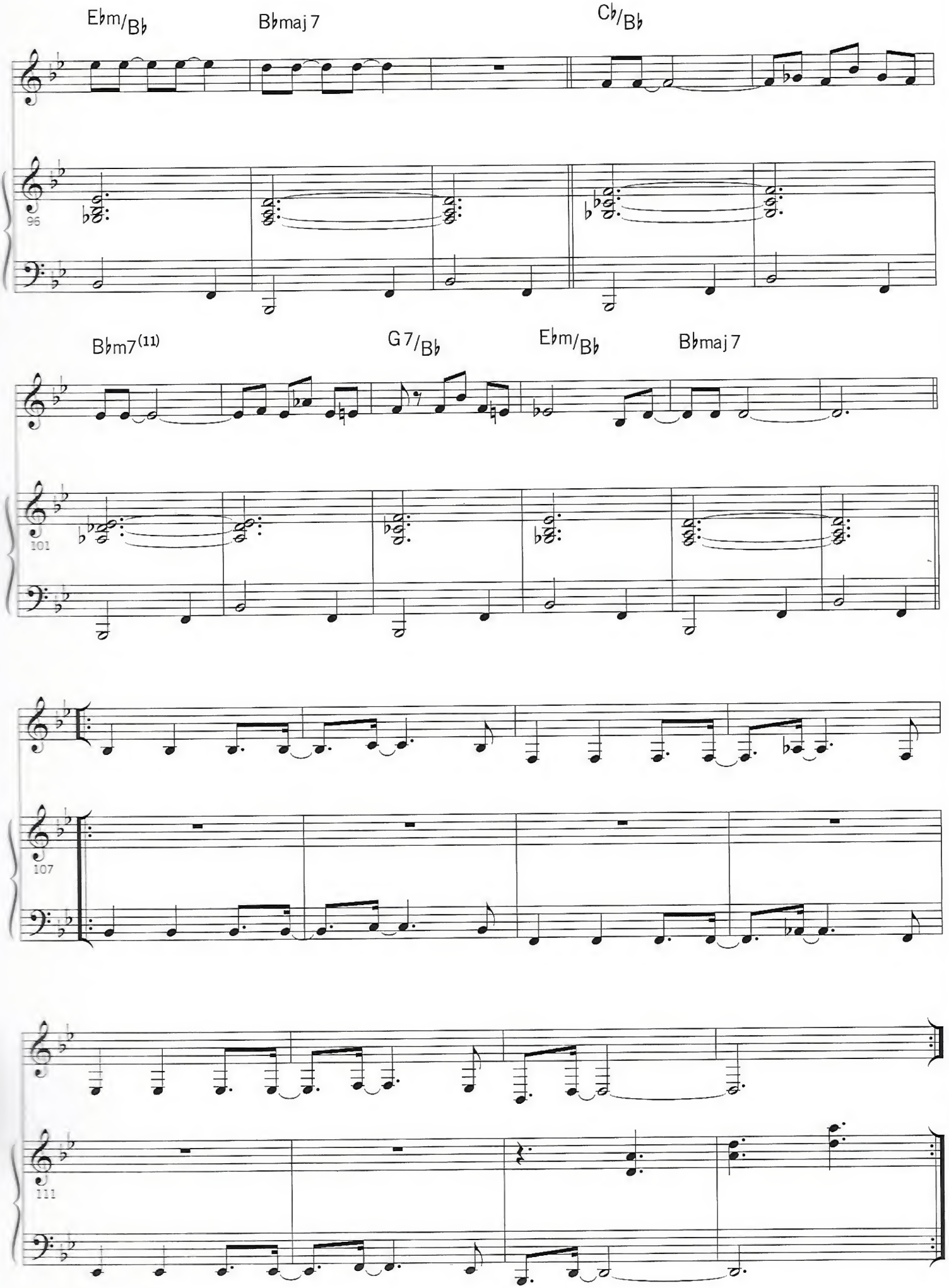
Copyright © 2000 Copyrights

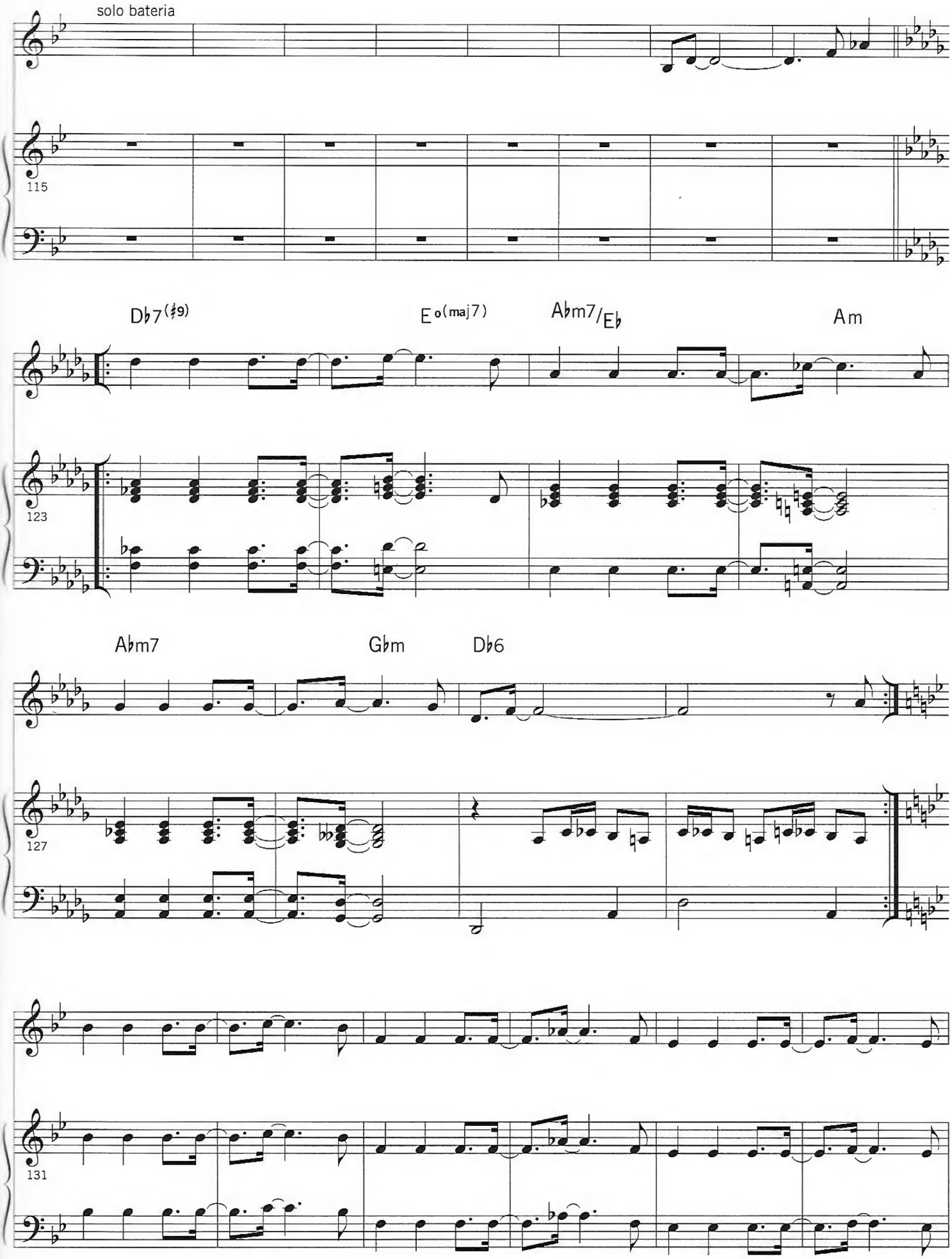

B♭m7
C/B♭
C♭/B♭
17
B♭
C♭/B♭
C♭6/B♭
B♭maj 7
B♭6
22
C♭/B♭
B♭m7(11)
G 7/B♭
27
E♭m/B♭
B♭maj 7
C♭/B♭
32

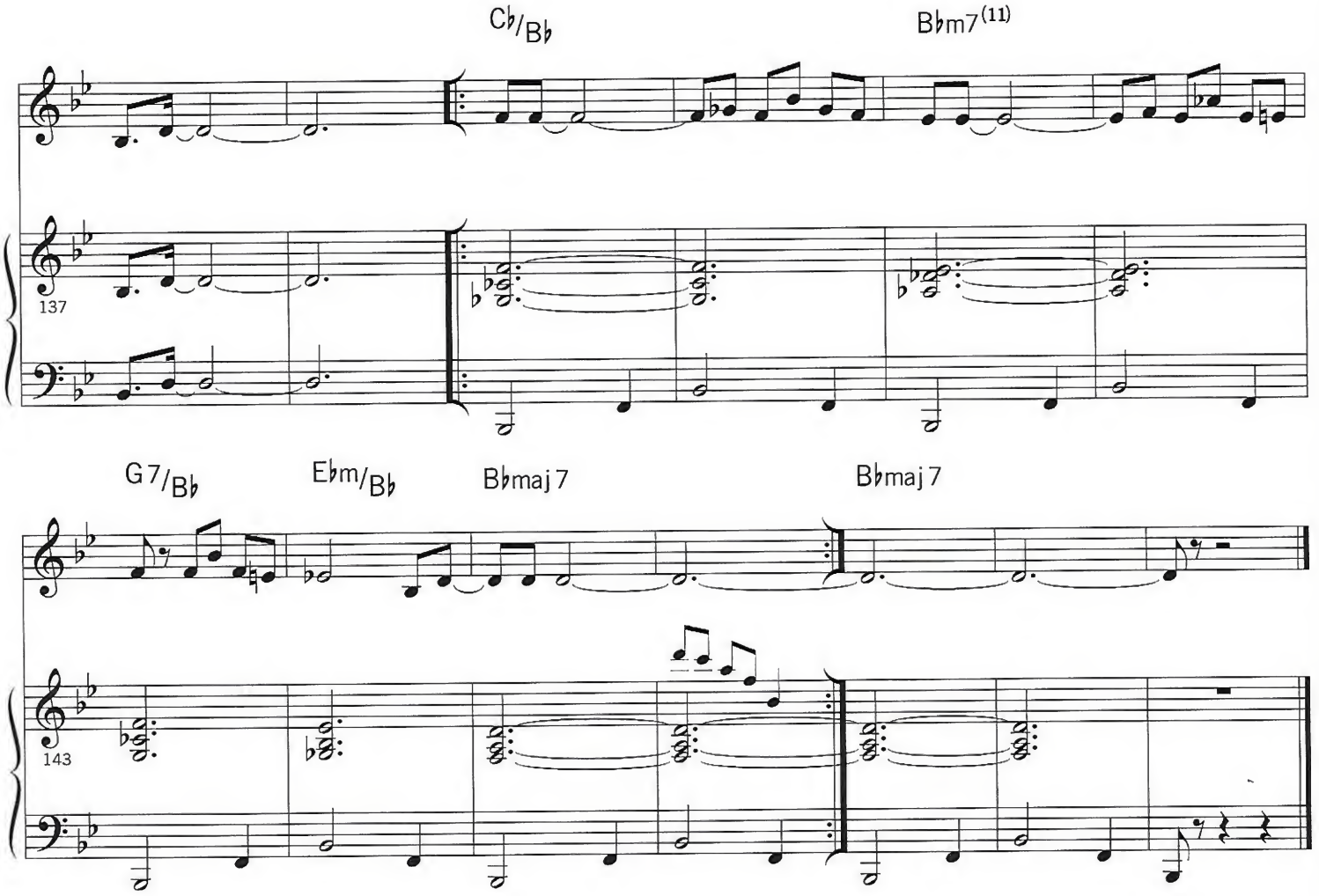

B♭m7(11)
G7/B♭
E♭m/B♭
B♭maj7
37
43
47
C♭/B♭
B♭m7(11)
G7/B♭
E♭m/B♭
51


B♭maj7
B♭m7
C/B♭
C♭/B♭
57
B♭
C♭/B♭
C♭6/B♭
B♭maj7
B♭6
62
C♭/B♭
B♭m7(11)
G7/B♭
67
E♭m/B♭
B♭maj7
C♭/B♭
72


B♭m7(11)
G7/B♭
E♭m/B♭
B♭maj7
77
B♭m7
C/B♭
C♭/B♭
B♭
4
83
C♭/B♭
C♭6/B♭
B♭maj7
B♭6
87
C♭/B♭
B♭m7(11)
G7/B♭
91

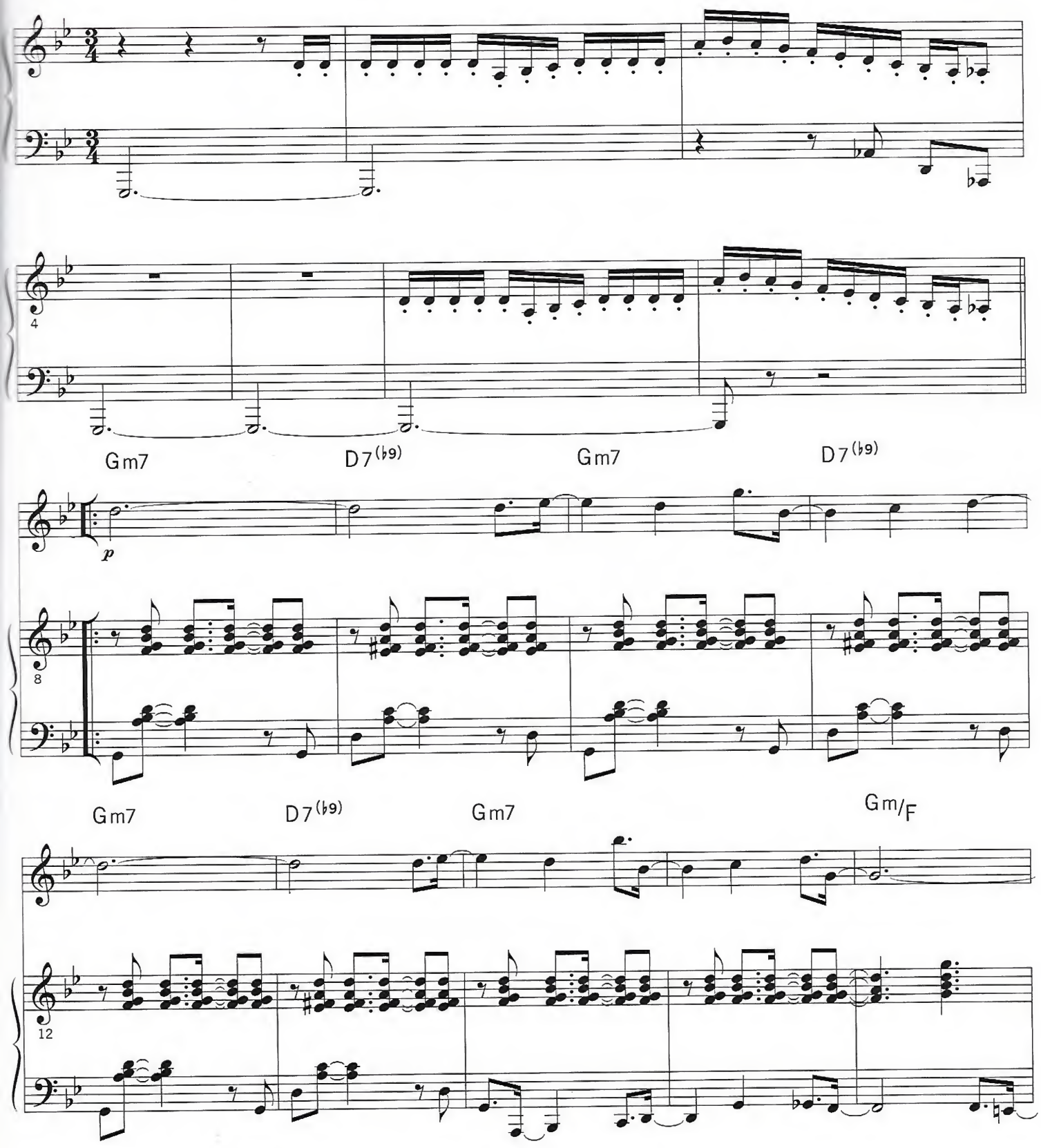

E♭m/B♭
B♭maj7
C♭/B♭
96
B♭m7(11)
G7/B♭
E♭m/B♭
B♭maj7
101
107
111


solo bateria
115
Db7(#9)
Eo(maj7)
Abm7/Eb
Am
123
Abm7
Gbm
Db6
127
131

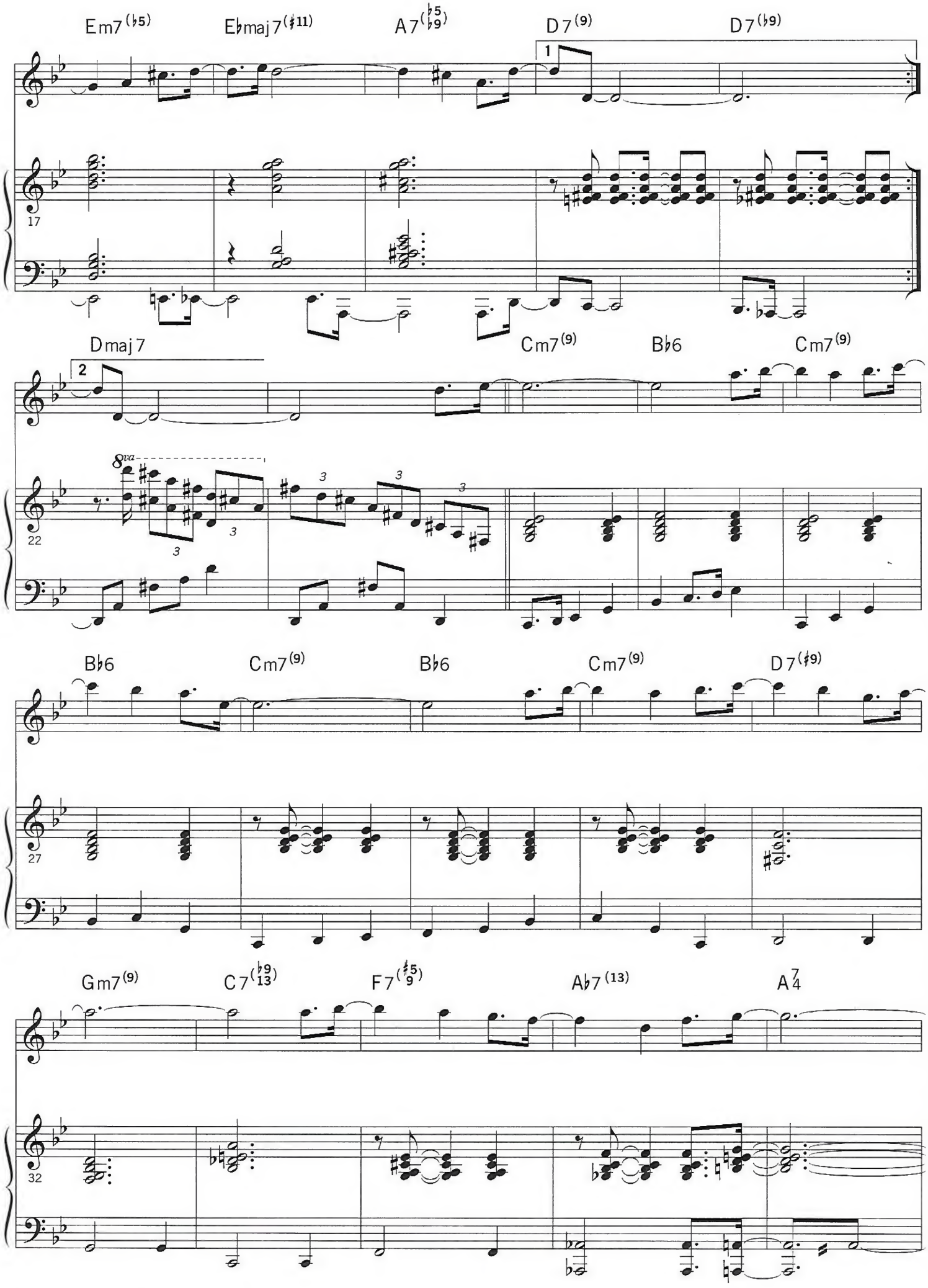

C♭/B♭
B♭m7(11)
137
G7/B♭
E♭m/B♭
B♭maj7
B♭maj7
143

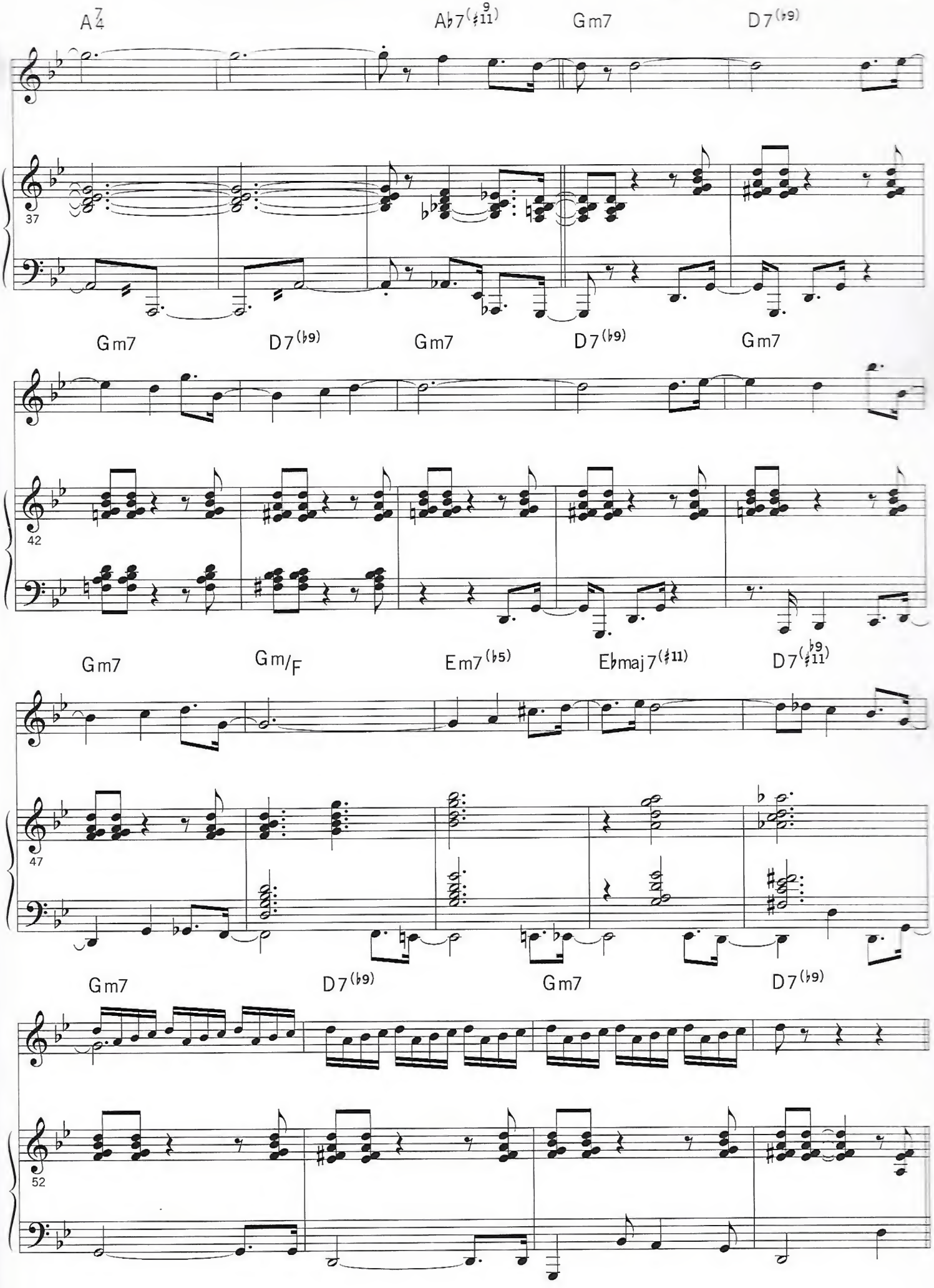
LAMENTO ASTRAL ASTRAL WHINE

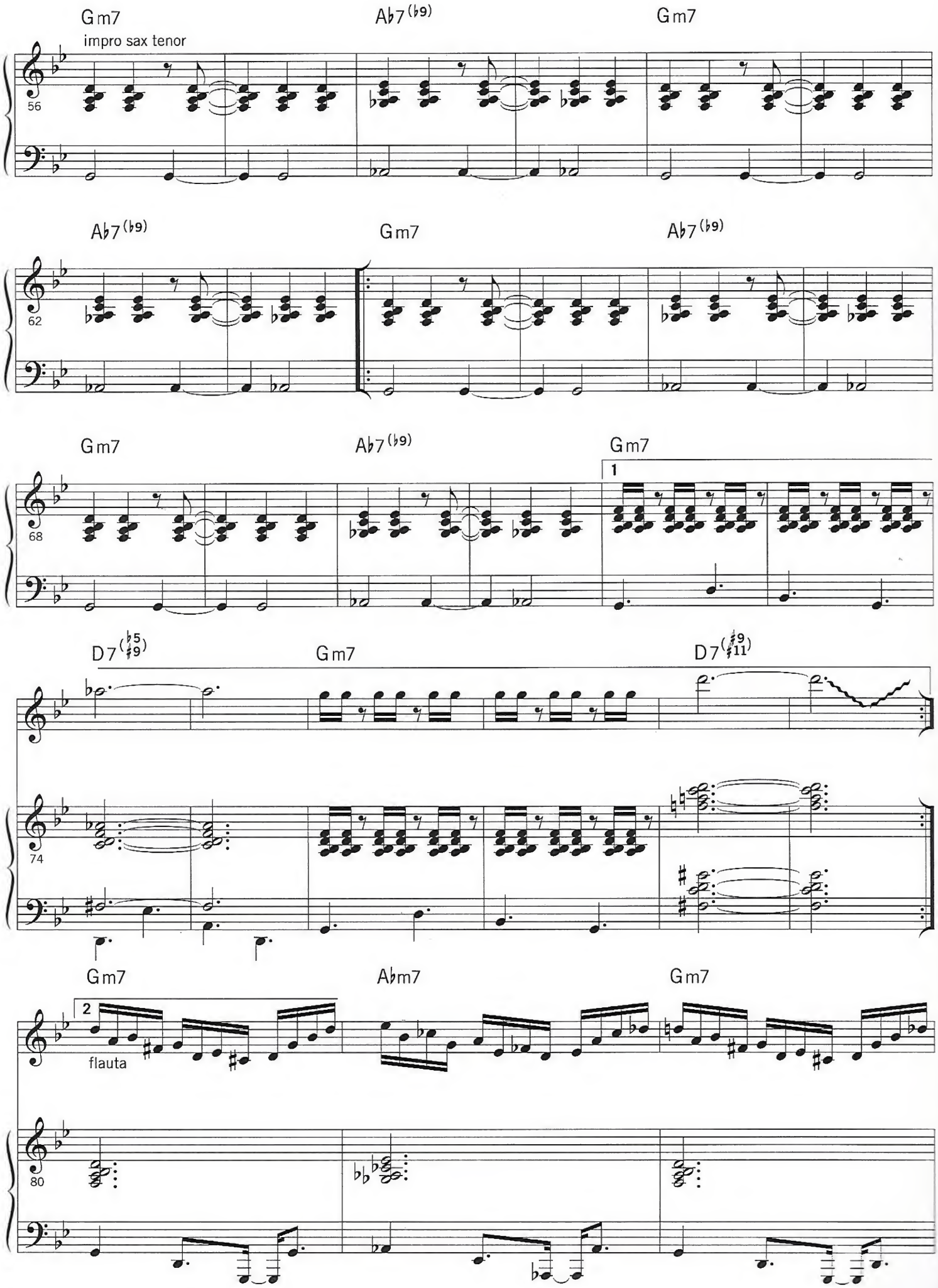
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

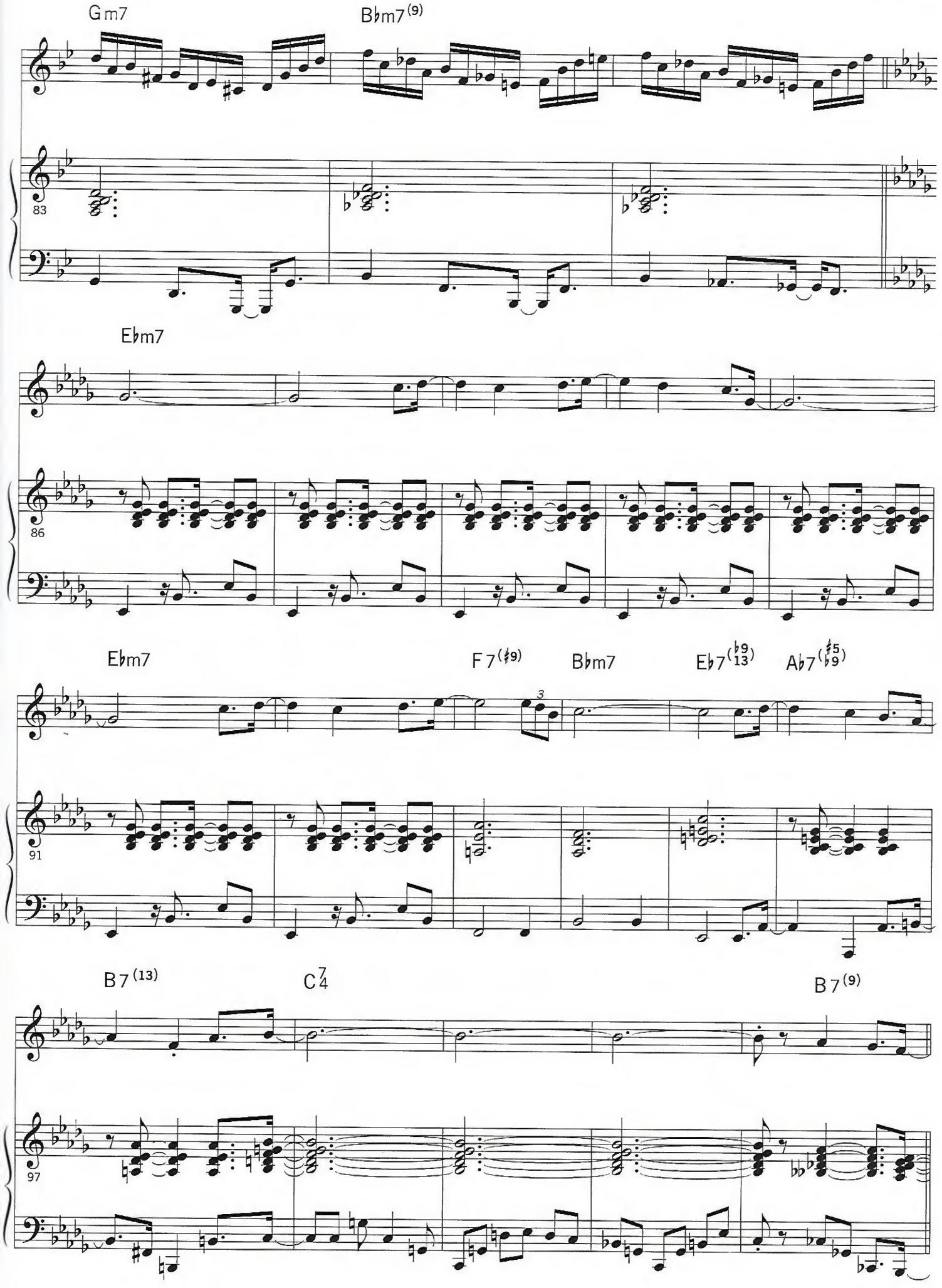


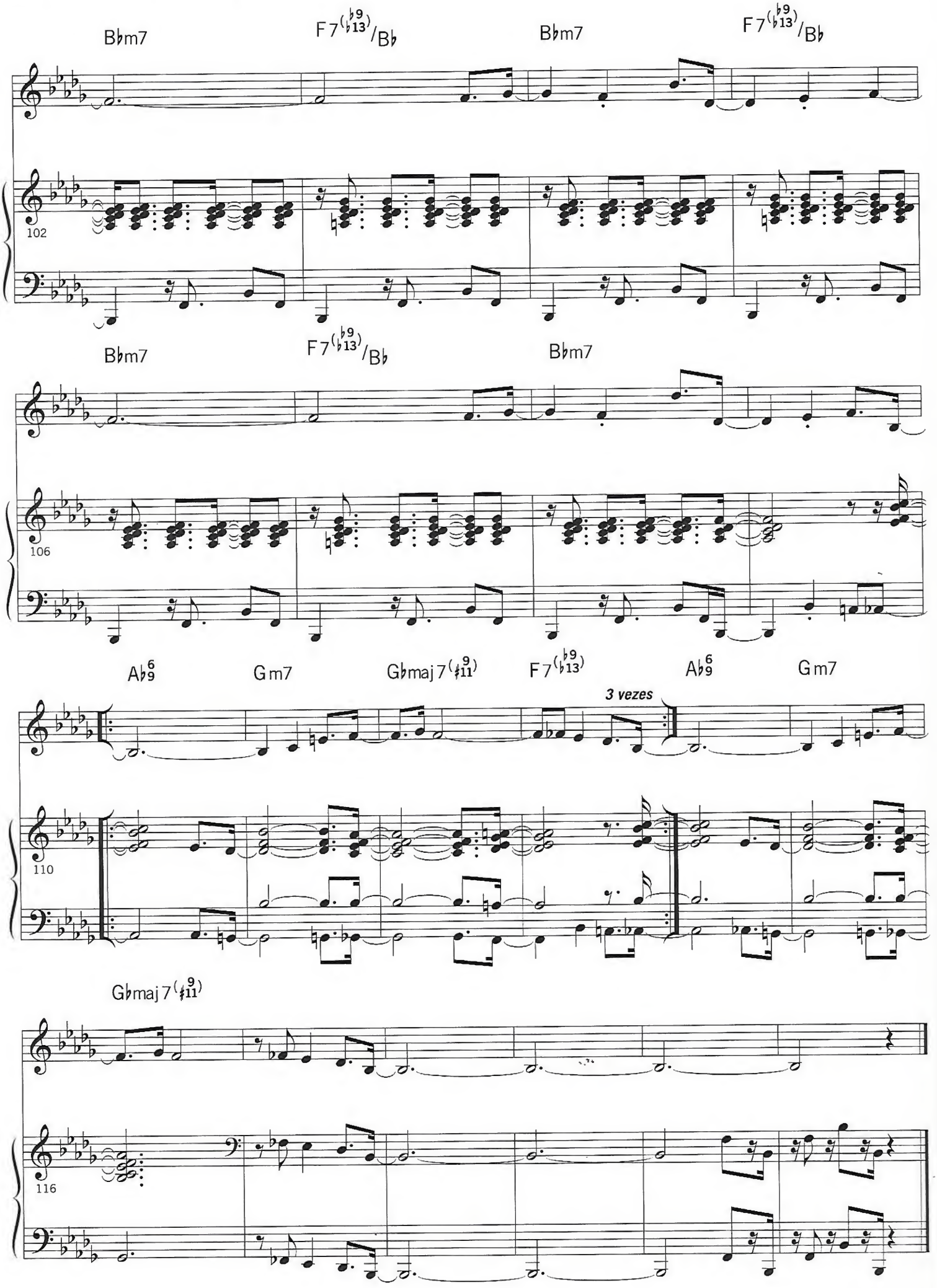
copyright © 2001 Copyrights


Em7(♭5)
E♭maj7(♯11)
A7(♭5 ♭9)
D7(9)
D7(♭9)
1
17
Dmaj7
2
Cm7(9)
B♭6
Cm7(9)
8va
22
B♭6
Cm7(9)
B♭6
Cm7(9)
D7(♯9)
27
Gm7(9)
C7(♭9 13)
F7(♯5 9)
A♭7(13)
A7/4
32


A7/4
A♭7(♯9/11)
Gm7
D7(♭9)
37
Gm7
D7(♭9)
Gm7
D7(♭9)
Gm7
42
Gm7
Gm/F
Em7(♭5)
E♭maj7(♯11)
D7(♭9/♯11)
47
Gm7
D7(♭9)
Gm7
D7(♭9)
52

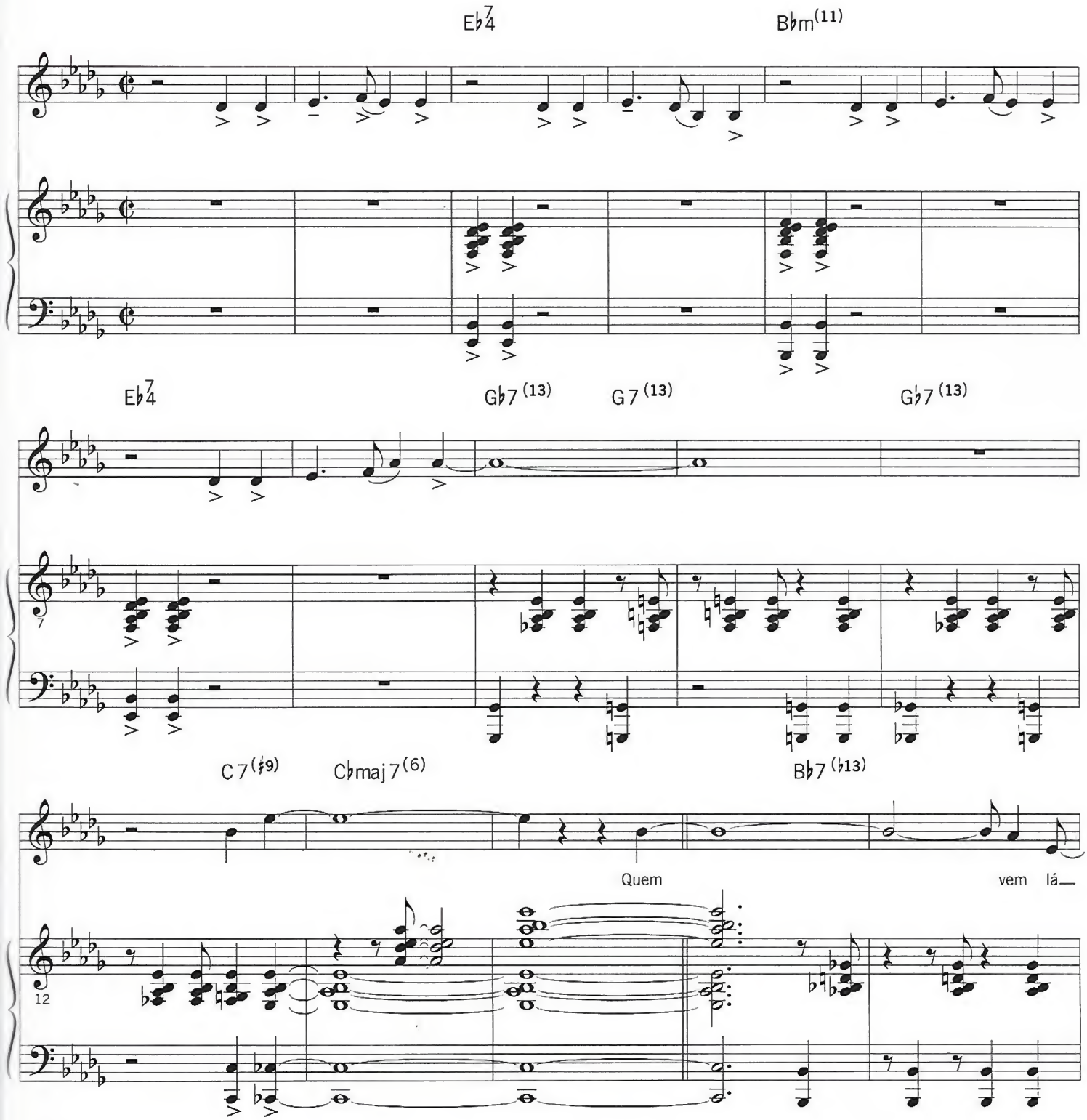

Gm7
impro sax tenor
Ab7(b9)
Gm7
56
Ab7(b9)
Gm7
Ab7(b9)
62
Gm7
Ab7(b9)
Gm7
1
68
D7(b5 #9)
Gm7
D7(#9 #11)
74
Gm7
2
flauta
Abm7
Gm7
80


Gm7
B♭m7(9)
83
E♭m7
86
E♭m7
F 7(♯9)
B♭m7
E♭7(♭9 13)
A♭7(♯5 ♭9)
91
B 7(13)
C 7 4
B 7(9)
97

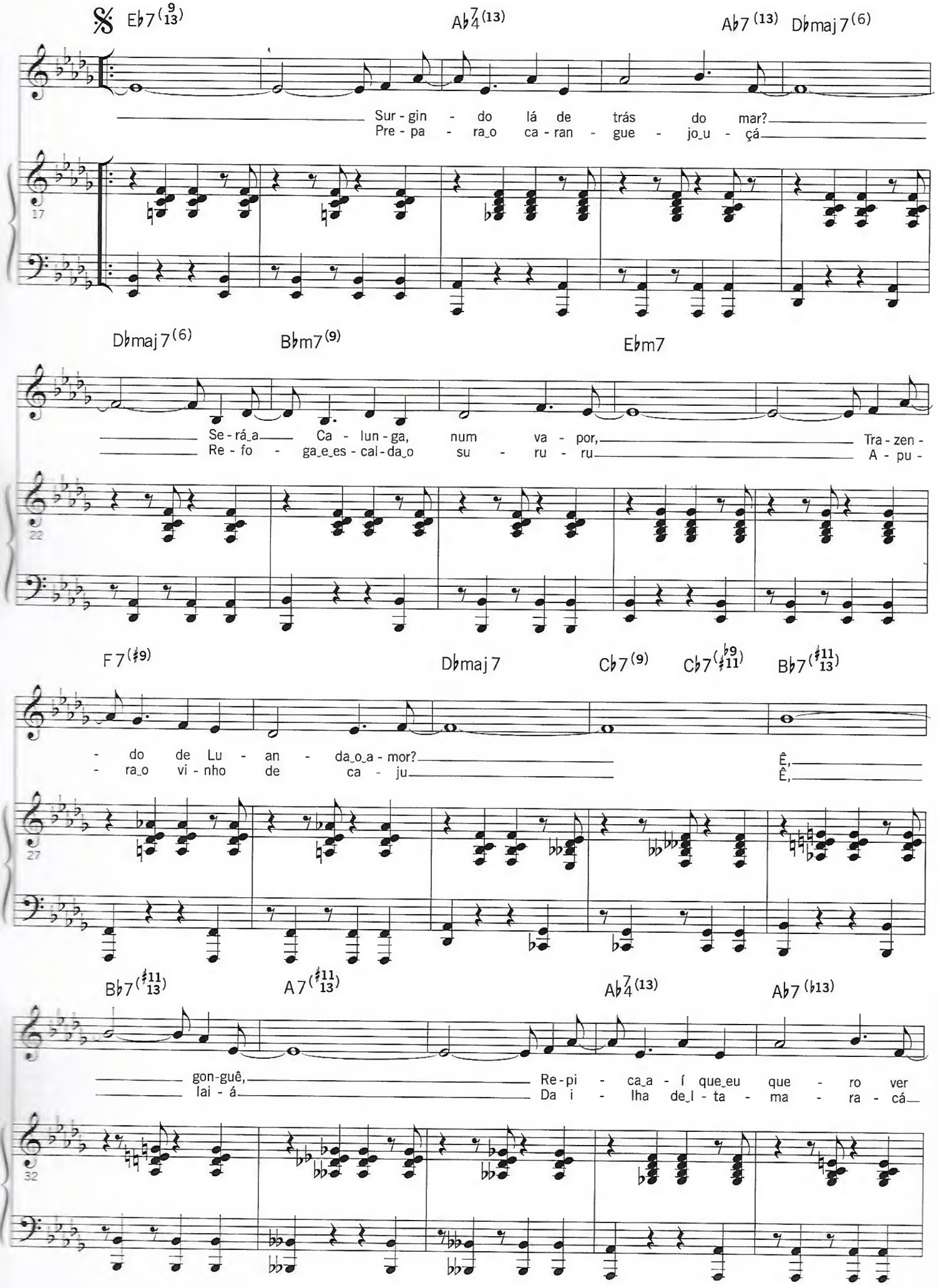

Bbm7
F7(b9 b13)/Bb
Bbm7
F7(b9 b13)/Bb
102
Bbm7
F7(b9 b13)/Bb
Bbm7
106
Ab6 9
Gm7
Gbmaj7(9 #11)
F7(b9 b13)
Ab6 9
Gm7
3 vezes
110
Gbmaj7(9 #11)
116

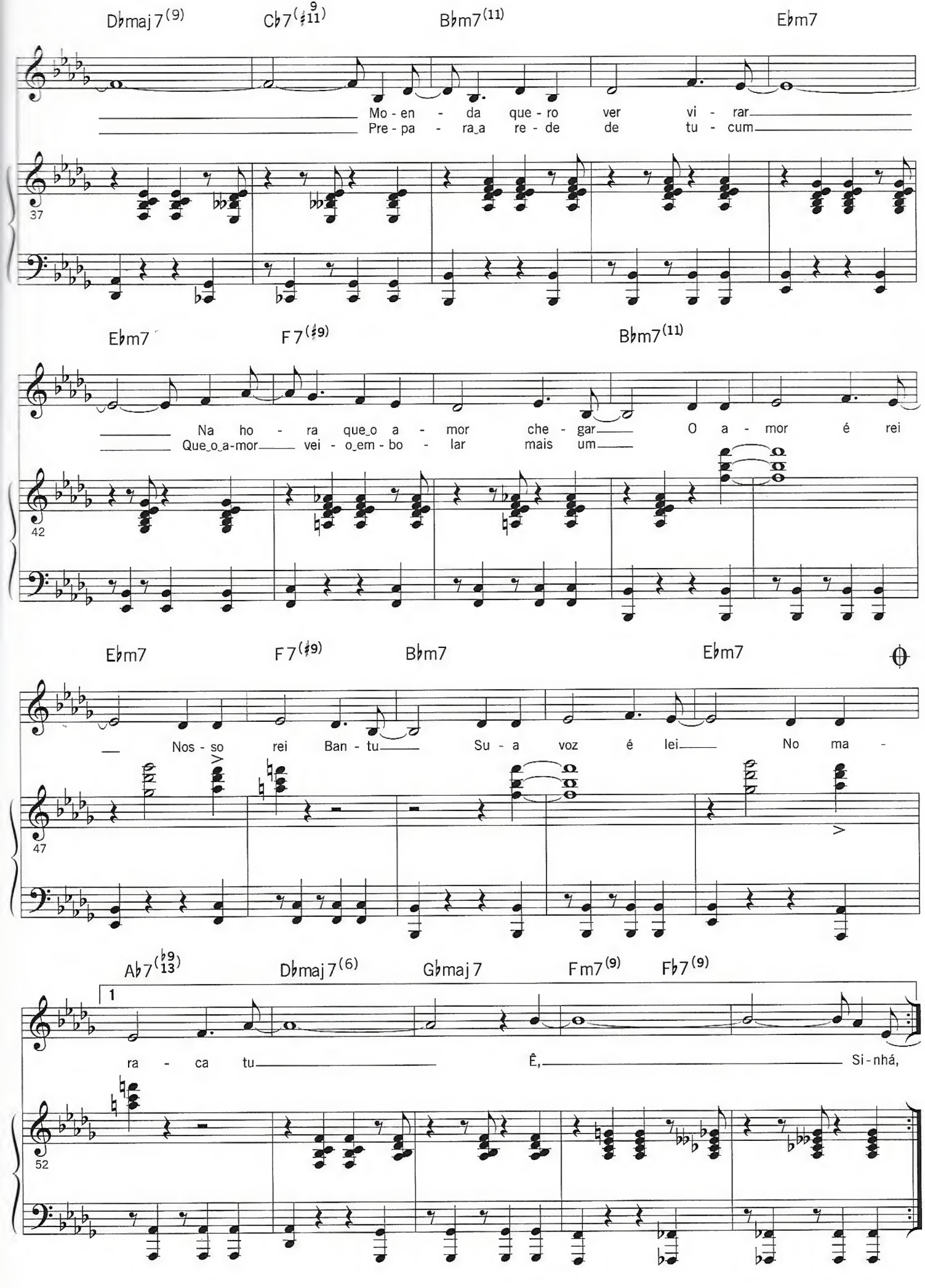
MARACATU, NAÇÃO DO AMOR APRIL CHILD

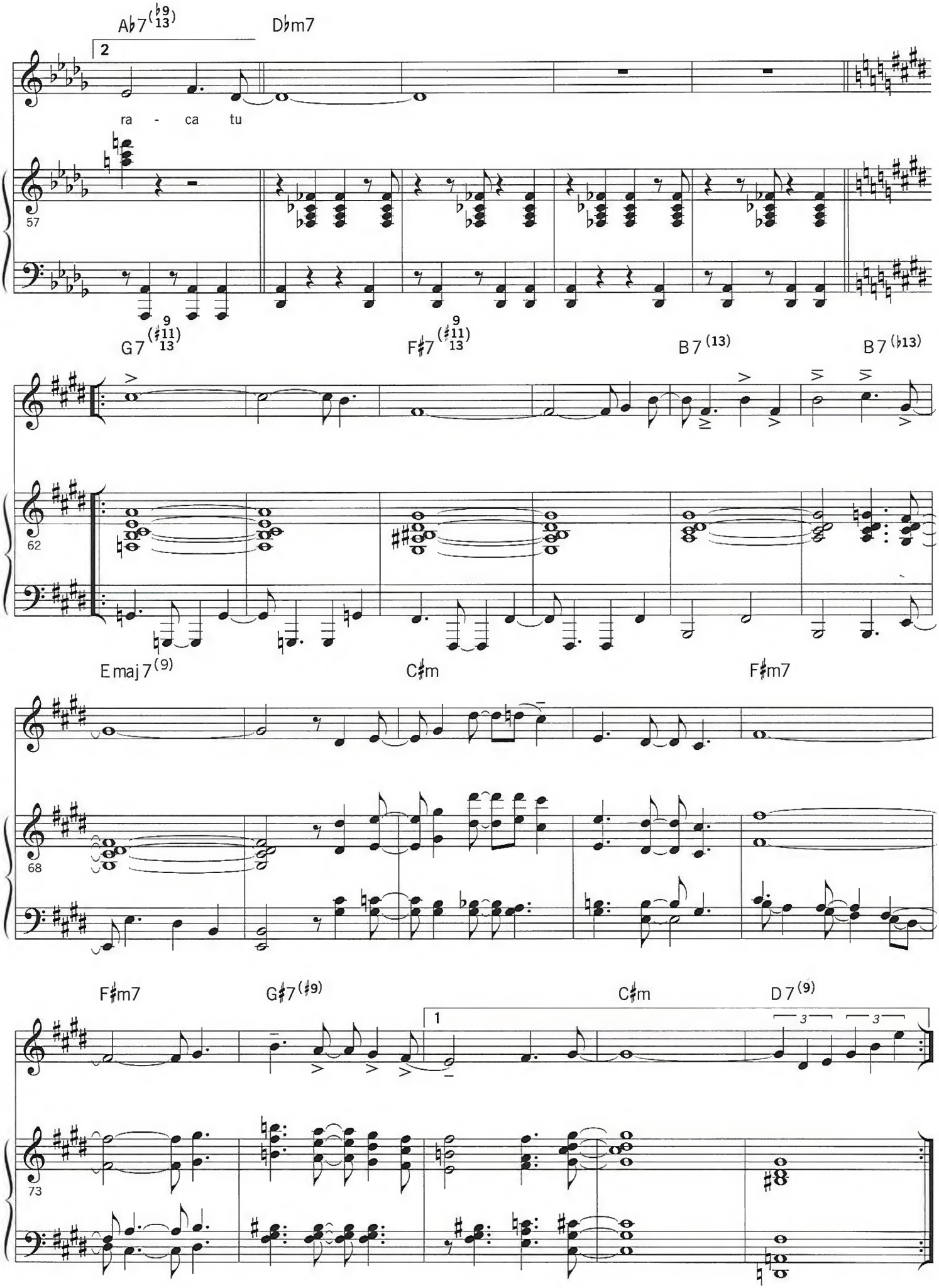
Moacir Santos I Jay Livingston I Ray Evans I Ney Lopes
adaptação Mario Adnet

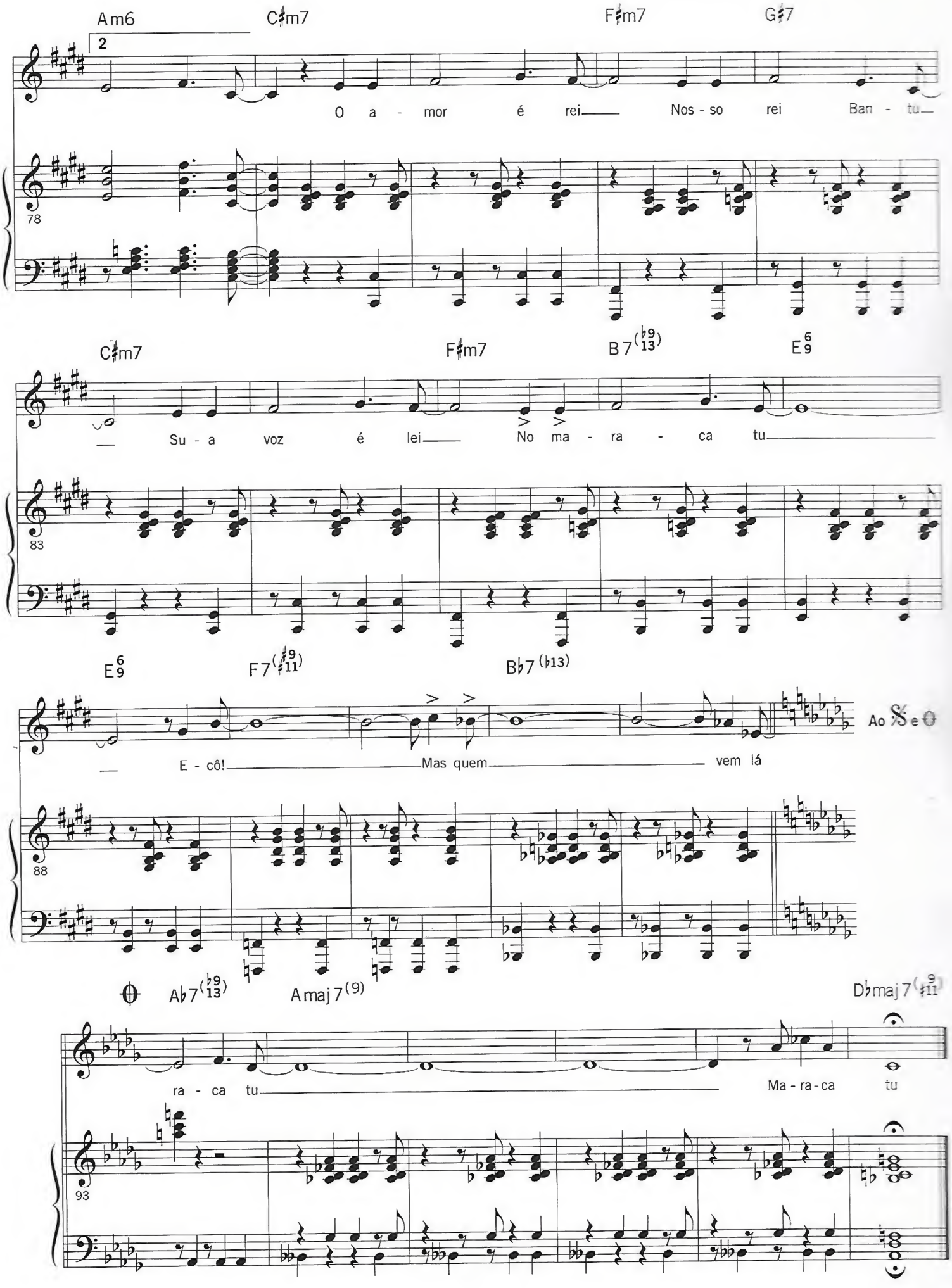


copyright © 1998 Warner Chappel


Eb7(9 13)
Ab7(13)
Ab7(13) Dbmaj7(6)
Sur - gin - do lá de trás do mar?
Pre - pa - ra_o ca - ran - gue - jo_u - çá
17
Dbmaj7(6)
Bbm7(9)
Ebm7
Se - rá_a Ca - lun - ga, num va - por, Tra - zen -
Re - fo - ga_e_es - cal - da_o su - ru - ru A - pu -
22
F7(#9)
Dbmaj7
Cb7(9)
Cb7(#9 #11)
Bb7(#11 13)
- do de Lu - an - da_o_a - mor? Ê,
- ra_o vi - nho de ca - ju Ê,
27
Bb7(#11 13)
A7(#11 13)
Ab7(13)
Ab7(b13)
gon-guê, Re - pi - ca_a - í que_eu que - ro ver
lai - á Da i - lha de_l - ta - ma - ra - cá
32

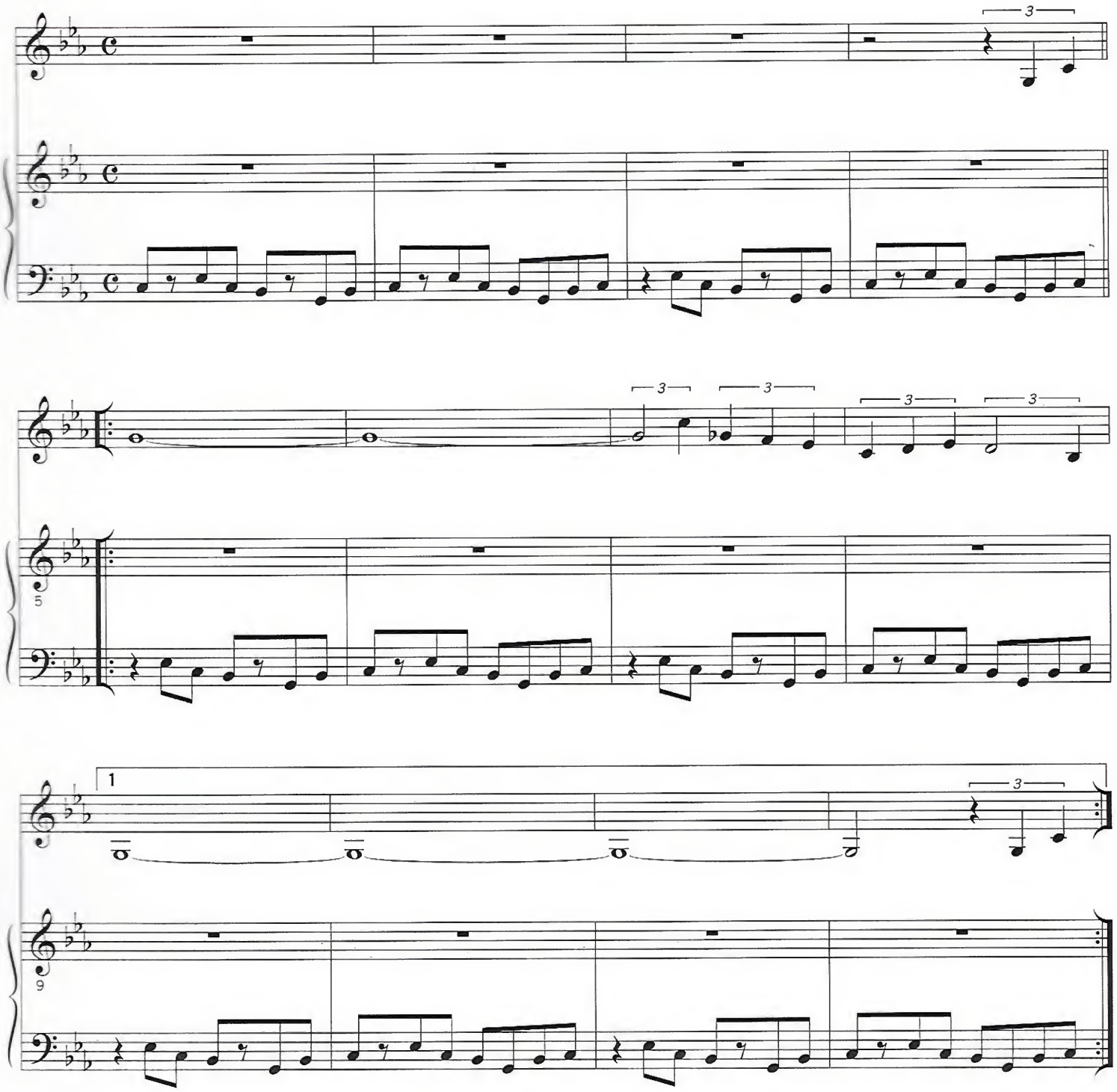

Dbmaj7(9)
Cb7(9 #11)
Bbm7(11)
Ebm7
Mo - en - da que - ro ver vi - rar
Pre - pa - ra a re - de de tu - cum
37
Ebm7
F7(#9)
Bbm7(11)
Na ho - ra que o a - mor che - gar O a - mor é rei
Que o a-mor vei - o em - bo - lar mais um
42
Ebm7
F7(#9)
Bbm7
Ebm7
Nos - so rei Ban - tu Su - a voz é lei No ma -
47
Ab7(b9 13)
Dbmaj7(6)
Gbmaj7
Fm7(9)
Fb7(9)
1
ra - ca tu Ê, Si - nhá,
52


A♭7(♭9 13)
D♭m7
2
ra - ca tu
57
G7(♯11 9 13)
F♯7(♯11 9 13)
B7(13)
B7(♭13)
62
Emaj7(9)
C♯m
F♯m7
68
F♯m7
G♯7(♯9)
C♯m
D7(9)
1
3
3
73

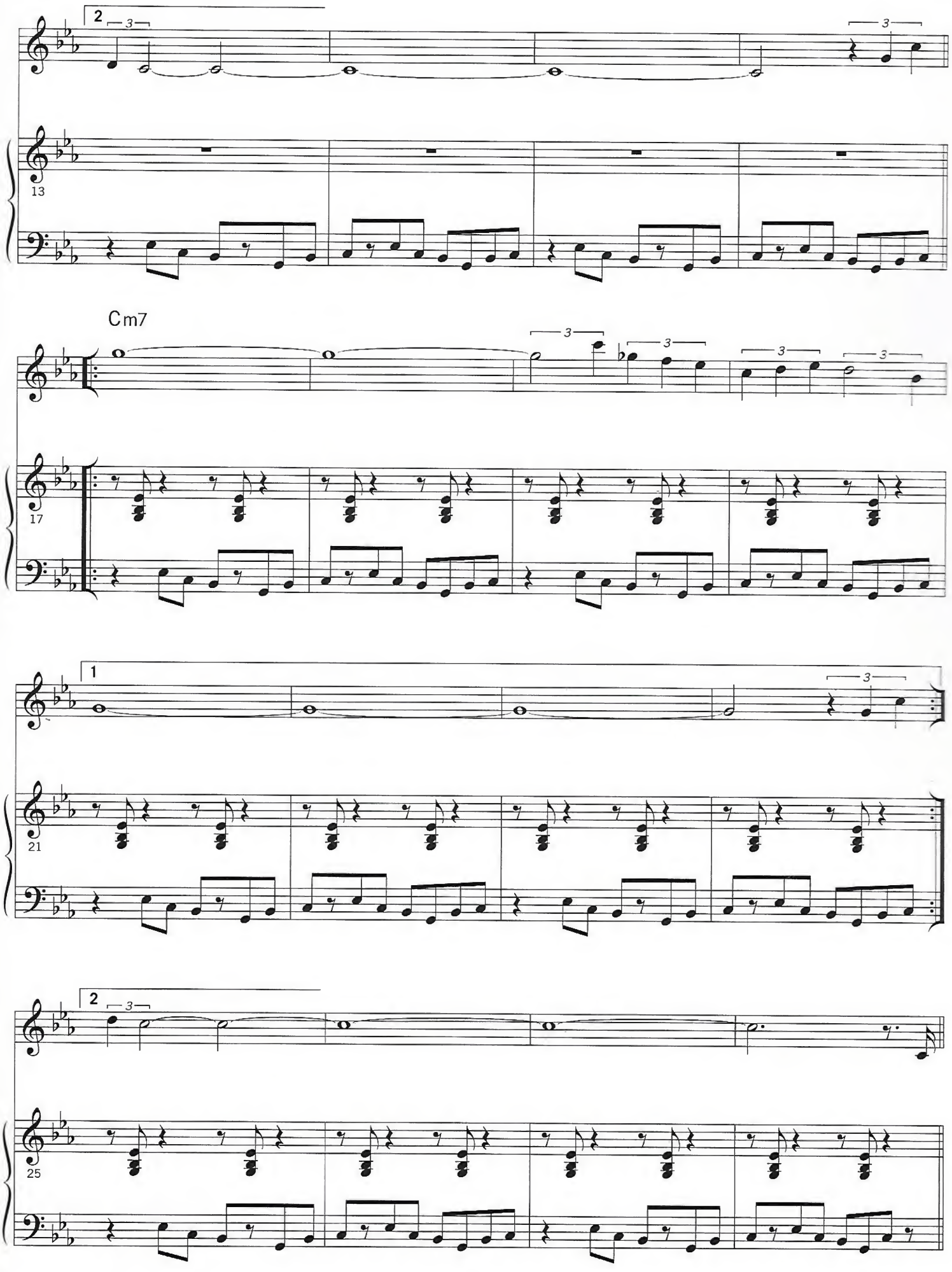

Am6
C♯m7
F♯m7
G♯7
2
O a - mor é rei Nos - so rei Ban - tu
78
C♯m7
F♯m7
B 7(♭9 ♭13)
E 6 9
Su - a voz é lei No ma - ra - ca tu
83
E 6 9
F 7(♯9 ♯11)
B♭7 (♭13)
Ao 𝄋 e ⊖
E - cô! Mas quem vem lá
88
A♭7(♭9 ♭13)
Amaj7(9)
D♭maj7(9 ♯11)
ra - ca tu Ma - ra - ca tu
93

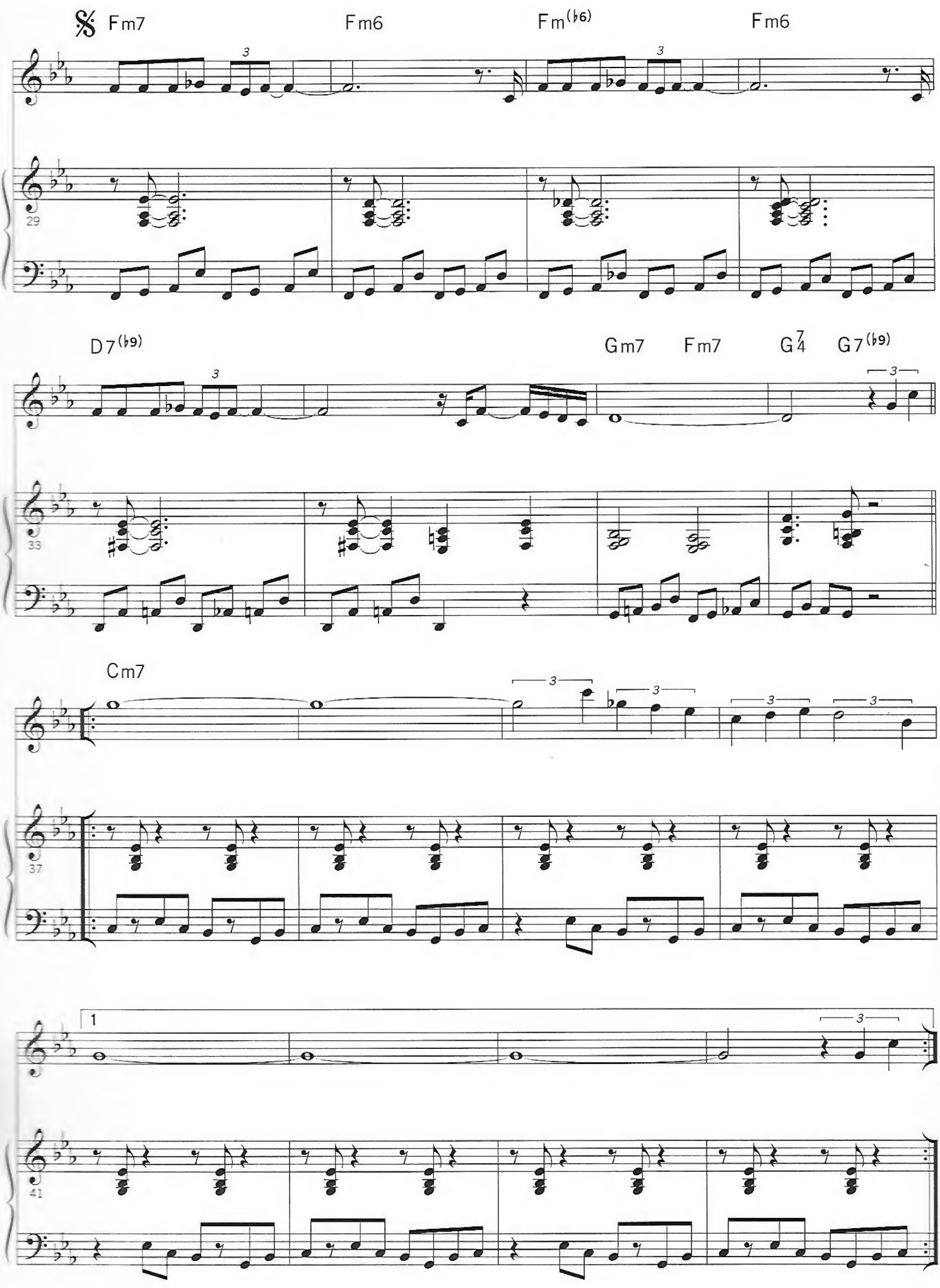
COISA Nº4

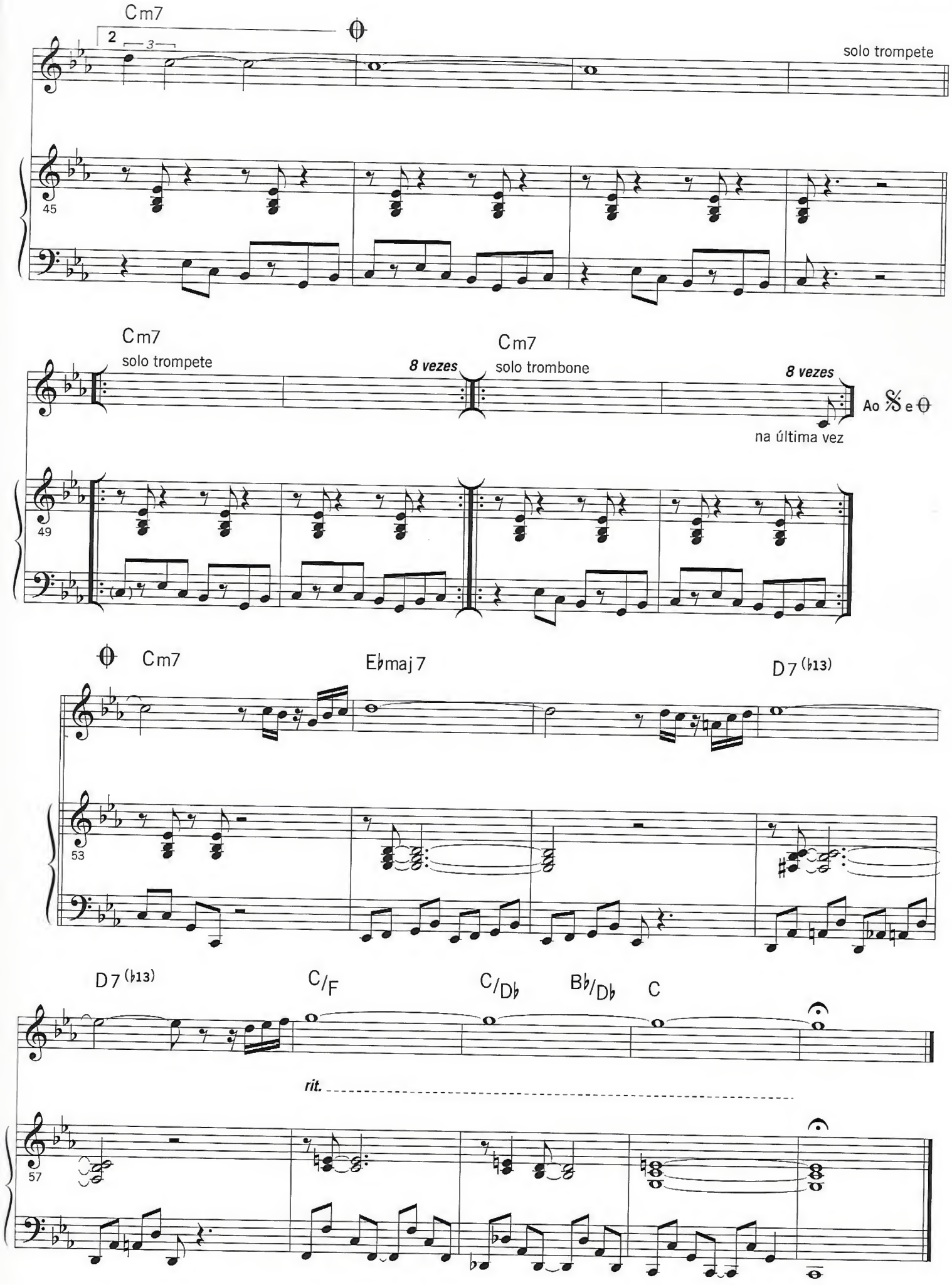
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 2000 Copyrights

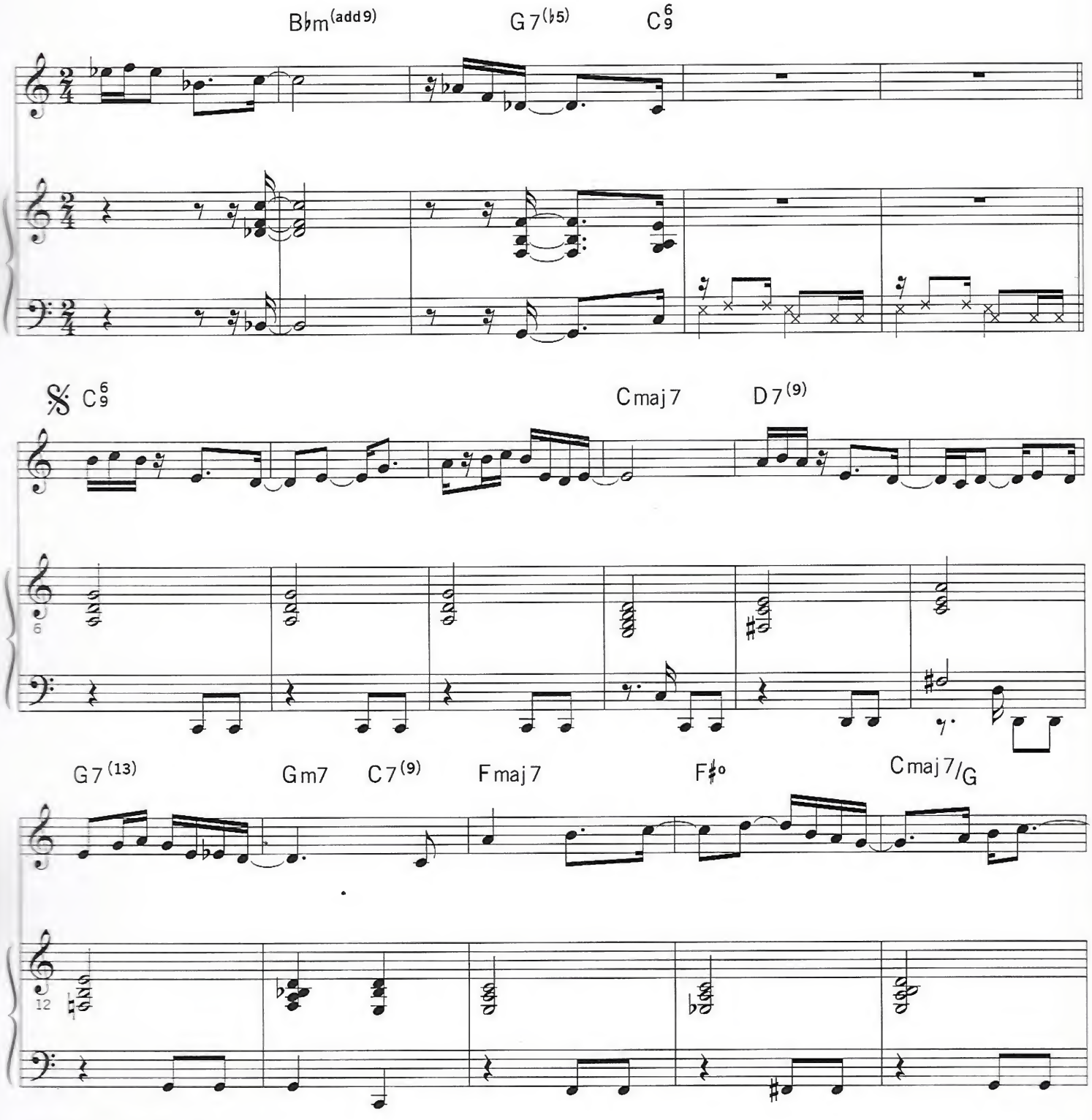

2
3
13
Cm7
17
1
21
25


Fm7
Fm6
Fm(♭6)
Fm6
29
D7(♭9)
Gm7
Fm7
G7/4
G7(♭9)
33
Cm7
37
1
41

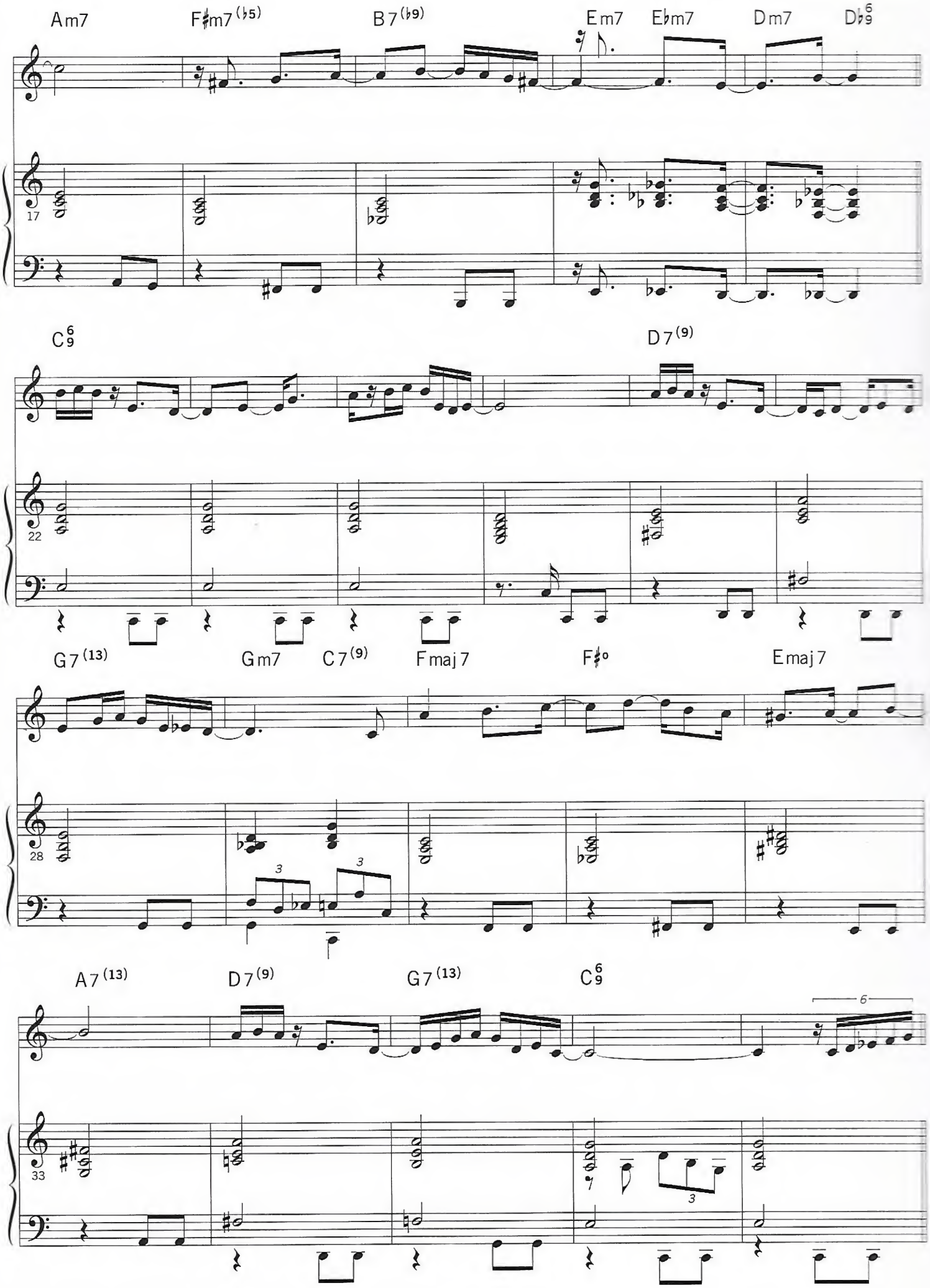

Cm7
solo trompete
45
Cm7
solo trompete
8 vezes
Cm7
solo trombone
8 vezes
Ao 𝄋 e θ
na última vez
49
θ Cm7
E♭maj7
D7 (♭13)
53
D7 (♭13)
C/F
C/D♭
B♭/D♭
C
rit.
57

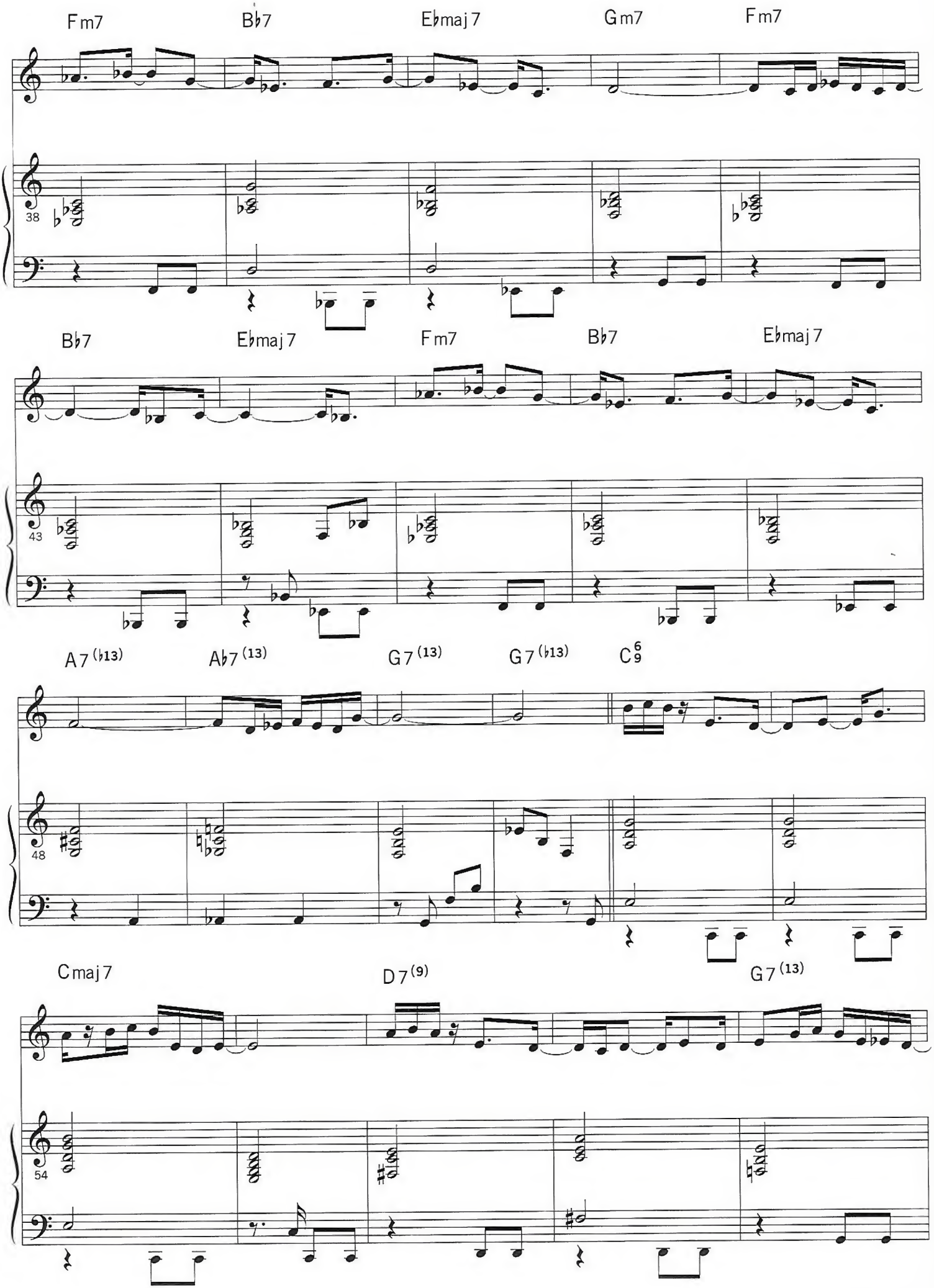
COISA Nº10

Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 1999 Copyrights


Am7
F♯m7(♭5)
B7(♭9)
Em7
E♭m7
Dm7
D♭6/9
17
C6/9
D7(9)
22
G7(13)
Gm7
C7(9)
Fmaj7
F♯°
Emaj7
28
3
3
A7(13)
D7(9)
G7(13)
C6/9
6
33
3


Fm7
B♭7
E♭maj7
Gm7
Fm7
38
B♭7
E♭maj7
Fm7
B♭7
E♭maj7
43
A7(♭13)
A♭7(13)
G7(13)
G7(♭13)
C6/9
48
Cmaj7
D7(9)
G7(13)
54

Gm7 C7(9) Fmaj7 F♯o Emaj7 A7(13) 𝄌

59

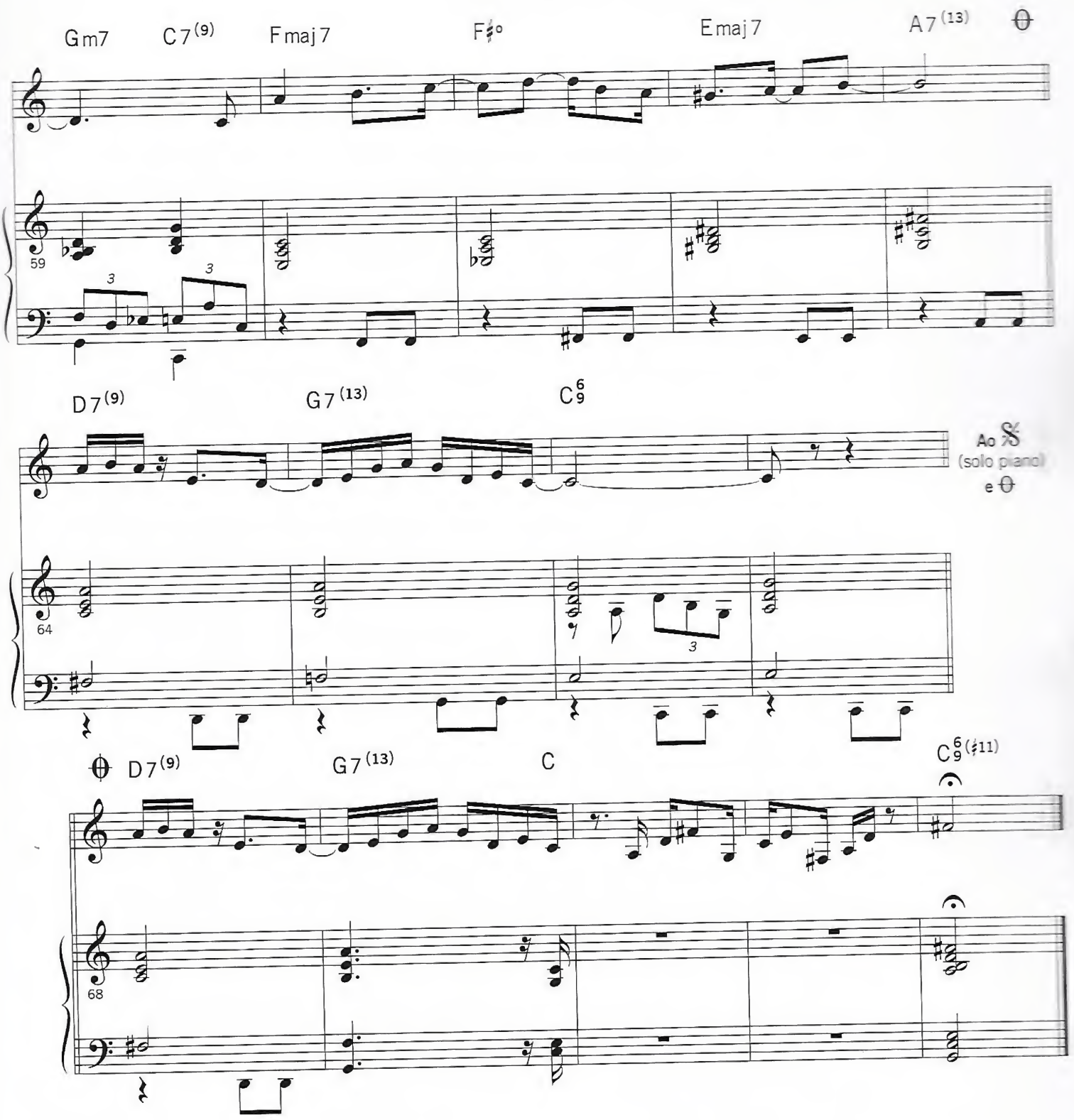
D7(9) G7(13) C6/9

Ao 𝄋 (solo piano) e 𝄌

64

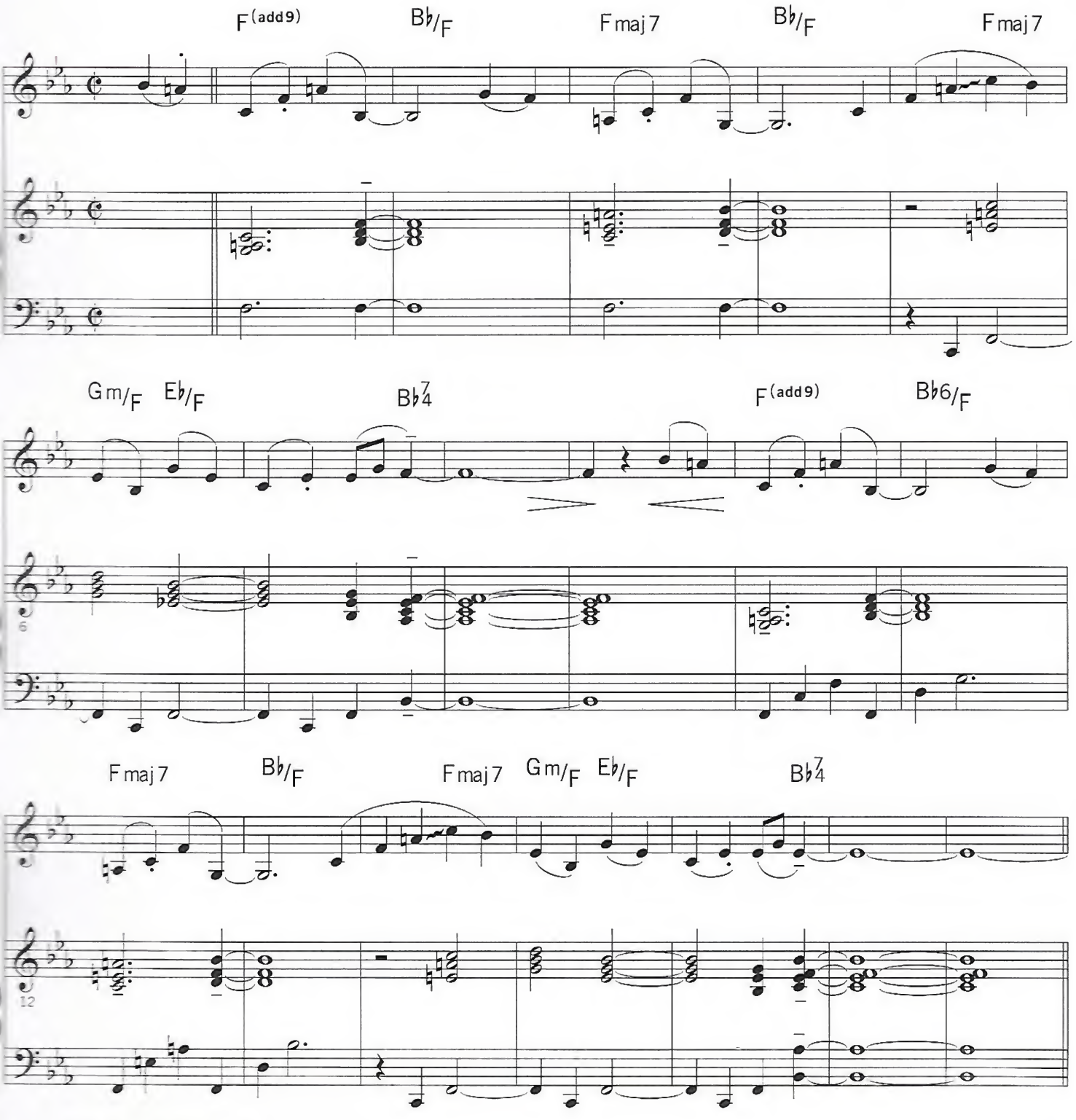
𝄌 D7(9) G7(13) C C6/9(♯11)

68

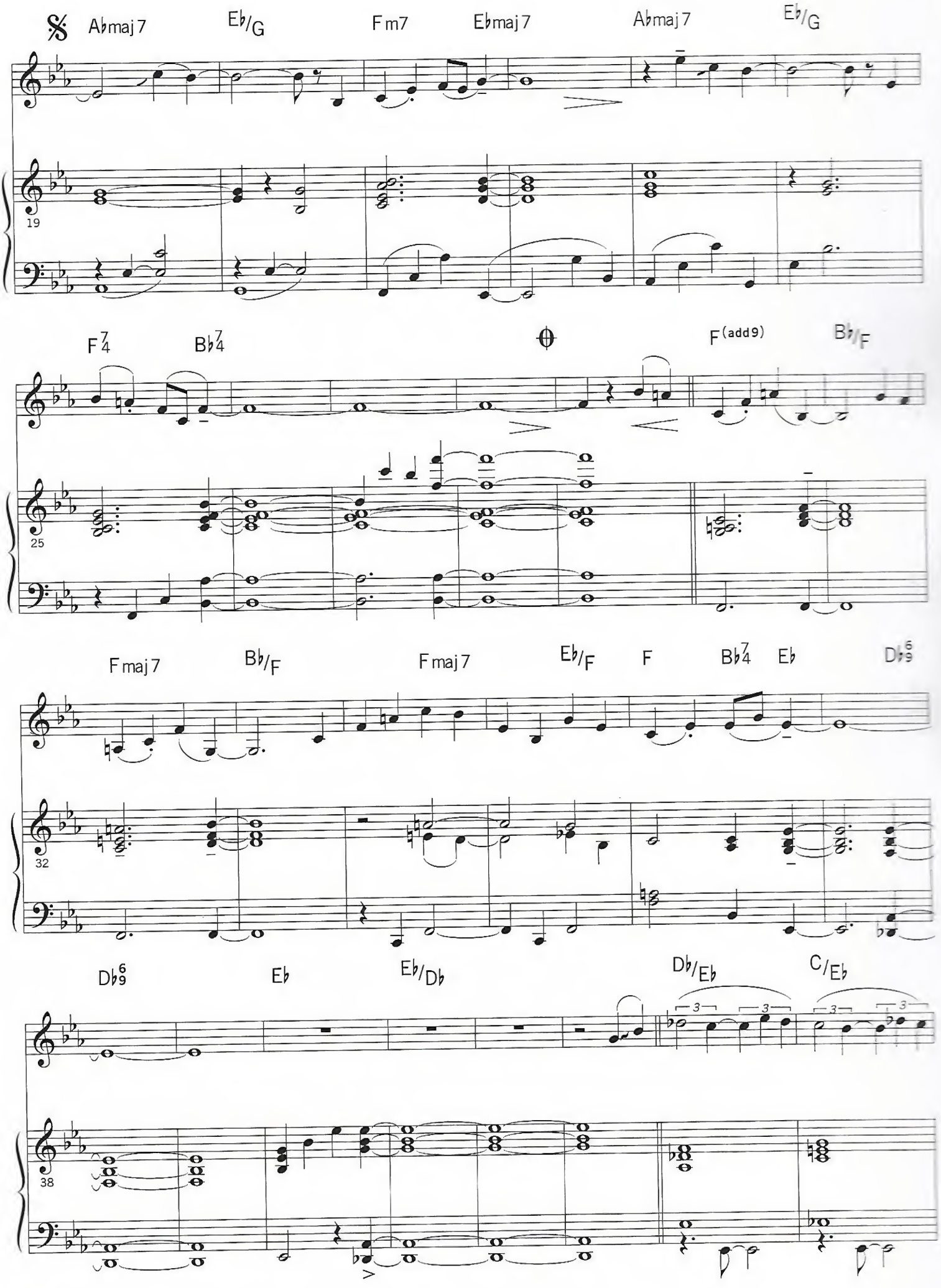


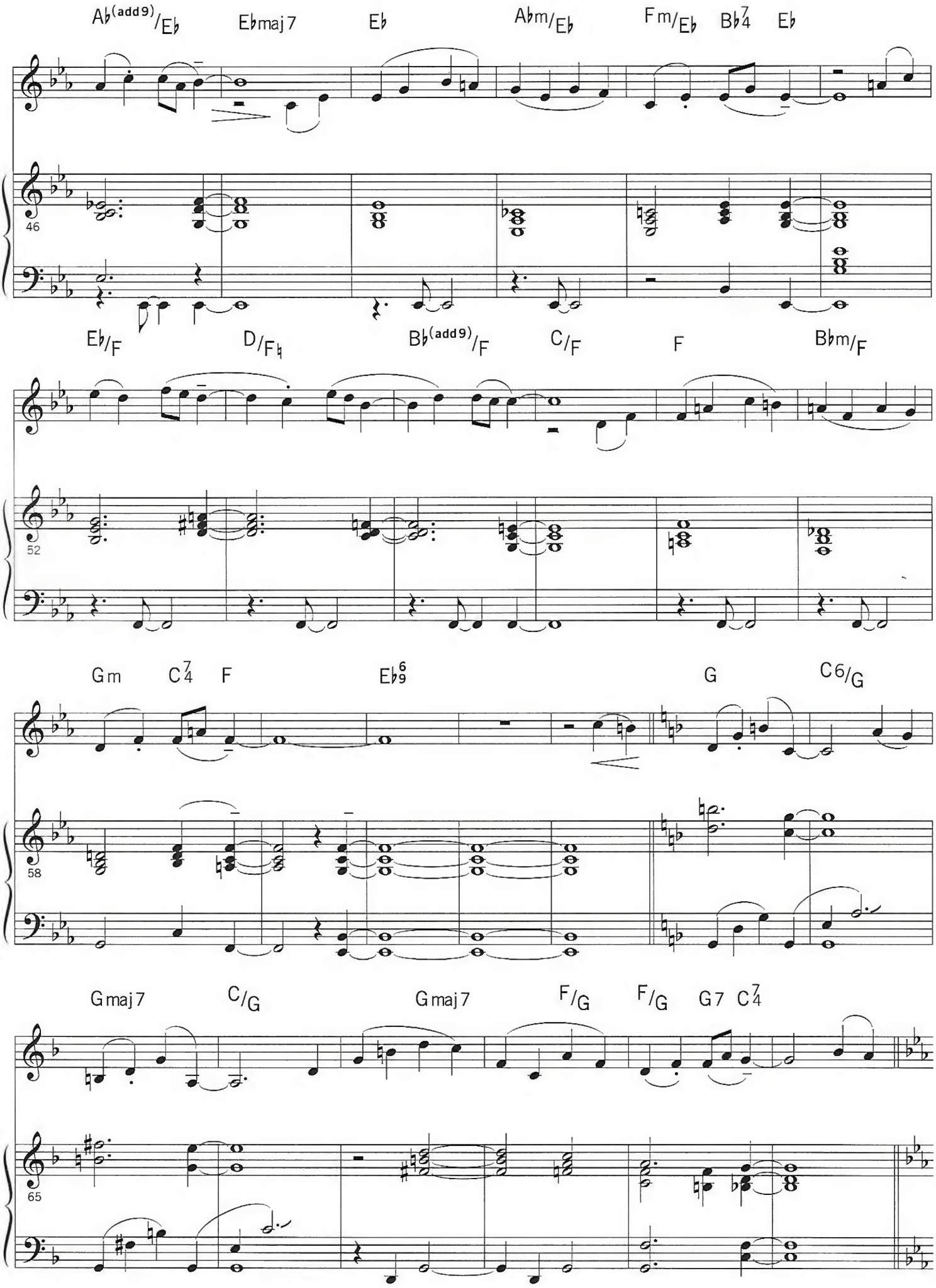
JEQUIÉ

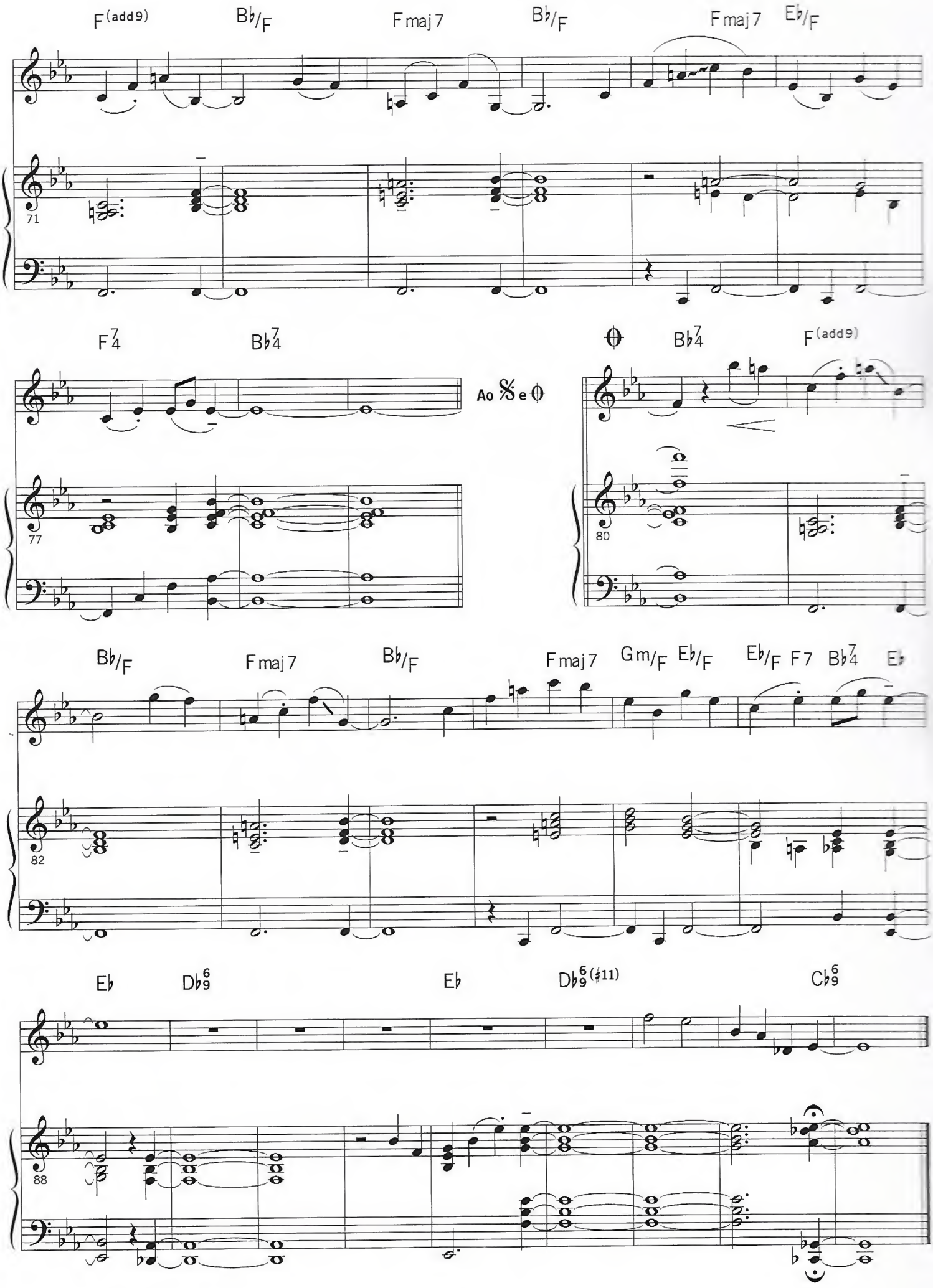
Moacir Santos I Aldir Blanc
adaptação Mario Adnet



copyright © 1989 Universal I 1999 Copyrights

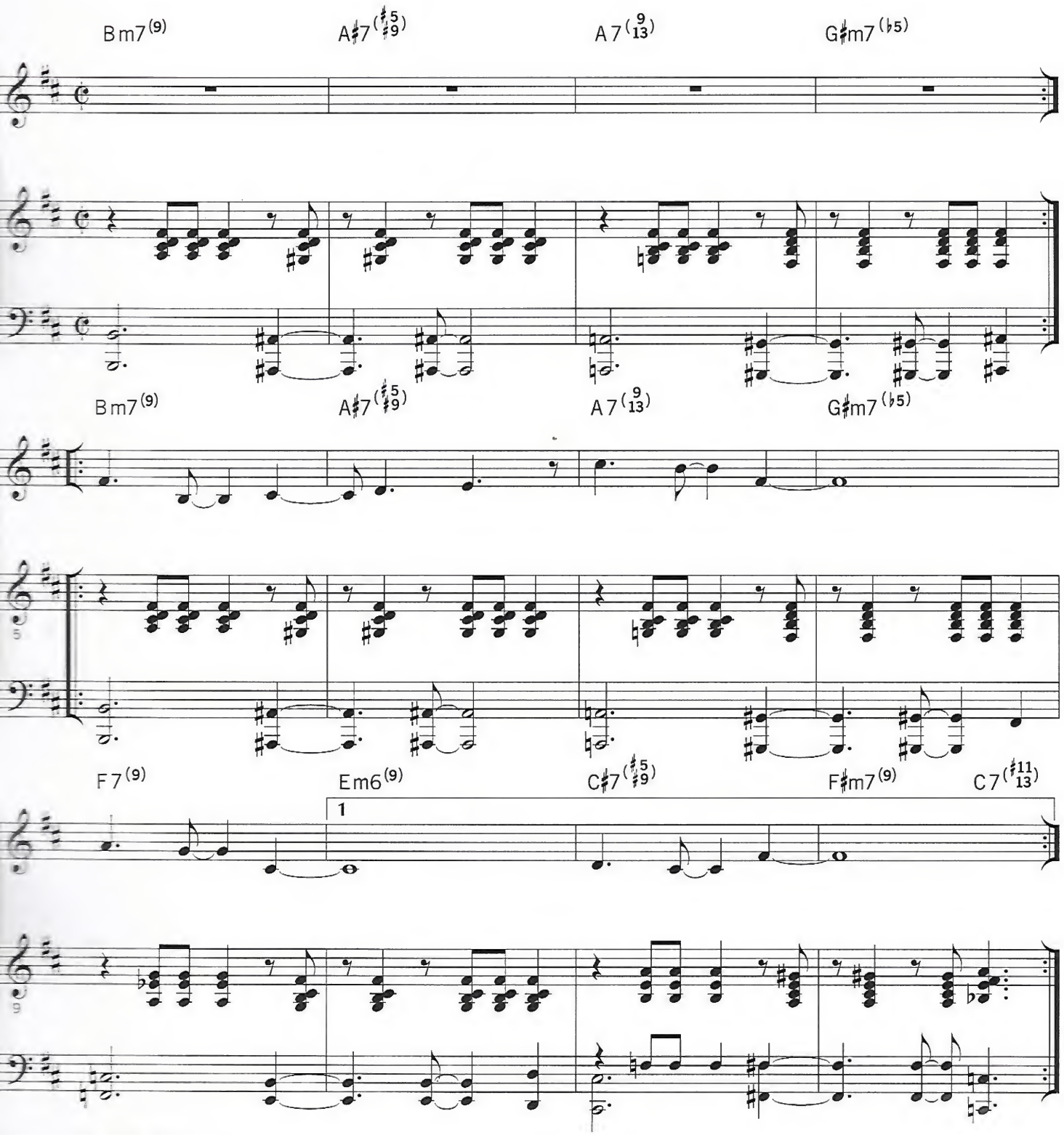

A♭maj7
E♭/G
Fm7
E♭maj7
A♭maj7
E♭/G
19
F7/4
B♭7/4
F(add9)
B♭/F
25
Fmaj7
B♭/F
Fmaj7
E♭/F
F
B♭7/4
E♭
D♭6/9
32
D♭6/9
E♭
E♭/D♭
D♭/E♭
C/E♭
38


Ab(add9)/Eb
Ebmaj7
Eb
Abm/Eb
Fm/Eb
Bb7/4
Eb
46
Eb/F
D/F♮
Bb(add9)/F
C/F
F
Bbm/F
52
Gm
C7/4
F
Eb6/9
G
C6/G
58
Gmaj7
C/G
Gmaj7
F/G
F/G
G7
C7/4
65

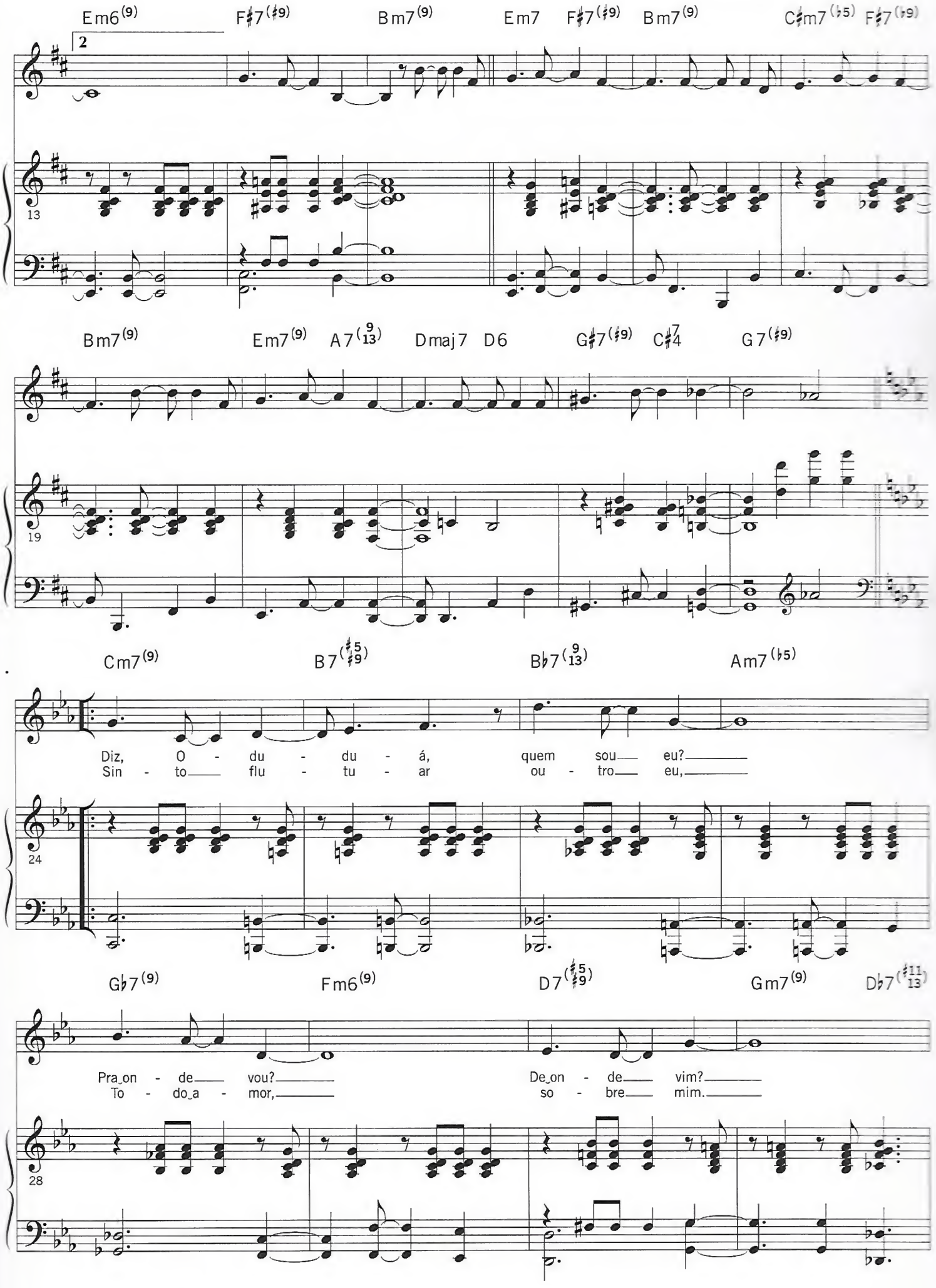

F(add9)
B♭/F
Fmaj7
B♭/F
Fmaj7
E♭/F
71
F7/4
B♭7/4
Ao 𝄋 e ⊖
77
⊖
B♭7/4
F(add9)
80
B♭/F
Fmaj7
B♭/F
Fmaj7
Gm/F
E♭/F
E♭/F
F7
B♭7/4
E♭
82
E♭
D♭6/9
E♭
D♭6/9(♯11)
C♭6/9
88

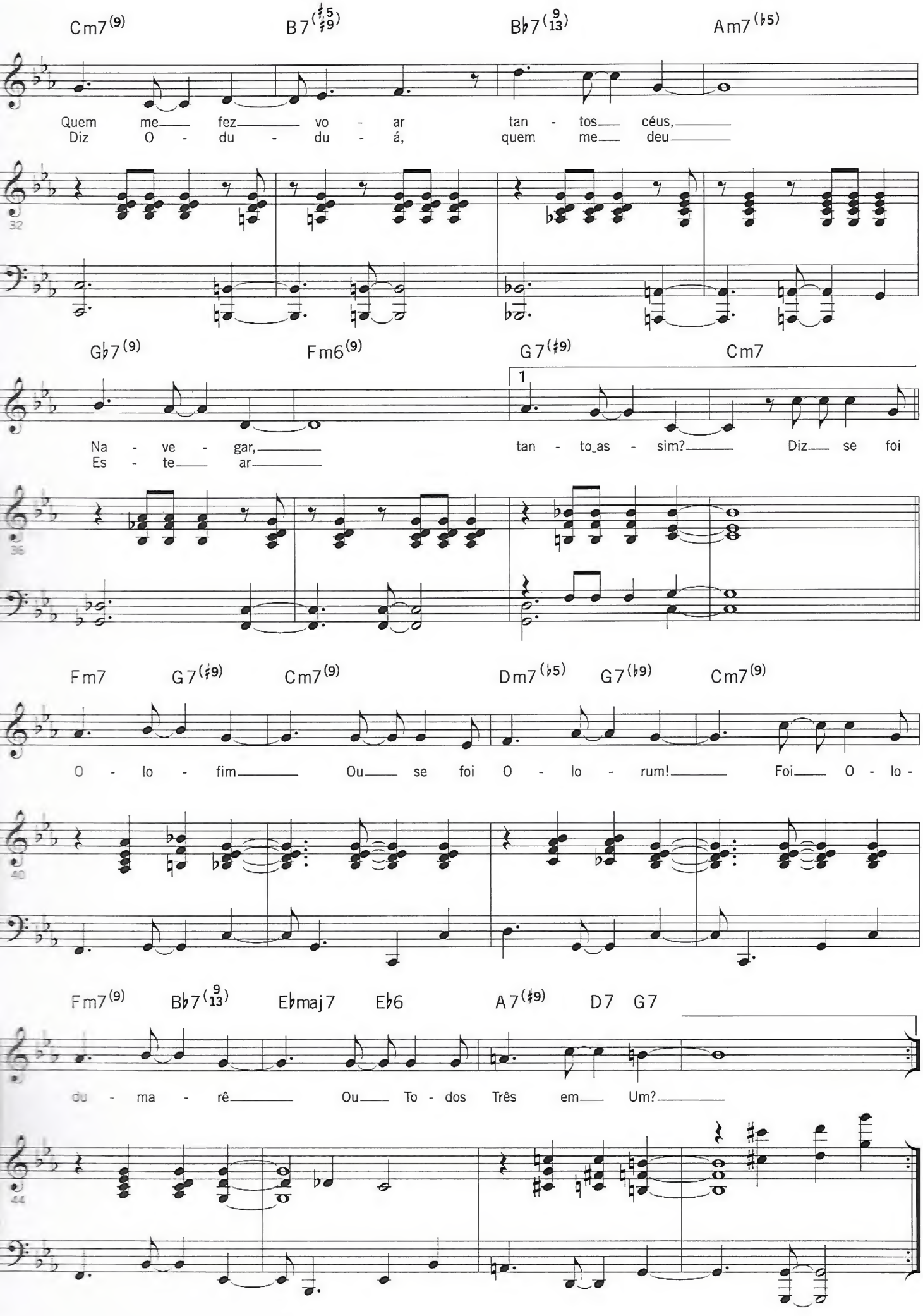
ODUDUÁ WHAT'S MY NAME

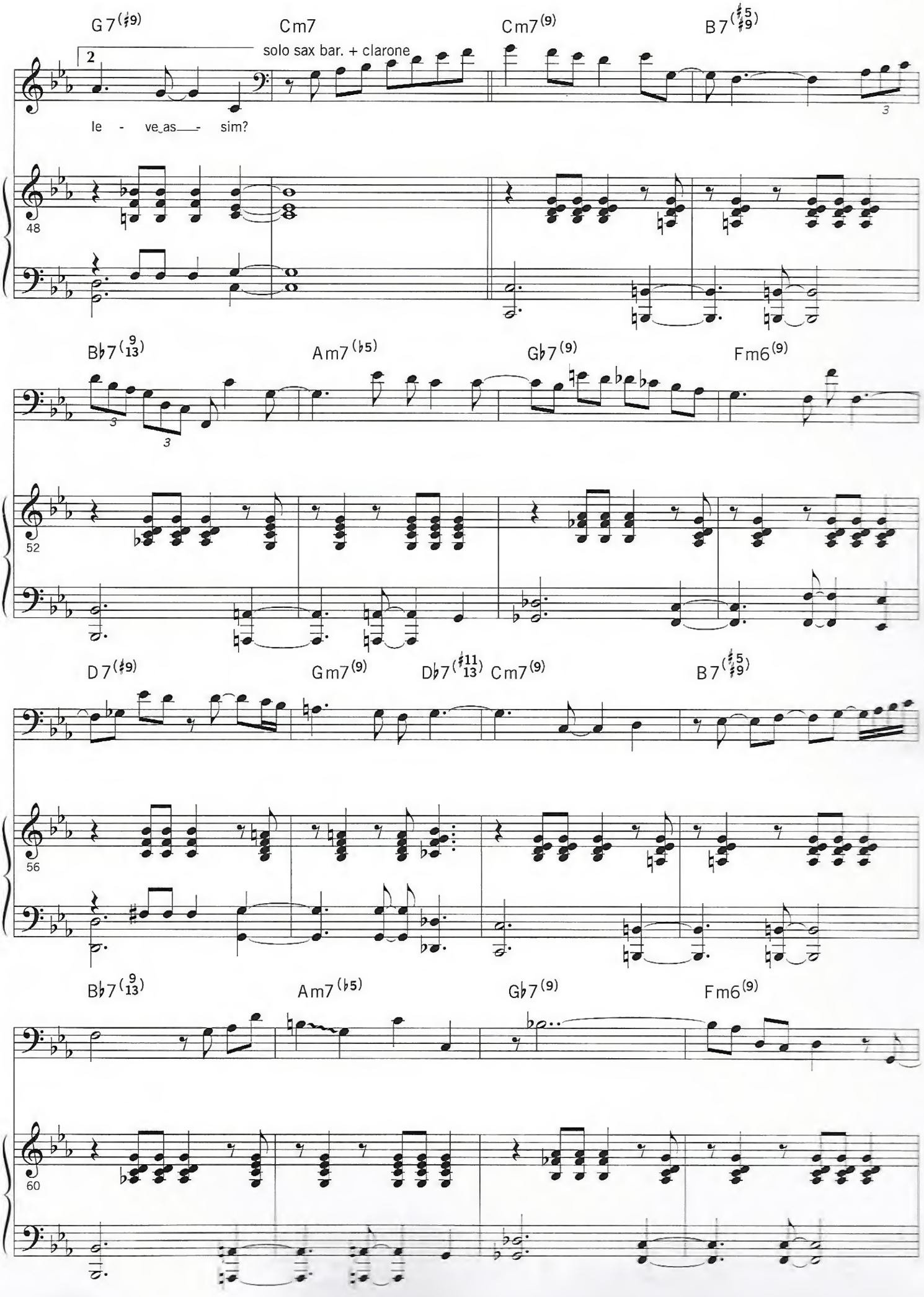
Moacir Santos I Jay Livingston I Ray Evans I Ney Lopes
adaptação Mario Adnet

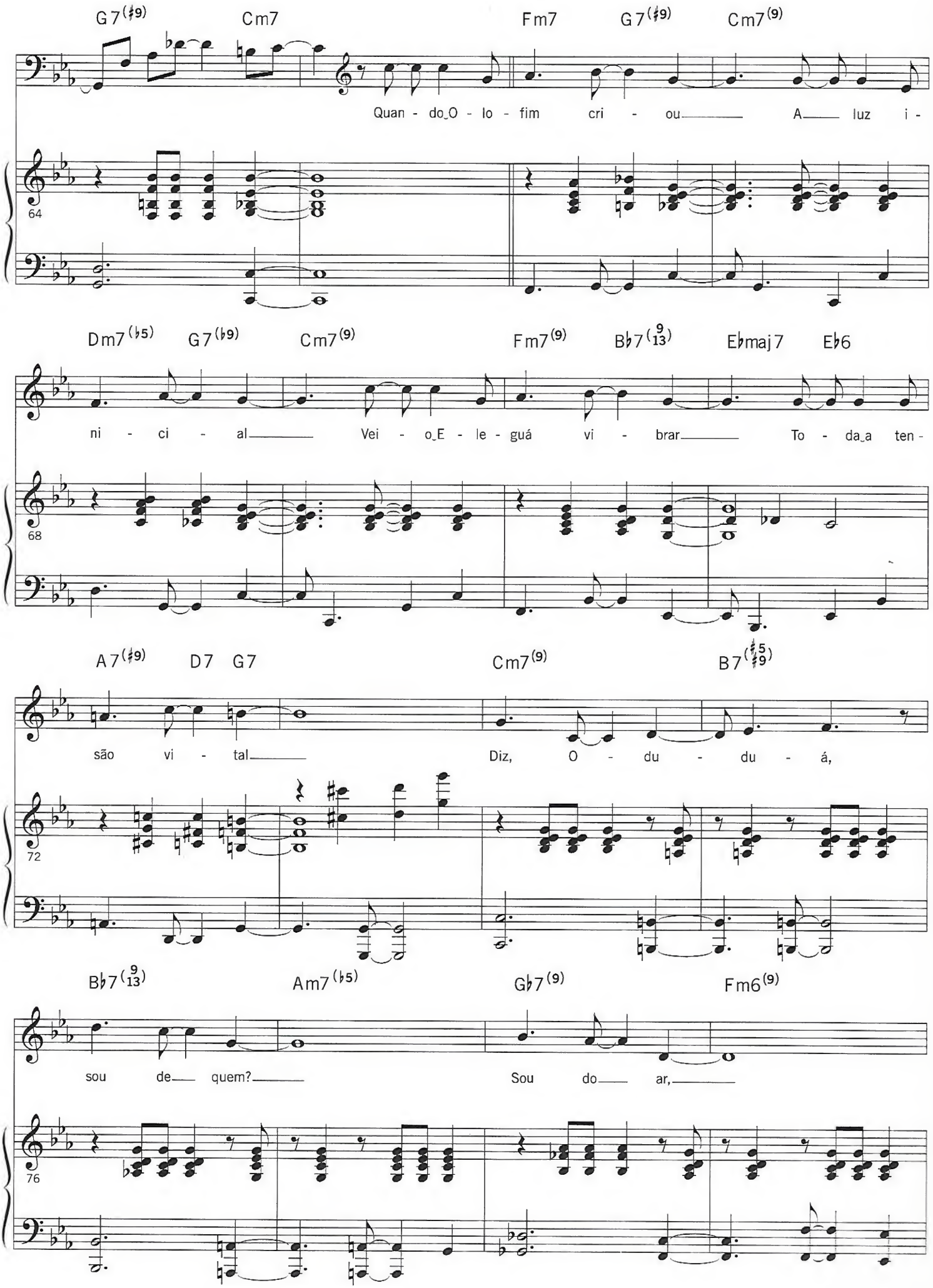


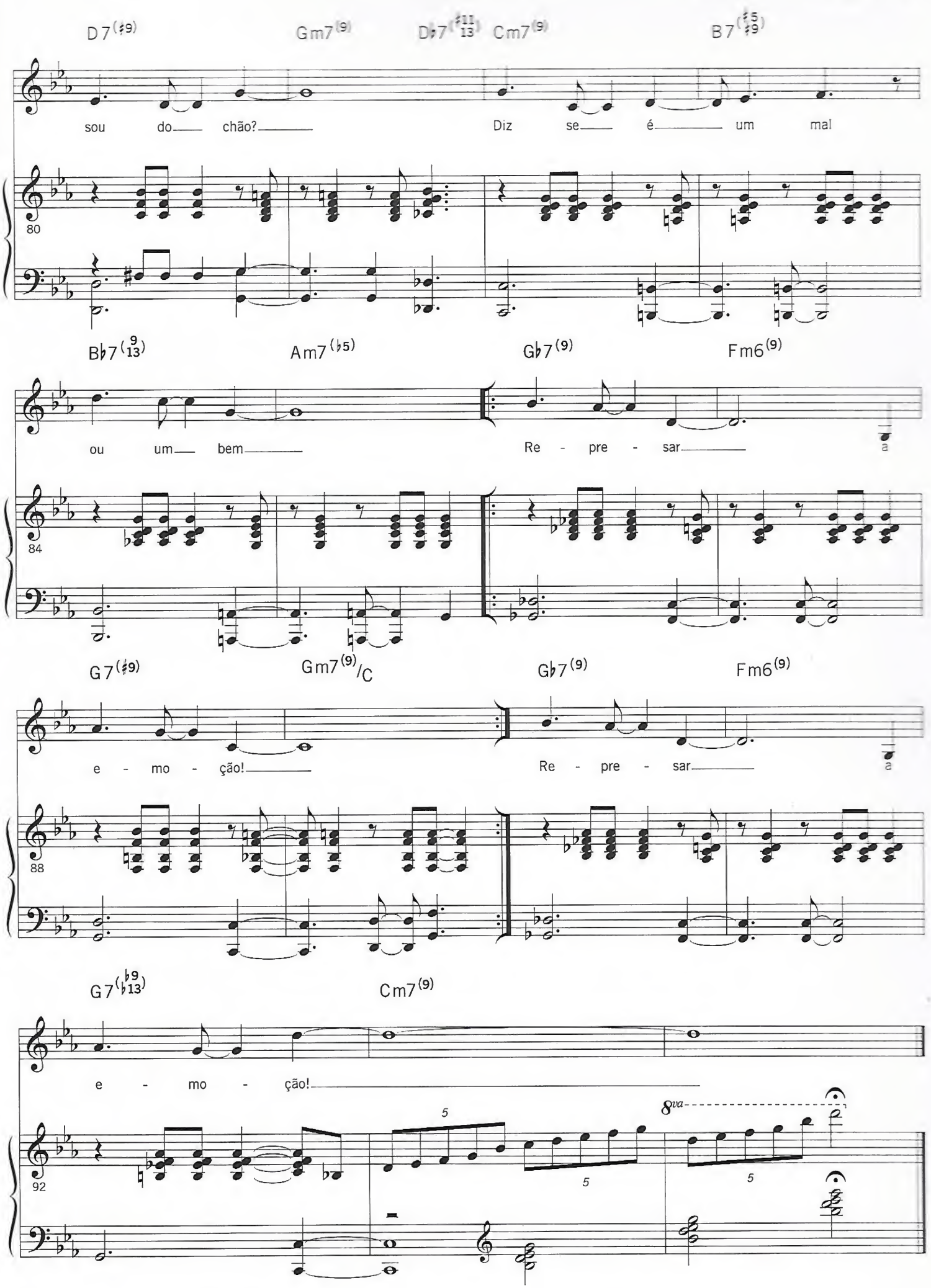
copyright © 1998 Warner Chappel


Em6(9) F♯7(♯9) Bm7(9) Em7 F♯7(♯9) Bm7(9) C♯m7(♭5) F♯7(♭9)
2
13
Bm7(9) Em7(9) A7(9 13) Dmaj7 D6 G♯7(♯9) C♯7 4 G7(♯9)
19
Cm7(9) B7(♯5 ♯9) B♭7(9 13) Am7(♭5)
Diz, O - du - du - á, quem sou eu?
Sin - to flu - tu - ar ou - tro eu,
24
G♭7(9) Fm6(9) D7(♯5 ♯9) Gm7(9) D♭7(♯11 13)
Pra on - de vou?
To - do a - mor,
De on - de vim?
so - bre mim.
28


Cm7(9) B7(♯5 ♯9) B♭7(9 13) Am7(♭5)
Quem me fez vo - ar tan - tos céus,
Diz O - du - du - á, quem me deu
32
G♭7(9) Fm6(9) G7(♯9) Cm7
1
Na - ve - gar,
Es - te ar
tan - to as - sim? Diz se foi
36
Fm7 G7(♯9) Cm7(9) Dm7(♭5) G7(♭9) Cm7(9)
O - lo - fim Ou se foi O - lo - rum! Foi O - lo -
40
Fm7(9) B♭7(9 13) E♭maj7 E♭6 A7(♯9) D7 G7
du - ma - rê Ou To - dos Três em Um?
44

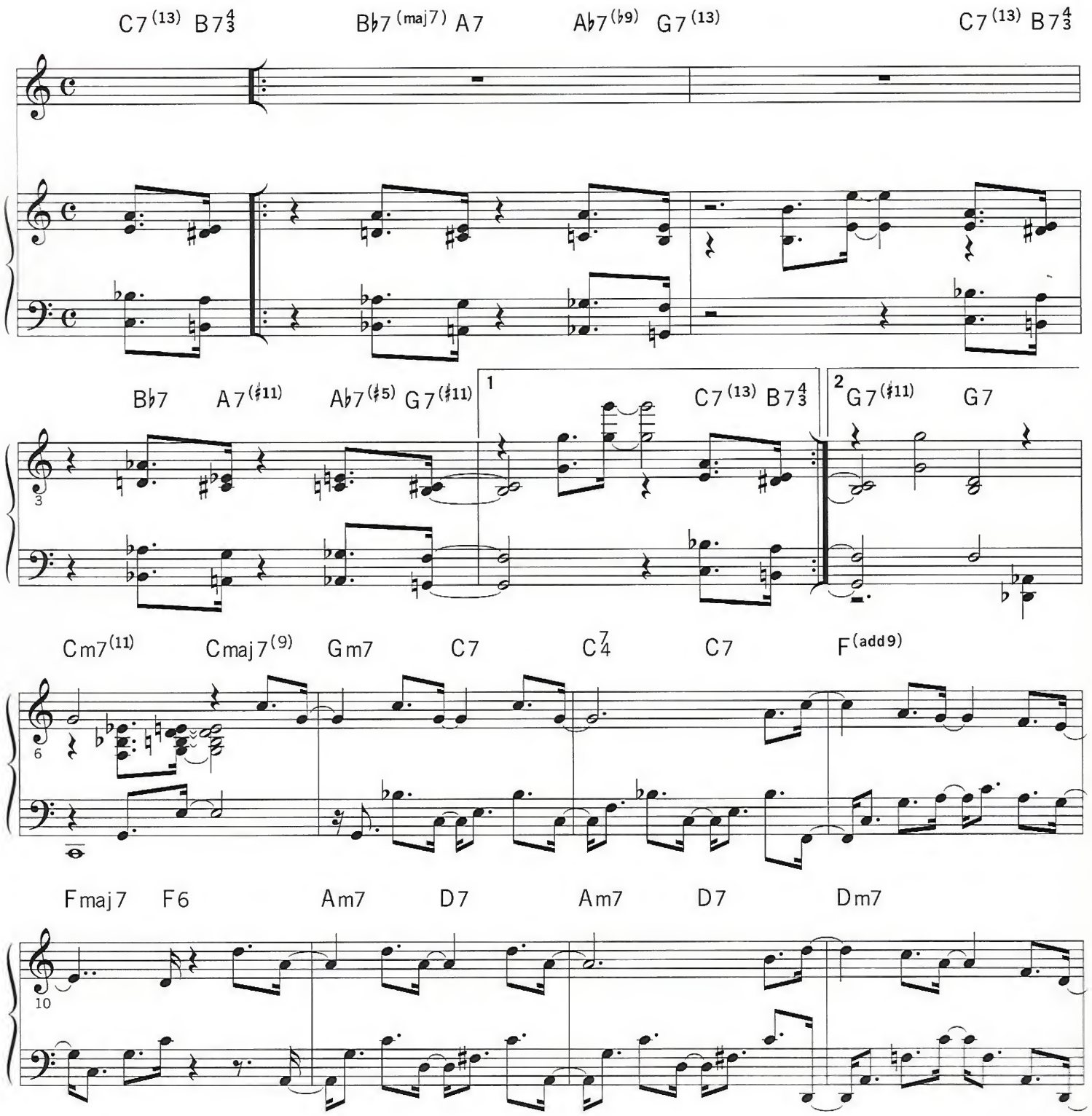

G7(♯9)
Cm7
Cm7(9)
B7(♯5 ♯9)
2
solo sax bar. + clarone
le - ve_as___- sim?
48
B♭7(9 13)
Am7(♭5)
G♭7(9)
Fm6(9)
52
D7(♯9)
Gm7(9)
D♭7(♯11 13)
Cm7(9)
B7(♯5 ♯9)
56
B♭7(9 13)
Am7(♭5)
G♭7(9)
Fm6(9)
60


G7(♯9) Cm7 Fm7 G7(♯9) Cm7(9)
Quan - do O - lo - fim cri - ou A luz i -
64
Dm7(♭5) G7(♭9) Cm7(9) Fm7(9) B♭7(9 13) E♭maj7 E♭6
ni - ci - al Vei - o E - le - guá vi - brar To - da a ten -
68
A7(♯9) D7 G7 Cm7(9) B7(♯5 ♯9)
são vi - tal Diz, O - du - du - á,
72
B♭7(9 13) Am7(♭5) G♭7(9) Fm6(9)
sou de quem? Sou do ar,
76

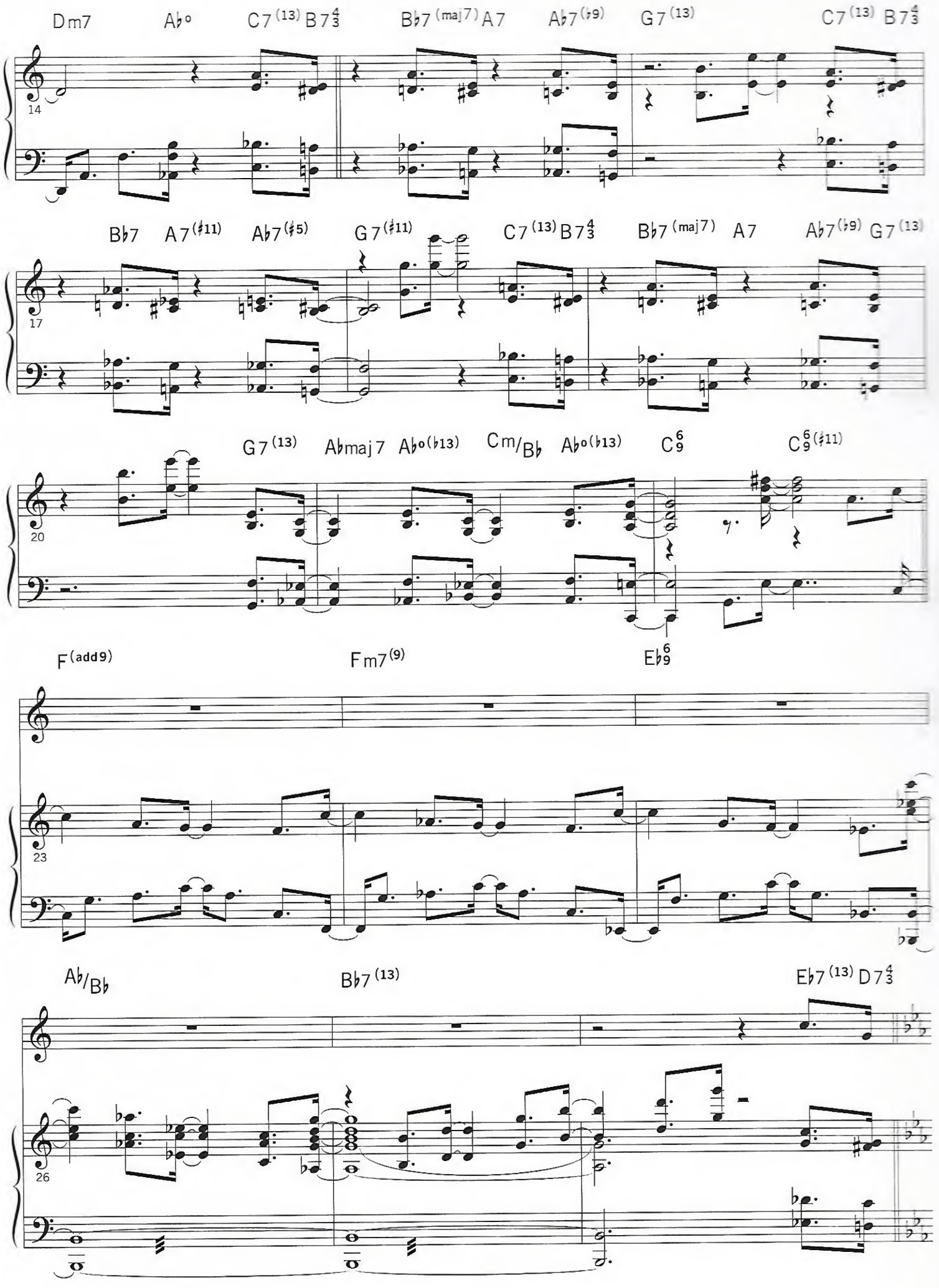

D7(♯9) Gm7(9) D♭7(♯11 13) Cm7(9) B7(♯5 ♯9)
sou do chão? Diz se é um mal
80
B♭7(9 13) Am7(♭5) G♭7(9) Fm6(9)
ou um bem Re - pre - sar
a
84
G7(♯9) Gm7(9)/C G♭7(9) Fm6(9)
e - mo - ção! Re - pre - sar
a
88
G7(♭9 ♭13) Cm7(9)
e - mo - ção!
92
5
5
8va
5

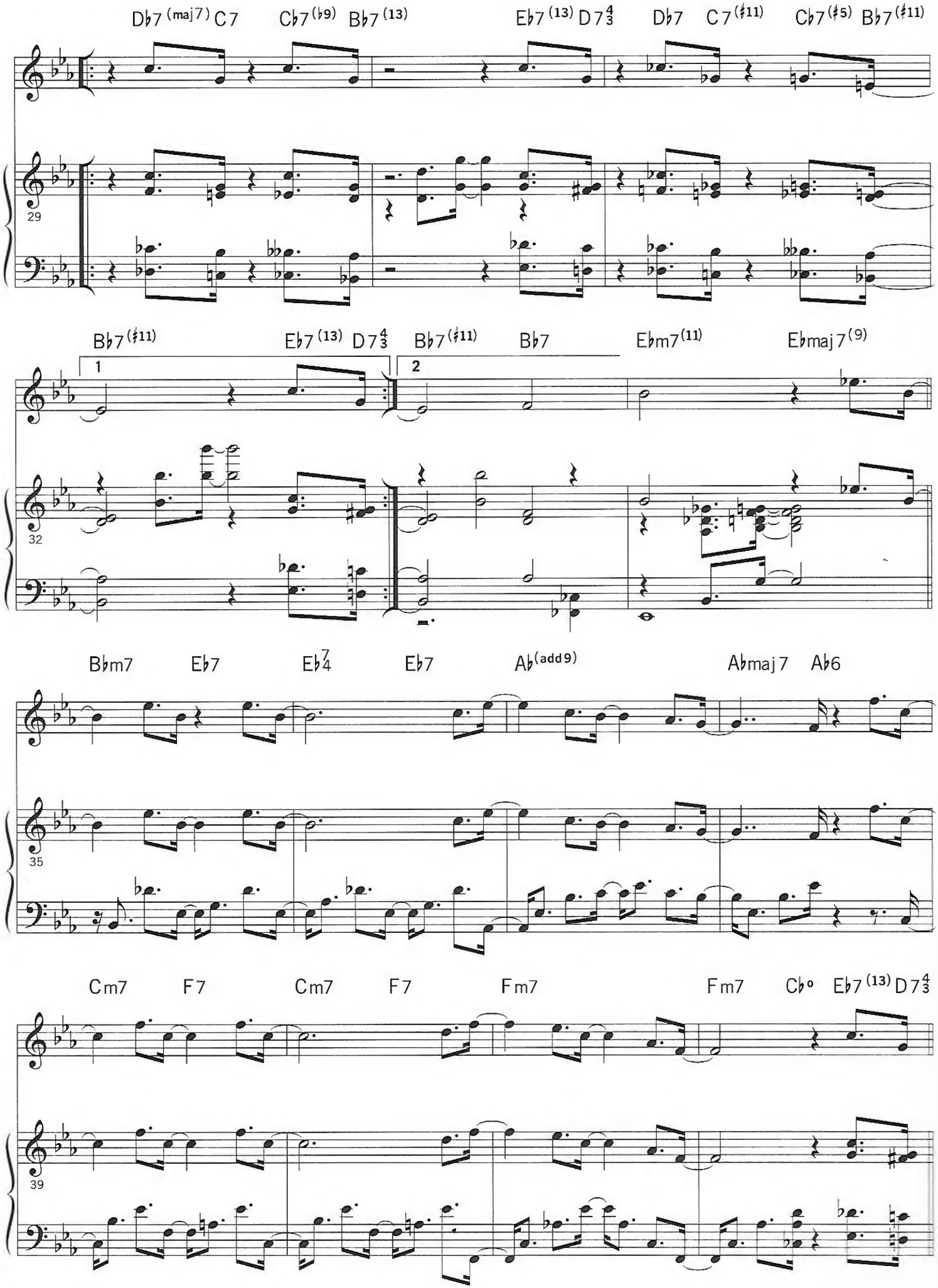
COISA Nº3

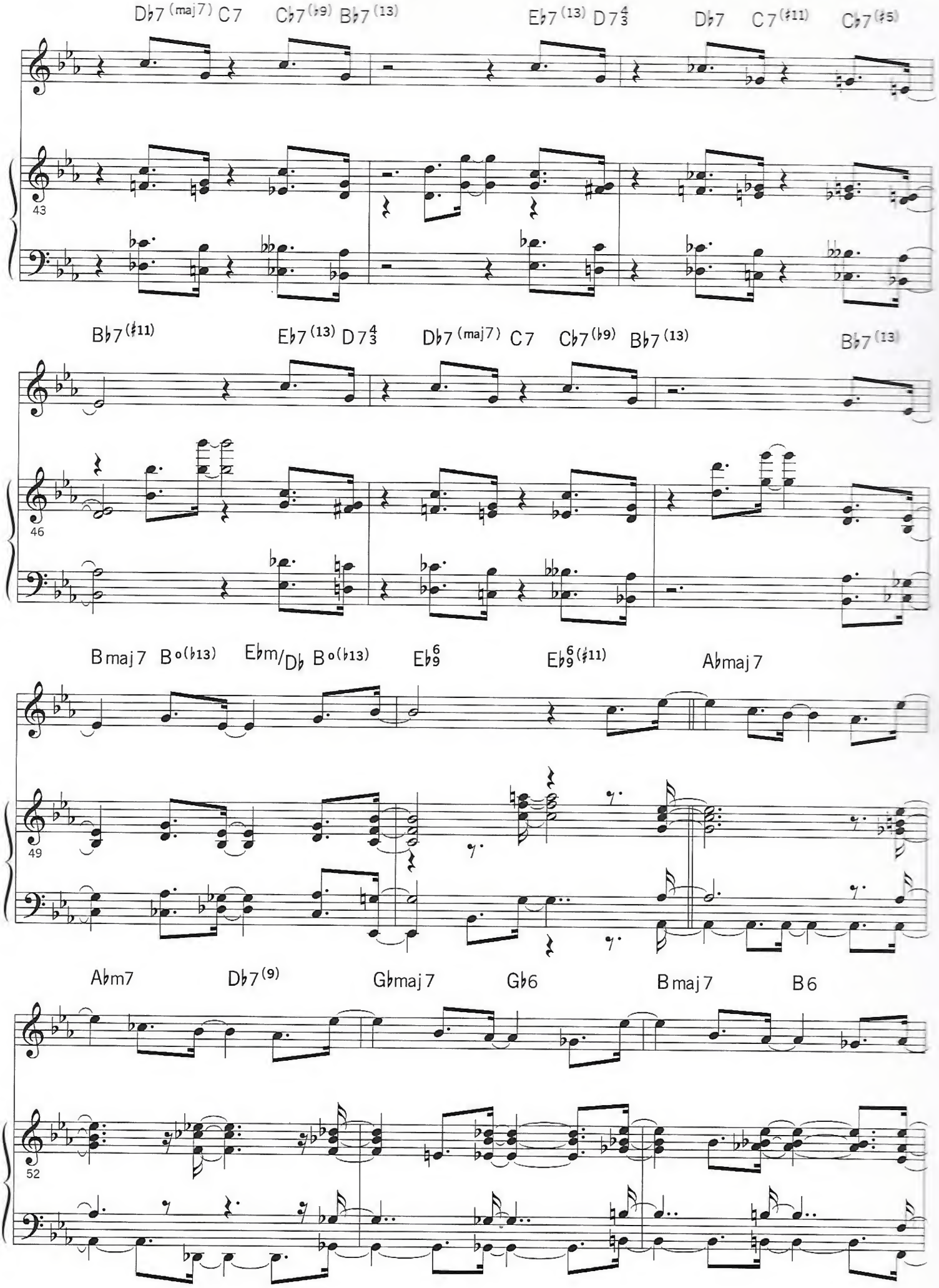
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

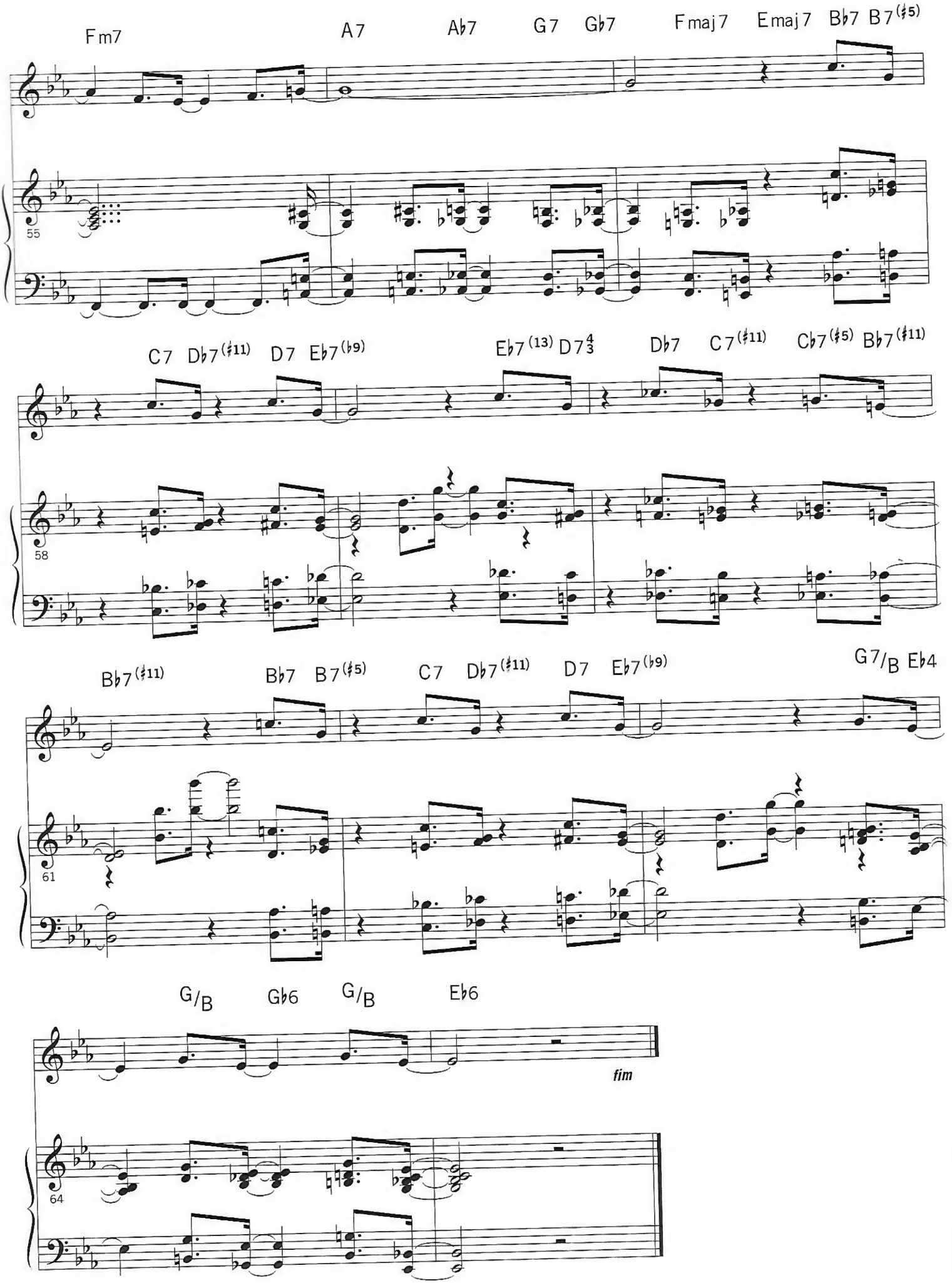


copyright © 2000 Copyrights


Dm7 A♭° C7(13) B7♭3 B♭7(maj7) A7 A♭7(♭9) G7(13) C7(13) B7♭3
14
B♭7 A7(♯11) A♭7(♯5) G7(♯11) C7(13) B7♭3 B♭7(maj7) A7 A♭7(♭9) G7(13)
17
G7(13) A♭maj7 A♭°(♭13) Cm/B♭ A♭°(♭13) C6/9 C6/9(♯11)
20
F(add9) Fm7(9) E♭6/9
23
A♭/B♭ B♭7(13) E♭7(13) D7♭3
26

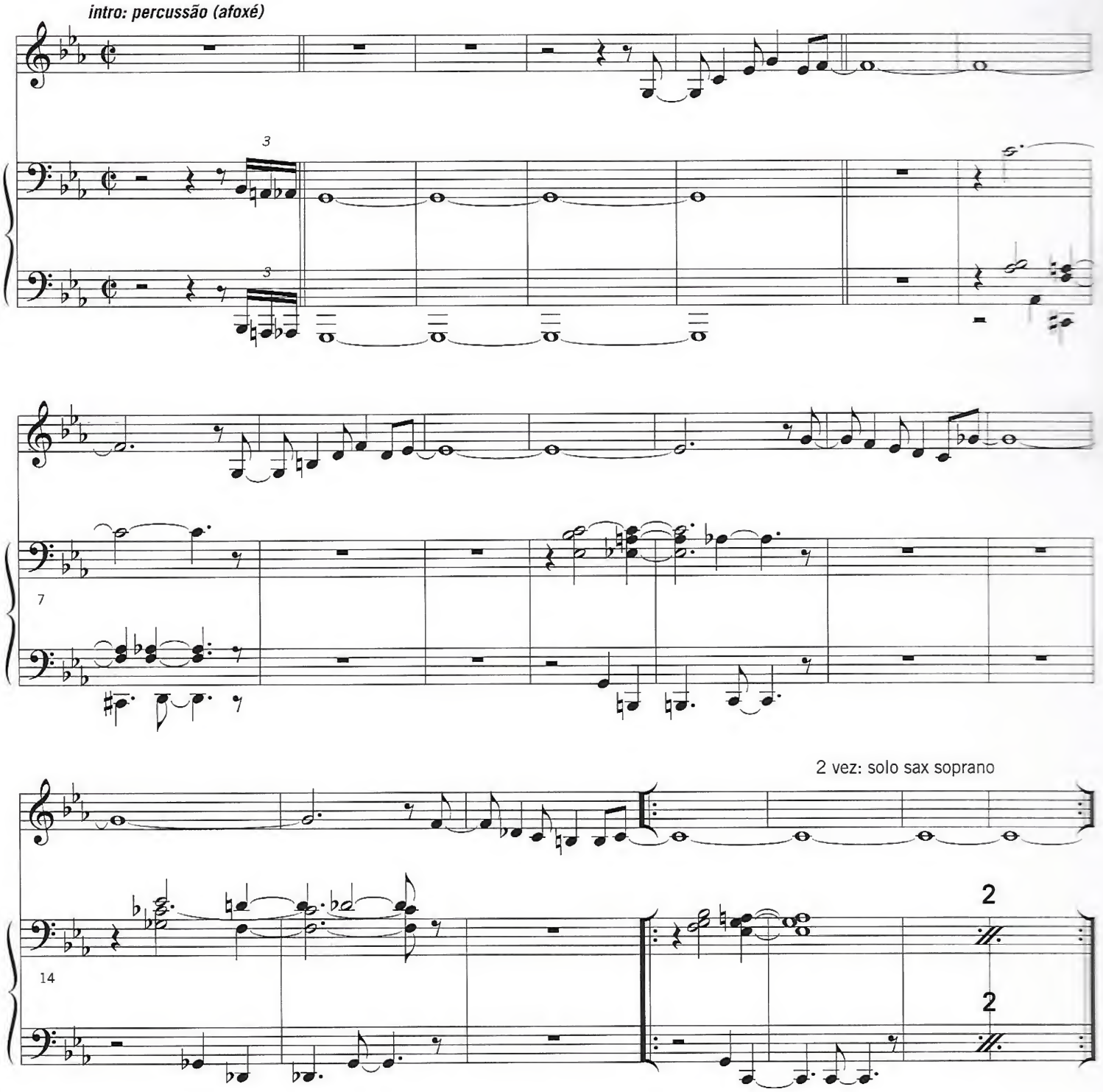

D♭7 (maj7) C7
C♭7 (♭9) B♭7 (13)
E♭7 (13) D7 4/3
D♭7 C7 (♯11)
C♭7 (♯5) B♭7 (♯11)
29
B♭7 (♯11)
E♭7 (13) D7 4/3
B♭7 (♯11)
B♭7
E♭m7 (11)
E♭maj7 (9)
1
2
32
B♭m7
E♭7
E♭7 4
E♭7
A♭ (add9)
A♭maj7
A♭6
35
Cm7
F7
Cm7
F7
Fm7
Fm7
C♭°
E♭7 (13) D7 4/3
39


D♭7 (maj7) C7 C♭7 (♭9) B♭7 (13) E♭7 (13) D7 4/3 D♭7 C7 (♯11) C♭7 (♯5)
43
B♭7 (♯11) E♭7 (13) D7 4/3 D♭7 (maj7) C7 C♭7 (♭9) B♭7 (13) B♭7 (13)
46
Bmaj7 B°(♭13) E♭m/D♭ B°(♭13) E♭9 6 E♭9 6 (♯11) A♭maj7
49
A♭m7 D♭7 (9) G♭maj7 G♭6 Bmaj7 B6
52

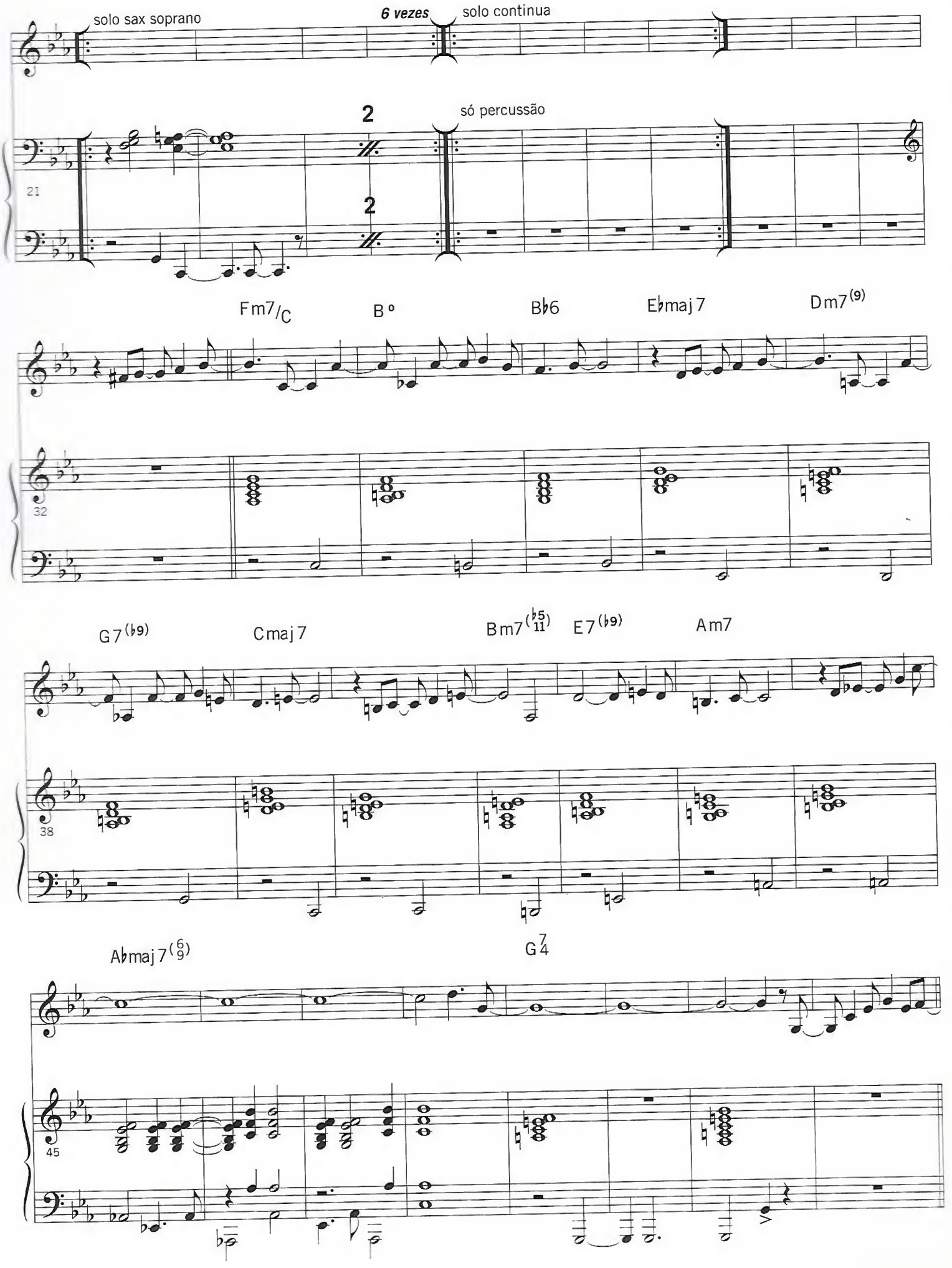

Fm7
A7
Ab7
G7
Gb7
Fmaj7
Emaj7
Bb7
B7(#5)
55
C7
Db7(#11)
D7
Eb7(b9)
Eb7(13)
D7 4 3
Db7
C7(#11)
Cb7(#5)
Bb7(#11)
58
Bb7(#11)
Bb7
B7(#5)
C7
Db7(#11)
D7
Eb7(b9)
G7/B
Eb4
61
G/B
Gb6
G/B
Eb6
fim
64

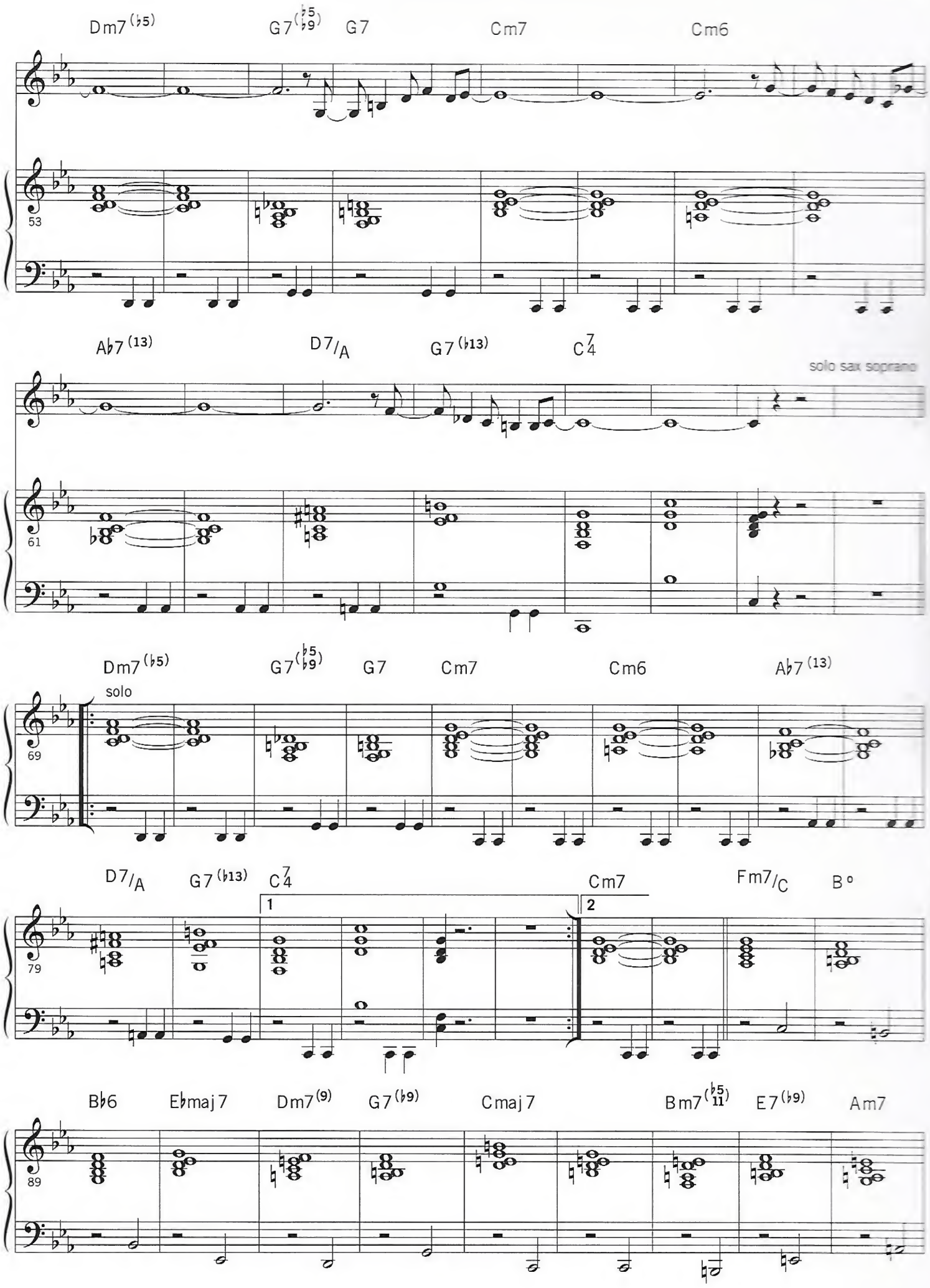
ANON

Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

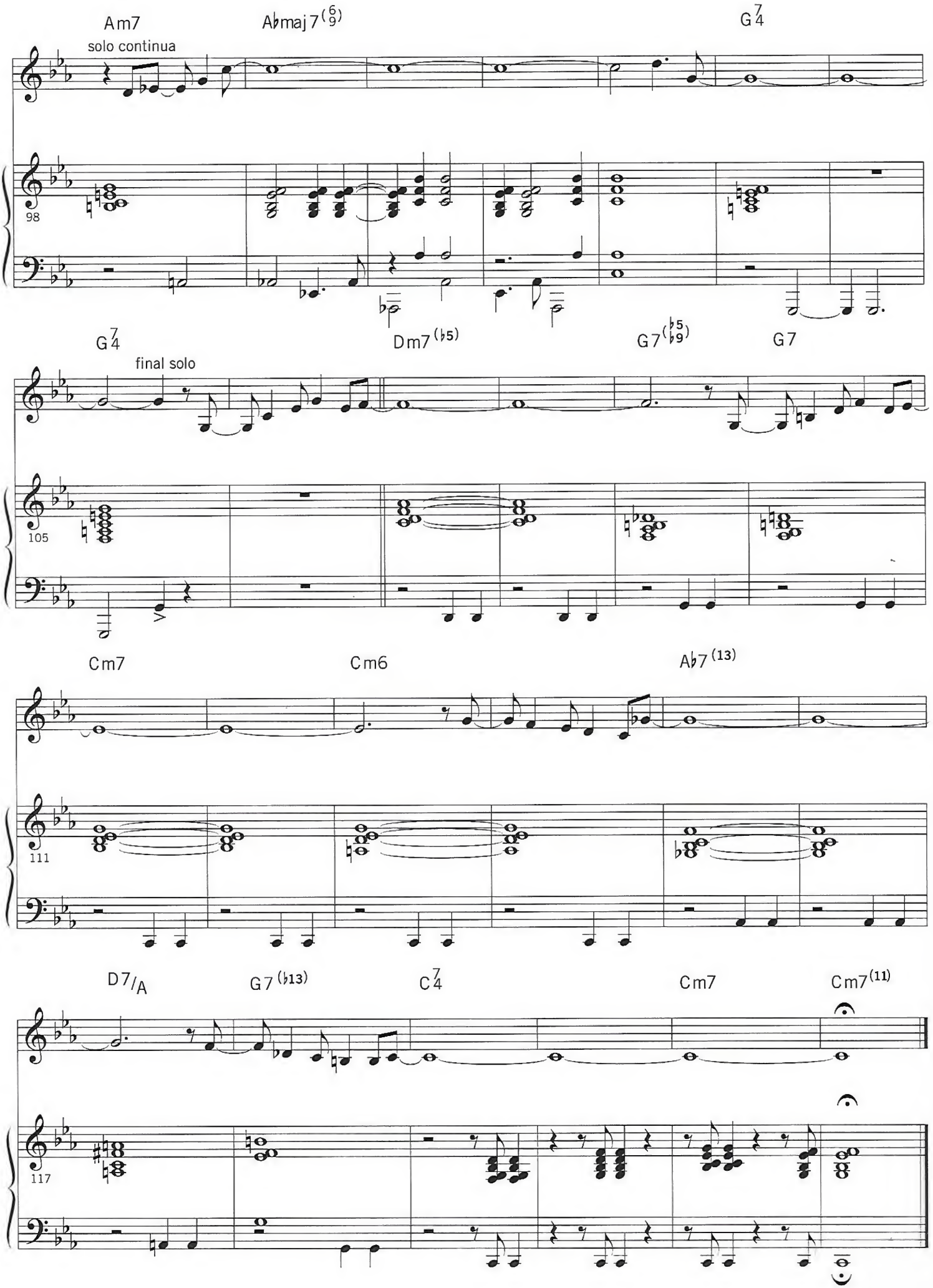


copyright © 2001 Copyrights


solo sax soprano
6 vezes
solo continua
2
só percussão
2
21
Fm7/C
B°
B♭6
E♭maj7
Dm7(9)
32
G7(♭9)
Cmaj7
Bm7(♭5 11)
E7(♭9)
Am7
38
A♭maj7(6 9)
G7 4
45

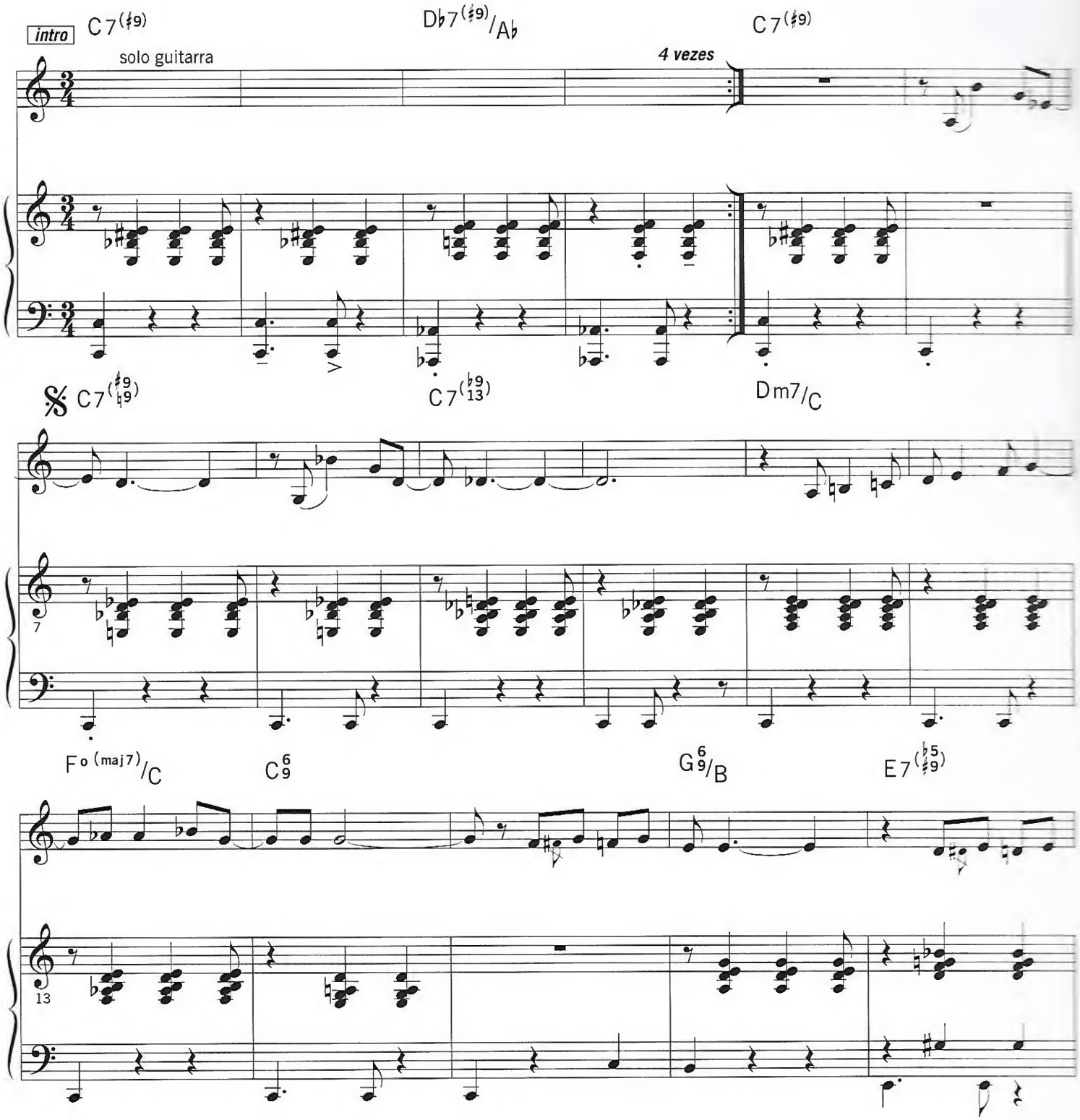

Dm7(♭5)
G7(♭5 ♭9)
G7
Cm7
Cm6
53
A♭7(13)
D7/A
G7(♭13)
C7 4
solo sax soprano
61
Dm7(♭5)
G7(♭5 ♭9)
G7
Cm7
Cm6
A♭7(13)
solo
69
D7/A
G7(♭13)
C7 4
1
Cm7
2
Fm7/C
B°
79
B♭6
E♭maj7
Dm7(9)
G7(♭9)
Cmaj7
Bm7(♭5 11)
E7(♭9)
Am7
89

ANON

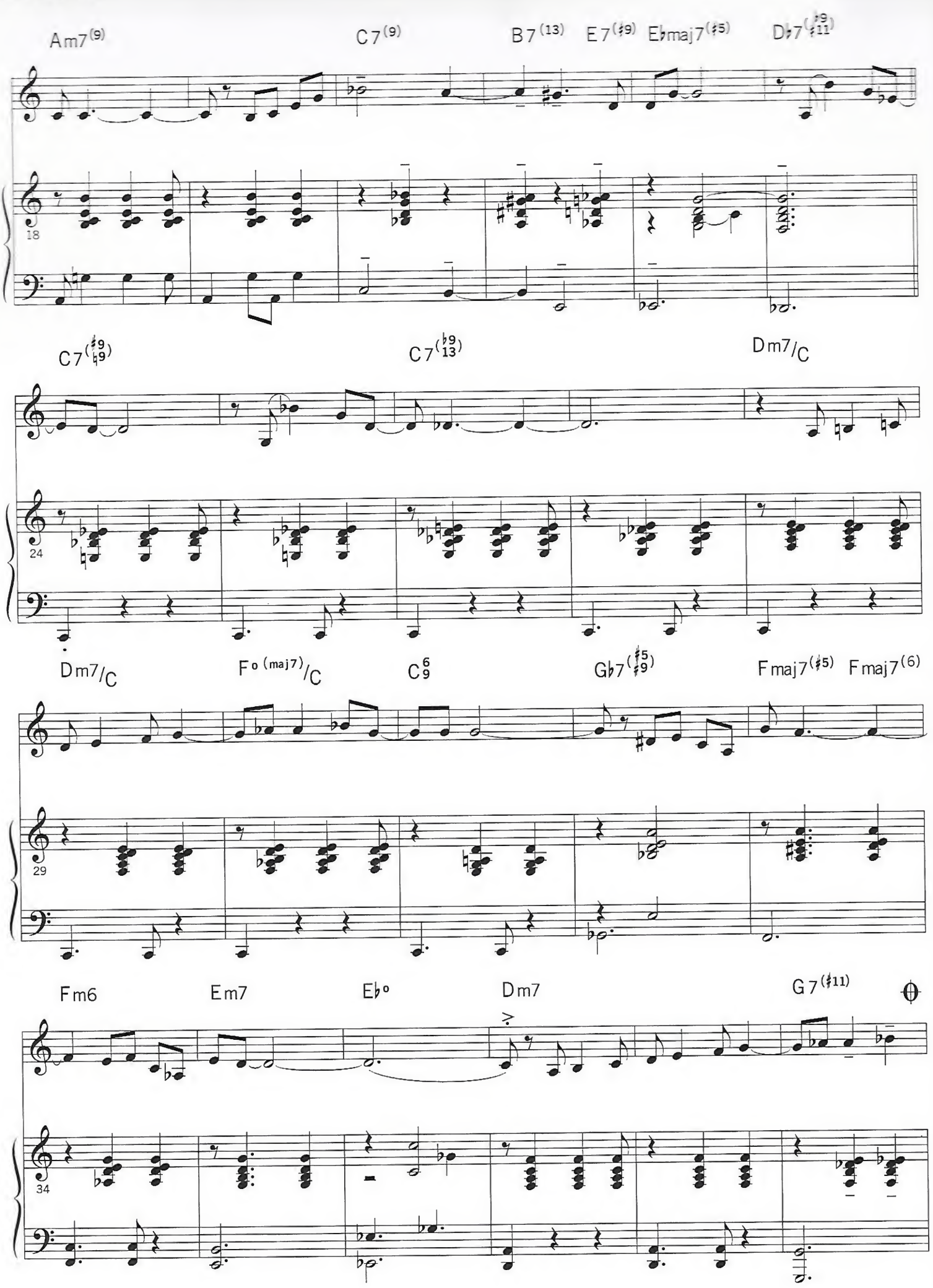

Am7
solo continua
A♭maj7(6/9)
G7/4
98
G7/4
final solo
Dm7(♭5)
G7(♭5/♭9)
G7
105
Cm7
Cm6
A♭7(13)
111
D7/A
G7(♭13)
C7/4
Cm7
Cm7(11)
117

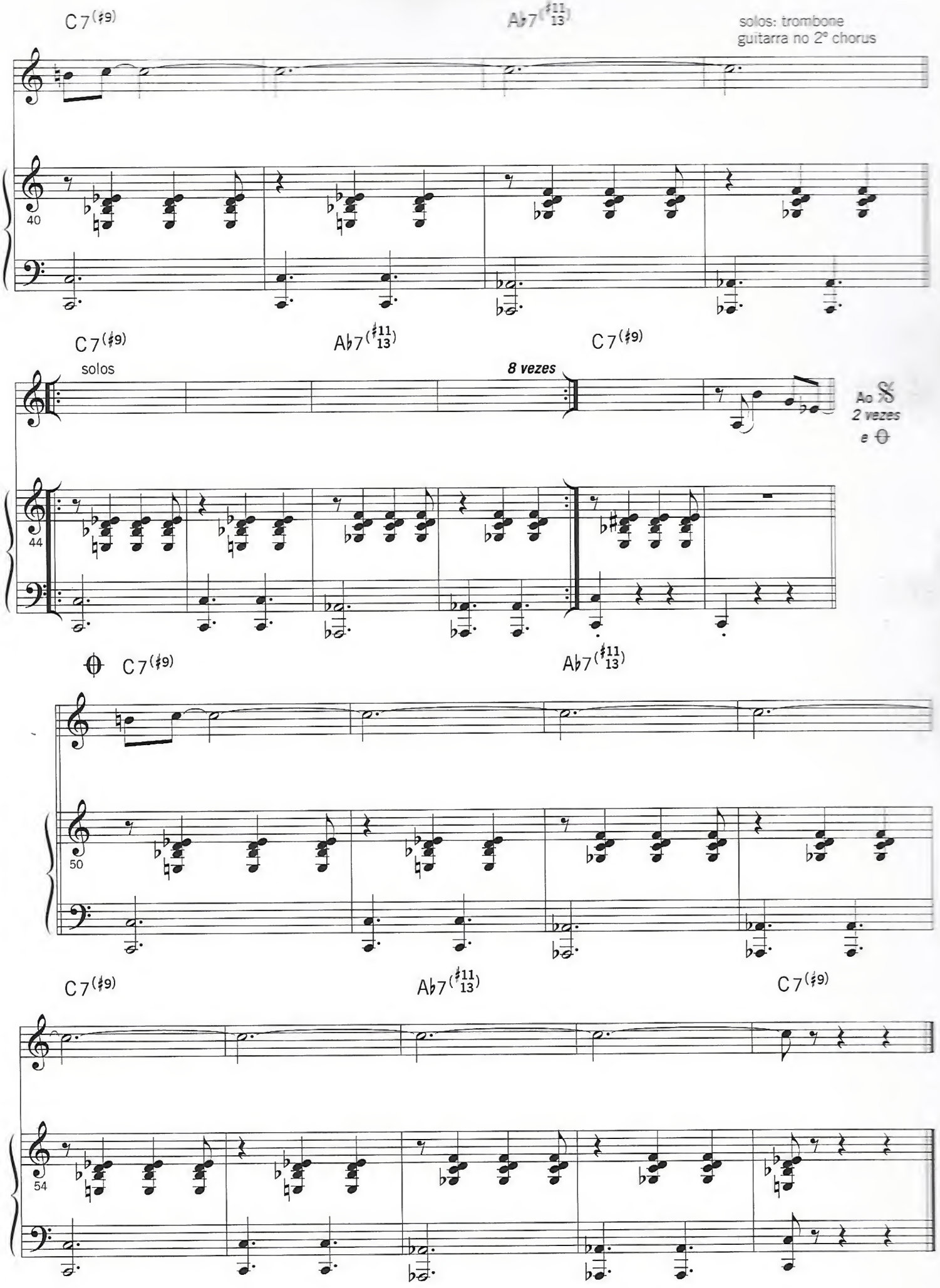
QUERMESSE

Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



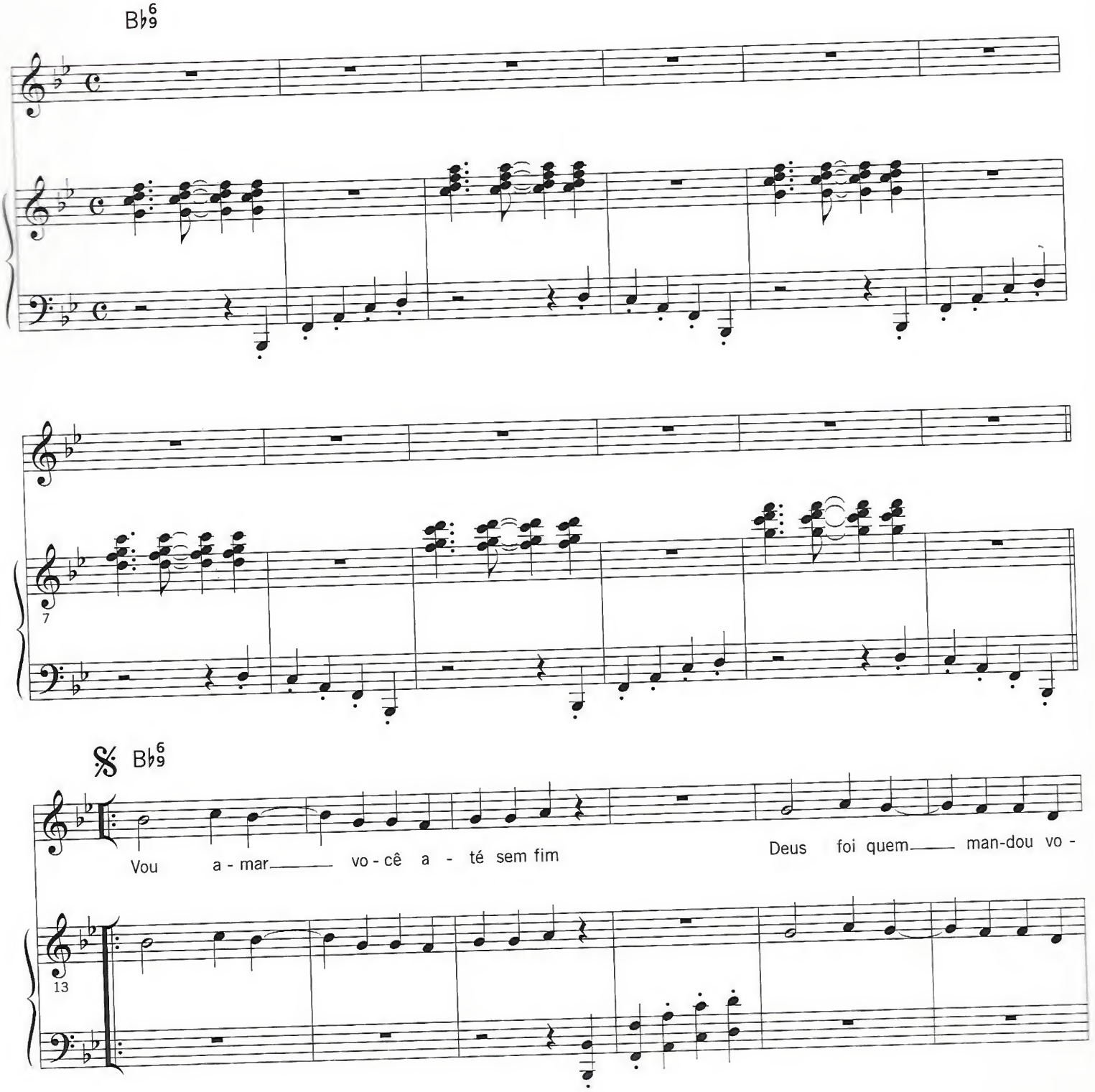
copyright © 2001 Copyrights


Am7(9)
C7(9)
B7(13)
E7(♯9)
E♭maj7(♯5)
D♭7(♭9 ♯11)
18
C7(♯9 ♭9)
C7(♭9 13)
Dm7/C
24
Dm7/C
Fo(maj7)/C
C6 9
G♭7(♯5 ♯9)
Fmaj7(♯5)
Fmaj7(6)
29
Fm6
Em7
E♭o
Dm7
G7(♯11)
34

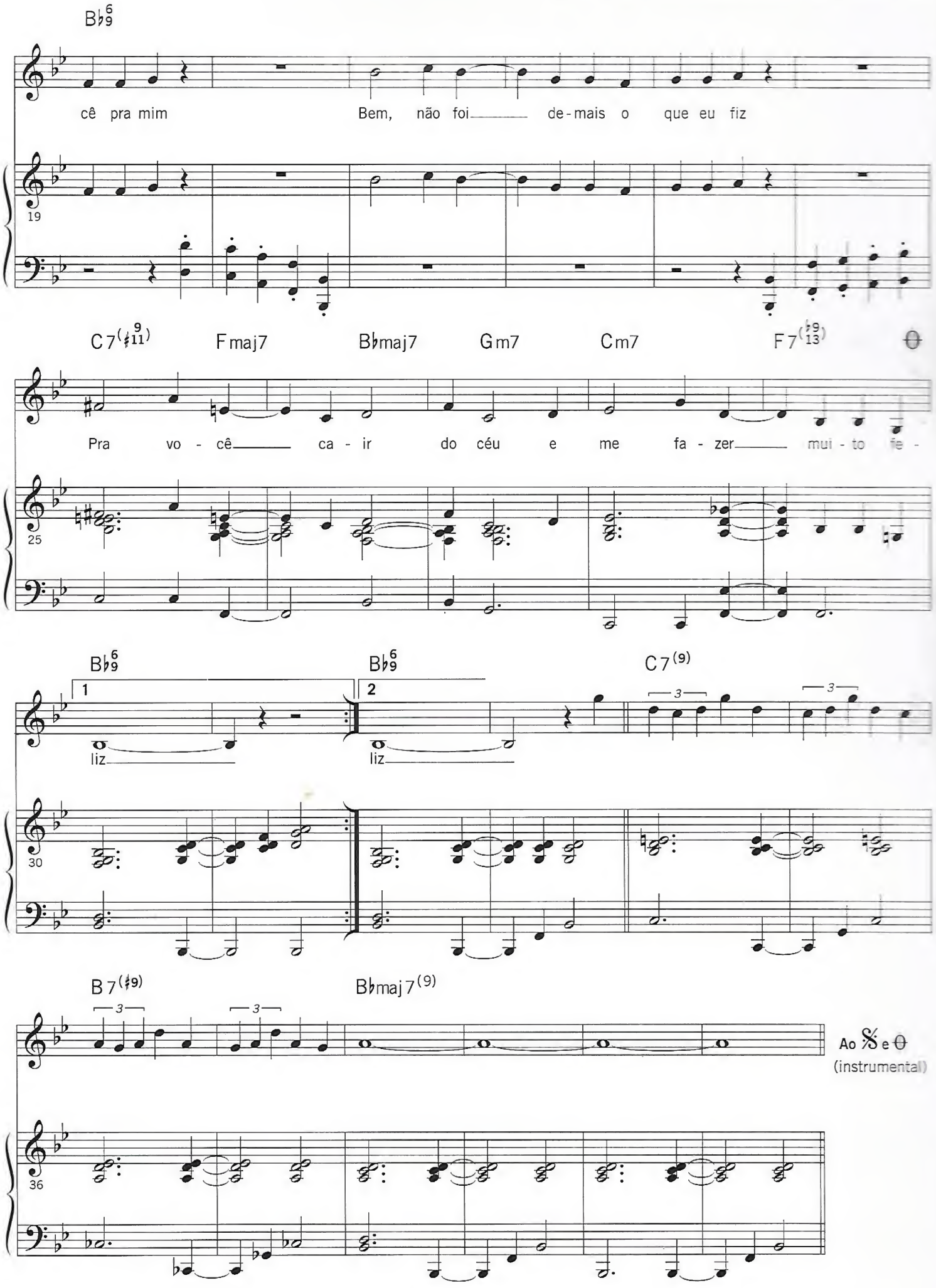

C7(♯9)
A♭7(♯11 13)
solos: trombone
guitarra no 2º chorus
40
C7(♯9)
A♭7(♯11 13)
C7(♯9)
solos
8 vezes
Ao 𝄋
2 vezes
e ⊖
44
⊖ C7(♯9)
A♭7(♯11 13)
50
C7(♯9)
A♭7(♯11 13)
C7(♯9)
54

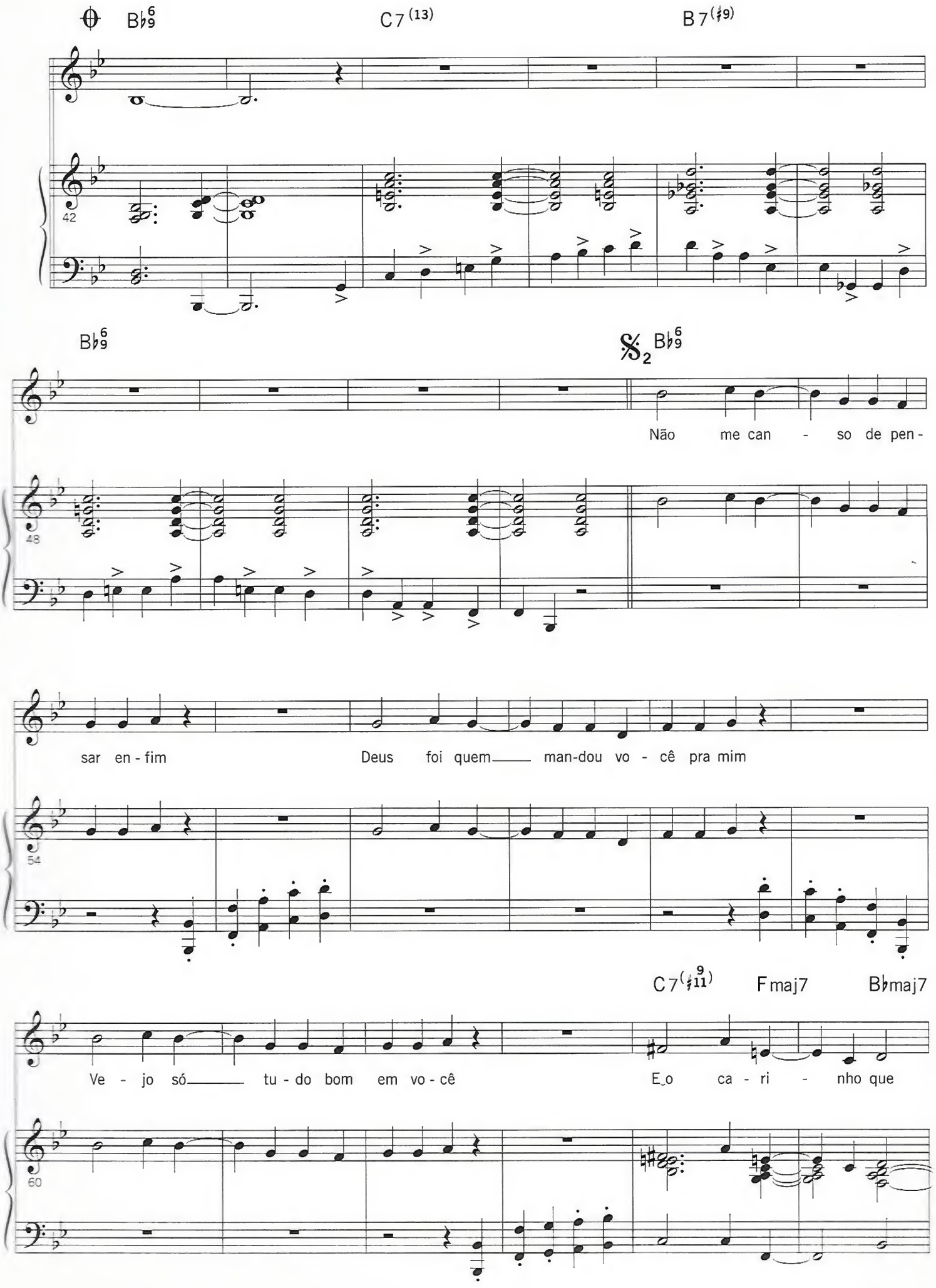
DE REPENTE, ESTOU FELIZ HAPLY HAPPY

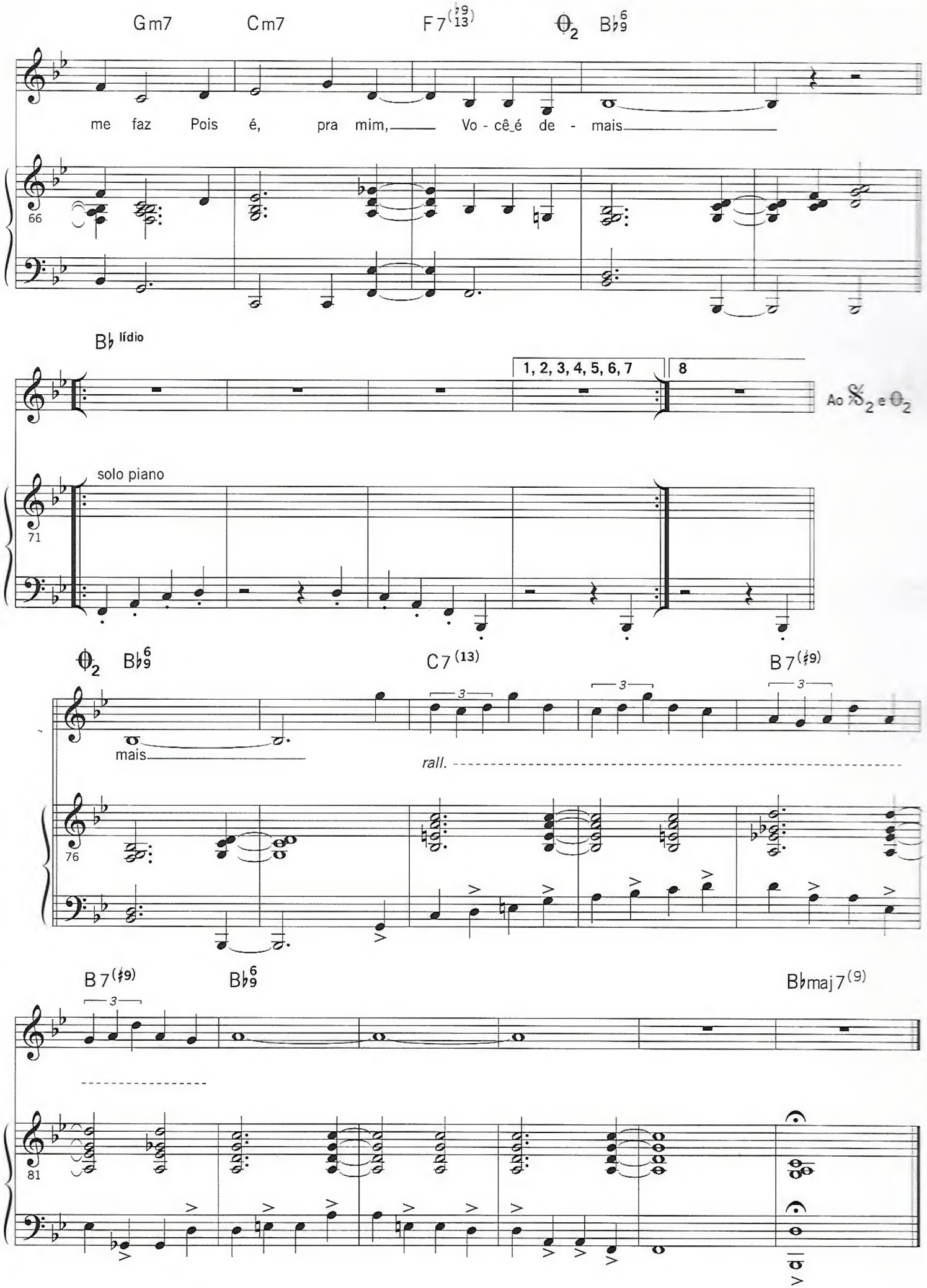
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 2001 Copyrights

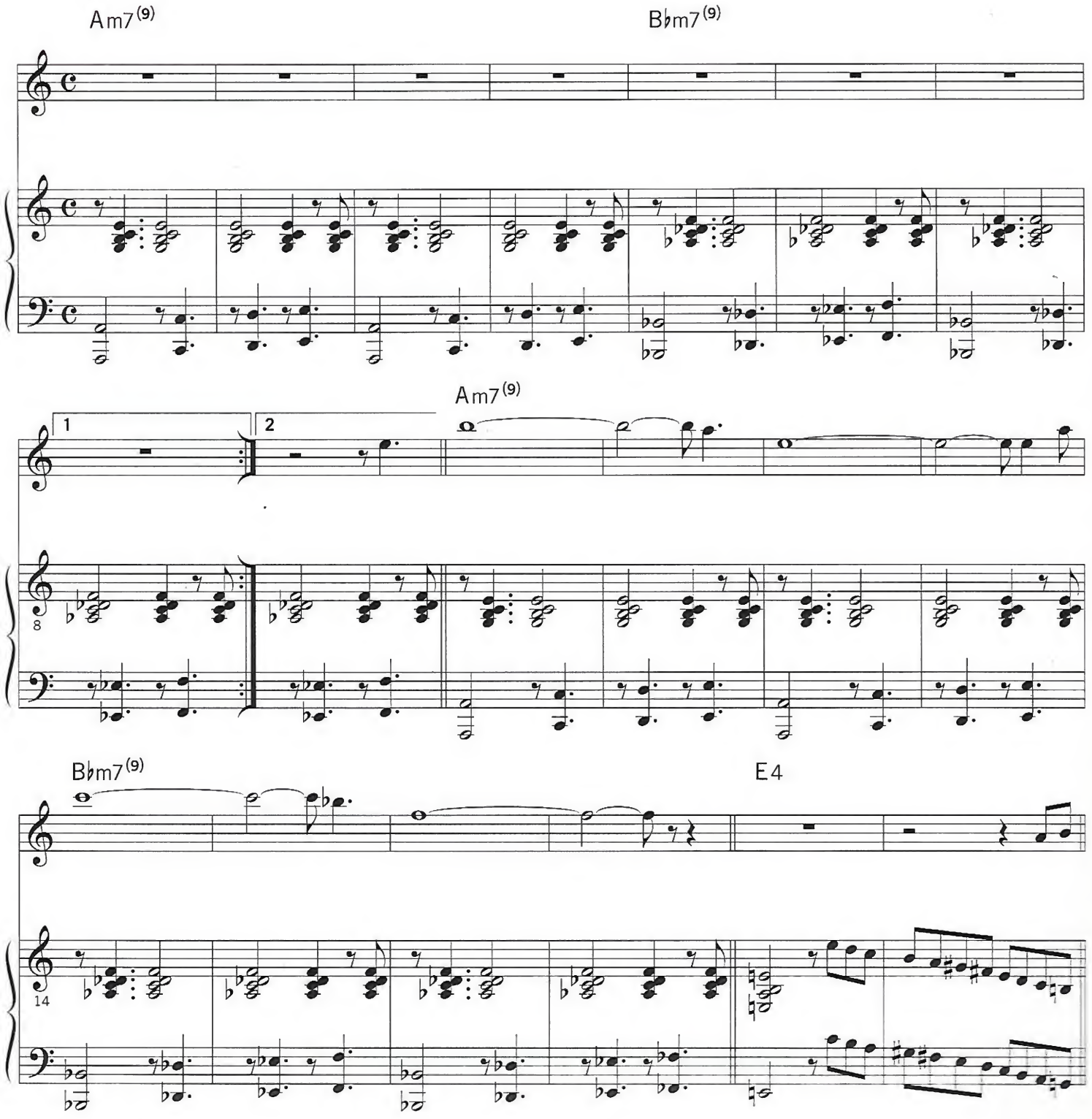

B♭9 6
cê pra mim
Bem, não foi de-mais o que eu fiz
19
C7 (♯9 11)
Fmaj7
B♭maj7
Gm7
Cm7
F7 (♭9 13)
Pra vo - cê ca - ir do céu e me fa - zer mui - to fe -
25
B♭9 6
1
liz
B♭9 6
2
liz
C7 (9)
3
3
30
B7 (♯9)
3
3
B♭maj7 (9)
Ao 𝄋 e θ
(instrumental)
36


B♭9 6
C7 (13)
B7 (♯9)
42
B♭9 6
𝄋2 B♭9 6
Não me can - so de pen -
48
sar en - fim
Deus foi quem man-dou vo - cê pra mim
54
C7 (♯11 9)
Fmaj7
B♭maj7
Ve - jo só tu - do bom em vo - cê
E o ca - ri - nho que
60

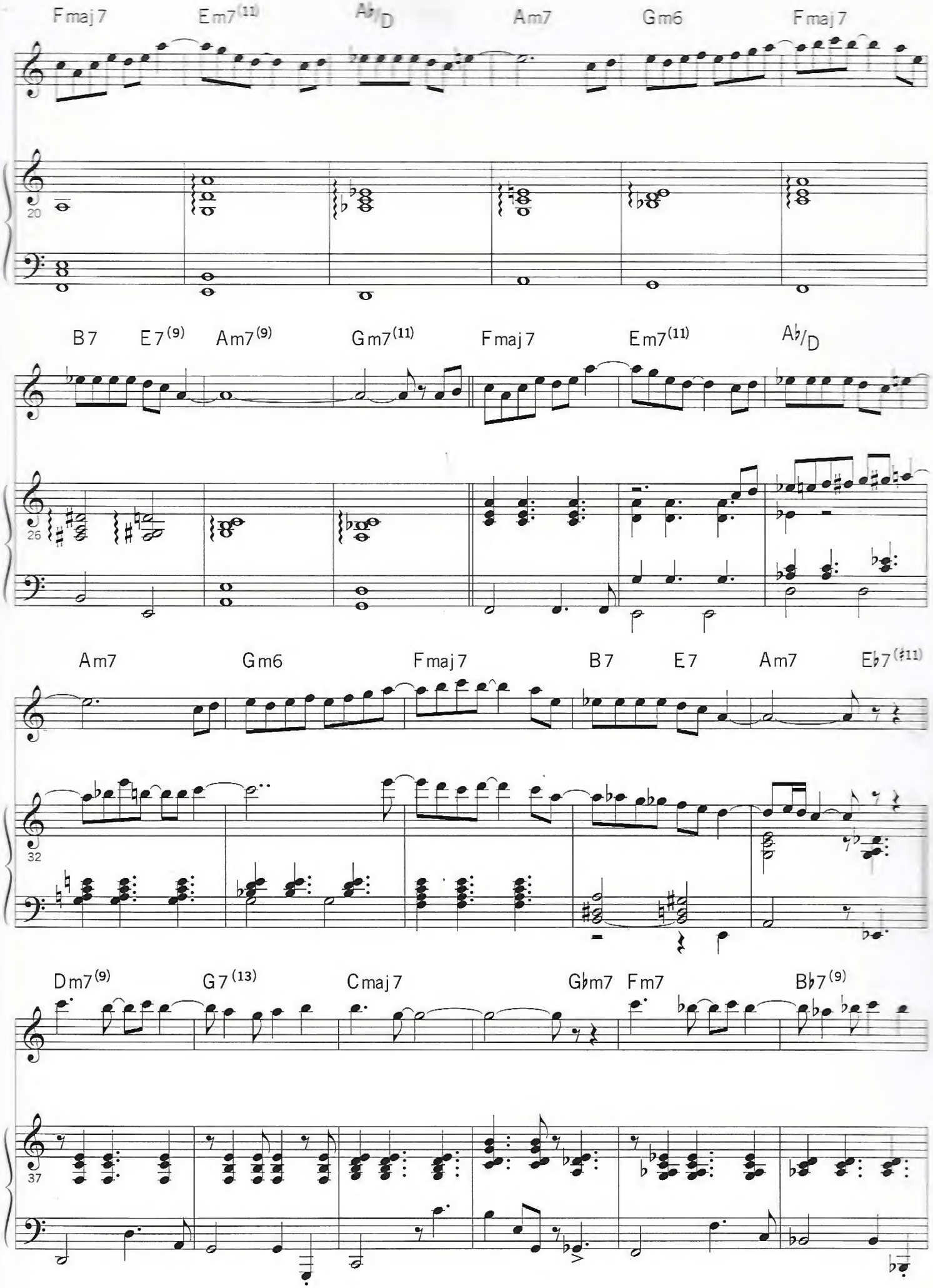

Gm7 Cm7 F7(♭9 13) Ø2 B♭6♭9
me faz Pois é, pra mim, Vo - cê é de - mais
66
B♭ lídio
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
8
Ao 𝄋2 e Ø2
solo piano
71
Ø2 B♭6♭9 C7(13) B7(♯9)
3
mais
rall.
76
B7(♯9) B♭6♭9 B♭maj7(9)
81

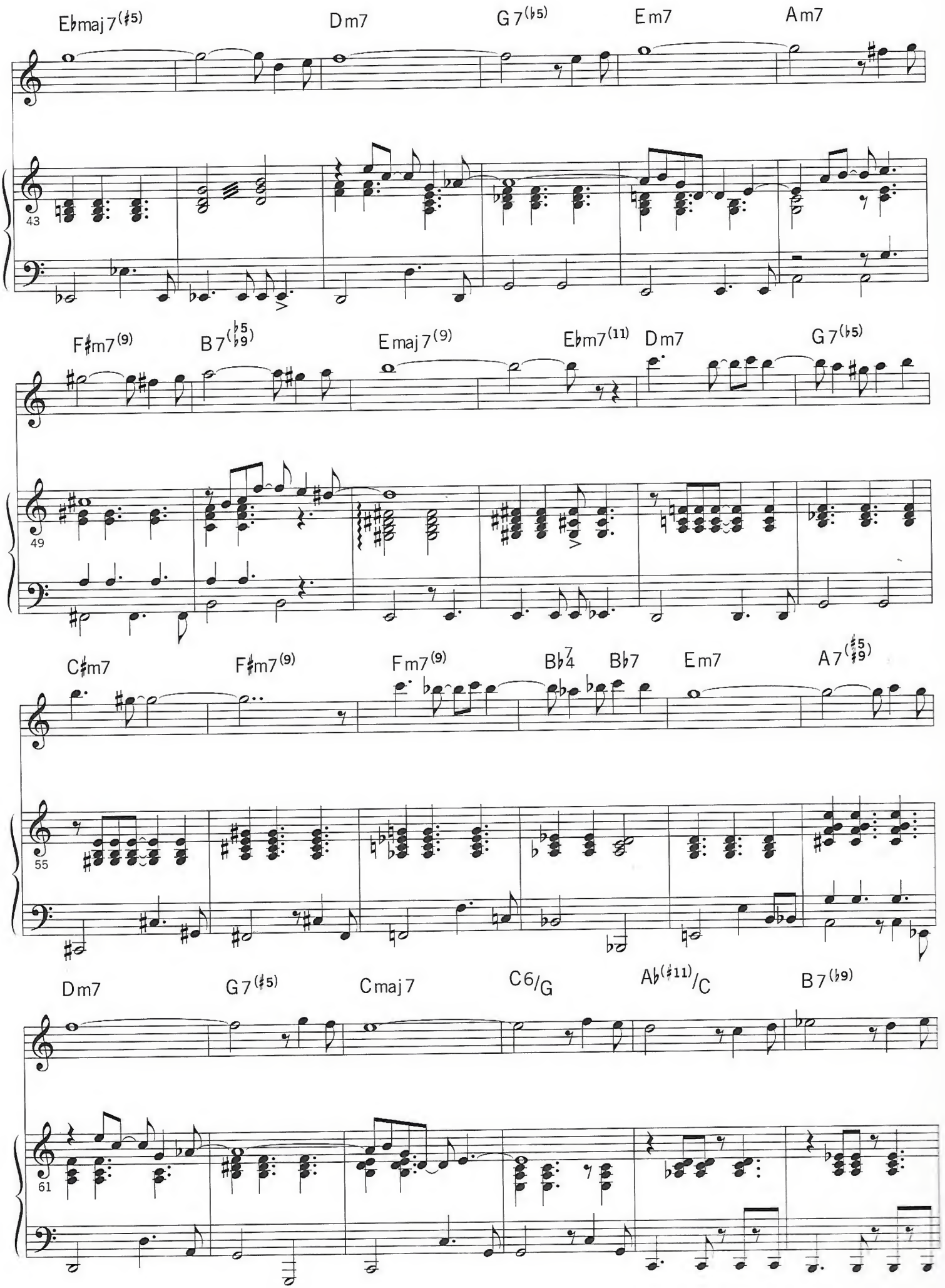
MARACATUCUTÊ

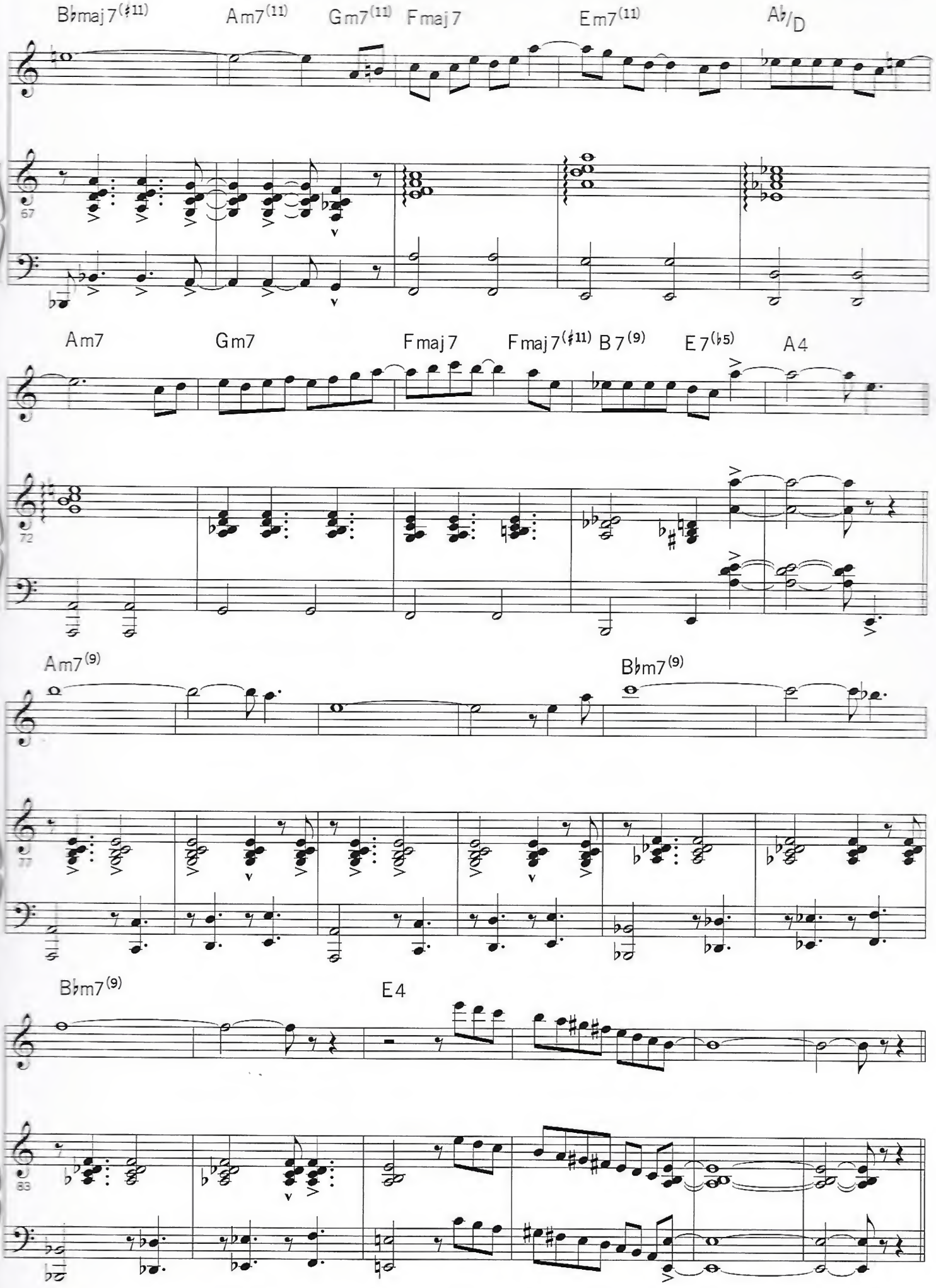
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet

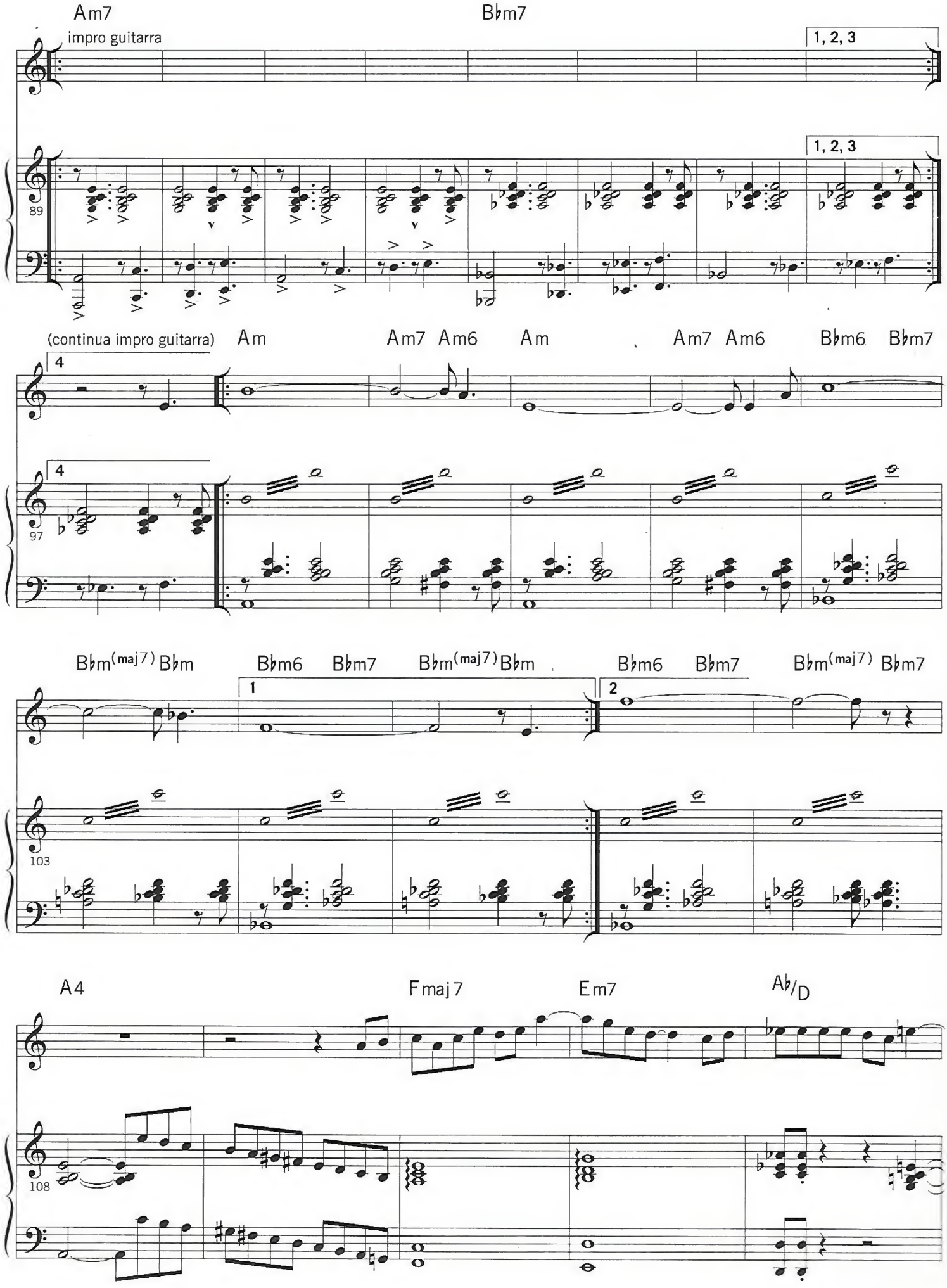


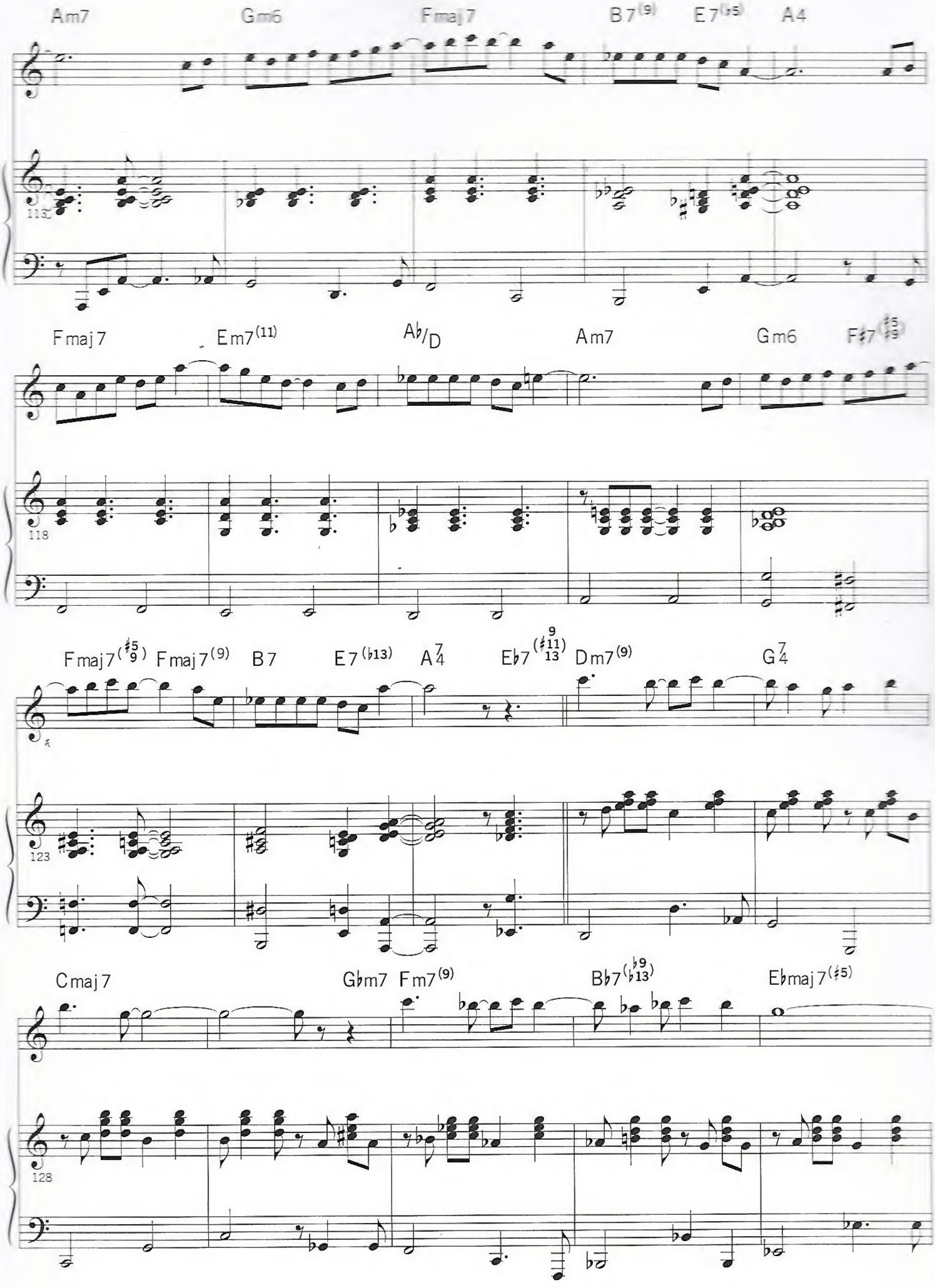
copyright © 2000 Copyrights

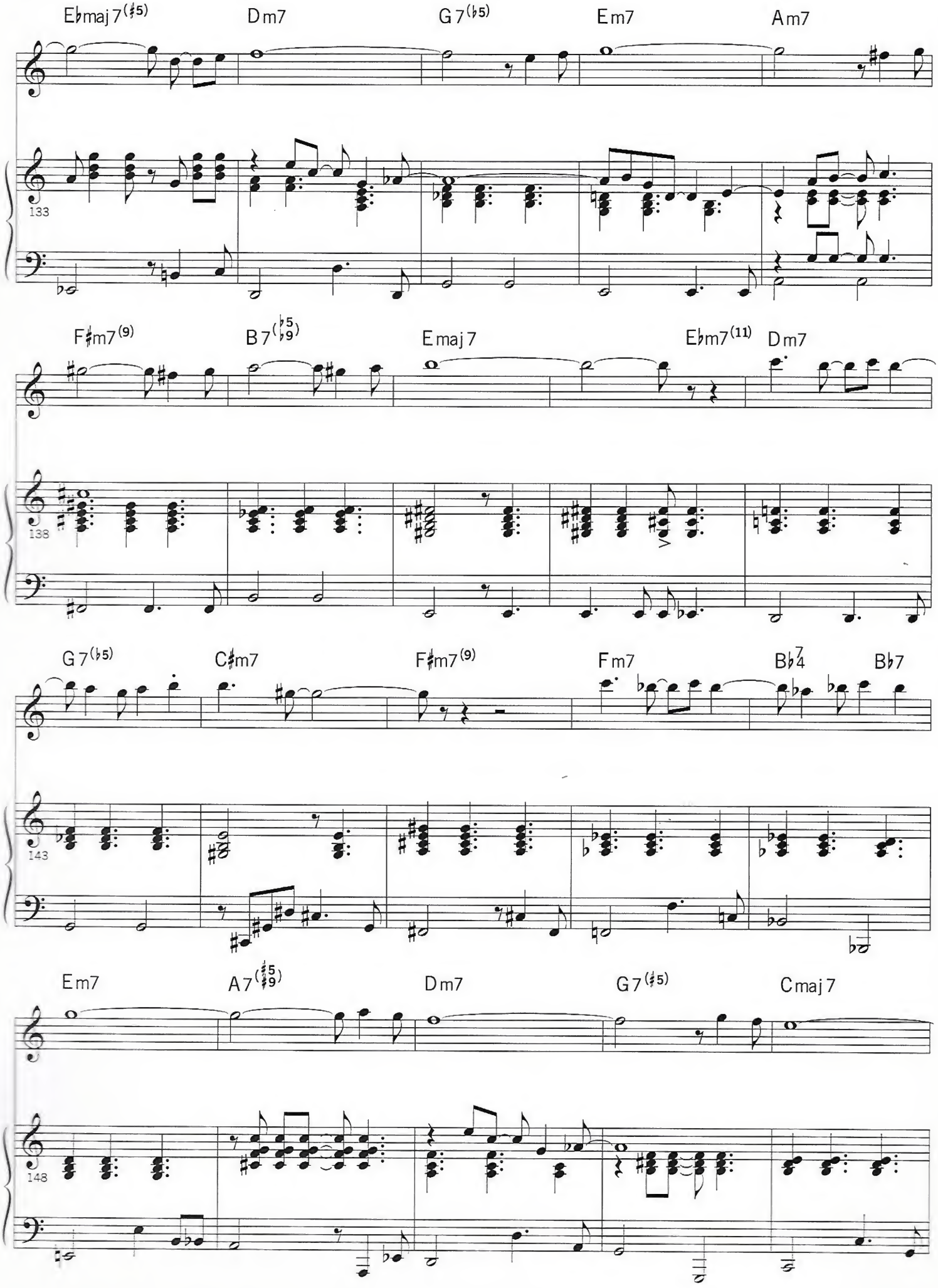

Fmaj7
Em7(11)
Ab/D
Am7
Gm6
Fmaj7
20
B7
E7(9)
Am7(9)
Gm7(11)
Fmaj7
Em7(11)
Ab/D
26
Am7
Gm6
Fmaj7
B7
E7
Am7
Eb7(#11)
32
Dm7(9)
G7(13)
Cmaj7
Gbm7
Fm7
Bb7(9)
37

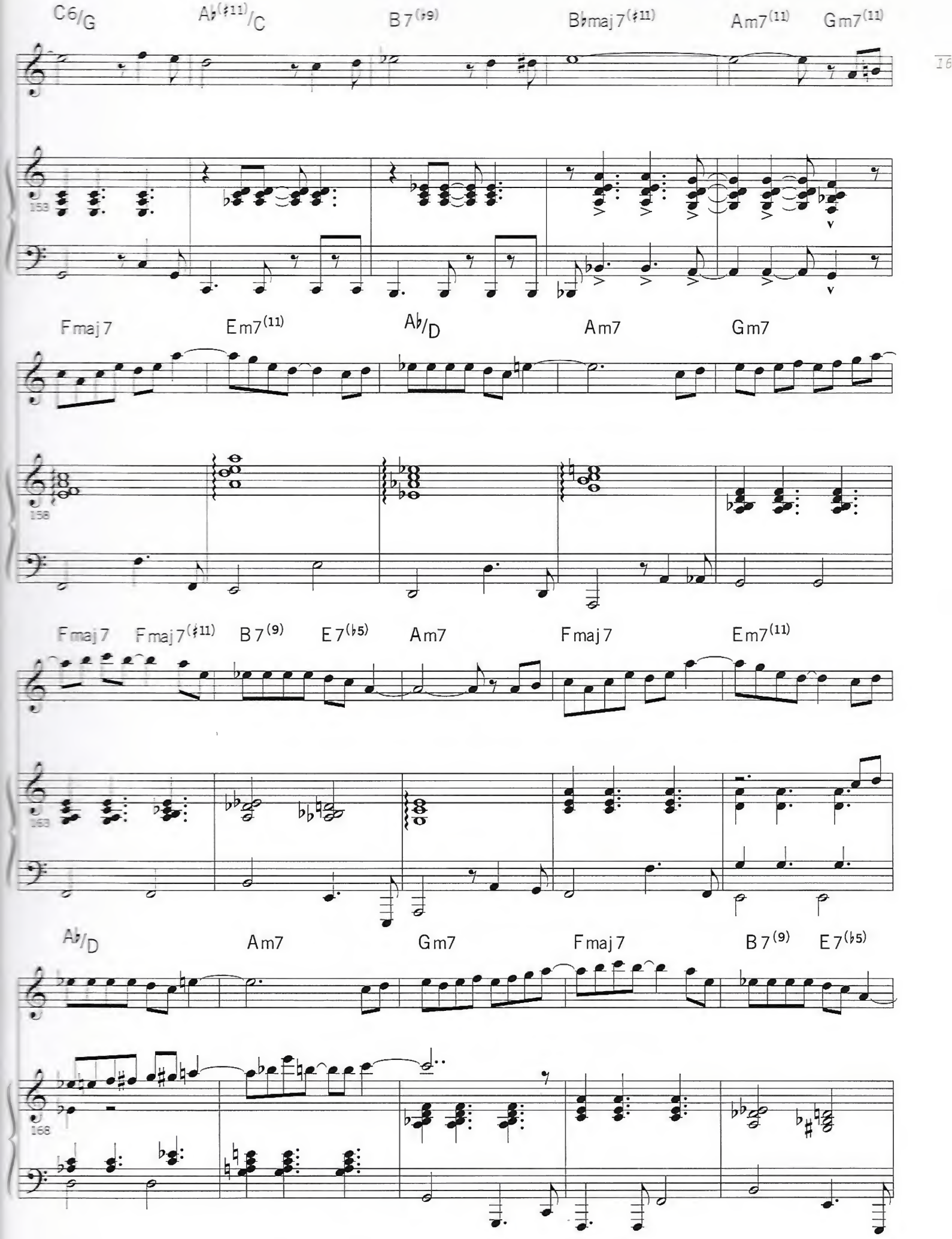

E♭maj7(♯5)
Dm7
G7(♭5)
Em7
Am7
43
F♯m7(9)
B7(♭5 ♭9)
Emaj7(9)
E♭m7(11)
Dm7
G7(♭5)
49
C♯m7
F♯m7(9)
Fm7(9)
B♭7♯4
B♭7
Em7
A7(♯5 ♯9)
55
Dm7
G7(♯5)
Cmaj7
C6/G
A♭(♯11)/C
B7(♭9)
61

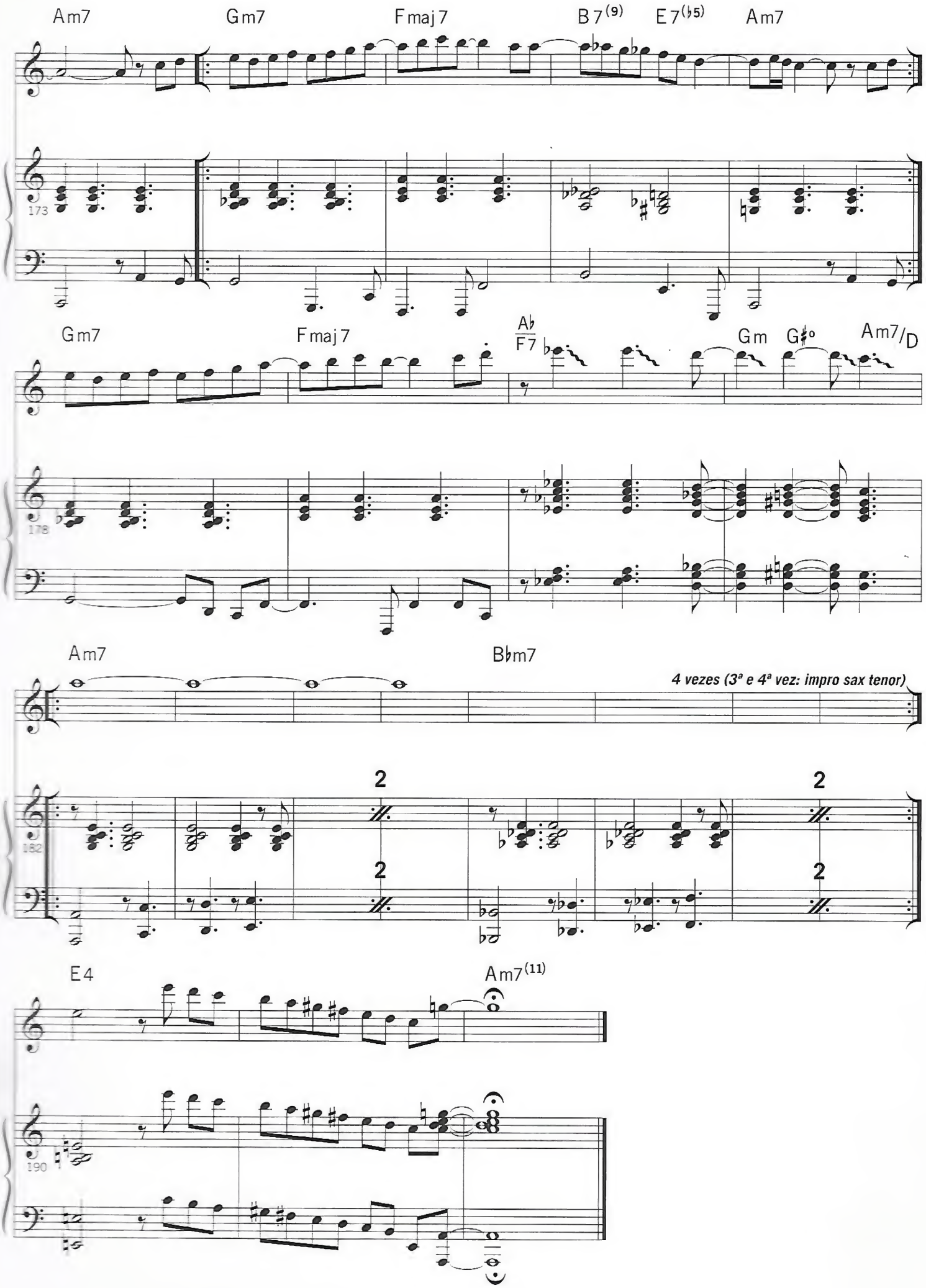

B♭maj7(♯11)
Am7(11)
Gm7(11)
Fmaj7
Em7(11)
A♭/D
67
Am7
Gm7
Fmaj7
Fmaj7(♯11)
B7(9)
E7(♭5)
A4
72
Am7(9)
B♭m7(9)
77
B♭m7(9)
E4
83


Am7
Bbm7
impro guitarra
1, 2, 3
89
(continua impro guitarra)
Am
Am7 Am6
Bbm6 Bbm7
97
Bbm(maj7) Bbm
1
2
103
A4
Fmaj7
Em7
Ab/D
108


Am7
Gm6
Fmaj7
B7(9)
E7(♭5)
A4
113
Fmaj7
Em7(11)
A♭/D
Am7
Gm6
F♯7(♯5 ♭9)
118
Fmaj7(♯5 9)
Fmaj7(9)
B7
E7(♭13)
A7 4
E♭7(♯11 9 13)
Dm7(9)
G7 4
123
Cmaj7
G♭m7
Fm7(9)
B♭7(♭9 13)
E♭maj7(♯5)
128

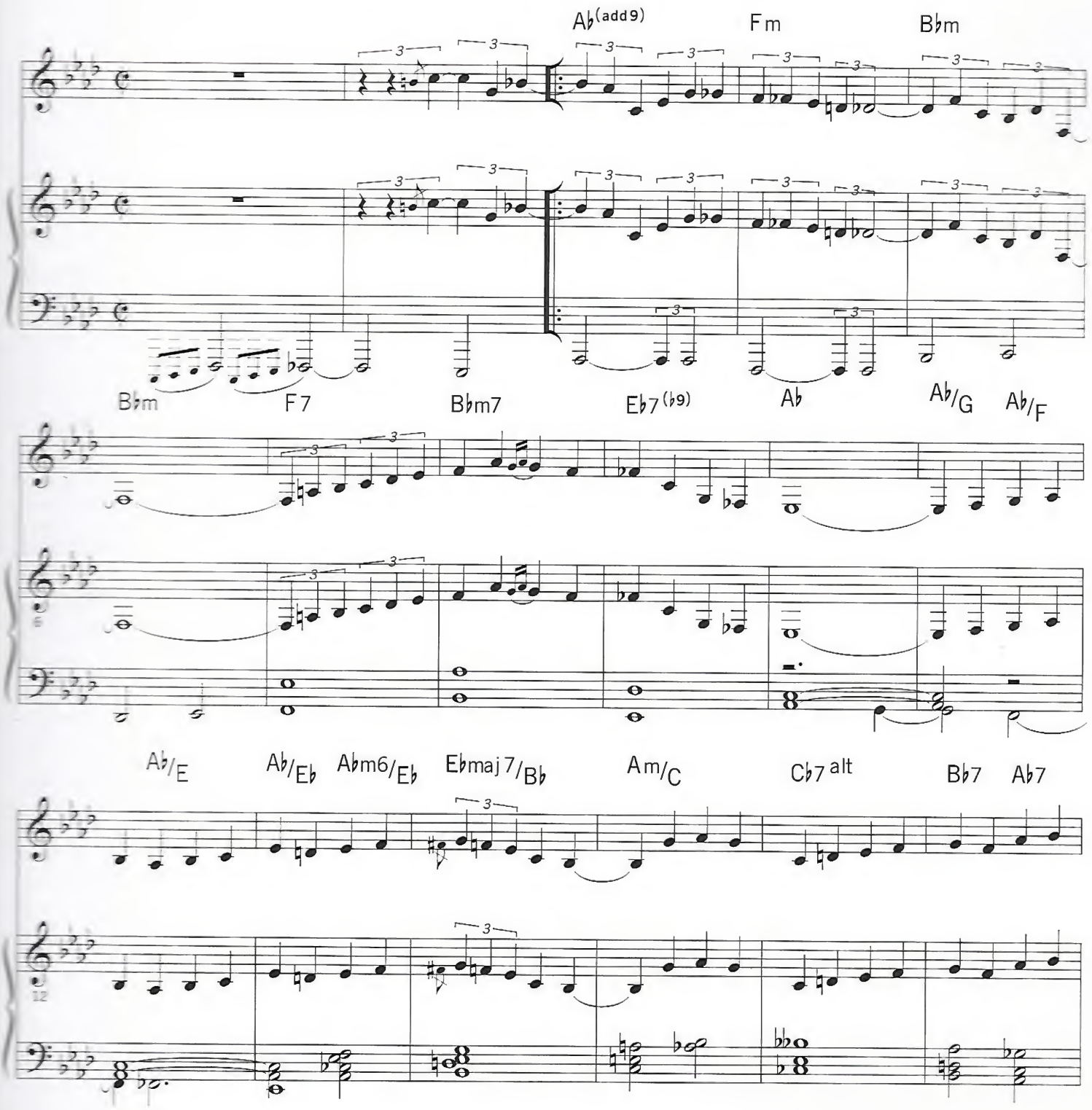

E♭maj7(♯5)
Dm7
G7(♭5)
Em7
Am7
133
F♯m7(9)
B7(♭5 ♭9)
Emaj7
E♭m7(11)
Dm7
138
G7(♭5)
C♯m7
F♯m7(9)
Fm7
B♭7 4
B♭7
143
Em7
A7(♯5 ♯9)
Dm7
G7(♯5)
Cmaj7
148


C6/G
A♭(♯11)/C
B7(♭9)
B♭maj7(♯11)
Am7(11)
Gm7(11)
153
Fmaj7
Em7(11)
A♭/D
Am7
Gm7
158
Fmaj7
Fmaj7(♯11)
B7(9)
E7(♭5)
Am7
Fmaj7
Em7(11)
163
A♭/D
Am7
Gm7
Fmaj7
B7(9)
E7(♭5)
168

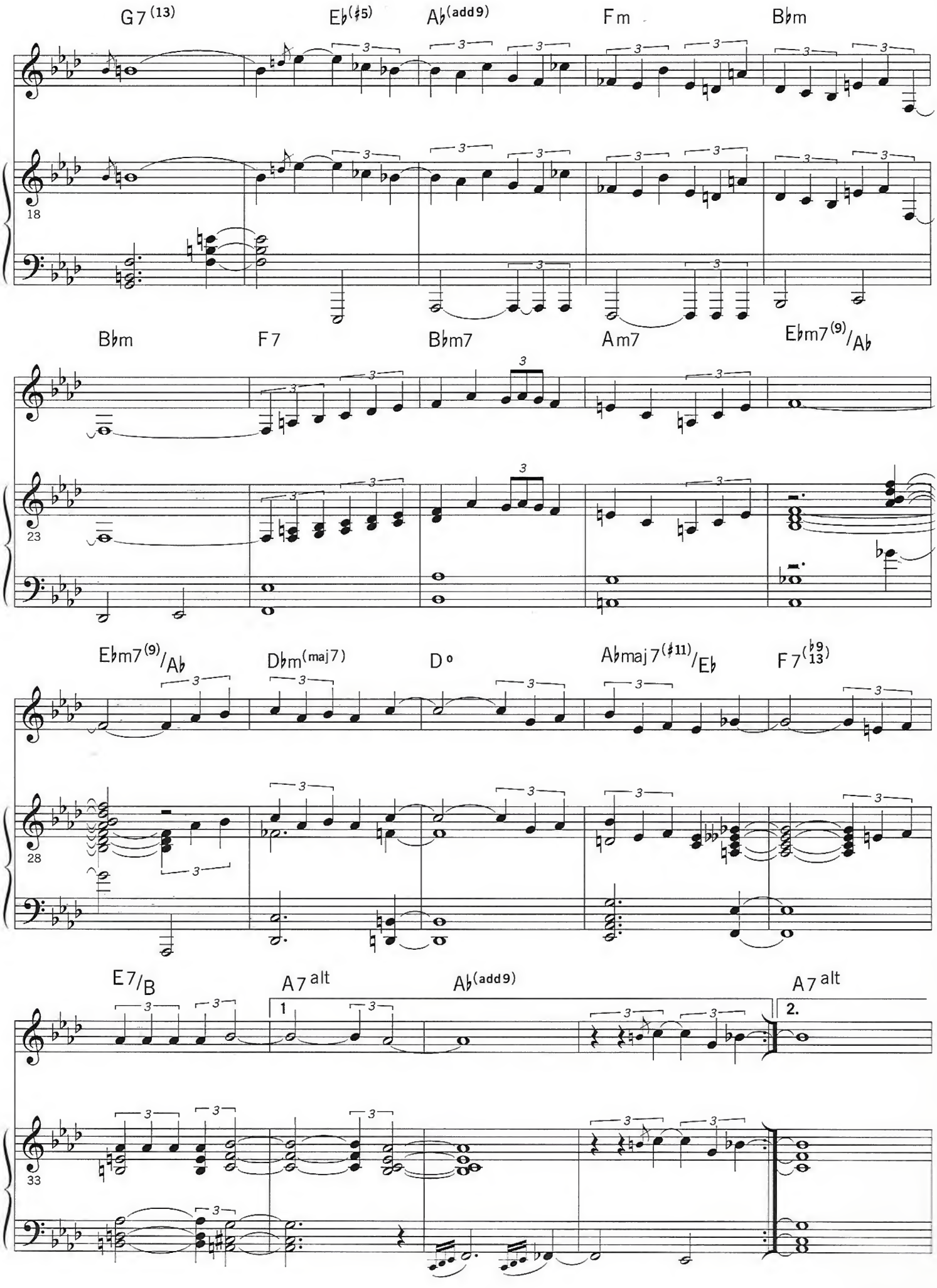

Am7
Gm7
Fmaj7
B7(9)
E7(♭5)
Am7
173
Gm7
Fmaj7
A♭/F7
Gm
G♯°
Am7/D
178
Am7
B♭m7
4 vezes (3ª e 4ª vez: impro sax tenor)
182
2
2
2
2
E4
Am7(11)
190

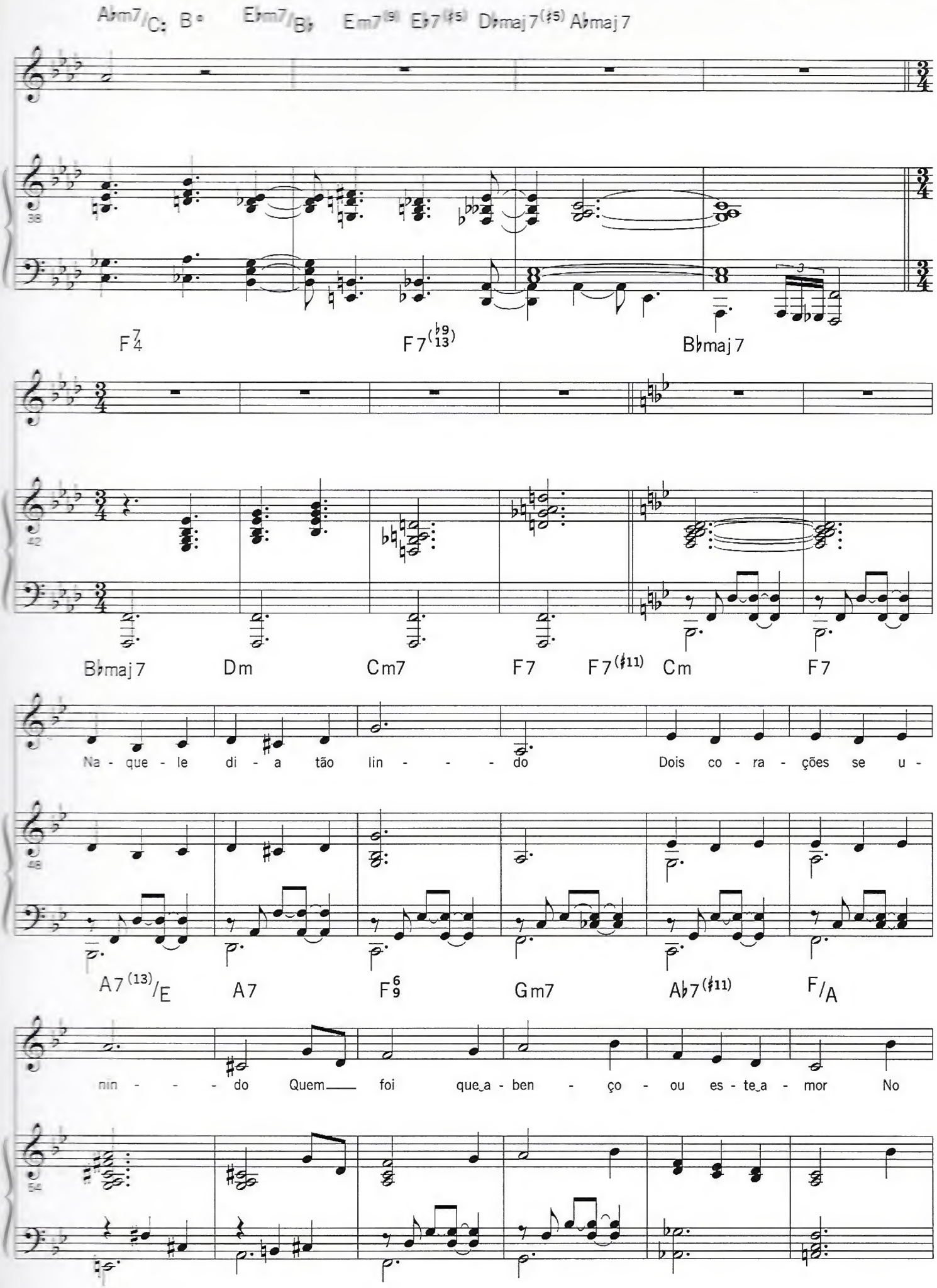
BODAS DE PRATA DOURADA

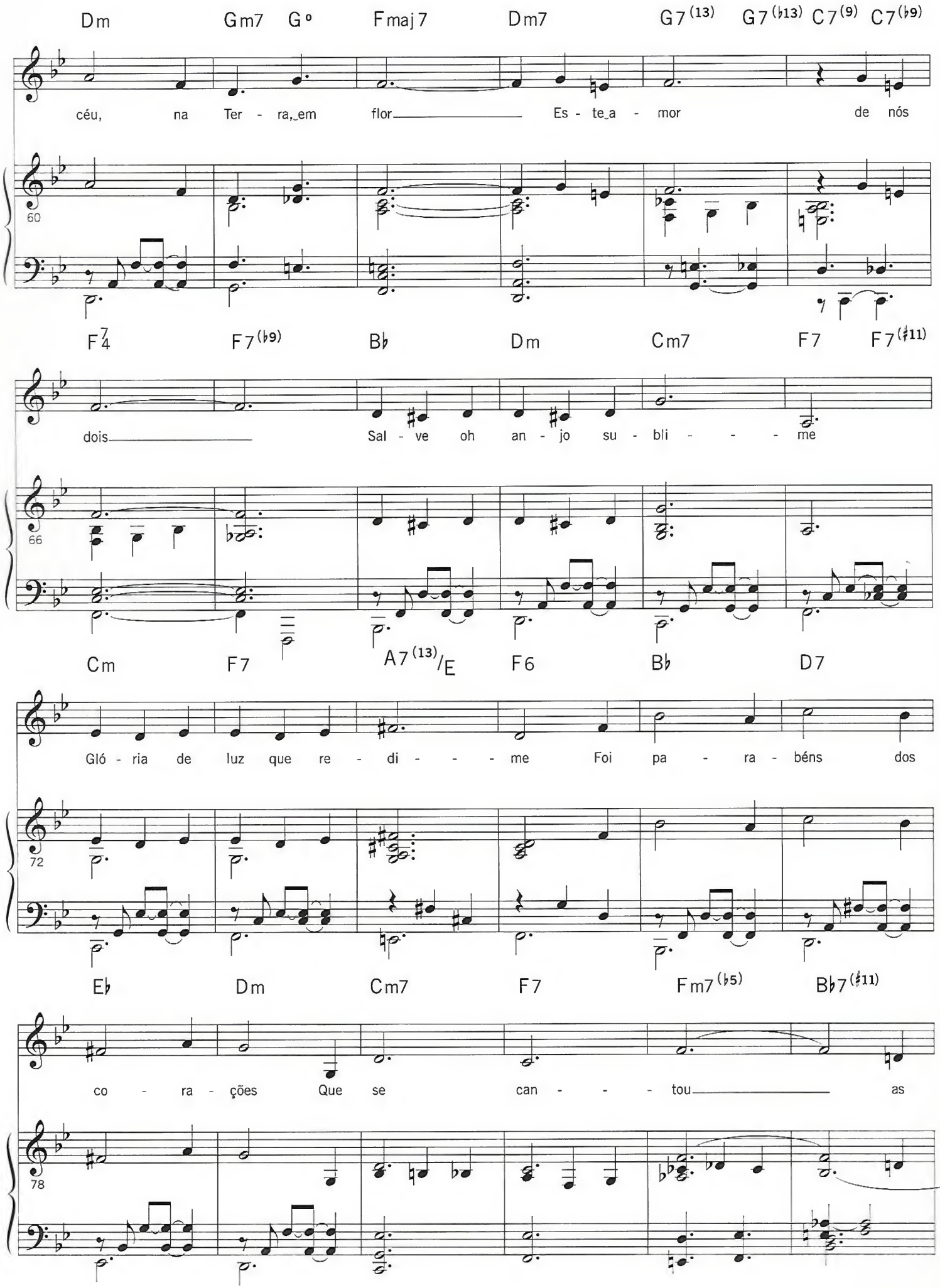
Moacir Santos
adaptação Mario Adnet



copyright © 2001 Copyrights


G7(13)
Eb(♯5)
Ab(add9)
Fm
Bbm
18
Bbm
F7
Bbm7
Am7
Ebm7(9)/Ab
23
Ebm7(9)/Ab
Dbm(maj7)
D°
Abmaj7(♯11)/Eb
F7(♭9 13)
28
E7/B
A7alt
Ab(add9)
A7alt
1
2.
33


A♭m7/C♭ B° E♭m7/B♭ Em7(9) E♭7(♯5) D♭maj7(♯5) A♭maj7
38
F7 F7(♭9 ♭13) B♭maj7
42
B♭maj7 Dm Cm7 F7 F7(♯11) Cm F7
Na - que - le di - a tão lin - - - - do Dois co - ra - ções se u -
46
A7(13)/E A7 F6 Gm7 A♭7(♯11) F/A
nin - - - - do Quem foi que a - ben - ço - ou es - te a - mor No
54


Dm Gm7 G° Fmaj7 Dm7 G7(13) G7(♭13) C7(9) C7(♭9)
céu, na Ter - ra, em flor Es - te a - mor de nós
60
F7/4 F7(♭9) B♭ Dm Cm7 F7 F7(♯11)
dois Sal - ve oh an - jo su - bli - - - me
66
Cm F7 A7(13)/E F6 B♭ D7
Gló - ria de luz que re - di - - - me Foi pa - ra - béns dos
72
E♭ Dm Cm7 F7 Fm7(♭5) B♭7(♯11)
co - ra - ções Que se can - - - tou as
78

CANCIONEIRO MOACIR SANTOS

OURO NEGRO

COISA Nº 5 NANÃ SUK-CHA COISA Nº 6 COISA Nº 8 NAVEGAÇÃO | MAKE MINE BLUE AMPHIBIOUS MÃE IRACEMA COISA Nº 1 SOU EU | LUANNE BLUISHMEN KATHY KAMBA COISA Nº 9 ORFEU | QUIET CARNIVAL AMALGAMATION COISA Nº 7 | EVOCATIVE COISA Nº 2 LAMENTO ASTRAL | ASTRAL WHINE MARACATU, NAÇÃO DO AMOR | APRIL CHILD COISA Nº 4 COISA Nº 10 JEQUIÉ ODUDUÁ | WHAT'S MY NAME COISA Nº 3 ANON QUERMESSE DE REPENTE, ESTOU FELIZ | HAPLY HAPPY MARACATUCUTÊ BODAS DE PRATA DOURADA

ISBN 85-88757-13-3

BR PETROBRAS BRASIL UM PAÍS DE TODOS